

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL**

ANELISE DOS SANTOS GUTTERRES

A MORADA COMO DURAÇÃO DA MEMÓRIA

Estudo antropológico das narrativas e trajetórias sociais de núcleos familiares e redes de camadas médias urbanas habitantes da cidade de Porto Alegre, RS – Brasil e do bairro de *San Telmo*, na cidade de Buenos Aires – Argentina

Porto Alegre

2010

ANELISE DOS SANTOS GUTTERRES

A MORADA COMO DURAÇÃO DA MEMÓRIA

Estudo antropológico das narrativas e trajetórias sociais de núcleos familiares e redes de camadas médias urbanas habitantes da cidade de Porto Alegre, RS – Brasil e do bairro de *San Telmo*, na cidade de Buenos Aires – Argentina

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Cornelia Eckert.

Porto Alegre

2010

FOLHA DE APROVAÇÃO

ANELISE DOS SANTOS GUTTERRES

A MORADA COMO DURAÇÃO DA MEMÓRIA
Estudo antropológico das narrativas e trajetórias sociais de núcleos familiares e
redes de camadas médias urbanas habitantes da cidade de Porto Alegre, RS –
Brasil e do bairro de *San Telmo*, na cidade de Buenos Aires – Argentina

Dissertação de Mestrado aprovada no Programa de Pós-Graduação em Antropologia
Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pela seguinte banca
examinadora:

Prof^a. Dr^a Maria Henriqueta Creidy Satt (PUCRS)

Prof. Dr. Charles Monteiro (PUCRS)

Dr^a. Ana Luiza Carvalho da Rocha (UFRGS)

Prof^a. Dr^a. Cornelia Eckert (UFRGS) – presidente da banca

Porto Alegre

2010

DEDICATÓRIA

À Lucinda de Jesus dos Santos por ensinar-me sobre
a singularidade da categoria família.

EPÍGRAFE

“nossa história pessoal nada mais é que a narrativa de nossas ações descosidas”

(Gaston Bachelard, 1988:39)

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho teve a contribuição de muitas pessoas e instituições a qual gostaria de agradecer:

À minha orientadora e amiga Prof. Dr^a. Cornelia Eckert por ter me apresentado a antropologia, por seu voto de confiança, incentivo e apoio às minhas escolhas no curso dessa formação. E pela leitura atenta e cuidadosa desse trabalho, muito obrigada.

À orientadora de iniciação científica, Dr^a. Ana Luiza Carvalho da Rocha, que no curso desses anos acabou se tornando colega para outros projetos de vida e amiga. Muito obrigada por me acompanhar desde o início nessa aventura de formação, e por me ensinar, entre tantas coisas, que as palavras também formam imagens.

Aos colegas e amigos do BIEV, companhias constantes frente aos sucessos e fracassos do cotidiano, obrigada por estarem juntos nessa mesma aventura e proporcionarem discussões, aprendizados e trocas, todos os dias: Dr^a. Viviane Vedana, Dr. Rafael Victorino Devos, Bacharel em Ciências Sociais Priscila Farfan, Mestrando em Antropologia Social Rafael Martins Lopo - os antigos. os estudantes de Ciências Sociais, Luciana Tubello, Ana Parodi, Stéphanie Bexiga - os novos. Os mestres em Antropologia Social: Thais Cunegatto, Paula Biazus, Luciana Mello, Fernanda Rechemberg e Olavo Marques, ex-integrantes do BIEV e agora colegas de profissão, muito obrigada.

Às amigas, que compreensivamente entenderam as centenas de negativas para os encontros, passeios e viagens, sempre apoiando minha escolha com longos telefonemas e palavras de incentivo. Cris Moreira, Carol Cozatti, Pati D'Ávila, Fê Gabardo, Pê Leal, Mila e Ana Paula Marcante muito, muito obrigada pelo apoio e pela amizade.

Ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul pela excelente formação proporcionada. Aos professores do corpo docente, especialmente, Dr. Carlos Steil, Dr^a. Denise Jardim, Dr. Ruben Oliven e Dr. Bernardo Lewgoy e aos funcionários, em especial a Rose, por sua eficiência e atenção, muito obrigada.

Aos colegas de mestrado, Mayra Lafoz Bertussi, Janaína Lobo, Eduardo Martinelli. Leal, Damiana, Fernanda Tussi, Leonardo Targa e Rojane Brum Nunes, muito obrigada por compartilharem trocas tão ricas no curso das disciplinas que fizemos

juntos e pelos humorados encontros de estudos para as provas e trabalhos. Ao amigo, colega de mestrado e de intercâmbio, João Rosito, por compartilhar dúvidas, caminhadas, descobertas e risadas em Porto Alegre e em Buenos Aires. Ao colega Daniel De Bem pelas conversas e trocas de experiência no curso do intercâmbio e a Marcelo Tadvald pela rica introdução ao cotidiano *porteño*.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior pela bolsa de estudos CAPES/PROEX, recebida no período de março de 2009 a julho de 2009 e de novembro de 2009 a março de 2010.

À *Red de Asociación de posgrado en Antropología Social* formada pelo programa *Binacional de Centros Asociados de Posgrado em Antropologia entre Brasil e Argentina*, e da qual eu recebi uma bolsa de estudos CAPES pelo período de agosto a outubro de 2009 para intercâmbio estudantil na *Universidad Nacional de San Martín – UNSAM* e trabalho de campo em Buenos Aires/Argentina.

Aos colegas da disciplina de *Antropología Comparada*, e aos professores Federico Neiburg e Fernando Rabossi, agradeço pelas trocas em sala de aula. As colegas que fiz da UNSAM, Ana Fabaron, Carina Balladares, muito obrigada pela paciência e compreensão que tiveram no curso do meu aprendizado da língua espanhola e pelas trocas sempre muito ricas entre os contextos das nossas diferentes cidades e distintos trabalhos de campo.

Aos professores Alejandro Grimson, Sergio Visacowsky, Rosana Guber e Luis Ferreira pela atenção e pela orientação que dispensaram ao meu trabalho durante o período de intercâmbio. A funcionária Laura Spialta, pelo auxílio às questões burocráticas e cotidianas do intercâmbio e da rotina da UNSAM, obrigada.

Aos colegas da disciplina *Antropología Urbana*, cursada na *Facultad de Filosofía y Letras - Universidad Nacional de Buenos Aires*, em especial a Paula Yacovino, as Mercedes, Pico e Bracco que me auxiliaram na realização do trabalho de campo - tanto indicando pessoas, quanto na escuta e na troca das experiências vividas junto aos atores da pesquisa. Ao professor Ariel Gravano, que inspirado pela mesma paixão ao tema da cidade, mantinha um diálogo aberto e humorado com seus alunos. Pelas ricas trocas intelectuais e por ter me recebido em sua classe com ânimo e respeito, muito obrigada.

Aos colegas do grupo de pesquisa ligado ao projeto de *Investigación de Ciencia y Técnica (PICT) de la Agencia Nacional de Ciencia y Técnica (ANCyT): Cultura, patrimonio y desarrollo social: disputas por las apropiaciones del espacio*

público y la gestión de la alteridad en la Ciudad de Buenos Aires dirigido por Mónica Lacarrieu na *Facultad de Filosofía y Letras - Universidad Nacional de Buenos Aires*.

À Monica Lacarrieu por ter me dado a oportunidade de participar das discussões do seu grupo de pesquisa e pela atenção no período de intercâmbio na Argentina.

À Claudia Fonseca, professora do corpo docente do PPGAS- UFRGS e do PPGAS – UNSAM, a qual eu tive o privilégio de ser aluna nesses dois contextos. Muito obrigada pelas trocas e pelo apoio durante o meu período de intercâmbio.

À Tereza e Suzi Gargulio, Victor, Alejandro Ávila, Fulco, meu profundo agradecimento por terem aceitado realizar junto comigo uma investigação acerca do Bairro de San Telmo. A equipe do *Hostel Noster Bayres*, em especial a Fede, que não mediu esforços em me auxiliar quando mais precisei, no início da minha instalação em Buenos Aires. A Dani e Luiz da *Nueva Fortaleza de San Telmo*, pela conversa sempre bem humorada no início de cada noite, pelo ótimo asado que comíamos junto ao balcão de fiambres, entre um gole e outro de coca-cola, muito obrigada.

Aos amigos Juan Celaya, Vicky Bartel e Ju Gontijo e aos antropólogos Monica Siqueira e Matías Godio, pelos lindos momentos que passamos juntos no curso desses três meses de intercâmbio. Obrigada pela companhia, pelas risadas e por tornarem mais interessante meu cotidiano em Buenos Aires.

À Olinda Dal Bó, por aceitar navegar comigo pelas histórias de nossa família.

Ao meu irmão Rafael e minha mãe Lucinda pelo apoio incondicional e irrestrito. À Bianca Leal, minha cunhada, pelo carinho.

Finalmente, à Carla e Ainsley por seu tempo, por sua disposição e sua adesão a investigação aqui apresentada. Muito Obrigada.

RESUMO

Essa dissertação aborda o tema dos ritmos temporais nas cidades moderno-contemporâneas a partir da experiência etnográfica entre núcleos familiares e redes de camadas médias urbanas. Inserida nas discussões sobre planejamento urbano, construção e destruição de propriedade privada residencial, abordamos as representações da morada a partir das imagens que a compõem. O estudo busca pensar o espaço da morada como objeto do tempo nos bairros: Tristeza, Rio Branco, Floresta e Petrópolis, na cidade de Porto Alegre, Brasil; e o Bairro de *San Telmo*, na cidade de Buenos Aires, Argentina. A partir da pesquisa em imagens de acervo e dados oriundos do método etnográfico buscamos pensar a transformação da cidade a partir das narrativas biográficas e das trajetórias sociais dos integrantes desses diferentes contextos etnográficos por intermédio da noção de memória e de uma etnografia da duração.

Palavras-chave: Memória, Imagem, Trajetórias, Cidade, Bairro, Narrativa, Família, Parentesco, Geração, Transformações Urbanas, Duração, Redes.

Title: The “morada” how long memory - Anthropological study of the narratives and trajectories of social networks and family groups of middle-class inhabitants of Porto Alegre, RS - Brazil and San Telmo, in Buenos Aires - Argentina

ABSTRACT

This thesis intends to establish how the representation of “morada”, in modern-contemporary cities, from the perspective of an ethnographic experience affects the family groups and networks of urban middle classes. The thesis discusses urban planning, construction and destruction of private residential properties, specially including several visual representations of the “morada”. It aims to ponder the “morada” space, as an object changing in a time, in the neighborhoods of Tristeza, Rio Branco, Floresta and Petrópolis, all in the city of Porto Alegre, Brazil, and San Telmo, in Buenos Aires, Argentina. Searching the data and image collection gathered in an ethnographic method, the thesis discusses the transformation the cities go through, from the perspective of the biographic narratives and social trajectories of the members of those different ethnographic contexts, from the perspective of memory and ethnographic duration.

Key-words: Memory, City, Neighborhoods, Imagem, Narrative, Family, Kinship, Generation, Urban Transformation, Duration, Image, Network, Trajectories

Title: La “morada” en la duración de la memoria - Estudio antropológico de los relatos y trayectorias de las redes sociales y grupos familiares de la población de clase media urbana de Porto Alegre, RS - Brasil y San Telmo, en Buenos Aires - Argentina

RESUMEN

Esta tesis abarca la cuestión de los ritmos temporales en las ciudades moderno-contemporáneas, desde la experiencia etnográfica entre los grupos familiares y las redes de clase media urbana. Incluidos en las discusiones acerca de la planificación urbana, la construcción y la destrucción de la propiedad residencial privada, hablamos de las representaciones de la “morada” desde las imágenes que componen. El estudio tiene como objetivo reflexionar sobre el espacio de la “morada” como un objeto de tiempo en los barrios: Tristeza, Rio Branco, Floresta y Petrópolis, la ciudad de Porto Alegre en Brasil, y San Telmo, en Buenos Aires, Argentina. Desde la investigación cerca de las colecciones de imágenes de museos y archivos e incluso datos de la etnografía reflexionamos sobre la transformación de la ciudad desde las narrativas y trayectorias sociales de los miembros de los diferentes contextos etnográficos utilizando el concepto de la memoria y la etnografía de la duración.

Palabras clave: Memoria, ciudad, barrio, imagen narrativa, familia, parentesco, generación, las transformaciones urbanas, la duración, trayectorias, redes.

LISTA DE IMAGENS¹

- 1. Mapa de itinerário etnográfico, na região do Bairro Floresta e Bairro Moinhos de Vento**.....Pag. 22
Autoria: Anelise dos Santos Gutterres
Fonte: Coleção Etnográfica “A morada como duração da memória”
Fundo de Origem: BIEV-PPGAS-UFRGS Projeto *Coleções etnográficas, Itinerários urbanos, Memória Coletiva no Mundo Contemporâneo na Era das Textualidades Eletrônicas*.
Orientação de Ana Luiza Carvalho da Rocha.
Ano: 2005
- 2. Telhados do Floresta**.....Pag. 22
Autoria: Anelise dos Santos Gutterres
Fonte: Coleção Etnográfica “A morada como duração da memória”
Fundo de Origem: Acervo Pessoal Anelise dos Santos Gutterres
Ano: 2004
- 3. Correio de casas na General Neto**.....Pag. 25
Autoria: Anelise dos Santos Gutterres
Fonte: Coleção Etnográfica “A morada como duração da memória”
Fundo de Origem: BIEV-PPGAS-UFRGS Projeto *Coleções etnográficas, Itinerários urbanos, Memória Coletiva no Mundo Contemporâneo na Era das Textualidades Eletrônicas*.
Orientação de Ana Luiza Carvalho da Rocha.
Ano: 2005
- 4. Estilos de construção na Rua 7 de abril**.....Pag. 25
Autoria: Anelise dos Santos Gutterres
Fonte: Coleção Etnográfica “A morada como duração da memória”
Fundo de Origem: BIEV-PPGAS-UFRGS Projeto *Coleções etnográficas, Itinerários urbanos, Memória Coletiva no Mundo Contemporâneo na Era das Textualidades Eletrônicas*.
Orientação de Ana Luiza Carvalho da Rocha.
Ano: 2005
- 5. Ruína na Corte Real**..... Pag. 45
Autoria: Anelise dos Santos Gutterres
Fonte: Coleção Etnográfica “A morada como duração da memória”
Fundo de Origem: BIEV-PPGAS-UFRGS Projeto *Coleções etnográficas, Itinerários urbanos, Memória Coletiva no Mundo Contemporâneo na Era das Textualidades Eletrônicas*.
Orientação de Ana Luiza Carvalho da Rocha.
Ano: 2005
- 6. Casa fechada na 7 de Abril**..... Pag. 46
Autoria: Anelise dos Santos Gutterres
Fonte: Coleção Etnográfica “A morada como duração da memória”
Fundo de Origem: BIEV-PPGAS-UFRGS Projeto *Coleções etnográficas, Itinerários urbanos, Memória Coletiva no Mundo Contemporâneo na Era das Textualidades Eletrônicas*.
Orientação de Ana Luiza Carvalho da Rocha.
Ano: 2005
- 7. Casa fechada na Dr. Vale**..... Pag. 46
Autoria: Anelise dos Santos Gutterres
Fonte: Coleção Etnográfica “A morada como duração da memória”
Fundo de Origem: BIEV-PPGAS-UFRGS Projeto *Coleções etnográficas, Itinerários urbanos, Memória Coletiva no Mundo Contemporâneo na Era das Textualidades Eletrônicas*.
Orientação de Ana Luiza Carvalho da Rocha.
Ano: 2007
- 8. Tapumes na Bento**..... Pag. 46

¹ Orientamos o leitor a acompanhar essa lista, lendo o conjunto de imagens das páginas citadas em sentido horário e da esquerda para a direita, a fim de não se equivocar quanto às referências das mesmas.

- Autoria: Anelise dos Santos Gutterres
 Fonte: Coleção Etnográfica “A morada como duração da memória”
 Fundo de Origem: BIEV-PPGAS-UFRGS Projeto *Coleções etnográficas, Itinerários urbanos, Memória Coletiva no Mundo Contemporâneo na Era das Textualidades Eletrônicas*.
 Orientação de Ana Luiza Carvalho da Rocha.
 Ano: 2007
- 9. Zás Mudanças e a casa encolhida**..... Pag. 46
 Autoria: The Walt Disney Company
 Fonte: Coleção Etnográfica “A morada como duração da memória”
 Fundo de Origem: “A Casa que Pensava” In: *Clássicos Disney*. São Paulo: Ed. Nova Cultural.
 Ano: 1986
- 10. Che en la calle San Lorenzo**..... Pag. 46
 Autoria: Anelise dos Santos Gutterres
 Fonte: Coleção Etnográfica “A morada como duração da memória”
 Fundo de Origem: Acervo Pessoal Anelise dos Santos Gutterres
 Ano: 2009
- 11. Dario Pederneiras no Google Earth**..... Pag. 49
 Autoria: Google Earth
 Fonte: Coleção Etnográfica “A morada como duração da memória”
 Fundo de Origem: Software Google Earth
 Ano: 2009
- 12. Casa vazia na Dario**..... Pag. 52
 Autoria: Anelise dos Santos Gutterres
 Fonte: Coleção Etnográfica “A morada como duração da memória”
 Fundo de Origem: BIEV-PPGAS-UFRGS Projeto *Coleções etnográficas, Itinerários urbanos, Memória Coletiva no Mundo Contemporâneo na Era das Textualidades Eletrônicas*.
 Orientação de Ana Luiza Carvalho da Rocha.
 Ano: 2005
- 13. Terreno na Dario no Google Earth**..... Pag. 52
 Autoria: Google Earth
 Fonte: Coleção Etnográfica “A morada como duração da memória”
 Fundo de Origem: Software Google Earth
 Ano: 2009
- 14. Tapume na casa vazia da Dario**..... Pag. 52
 Autoria: Anelise dos Santos Gutterres
 Fonte: Coleção Etnográfica “A morada como duração da memória”
 Fundo de Origem: BIEV-PPGAS-UFRGS Projeto *Coleções etnográficas, Itinerários urbanos, Memória Coletiva no Mundo Contemporâneo na Era das Textualidades Eletrônicas*.
 Orientação de Ana Luiza Carvalho da Rocha.
 Ano: 2005
- 15. Ruins of West Front**..... Pag. 53
 Autoria: Joseph Mallord William Turner (1775-1851)
 Fonte: Coleção Etnográfica “A morada como duração da memória”
 Fundo de Origem: Acervo Museu Calouste Gulbenkian, Lisbon - Tate Gallery London
 Ano: 1794-5
- 16. Jazigo em ruína na Recoleta**..... Pag. 53
 Autoria: Anelise dos Santos Gutterres
 Fonte: Coleção Etnográfica “A morada como duração da memória”
 Fundo de Origem: Acervo pessoal Anelise dos Santos Gutterres
 Ano: 2009
- 17. Telhado 1920**..... Pag. 53
 Autoria: Anelise dos Santos Gutterres
 Fonte: Coleção Etnográfica “A morada como duração da memória”

Fundo de Origem: BIEV-PPGAS-UFRGS Projeto *Coleções etnográficas, Itinerários urbanos, Memória Coletiva no Mundo Contemporâneo na Era das Textualidades Eletrônicas*.
Orientação de Ana Luiza Carvalho da Rocha.

Ano: 2007

18. Soleira em ruína na São Manoel Pag. 53

Autoria: Anelise dos Santos Gutterres

Fonte: Coleção Etnográfica “A morada como duração da memória”

Fundo de Origem: BIEV-PPGAS-UFRGS Projeto *Coleções etnográficas, Itinerários urbanos, Memória Coletiva no Mundo Contemporâneo na Era das Textualidades Eletrônicas*.
Orientação de Ana Luiza Carvalho da Rocha.

Ano: 2007

19. Muro Rosa em Santo Ângelo Pag. 57

Autoria: Anelise dos Santos Gutterres

Fonte: Coleção Etnográfica “A morada como duração da memória”

Fundo de Origem: Acervo Pessoal Anelise dos Santos Gutterres

Ano: 2008

20. Muro em “V” na esquina da Bento..... Pag. 57

Autoria: Anelise dos Santos Gutterres

Fonte: Coleção Etnográfica “A morada como duração da memória”

Fundo de Origem: BIEV-PPGAS-UFRGS Projeto *Coleções etnográficas, Itinerários urbanos, Memória Coletiva no Mundo Contemporâneo na Era das Textualidades Eletrônicas*.
Orientação de Ana Luiza Carvalho da Rocha.

Ano: 2007

21. Prédio inacabado na Dona Laura..... Pag. 57

Autoria: Anelise dos Santos Gutterres

Fonte: Coleção Etnográfica “A morada como duração da memória”

Fundo de Origem: BIEV-PPGAS-UFRGS Projeto *Coleções etnográficas, Itinerários urbanos, Memória Coletiva no Mundo Contemporâneo na Era das Textualidades Eletrônicas*.
Orientação de Ana Luiza Carvalho da Rocha.

Ano: 2007

22. Detalhe de Tapume Pixado na São Manoel..... Pag. 57

Autoria: Anelise dos Santos Gutterres

Fonte: Coleção Etnográfica “A morada como duração da memória”

Fundo de Origem: BIEV-PPGAS-UFRGS Projeto *Coleções etnográficas, Itinerários urbanos, Memória Coletiva no Mundo Contemporâneo na Era das Textualidades Eletrônicas*.
Orientação de Ana Luiza Carvalho da Rocha.

Ano: 2007

23. Tapume Pixado com árvore e cachorro..... Pag. 58

Autoria: Anelise dos Santos Gutterres

Fonte: Coleção Etnográfica “A morada como duração da memória”

Fundo de Origem: BIEV-PPGAS-UFRGS Projeto *Coleções etnográficas, Itinerários urbanos, Memória Coletiva no Mundo Contemporâneo na Era das Textualidades Eletrônicas*.
Orientação de Ana Luiza Carvalho da Rocha.

Ano: 2007

24. Frame de Gravação em balcão de Fotos, na casa de Ainsley..... Pag. 75

Autoria: Anelise dos Santos Gutterres

Fonte: Coleção Etnográfica “A morada como duração da memória”

Fundo de Origem: Acervo Ritmos Temporais de vídeos etnográficos

Ano: 2007

25. Frame de Gravação de mudança, na casa de Ainsley..... Pag. 76 e 77

Autoria: Anelise dos Santos Gutterres

Fonte: Coleção Etnográfica “A morada como duração da memória”

Fundo de Origem: Acervo Ritmos Temporais de vídeos etnográficos

Ano: 2007

26. Camila de saia na sacada da Quintino..... Pag. 81

- Autoria: José Mauro Volkmer Castilho
 Fonte: Coleção Etnográfica “A morada como duração da memória”
 Fundo de Origem: Acervo Pessoal Carla Castilho
 Ano: desconhecido
- 27. Caco menina em P&B** Pag. 83
 Autoria: José Mauro Volkmer Castilho
 Fonte: Coleção Etnográfica “A morada como duração da memória”
 Fundo de Origem: Acervo Pessoal Carla Castilho
 Ano: desconhecido
- 28. Marcos vestido de palhaço** Pag. 84
 Autoria: José Mauro Volkmer Castilho
 Fonte: Coleção Etnográfica “A morada como duração da memória”
 Fundo de Origem: Acervo Pessoal Carla Castilho
 Ano: 1982
- 29. Jovem Carla em close**..... Pag. 86
 Autoria: José Mauro Volkmer Castilho
 Fonte: Coleção Etnográfica “A morada como duração da memória”
 Fundo de Origem: Acervo Pessoal Carla Castilho
 Ano: desconhecido
- 30. Mauro em escritório**..... Pag. 87
 Autoria: desconhecido
 Fonte: Coleção Etnográfica “A morada como duração da memória”
 Fundo de Origem: Acervo Pessoal Carla Castilho
 Ano: desconhecido
- 31. Irmãos no pátio, Camila de língua de fora**..... Pag. 87
 Autoria: José Mauro Volkmer Castilho
 Fonte: Coleção Etnográfica “A morada como duração da memória”
 Fundo de Origem: Acervo Pessoal Carla Castilho
 Ano: 1981
- 32. Frame de gravação de entrevista em vídeo om Martha Volkmer**..... Pag. 87
 Autoria: Ana Luiza Carvalho da Rocha
 Fonte: Coleção Etnográfica “A morada como duração da memória”
 Fundo de Origem: Acervo Ritmos Temporais de vídeos etnográficos
 Ano: 2009
- 33. Mapa da cidade de Porto Alegre**..... Pag. 134
 Autoria: Prefeitura Municipal de Porto Alegre
 Fonte: Coleção Etnográfica “A morada como duração da memória”
 Fundo de Origem: Observatório POA
 Ano: desconhecido
- 34. Vegetação na Beira do Rio Guaíba, Cachimbo**..... Pag. 138
 Autoria: Anelise dos Santos Gutterres
 Fonte: Coleção Etnográfica “A morada como duração da memória”
 Fundo de Origem: Acervo Pessoal Anelise dos Santos Gutterres
 Ano: 2004
- 35. Anúncio de Imóvel na Tristeza, tema verde**..... Pag. 138
 Autoria:
 Fonte: Coleção Etnográfica “A morada como duração da memória”
 Fundo de Origem: Suplemento de Imóveis do Jornal Zero Hora de 15 de fevereiro, pág 23
 Ano: 2008
- 36. Flora junto à beira do Rio Guaíba**..... Pag. 138
 Autoria: Anelise dos Santos Gutterres
 Fonte: Coleção Etnográfica “A morada como duração da memória”
 Fundo de Origem: Acervo Pessoal Anelise dos Santos Gutterres
 Ano: 2004
- 37. Sociabilidade entre jovens junto ao Rio Guaíba** Pag. 138

- Autoria: Anelise dos Santos Gutterres
 Fonte: Coleção Etnográfica “A morada como duração da memória”
 Fundo de Origem: Acervo Pessoal Anelise dos Santos Gutterres
 Ano: 2004
- 38. Por do Sol da sacada da Quintino.....** Pag. 140
 Autoria: José Mauro Volkmer Castilho
 Fonte: Coleção Etnográfica “A morada como duração da memória”
 Fundo de Origem: Acervo Pessoal Carla Castilho
 Ano: 19 de fevereiro de 1964
- 39. Vista da Quintino.....** Pag. 141
 Autoria: José Mauro Volkmer Castilho
 Fonte: Coleção Etnográfica “A morada como duração da memória”
 Fundo de Origem: Acervo Pessoal Carla Castilho
 Ano: desconhecido
- 40. Vista da cidade a partir da Quintino.....** Pag. 141
 Autoria: José Mauro Volkmer Castilho
 Fonte: Coleção Etnográfica “A morada como duração da memória”
 Fundo de Origem: Acervo Pessoal Carla Castilho
 Ano: 22 de setembro de 1964
- 41. Delimitación de comunas y barrios de Buenos Aires.....** Pag. 159
 Autoria: *Ministerio de Gestión Pública y Descentralización*
 Fonte: Coleção Etnográfica “A morada como duração da memória”
 Fundo de Origem: Revista *Café de las Ciudades* Ano 5 n. 46 agosto
 Ano: 2006
- 42. Bairro de San Telmo no Google Maps.....** Pag. 164
 Autoria: Google
 Fonte: Coleção Etnográfica “A morada como duração da memória”
 Fundo de Origem: Google.com/maps
 Ano: 2009
- 43. El Baño – Ex-Conventillo en Brasil y Bolivar.....** Pag. 174
 Autoria: Anelise dos Santos Gutterres
 Fonte: Coleção Etnográfica “A morada como duração da memória”
 Fundo de Origem: Acervo Pessoal Anelise dos Santos Gutterres
 Ano: 2009
- 44. Porta do quarto – Ex-Conventillo en Brasil y Bolivar.....** Pag. 174
 Autoria: Anelise dos Santos Gutterres
 Fonte: Coleção Etnográfica “A morada como duração da memória”
 Fundo de Origem: Acervo Pessoal Anelise dos Santos Gutterres
 Ano: 2009
- 45. Espaço interno – Ex-Conventillo en Brasil y Bolivar.....** Pag. 175
 Autoria: Anelise dos Santos Gutterres
 Fonte: Coleção Etnográfica “A morada como duração da memória”
 Fundo de Origem: Acervo Pessoal Anelise dos Santos Gutterres
 Ano: 2009
- 46. Daniel cortando a carne.....** Pag. 178
 Autoria: Anelise dos Santos Gutterres
 Fonte: Coleção Etnográfica “A morada como duração da memória”
 Fundo de Origem: Acervo Pessoal Anelise dos Santos Gutterres
 Ano: 2009

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
CAPÍTULO 1	
A retórica da caminhada – o percurso metodológico como revelador do espaço.....	21
1.1 A descrição de etnografia de rua para pensar o que o olho vê.....	22
1.1.1 Aquele que escreve o que o olho vê.....	26
1.2 Desvendando a “familiaridade familiar”: O percurso acompanhado e a familiaridade como problema antropológico.....	28
1.2.1 Olinda Dal-Bó e sua família.....	30
1.3 Revirando o tempo em busca do espaço.....	34
CAPÍTULO 2	
Em busca do espaço perdido.....	39
2.1 “Uma casa com gente dentro, ela não cai né”	43
2.2 A pergunta da ruína.....	45
2.3 A Cidade dos Tapumes.....	54
CAPÍTULO 3	
Procura-se uma casa a ser destruída.....	64
3.1 Os contextos de uma etnografia multi-situada.....	64
3.2 As histórias da casa em vias de desaparecer – vamos fazer um filme?.....	65
3.3 A rede de aproximação e a noção de camadas médias.....	68
3.4 Os contextos familiares e os personagens.....	71
3.4.1 A família de Ainsley: A casa na disputa entre herdeiros	72
3.4.2 A família de Carla: A casa que ficou grande demais.....	80
CAPÍTULO 4	
A descoberta da mudança da casa como ato de permanência: a morada.....	90
4.1 A mudança (crônicas em vídeo – DVD).....	94
4.2 A duração da morada na genealogia de parentesco.....	95
4.2.1 Ainsley e sua família	97
4.2.2 Carla e sua família	111
4.3 Apenas aquilo que tem razões para recomeçar – as narrativas biográficas.....	118
4.3.1 Projeto de vida e as escolhas na construção de si – Carla.....	120
4.3.2 Projeto de vida e as escolhas na construção de si - Ainsley.....	125
CAPÍTULO 5	
A casa como lócus privilegiado para pensar a mobilidade social.....	131
5.1 O estilo de vida e visão de mundo como forma de pensar os ritmos temporais da morada no universo da cidade de Porto Alegre.....	133
5.1.1 A casa de Ainsley e o bairro Tristeza.....	134
5.1.2 A casa de Carla e o bairro Rio Branco.....	140
5.2 A dialética do apego e do desapego – o medo da dissolução do patrimônio.....	145
5.2.1 Os objetos e a escolha do que irá “sobrar do outro lado”	148

5.2.2 O espírito do lugar.....	154
CAPÍTULO 6	
A casa como objeto de interesse patrimonial e a magia de um bairro com história.....	159
6.1 Porque <i>San Telmo</i> ?.....	162
6.2 Entre <i>Calles</i> e <i>Sillas</i> : o mapeamento de uma rede de relações no bairro de <i>San Telmo</i>	170
6.3 A Feira de <i>San Pedro Telmo, Buenos Aires</i>	181
6.4 Os objetos circulantes e o comércio da memória.....	187
6.5 O objeto e seu caráter anacrônico.....	197
CAPÍTULO 7	
Do pó ao concreto, do concreto ao pó – Adesões e rupturas de uma etnografia da duração.....	201
7.1. Coleções etnográficas – A morada como objeto temporal.....	209
7.1.1 Coleções etnográficas - em DVD.....	212
CONCLUSÃO.....	213
REFERÊNCIAS.....	217

INTRODUÇÃO

Esta dissertação, em Antropologia Social, está inserida no campo da antropologia urbana, e dos estudos das e nas sociedades complexas (Velho, 1987:17), e trata das problemáticas do cotidiano urbano, a partir das narrativas biográficas, itinerários urbanos e trajetória social de seus habitantes. Tendo por universo mais amplo a cidade de Porto Alegre e o Bairro de *San Telmo* na cidade de Buenos Aires, estuda-se o tema da transformação urbana a partir da memória de camadas médias urbanas. Aderindo a uma “etnografia da duração” na linha dos trabalhos de Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert (2005) busca-se refletir sobre o espaço da cidade numa abordagem fenomenológica das relações sociais.

A base de dados que integra o presente estudo é oriunda de pesquisa etnográfica em diferentes contextos e com diferentes níveis de imersão. Em Porto Alegre, a pesquisa foi realizada junto a dois núcleos familiares, de camadas médias, a partir da experiência de mudança e destruição de sua residência. Em Buenos Aires a pesquisa foi realizada junto a uma rede de trabalhadores e moradores do Bairro de *San Telmo* no intuito de discutir os ritmos temporais na construção do espaço do bairro e a dinâmica dos objetos face à problemática do patrimônio cultural nas grandes metrópoles contemporâneas.

Realizada de 2006 a 2009, a investigação junto aos núcleos familiares tem foco na trajetória social e narrativa biográfica das guardiãs da memória (Halwachs, 2006) de cada uma dessas famílias. Experiência que abordamos através do conceito de drama social (Turner, 1986) a fim de refletir sobre os constrangimentos e as discontinuidades na formação das relações familiares. Localizadas nos bairros Rio Branco e Tristeza na cidade de Porto Alegre, as residências pesquisadas serão pensadas dentro de duas diferentes escalas: como integrantes de uma lógica de transformação urbana e mobilidade social nas cidades moderno-contemporâneas; e como integrantes de uma lógica de acomodação e re-articulação das noções de família, parentesco e estilo de vida, dessas guardiãs, a partir das noções de herança, transmissão e memória intra-geracional.

Realizado de agosto a outubro de 2009, o trabalho de campo em Buenos Aires foi produzido pelas mesmas técnicas que os dados etnográficos de Porto Alegre: etnografia de rua, observação participante, técnica de rede e entrevista em vídeo.

Inserida nos estudos antropológicos de tempo e espaço, a partir da noção de memória e de narrativa, essa dissertação investe no simbolismo da morada, seja na forma de uma residência, de um bairro ou de uma cidade, como eixo interpretativo para entender a duração trans-geracional de um conjunto de bens e valores representativos do patrimônio seja familiar, seja urbano.

As trajetórias sociais dos interlocutores são interpretadas no âmbito da disseminação dos postulados do individualismo moderno nos segmentos sociais de camadas médias urbanas, com base nos trabalhos clássicos de Marcel Mauss (*A noção de pessoa*, 2003), Alfred Schutz (*A fenomenologia das relações sociais*, 1979) e Gilberto Velho (*Individualismo e Cultura*, 1987; *Projeto e Metamorfose*, 1994).

Os contextos de Porto Alegre e Buenos Aires são trabalhados documentalmente através das coleções etnográficas, método integrante de uma “etnografia da duração” (Eckert e Rocha, 2005), conforme será desenvolvido no curso dessa dissertação. A estrutura de construção dos capítulos buscou destacar na descontinuidade desses contextos, geográficos, culturais e temporais, a duração de uma problemática acerca do fenômeno da cidade moderno-contemporânea e do espaço como forma do tempo, moldado pelas narrativas daqueles que o habitam.

No capítulo um (1), pode-se acompanhar o princípio de uma discussão acerca dos ritmos temporais na cidade, a partir da imersão nos dados etnográficos produzidos no Bairro Floresta, no curso de minha trajetória de formação em antropologia social, iniciada em 2005, numa bolsa de Iniciação Científica junto ao projeto *Coleções etnográficas, Itinerários urbanos, Memória Coletiva no Mundo Contemporâneo na Era das Textualidades Eletrônicas* dentro do Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

No capítulo dois (2) é trazido outro bairro da cidade de Porto Alegre para o diálogo. O Bairro Petrópolis, é inserido a partir da narrativa de um habitante dele e nessa interlocução ingressa-se nos processos que integram e incluem a dinâmica de destruição e construção de propriedades privadas residenciais na cidade de Porto Alegre. Neste capítulo ainda é trazido o conceito de ruína urbana para pensar a relação entre patrimônio, memória coletiva e cidade, tanto no contexto de Buenos Aires como de Porto Alegre, apresentando o núcleo familiar como integrante dessa dinâmica de transformação urbana.

No capítulo três (3) serão apresentados os contextos de uma etnografia multi-situada, na cidade de Porto Alegre e de Buenos Aires. Nele é mostrado a rede de aproximação que possibilita o ingresso nos dois núcleos familiares habitantes da cidade

de Porto Alegre, é mostrado a rede de relações que os compõem e nela o lugar das nossas principais interlocutoras nessa pesquisa. Nesse capítulo também é trazida a discussão a produção de dados etnográficos através do suporte do vídeo.

No capítulo quatro (4) é abordado o universo de mudança da residência, e a partir dela são conhecidos os vínculos e as escolhas que compõem as relações de parentesco de cada uma das famílias investigadas. A partir das narrativas biográficas das nossas interlocutoras, são apresentados seus projetos de vida e a relevância da mudança da casa na construção deles.

No capítulo cinco (5) há uma reflexão sobre a mobilidade social provocada pela mudança da casa, e as noções de estilo de vida e visão de mundo a partir da transformação urbana dos bairros onde estão inseridas as casas que serão destruídas. O drama social da experiência da mudança, aliado ao risco de descenso social e da dissolução de uma visão de mundo ligada a uma memória familiar são abordados a partir da lógica do apego e desapego de objetos ligados ao espaço da casa.

No capítulo seis (6) é apresentado o universo da cidade de Buenos Aires e da relevância do Bairro de *San Telmo* para pensar os ritmos temporais e a circulação de objetos ligados ao universo familiar e a um cotidiano urbano. A Feira de *San Telmo* aparece como objeto de formação de redes em torno do comércio de objetos velhos e de uma lógica de ocupação do espaço do bairro que reúne interesses comuns e dinâmicas distintas.

O capítulo sete (7) está concentrado na discussão das adesões conceituais a uma etnografia da duração a partir do vínculo aos projetos do BIEV e a metodologia das coleções etnográficas como produtora da forma dessa dissertação.

Por último, esclareço aos leitores que com consentimento prévio dos interlocutores optei por usar os seus nomes verídicos na construção dessa dissertação. As imagens do contexto familiar deles e que aparecerão no curso do estudo, em fotografias e em vídeo, também tiveram consentimento de uso, sendo algumas oriundas do acervo pessoal das famílias investigadas.

CAPÍTULO 1

A RETÓRICA DA CAMINHADA

O PERCURSO METODOLÓGICO COMO REVELADOR DO ESPAÇO

“Minha primeira recordação é um muro velho, no quintal de uma casa indefinida. Tinha várias feridas no reboco e veludos de musgo. Milagrosa aquela mancha verde e úmida, macia ao contato, quase irreal na sua beleza livre. Fecho os olhos e ela me enche de luz, como um aviso da vida teimosa.”

(Augusto Meyer, Segredos de Infância, 1988)

O início desta etnografia na cidade deu-se no Bairro Floresta, localizado na zona leste da cidade de Porto Alegre, no estado do Rio Grande do Sul, Brasil, no ano de 2005. Sob a orientação da antropóloga Ana Luiza Carvalho da Rocha, iniciei essa etnografia vinculada a um programa de iniciação científica² no projeto Banco de Imagens e Efeitos Visuais³.

Essa experiência teve como metodologia e técnica de ingresso em campo, a “etnografia de rua”, que de acordo com as autoras Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert, é uma experiência que propõe “ao aluno”, a partir dos seus próprios percursos na cidade, o reconhecimento de “um contexto de investigação antropológica sobre a dinâmica das interações cotidianas e representações sociais” (2002:4). No exercício dessa técnica, ainda como aprendiz da etnografia, buscava nos deslocamentos por certas ruas do bairro Floresta reconhecer as formas de “interação do antropólogo em campo com o “Outro” e com os “lugares do Outro”, empenhada em produzir - pela construção de roteiros e diários de saídas de campo - colagens desses “fragmentos de

² Coordenado pelas antropólogas Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert o BIEV é um projeto que existe desde 1997 e que agrega pesquisadores de diferentes áreas de pesquisa e de diferentes níveis de formação acadêmica em torno da discussão sobre acervo, patrimônio digital e produção de imagens. Os grupos de trabalho são formados por esses pesquisadores em encontros semanais onde se discute as abordagens e feições de cada pesquisa na produção de imagens seja ela em vídeo, em texto, em som ou em fotografia. O grupo de vídeo na época de produção desta dissertação era composto pelos antropólogos Rafael Devos e Ana Luiza Carvalho da Rocha, coordenadores do grupo; e pelos bolsistas de Iniciação Científica (CNPq e Fapergs) e estudantes de Ciências Sociais: Stéphanie Bexiga, Ana Paula Parodi, Luciana Tubello, e pelo mestrando em antropologia social, Rafael Lopo. O grupo do texto é coordenado por Ana Luiza Carvalho da Rocha é composto por todos os estudantes citados acima e por: Priscila Farfan Barroso também estudante de Ciências Sociais, e bolsista de Iniciação Científica. O grupo de Fotografia é coordenado por Cornelia Eckert e integrado por todos os integrantes acima descritos, o grupo do som é coordenado por Viviane Vedana e Ana Luiza Carvalho da Rocha e tem como integrante Stéphanie Bexiga e Priscila Farfan. Os projetos e a trajetória de pesquisa dos grupos podem ser acessados através do: www.biev.ufrgs.br.

³ Bolsa de Iniciação Científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, de 2005 a 2008.

sobre a interioridade⁵ da escrita antropológica nos possibilita pensar na construção do objeto da presente investigação: as trajetórias familiares e sua relação com o espaço.

A definição do tema e do espaço de pesquisa ganhou contornos mais precisos no processo de formação no projeto BIEV e na adesão a uma etnografia da duração, que orienta metodologicamente o projeto.

A etnografia da duração, conforme desenvolveremos no curso dessa dissertação é uma proposta de estudo para o fenômeno da memória coletiva e do imaginário dos habitantes das cidades moderno-contemporâneas. Onde a partir da problematização dos tempos narrados por estes habitantes – de suas experiências na vida cotidiana e arranjos sociais – entendemos do ritmo e dinâmica de seu cotidiano.

No caso deste capítulo, refletir sobre a duração de um “olhar” preocupado com a dinâmica dos ritmos temporais na cidade, no curso da produção desses dados iniciais, nos possibilita meditar em torno da construção dos objetos científicos na antropologia e em como eles “não tem nada em comum com as unidades separadas pela percepção ingênua” (Bourdieu, Chamboredon & Passeron, 1999:46).

No livro *A Profissão do Sociólogo*, quando Pierre Bourdieu, Jean-Claude Chamboredon e Jean-Claude Passeron, debatem a favor de uma postura epistemológica, na reflexão e construção, do conhecimento produzido pelas ciências sociais o fazem em uma crítica ao empirismo ingênuo. Para os autores não é possível evitar “a tarefa de construir o objeto sem abandonar a busca por esses objetos pré-construídos” nomeados pela sociologia espontânea. É sugerido que se reflita sobre a relação entre, a relevância do estatuto de “problema social” como problema sociológico, à medida que têm mais ou menos realidade social para a comunidade dos sociólogos. Dessa forma, pensar sobre o percurso de uma formação em antropologia a partir da produção dos dados etnográficos produzidos no curso dessa formação é também se perguntar no interior da própria reflexão antropológica: os conceitos que orientam a produção dos dados, e o caráter específico dessa abordagem face ao fenômeno do qual ela constrói. Nesse sentido aderimos a Bourdieu, Chamboredon & Passeron e à condição epistemológica como integrante do exercício do sociólogo para pensar a produção do dado etnográfico, de modo a exercitar o controle e o distanciamento da “ação sobre o real” a partir da construção de “novas relações entre os aspectos das coisas”.

⁵ Ver artigo fundamental para essa reflexão “A interioridade da experiência temporal como condição da produção etnográfica” In: Cornelia Eckert & Ana Luiza C. da Rocha. *O tempo e a cidade*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2005, Pag. 121- 138.

Refutando a idéia de uma neutralidade na observação etnográfica, mergulhar nas descrições já produzidas sobre o fenômeno do bairro e da cidade é submeter às interrogações do etnógrafo às interrogações sociológicas. Onde, a busca pelo controle dos dados produzidos ao longo de uma extensa formação do sujeito que pesquisa é um exercício de tornar consciente a “relação problemática implicada em suas perguntas” (Bourdieu, Chamboredon & Passeron, 1999:57) e como, somente a consciência delas, pode levar à compreensão da problemática que os sujeitos implicam em suas respostas.

A prática do exercício da etnografia de rua provocou, à medida que os diários de campo foram relidos, reflexões acerca da escolha da área da etnografia, conforme podemos acompanhar em um trecho de um diário de campo realizado em 2005:

Segui caminhando pela [Rua] General Neto, costas da Igreja São Pedro, rumo ao centro. Observava o ritmo da rua, os carros passando com pressa, subindo da [Rua] Cância Gomes e descendo do [Bairro] Moinhos de Vento. Subi numa mureta, que limitava o mato do morro, para fazer umas fotos dos prédios e dos telhados marrons das casas que davam frente para a Av. Cristóvão Colombo. Depois, segui por esse lado esquerdo da rua, na calçada que faz limite com o morro Ricaldone, olhando a mata alta. Como eram grandes os prédios, vistos aqui de baixo. E fechada a mata, também. Tirei umas fotos do “beneága de rico”⁶: um prédio extenso e estreito, plantado no meio da mata. Nem contei os apartamentos, mas eram muitos”

Segui tirando umas fotos das composições entre a mata, os prédios novos, os antigos, os arranjos urbanos: como luminárias, outdoors, tudo isso me chamava muito atenção. Os [...] terrenos baldios, a calçada larga, o supermercado Zaffari (antiga lojas Mesbla)⁷ e a oficina. Essa oficina eu lembro bem, de pequena mesmo. Quando subia o morro e bem ali onde estava, nos fundos do Zaffari via a Cristóvão que parecia tão pequeninha aqui de cima. Eu fiquei pensando em como não haviam tirado aquela oficina dali, já que era um espaço tão valorizado (ou não tanto?) que ela ocupava. A borracharia / oficina de carros ainda conservava sua fachada para a curva que desce da Luciana de Abreu, bairro Moinhos, curva do Ricaldone, porém mantinha essa entrada fechada com uma grade. Muito larga. A fachada é de madeira velha, grande, com uma estrutura de tijolos dos lados, tudo bem com jeito de abandonado. Eu parei em frente à entrada lateral dessa oficina,

⁶ Cf. Adamastor Gidotti, ‘Um Parque na Floresta?’ In: Folha da Tarde de 09 de agosto de 1980, pág. 06. “Pois é justamente sobre a Floresta que quero falar. Por incrível que pareça, esta imensa comunidade não conta com suficientes áreas verdes para seu lazer e recreação. As únicas exceções são a Praça Bartolomeu de Gusmão (que ninguém conhece é a nossa “Pracinha Florida”), e um recanto infantil encravado entre a Ramiro Barcelos e a Cristóvão Colombo, em meio aos miasmas do tráfego. Até mesmo a encosta do Morro Ricaldone foi nos tirada, oculta por ‘beneagá de rico’.”

⁷ Cf. Adamastor Gidotti, ‘Um Parque na Floresta?’ In: Folha da Tarde de 09 de agosto de 1980, pág. 06. “Mas para não dizerem as autoridades que apenas surgem críticas, sem sugestões, gostaria de lembrar à Secretaria Municipal do Meio Ambiente a Secretaria Municipal de Obras e Viação e ao assessor-engenheiro de prefeito Villela que na Avenida Cristóvão Colombo existe ampla área semi-abandonada, há várias anos. É onde ficava a instalação da Mesbla junto a Terceira Delegacia de Polícia. Será que não poderá ser aproveitada para um parque? Ou está destinada para novos espigões? Acho até que os moradores do bairro não se importariam em contribuir com uma parte dos recursos necessários para a desapropriação da área. Será que não existe uma linha de crédito junto ao Governo Federal com esta finalidade? Não, acho que não. Deve permanecer a mesma situação que dá dinheiro para plantar, mas não para comprar terra. Há recursos para edificar, mas não para preservar.”

na [Rua] General Neto mesmo, em frente a saída / entrada do estacionamento do Zaffari. Junto comigo na rua, havia uns motoqueiros descansando na sombra, que essa parede de tijolos fazia na calçada e uns trabalhadores do mercado, sentados junto ao meio fio, tomando refrigerante e descansando no possível intervalo.

O terreno começava a fazer um declive, na esquina da Hoffmann com a [Rua] Gen. Neto. À medida que ia me afastando do morro, somente algumas árvores ainda podia ver entre as casas do lado esquerdo, em direção ao Moinhos.

Havia na rua uma senhora e um senhor conversando na beira da calçada, em frente a uma das portas. E eles saíram na foto que fiz dessas casas, meio assim por acaso. Fui descendo lentamente, esperando alguma interjeição por parte deles, já que vi que me olhavam. Não demorou muito, enquanto ensaiava outro quadro, para que ouvisse: *‘vai querer comprar esse correio de casas’*.



A preocupação com os ritmos temporais da cidade, notada no trecho pela descrição das ruas, fachadas de casa, construções habitacionais, onde há um destaque para a surpresa do velho em relação ao novo, percebemos os aspectos que construíam essas categorias no sentido das representações do pesquisador aprendiz sobre os mesmos. Aproximamo-nos, portanto, das reflexões de Gilberto Velho (1997) sobre a produção antropológica no contexto das sociedades complexas (Velho, 1997:17), onde a pesquisa na cidade dialoga com as impressões daquele que também vive na cidade.

A leitura e a pesquisa em acervo, de autores, cronistas e comentaristas de “outro tempo” da cidade, também foram fundamentais para a construção desse olhar preocupado com a dimensão rítmica do tempo, conforme veremos com mais cuidado no capítulo dois.

Além de evidenciar, os vínculos da produção das descrições com as representações sociais do seu produtor, a retomada dessa experiência etnográfica no Bairro Floresta tem, também, outro objetivo. Propondo uma reflexão acerca da “hermenêutica de si” no sentido de evidenciar “os critérios de identidade pessoal do antropólogo na configuração do método etnográfico em antropologia” (Eckert & Rocha,

2005:126) vamos explorar a escolha de trabalhar com o limite de um bairro e em especial deste bairro, em relação a outros da cidade de Porto Alegre, que serão abordados no curso dessa dissertação.

A eleição do Bairro Floresta, no contexto do ano de 2005 se deu em função da ligação afetiva da etnógrafa aprendiz com ele. Uma parte de sua ascendência materna ainda morava nele, e as trajetórias sociais e narrativas biográficas desse tronco⁸ familiar, estão até hoje profundamente ligadas ao bairro. As histórias contadas a ela, desde pequena, e as lembranças de infância que ela tinha da época que morou neste bairro, do nascimento até os seis anos, orientavam-na secretamente na observação dos seus ritmos, na caminhada por suas ruas.

A imagem deste bairro foi produzida pela etnógrafa em um processo de constante comparação entre escalas de tempo e espaço distintos: a infância, a idade adulta, a observação etnográfica, a fruição pessoal. Recortada por uma circulação no bairro oriunda da participação em práticas cotidianas familiares de uma família específica, que trabalhava e morava nele, a família da etnógrafa. Esse distanciamento epistemológico promotor do discernimento das camadas que compõem os dados produzidos em determinado contexto etnográfico, no campo da produção de narrativas etnográficas da cidade, integra a transmutação da “figura do antropólogo” (Eckert e Rocha, 2005:47) na figura do narrador.

1.1.1 Aquele que escreve o que o olho vê

Foram seis meses de constantes incursões no espaço da rua, onde eu, como etnógrafa aprendiz, à medida que me deslocava entre as diferentes ruas do bairro ia apreendendo suas diferentes zonas morais, seu distinto ritmo noturno e diurno, os fluxos e itinerários das pessoas que circulavam pelas ruas rumo à grande Avenida Farrapos e das pessoas que conversavam a beira das portas de suas casas, na calçada da Rua São Carlos e General Neto. Conforme podemos observar no trecho do diário escolhido, a observação primava pela descrição das ocupações urbanas do extrato percorrido, observada nas construções residenciais e comerciais que contrastavam com edifícios da década de sessenta e setenta.

⁸ Cf. Maria Cristina C. de C. França. Memórias Familiares em Festa: Estudo Antropológico dos Processos de Reconstrução das Redes de Parentesco e Trajetórias Familiares. Tese de Doutorado, Porto Alegre, UFRGS, 2009, Pag. 19, Tronco específico pode ser entendido como os “núcleos que descendem de um dos imigrantes ou de um dos filhos do imigrante” no interior de uma grande família e que sendo formados acabam abrindo a genealogia dela.

No contexto dessa dissertação, a leitura dos diários de outrora possibilita a percepção dos recortes da paisagem realizados no espaço do texto⁹ etnográfico da aprendiz - o espaço da rua e a relação dele com o tempo, descritos relacionando lembranças pessoais ao tema da transformação urbana. Investindo na observação de contrastantes ocupações urbanas, lembranças e usos de espaço - apontados pelas construções que ora fotografava, ora descrevia em românticas e incipientes descrições - a aprendiz foi orientada a propor a uma única tia materna que ainda residia no bairro, que a acompanhasse por um percurso em algumas das ruas que a mesma considerava importante na sua história. Essa proposta foi aceita e em setembro de 2005, o percurso entre as ruas Voluntários da Pátria, Ramiro Barcelos, São Carlos e finalmente Santa Rita, onde Olinda Dal-Bó vive hoje com seu marido e seu filho mais novo, foi realizado.

A complexidade do fenômeno temporal da cidade, explorada aqui pela premissa que direciona o aprendiz de antropólogo a promover observações em sua própria cidade, pode ser observada nas representações sobre a concepção de tempo que orienta esse sujeito na descrição dos cenários observados. Se os diários de campo foram para ele espaços para a reflexão comparativa entre as lembranças de infância e a evidência da passagem do tempo nas formas urbanas, o foco dessas percepções foi à relação afetiva com o bairro. Através da inteligência dessa relação como forma de narração do espaço que partimos a acessá-lo por intermédio de outros sujeitos habitantes do bairro. A proposição, no entanto, de nivelar as percepções e afetos daqueles que investigam com as percepções e afetos daqueles que são investigados, dentro do campo da história da disciplina antropológica é uma prática que corre o risco de um “anti-empirismo”. Porém, de acordo com Paul Rabinow (1999) as concepções de verdade e falsidade são fatos históricos e sociais, e o contexto da antropologia pós-moderna e do paradigma interpretativista nos permite fazer essas proposições sem correr o risco de estar fazendo algo muito inovador do ponto de vista da investigação antropológica, pois são proposições decorrentes de um evento histórico (Rabinow, 1999:75).

Investir na reflexão sobre a produção antropológica do pesquisador é nesse contexto, transformar o aprendiz no “Outro” que descreve. Redimensionar a produção

⁹ Ressalto aqui o trabalho desenvolvido pelo GT Escrita e Etnografia (GRUEE) do Projeto Banco de Imagens e Efeitos Visuais, da qual integro desde 2005. As reflexões aqui produzidas só seriam possíveis graças ao diálogo com o grupo que tem como seu principal foco a investigação acerca do texto etnográfico como método para a pesquisa com memória. Ligado ao Laboratório de Antropologia Social do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o GRUEE é coordenado pela antropóloga Ana Luiza Carvalho da Rocha.

do conhecimento na escala da produção do sujeito pesquisador é uma forma de evidenciar a dinâmica intrínseca em toda a produção científica. A evidência de que o sujeito produtor do conhecimento também tem invenções, percepções e afetividades, e que elas também são responsáveis pela construção do si e do “Outro”, nos aproxima da noção da memória como um jogo de escolhas objetivas e subjetivas conforme a abordagem do conceito de memória feito por Cornelia Eckert e Ana Luiza C. da Rocha (2005). Trazer o resultado das incursões etnográficas passadas, no contexto presente dessa dissertação evidencia a construção de uma hipótese de trabalho sobre as relações afetivas dos sujeitos moradores da cidade com a mesma. Refletir sobre a produção de dados etnográficos no contexto de uma trajetória de formação em antropologia destaca o distanciamento sistemático, daquele que produz em relação ao que foi produzido, como premissa para a investigação do tempo.

O encontro com o “Outro”, aquele que escreveu outrora os diários de campo no bairro Floresta, foram fundamentais para o reconhecimento de que a produção antropológica ela mesmo não está desvinculada de transformações daquele que a produz e nem do “tempo do mundo”, do contexto específico de sua construção. Segundo Gilbert Durand (2002), autor fundamental na construção de uma “etnografia da duração” (Eckert & Rocha, 2005:143), pensar as representações como imagens do tempo é pensar na mobilidade delas e em como o pensamento que produz também está submetido às ações do tempo. Se o aprendiz de antropólogo também ele constrói seus jogos na construção do conhecimento sobre o “Outro”, pensar no resultado dessa construção é refletir sobre a duração de uma hipótese de investigação da cidade a partir dos “jogos da memória” (2005:117) que cada sujeito joga para construção de suas representações de cidade.

1.2 Desvendando a “familiaridade familiar”: O percurso acompanhado e a familiaridade como problema antropológico

Segundo L. F. D. Duarte & E. de C. Gomes (2008:32) trabalhos realizados no interior da rede social do pesquisador colocam em cena o seu estatuto duplo “pessoal e profissional”. Citando Bourdieu (2005:89-93 apud Duarte & Gomes, 2008), os autores ressaltam que pesquisar um mundo social que conheço sem conhecer, “como sucede em quaisquer universos familiares”, requer uma “verdadeira conversão epistemológica”.

Investindo numa reflexão epistemológica sobre o trajeto da construção desta etnografia noto que a familiaridade esta presente, na relação familiar com o Bairro

Floresta; nas redes de aproximação que construíram a possibilidade de investigação com outras famílias e em outros bairros; e ela é passível de “status acadêmico”. A condição de estranhamento, que segundo esses autores já está incorporado ao *ethos* (2008:32) do antropólogo, no cerne de sua formação, nos termos da pesquisa nas sociedades complexas (Velho, 1997), é também um processo de estranhar a cidade onde se pesquisa, produzir a distância social necessária para que a familiaridade tire partido no processo de estranhamento. No jogo dos processos heterogeneizantes e homogeneizantes (1997:18-19) e da dinâmica social da qual se está sujeito quando se investe no conceito das sociedades complexas, é importante problematizarmos sobre os limites das concepções de: grupos, famílias, zonas, bairros, formas coletivas homogêneas como objeto de estudo. A “problematização” (Rabinow, 2005:43), no entanto, é a garantia da incerteza, da perda da familiaridade para com o fenômeno, e por sua vez, é o caminho prévio para o entendimento e para a geração de outras familiaridades, que para seguirem dinamicamente sendo compreendidas precisam de outros problemas¹⁰ e outras incertezas.

A etnografia de rua pelo Bairro Floresta abriu a possibilidade de reflexão acerca daquilo que conduziu a investigação a ele, o pertencimento familiar. A relação entre o pertencimento familiar e o bairro, a partir do percurso com a tia materna que ainda habitava nele possibilitou outras indagações a respeito da memória familiar e sua construção a partir de um pertencimento de bairro.

O espaço dessa dissertação será composto inicialmente de uma avaliação do trabalho desenvolvido com essa tia, Olinda. Pois foi imergindo nas entrevistas realizadas com ela, a partir de uma avaliação do que foi praticado, que pude seguir no pressuposto que relaciona papéis sociais de gênero e transmissão de patrimônio; memória intra-geracional e espaço da casa como centralizador dessas experiências geracionais. E a partir desse pressuposto pude pensar essas relações nas outras famílias que participaram dessa pesquisa.

¹⁰ Cf. B. Malinowski, *Argonautas do Pacífico Ocidental*, 1976, Pag. 26 “quanto maior for o número de problemas que leve consigo para o trabalho de campo, quanto mais esteja habituado a moldar suas teorias aos fatos e a decidir quão relevantes eles são às suas teorias, tanto mais estará bem equipado para o seu trabalho de pesquisa [...] a capacidade de levantar problemas, no entanto, constitui uma das maiores virtudes do cientista”

1.2.1 Olinda Dal-Bó e sua família

Olinda é a primeira das quatro filhas de João Baptista dos Santos, filho de portugueses, que desembarcou no Rio de Janeiro em meados dos anos trinta para prestar serviços militares no Brasil. Registrado brasileiro e natural de Trás-dos-Montes - Portugal, João Baptista trabalhou como auxiliar de artesões e pequenos empreiteiros antes de viajar até Rio Grande, no estado do Rio Grande do Sul, onde conheceu Maria Georgina. O casamento foi rápido, pois como suspeitam suas filhas, Maria já tinha na barriga o primeiro filho do casal, um menino que veio a falecer em Porto Alegre, alguns anos depois. Chegam a Porto Alegre com poucos pertences e pouco dinheiro, e se instalam no que Olinda refere como Bairro Floresta¹¹, na altura da Rua Voluntários da Pátria e Rua Moura Azevedo. João já trazia consigo o ofício de sapateiro, Maria o ajudava na oficina, com o acabamento dos calçados. Nesta residência, em um quarto alugado, nasceu Olinda que tinha um ano quando na enchente de 1941, tiveram que sair às pressas desta habitação em busca de um lugar mais seguro. Com a baixa das águas e a ajuda de alguns dos primos de Maria, que também moravam no bairro, alugaram uma peça na Rua Ramiro Barcelos com Voluntários da Pátria, onde viviam e onde funcionava também a oficina de trabalho de João Baptista. Essa peça tinha saída para rua e segundo Olinda era um “porão habitável” onde tinham como vizinhos outras famílias, uma delas dessa prima de Maria. Esse porão era parte de uma imensa casa, que na época da entrevista funcionava como uma grande loja de tecidos. Como contou Olinda, a grande casa era de uma família que em profundo descenso social alugava essas partes externas, chamadas por ela de “porões”, e também alugava no interior da casa, quartos para rapazes solteiros cuja entrada era feita pela Rua Voluntários da Pátria.

Essa separação espacial que ressalta Olinda, conforme Roberto Da Matta possibilita pensarmos as segmentações sociais e econômicas a partir do espaço¹² (Da Matta, 1997:30). As entradas separadas, a dimensão do familiar dada pela terminologia do porão, elas ressaltam um reforço de distinguir, de um lado o privado familiar de

¹¹ Cf. S. da C. Franco. Porto Alegre: Guia Histórico. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 4 Ed. 2006 Pag. 175, Os limites do bairro só foram fixados em 1959, em razão de lei municipal n. 2.022. A localização dada por Olinda antecede essa lei e o trecho referido já estaria dentro dos limites do Bairro Navegantes e São Geraldo. Essas delimitações, todavia, são relevantes, pois, evidenciam diferentes disciplinamentos do espaço, através do tempo e como os jogos da memória, também estão integrados a eles.

¹² Quando negociamos as caminhadas pelo Bairro, não foi sugerido nenhum percurso específico. Usando uma muleta na época, em razão de uma fratura na canela, Olinda levou-me a essa residência de sua infância e segundo aponta Da Matta (1997:32), as escolhas narrativas não podem ser pensadas sem levar em conta o espaço de enunciação, nesse caso construído pela caminhada.

outro o espaço da casa grande, onde havia circulação de homens solteiros e onde Olinda estava proibida de entrar.

Sobre os sentidos reunidos em torno da imagem do porão, Gaston Bachelard (1989) sobressai seu princípio de obscuridade, um “ser que participa das potências subterrâneas” (Bachelard, 1989:36), da mais profunda intimidade. Compreendendo a casa como “um corpo de imagens” o autor irá ressaltar a polaridade vertical entre o sótão e o porão, para pensar a imaginação da subida e da descida e as diferentes imagens ligadas a essas duas ações. Quando Olinda usa porão para falar da sua antiga casa ela evoca raízes profundas em relação ao Bairro Floresta, vincula a lembrança dos percursos de infância como razão da sua permanência como moradora do Bairro até os dias de hoje.

Pensando nos espaços íntimos, o porão para Bachelard é onde a racionalização “é menos rápida e menos clara” (Bachelard, 1989:36), ele reúne imagetivamente expressões de uma intimidade profunda, arcaica. O uso do recurso diminutivo para nominar a casa parece estar mais ligado a essa representação acolhedora do porão, e menos para a pequena metragem do espaço em que vivia Olinda, com suas outras três irmãs, sua mãe, seu pai e onde funcionava na parte da frente, a sapataria da família.

- Não tinha essa calçada é óbvio, o casarão vinha até aqui, lá um velho prédio olha, vinha até ali. Aqui era o armazém, era um armazém grande, eles moravam ali, e aqui o não existe o menor vestígio do cabaré que eu te falei, eles remodelaram tudo.

Digamos aqui fosse a casa do Salvador, aqui, e aqui era o porãozinho do pai, um porão que descia dois degraus, por isso que encheu de água. Ali é Gaspar Martins e bem na frente tinha a Paner do Brasil os Hidroaviões ficavam ali, então, mais ou menos aqui, era o porãozinho do pai. Esse chão aqui nós fazíamos todos os dias.

O cabaré de que fala Olinda ficava em cima do armazém da “comadre portuguesa” num imóvel que já não existe mais. As mulheres que trabalhavam neste cabaré iam arrumar seus sapatos de taco na sapataria de João Baptista e Olinda ainda criança se encantava com aquele mundo secreto que via da rua, ao observar as cortinas vermelhas do cabaré, no alto deste prédio. Enquanto atravessávamos a calçada em direção a uma construção estilo fabril, de tijolos à vista, situada na esquina em frente ao antigo porãozinho do seu pai, Olinda ia conversando sobre o armazém que antes ocupava o lugar da fábrica, nessa mesma esquina.

- Era armazém, mas tinha um corredorzinho que o velho português botava umas mesinhas e ali tinha restaurante também, a portuguesa, era enorme aquilo ali, fazia comida, dava comida ao meio dia, dava tudo. Uma peculiaridade desse português, eu não gostava muito dele, ele cantava hinos

sacros atendendo as pessoas... Eu tinha uma gana daquele velho, porque dava a impressão que ele, mas ele prestava atenção, ele sabia o que tu querias, mas ele cantava todo o tempo. Mas é uma história bonita, meu Deus!

À medida que avançamos, pela Rua Voluntários da Pátria, em direção ao Bairro Navegantes, Olinda lembrou as histórias de sua infância e relacionou construções que ainda existiam, às pessoas que faziam parte da sua rede de relações nessa época. À medida que se deparou, com prédios e casas que não existiam mais, lamentou pelo “progresso” e reconstruiu o espaço das construções com os braços, desenhando no vazio o limite que no passado as casas tinham em relação à rua; as entradas e as saídas, e quem entrava e saía delas.

- Ta lá. Quaker aveia em flocos, aqui era o corredor da Quaker, óbvio que não era assim, porque tinha casas, pessoas que moravam aqui. Os corredores, em Rio Grande existe muito isso, Corredor da Fábrica Engels, e todo mundo fala assim Corredor da Fábrica Engels, pequenas moradias não sei se era para funcionários.

- Como era assim, um corredor? - pergunto

- Era um corredor. Que deve ser mais ou menos como isso aqui ó, mas... Lógico, tudo é diferente, mas era aqui. Lá no fundo, lá no fundo, uma do lado da outra, mas era uma construção. Aqui eu quase matei o teu avô uma vez, porque existia um senhor uma vez, amigo do meu pai, chamado Quevedo, morava nesse corredor. E eu ia vindo do colégio e ia saindo um caixão, uma pessoa morreu. E eu vi todo mundo que eu conhecia e não via o Quevedo. Eu cheguei em casa, olha, com a imaginação de criança, e a minha era prodigiosa, daí cheguei em casa e disse, pai, tava saindo o enterro, porque eu sempre tive pavor de enterro, caixão, confessionário eram os meus tabus de criança. Não suportava aquelas, eu não suportava nada que era fechado e escuro - ta aqui o corredor ó, esse é o corredor que eu falo, isso era a Quaker né. Bom, eu cheguei em casa: pai tava saindo enterro lá, pai, o Quevedo morreu. Há, há, há. Eu não disse que: eu acho que foi o Quevedo, eu afirmei. E o pai ficou desnortado, bah morreu o Quevedo! E o pai não ia a enterro nem amarrado. Daí uns dias o pai entra no armazém da comadre dele, quem ele vê sentado? Tomando uma cachacinha, existia um copinho pequeno que chamavam de martelinho, tomando um martelinho de cachaça: o Quevedo! Bom, o pai quase morreu! Achou que estava vendo alma do outro mundo. E era tuudo invenção da minha imaginação.

A capacidade de Olinda de narrar o espaço através do tempo, o realizando pela repetição de antigos itinerários no bairro recupera a lembrança de algumas relações sociais como construtoras de espaços que concretamente não existem mais. Nesse sentido seguimos a abordagem de Cornelia Eckert em sua pesquisa sobre a identidade e memória junto a uma comunidade de mineiros de carvão em La Grande-Combe, França, como referencial teórico. Em sua investigação Eckert observa a permanência da

identidade dessa comunidade, mesmo com o desaparecimento dos “espaços reais sobre os quais o grupo fundou sua identidade” (1993:15), neste caso a companhia mineira onde trabalharam gerações de mineiros de carvão e a qual tinha uma “dinâmica recíproca” na construção da vila como aglomeração urbana (1993:17). Aderindo a “identidade narrativa” (Ricoeur, 1991;1994) que permanece em face à dissolução dos espaços reais e provocados pelas narrativas de Olinda Dal-Bó, retomamos Gaston Bachelard, em “A Dialética da Duração”, para refletir sobre os fenômenos temporais. Para o autor o ser “alternativamente perde e ganha no tempo; a consciência se realiza nele ou nele se dissolve” (1988:37). Nesse sentido quando nos referimos ao “jogo da memória” (Eckert & Rocha, 2005:104) estamos nos referindo a um espaço de construção do conhecimento e “estatuto de uma linguagem de símbolos” que reúne um processo de reflexão inteligente. E o fazemos em diálogo com Bachelard, para quem é impossível, “vivenciar o tempo totalmente no presente”, já que a vivência do mesmo não é direta ou imediata, é uma construção que se faz através da dialética do repouso e da ação (Bachelard, 1988:7). Perceber a impressão da duração é ser capaz de observar a substituição das “recordações” num meio de inquietação, pois não há recordação sem o tremor do tempo. Quando Olinda narra suas lembranças sobre as experiências vividas nas ruas do bairro, parece o fazer com domínio de que reviver esse tempo desaparecido é “aprender a inquietude” da sua própria morte (Bachelard, 1988:38).

Na interlocução com Olinda somos levados a pensar nessa construção dinâmica das percepções do tempo, em face da dissolução dos espaços reais que ela como habitante da cidade vivenciou durante o tempo de sua vida. O diálogo com ela foi fundamental na continuidade de uma reflexão acerca do fenômeno relacional entre a construção da permanência e a destruição dos espaços reais na e da cidade.

A evidência da cidade como objeto temporal da qual tratam Cornelia Eckert e Ana Luiza C. da Rocha na reflexão desta como um “repositório de excedente de sentidos” é uma adesão teórica que possibilita pensarmos na cidade como o lugar onde os sujeitos vivem cotidianamente estratégias de negociação da realidade (2005:92). Onde a dialética da construção e destruição das cidades é lócus para reflexão das rupturas e descontinuidades vividas pelos sujeitos no interior dessa paisagem urbana. Uma paisagem que no exercício de superação do “destino mortal da civilização urbana” dura na identidade social, que vibra e constrói a memória dos sujeitos.

A busca pelas distintas vibrações, nas narrativas aqui compartilhadas, possibilita que pensemos como essa rítmica aparece na construção dos espaços

lembrados e naqueles que são esquecidos na concepção daquilo que é “o Bairro Floresta”. O tempo de outrora narrado por Olinda, diante da presença ou da ausência dos seus resquícios concretos – pedaços de uma casa, canteiros de ruas, alargamento das calçadas – foram reveladores do papel do antropólogo como aquele que escuta e interage. Dessa forma, aderimos ao “ambiente de comunicação comum” (Schutz apud Wagner, 1979:32) como experiência fundadora não só da interação do “Outro” com os “Outros”, mas fundadora da relação entre o antropólogo e o “Outro”, e do diálogo que constrói a memória nessa experiência de interação.

Repensando as categorias de um “conhecimento social” (1988:255) Michel Maffesoli declara a dificuldade de trabalhar-se a partir de um sujeito cognoscitivo (1988:203), construtor da idéia de unidade que é altamente redutora da polissemia da existência cotidiana. De acordo com a fenomenologia de Schutz, relacionada à experiência do “nós” (Schutz apud Wagner, 1979:32-33) a intersubjetividade é categoria ontológica fundamental para a existência humana e é em diálogo com ela que buscaremos apresentar as “vozes” que integram essa dissertação. Não como ecos isolados de experiências contextualizadas, mas como resultado da intersubjetividade de sujeitos com diferentes éticas: atores da estética da experiência societal (Maffesoli, 1988:207). Teoricamente, dessa maneira temos condições de observar o que dentro da interação está sendo sensivelmente compartilhado e como a partilha desse sensível evidencia as peculiaridades éticas das histórias pessoais dos interlocutores dessa investigação.

1.3 Revirando o tempo em busca do espaço

Musa da narrativa a memória benjaminiana é breve e difusa, a rememoração, no entanto, a musa do romance, é perpetuadora e heróica. Essa diferença, todavia, segundo o autor, só surgiu quando o romance começou a “emergir do seio da epopéia” manifestando nesse movimento que a deusa épica – a reminiscência – possuía duas formas: uma para a narrativa e outra para o romance. A diferença se deu pela especificidade com que o tempo vibrava em cada uma delas. Enquanto no romance o sentido e a vida, “o essencial e o temporal” se encontram somente no final; na narrativa o sujeito não ultrapassa “o dualismo da interioridade e exterioridade” (Maffesoli, 1988:212), o essencial e a temporalidade se constroem na dialética, e o final não é o fim, é a possibilidade de início de outra história.

A nossa filiação ao conceito de memória se apóia na transitoriedade que acaba lhe dando o título de musa da narrativa. Com sua duração ligada à descontinuidade e não a tangibilidade, a memória - como bem apontam as teóricas da memória como um “espaço fantástico”, C. Eckert e A. L. C. da Rocha - não se configura “apenas num tradicionalismo de cunho nostálgico”. Intangível porque simbólica, ela é perenizada “ordinariamente, no interior das manifestações culturais humanas” (Eckert & Rocha, 2005:116) que constringidas pelas “intimações objetivas”, se fixam “no espaço de estabilidade do ser” (Durand apud Eckert & Rocha, 2005).

Sob essa perspectiva da memória, e da interação como promotora da narração, a experiência com Olinda foi fundamental para vincularmos relações de afinidade e parentesco, experiência geracional e ato da transmissão. Se para Walter Benjamin (1936) a informação “só tem valor no momento que é nova”, a narrativa conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver. Essa capacidade de conservar-se na desenvoltura é a dominante do ouvinte: “assegurar a possibilidade da reprodução” (Benjamin, 1994:210).

Pela dinâmica da reprodução, e pelo princípio de conservação, os núcleos familiares, seriam hipoteticamente espaços privilegiados de construção de memória. A relação dos núcleos com o espaço de habitação, conforme ressaltou Olinda, promove pontos de vista específicos sobre um cotidiano de bairro, delineiam itinerários urbanos e descobrem transformações espaciais da cidade que por sua especificidade, tornam-se invisíveis.

As paisagens construídas por Olinda em nossa viagem pelo Bairro Floresta estão diretamente ligadas a sua vontade de narrá-las. Intrínseca a escuta, como já vimos, a narrativa foi o espaço para o deslocamento do si num “Outro” da infância, e se deu no instante do percurso pelas cercanias de sua antiga casa.

Atualmente¹³ com 69 anos, Olinda casou-se e teve seus seis filhos em diferentes moradias dentro do bairro. Foi, depois da sua irmã mais nova, Lucinda, a filha “que mais estudou”, tendo concluído todo o curso científico. Segundo sua denominação, “uma excelente aluna”, Olinda conseguiu uma bolsa de estudos no Colégio Bom Conselho e dele narra particularmente a descoberta da diferença de classe social que se evidenciava nas roupas e nos tipos de livros que ela tinha em relação às colegas. Trabalhou durante todo o curso científico em atividades administrativas ligadas

¹³ O termo atualidade faz referência ao ano de escrita dessa dissertação, 2009-2010.

a médias empresas, até conquistar um emprego numa repartição da prefeitura municipal por onde se aposentou “muito cedo”, com cerca de 50 anos. Casada com um homem vinte anos mais velho e que lhe auxiliou financeiramente com a conclusão dos estudos, ela “criou” os filhos com a assistência de Serena, uma mulher negra e gorda, que cuidou da casa e das crianças até elas tornarem-se adultas. Serena faleceu trabalhando na casa de Olinda e as crianças, hoje com idades entre 32 e 50 anos, tem fotos e lembranças ligadas a Serena e com frequência a chamam de sua segunda mãe. Com Serena em casa, o espaço da rua narrado por Olinda é um privilégio da sua trajetória social ligada ao trabalho fora de casa e ao convívio com outras mulheres que, também, outrora circulavam pela rua.

- Eu adoro Porto Alegre eu fui fazer aquele passeio¹⁴ e só eu falava dentro do ônibus. Eu fui uma criança que andei muito pouco de condução então... quando a vó vinha a Porto Alegre, nós caminhávamos do numero 33 até a Igreja das Dores, porque a vó vinha a Porto Alegre para conseguir um troquinho era louca por dinheiro. Trabalhava Anelise, era velha, limpava uma igreja, cozinhava, era uma cabeça, que estava 100 anos à frente. A tua vó, já não tinha o jeito dela.

Quando narra os diferentes “jeitos”, da sua vó e da sua mãe, Olinda destaca essas condições distintas entre a mulher que trabalha fora e a mulher que trabalha em casa. Isso, mais adiante, será problematizado a partir das diferentes memórias, construídas por mulheres de duas famílias distintas. Veremos suas relações com o espaço da casa e com a cidade, a partir de como se constroem narrativamente no tempo, num jogo entre heranças familiares, manutenção de estilo de vida e *ethos* familiar.

A ruptura epistemológica, entre ser sobrinha e ser pesquisadora, entre a condição de *flanêur* e a condição de etnógrafa foram processos que produziram sempre mais dúvidas que certezas à medida que os limites de cada definição iam se alinhavando, se transformando e por fim se mostrando. O tema do antropólogo que pesquisa sua própria cidade, seguido por Eckert e Rocha a partir do trabalho de Gilberto Velho, traz a noção de sociedades complexas como um aporte importante para se trabalhar as questões do familiar e do estranho, já que, também lidamos com os processos de rompimento e construção de papéis sociais à medida que nos relacionamos etnograficamente com os sujeitos de pesquisa. Os estudos de família, em especial, trazem uma importante contribuição para a pesquisa nas sociedades complexas, pois, a partir dele a noção de

¹⁴ Refere-se a um passeio pago, promovido pela Secretaria de Turismo de Porto Alegre, que é feito em um ônibus de cobertura aberta. O circuito é concentrado na região “mais antiga” da cidade, o centro, porém abarca bairros como: Bom Fim, Floresta, Farroupilha, Santana.

tempo encontra no parentesco uma chave para se pensar as redes sociais e as transformações da sociedade sob a perspectiva das relações entre as diferentes gerações familiares.

Na discussão sobre a suposta morte do narrador, proferida por Walter Benjamin (1936), em face aos avanços urbano-industriais, dialogamos com Eckert e Rocha (2005) para pensar o lugar do antropólogo na escuta e na escrita dessas narrativas, reinventando a “arte de narrar” (Eckert & Rocha, 2005:47). Atento as formas dos indivíduos ou grupos - esses praticantes ordinários da grande metrópole – se apropriarem do espaço, ele, o antropólogo, busca construir na caminhada da escrita, uma retórica que interaja com as imagens escutadas.

A escolha de Olinda em percorrer a sua casa de infância possibilitou que pudéssemos pensar sobre a relevância desse espaço para as relações sociais entre a parentela, entre os vizinhos próximos, a partir da condição de “morar no bairro”. Os itinerários dela - da casa ao colégio e os percursos que fazia pelas ruas a cobrar de porta em porta os serviços do pai - a constituíram numa narradora privilegiada de um cotidiano de bairro, onde conviviam esferas sociais muito distintas. Sua perspectiva revelou um uso do espaço ligado às relações de trabalho e a forte heterogeneidade étnica devido à presença de imigrantes.

A passagem do tempo está presente na sua narrativa pela tensão: entre a construção desses espaços vividos pela via de sua transmissão àquele que escuta; e pela evidência de que eles fisicamente não existiam mais. Essa tensão, vivida em face ao estado de deslocamento, no caso de Olinda o processo de caminhada pelo Bairro, é um ponto fundamental no objetivo dessa investigação. Nos capítulos seguintes ao descrever o processo de mudança de casa, agregado a sua destruição física voltaremos às reflexões construídas em torno da passagem do tempo, por parte de outros narradores.

A etnografia de rua, inspirada nas andanças do *flâneur* na obra de Charles Baudelaire (Benjamin, 1989), provocou, a partir do deslocamento, a interação e o desdobramento de relações que revelaram usos de espaço diversos (Eckert & Rocha, 2001). O desdobramento promovido por essa narradora, na linha dos estudos da “proxêmica” (Hall, 2005), encadeou a investigação acerca das teorias e “observações inter-relacionadas do uso do espaço” (Hall, 2005:127) por intermédio da perspectiva familiar de quem o habita. Pensar a relação, da construção e reconstrução dos núcleos familiares a partir da experiência de dissolução do ambiente da casa, constitui-se, então em uma proposta de pesquisa. Definindo não somente a cidade como objeto temporal,

mas a mudança da casa como objeto para uma reflexão sobre o tempo, seguimos adiante para observar como ela repercute na construção da memória familiar de duas famílias habitantes da cidade de Porto Alegre.

CAPÍTULO 2

EM BUSCA DO ESPAÇO PERDIDO

A investigação acerca dos ritmos temporais da cidade, além da preocupação com a qualidade e o contexto dos dados pesquisados no fluxo da realização da pesquisa etnográfica, prima por uma busca intensiva a imagens de outros “tempos do acontecer urbano” (Monteiro, 2001:79), disponíveis em crônicas, poesias, monografias, fotografias, sons, vídeos, arquivos históricos, estudos estatísticos. Assim como as imagens estão indissociáveis da produção antropológica, essa última, parte da obra humana e “integrante dos fenômenos da cultura e das sociedades” (Rocha, 2008:1), outras produções também estão. Na adesão a uma etnografia da duração, a preocupação com a autoria é relativizada pelo convite a imersão nos jogos da memória do “Outro”, seja como buscamos mostrar no princípio do capítulo 1, o próprio pesquisador como esse “Outro”. Dessa maneira, na dinâmica da imaginação (Rocha, 2008) essas imagens produzidas convergem em torno de núcleos organizadores (Durand, 2002: 43), na forma de conjuntos simbólicos, que adquirem um estado de constelação. Segundo Gilbert Durand, a convergência, no entanto, é formada mais por homologia, do que por uma analogia de imagens, e isso se torna metodologicamente importante de ser esclarecido por dois motivos. Primeiramente para um esclarecimento da abordagem conceitual que gravita em torno do entendimento que estamos tendo quando nos referimos à imagem. Segundo porque a convergência, apesar de se realizar por atração, “onde os símbolos constelam porque são desenvolvidos de um mesmo tema arquetipal”¹⁵, se dá em diálogo com o antropólogo como narrador (Eckert & Rocha, 2005) figura atuante no interior do processo de interpretação dessas imagens.

Na linha de um estruturalismo figurativo proposto pelo trabalho de Gilbert Durand, no esforço de tornar clara a relevância do método de convergência para a produção de uma etnografia da duração, Ana Luiza Carvalho da Rocha (2008), ressalta o trajeto antropológico como processo fundamental para que consigamos pensar sobre os “eixos das intenções fundamentais da imaginação” (Bachelard, 1990 apud Durand, 2002:41), que polarizam as imagens. O trajeto antropológico seria o “intercâmbio incessante” (gênese recíproca, cf. G. Durand), que existe no nível do imaginário “entre

¹⁵ Cf. Gilbert Durand “os símbolos são variações do mesmo arquetipo” (2002:43)

pensamento e matéria, o sentido e as coisas, o mundo das idéias e o mundo dos objetos” (Rocha, 2008:3), entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que “emanam do meio cósmico e social” (Durand, 2002:41). Explorando a dialética que “funda a coerência entre o sentido e o símbolo” (Rocha, 2008:2), através da observação do trajeto antropológico, podemos pensar na duração dos fenômenos sociais, e das representações a qual eles aderem. De acordo com Rocha, pensar o “fluxo das imagens como parte integrante das formas de pensar o fluxo da vida social” é colocar a produção da representação etnográfica no meio da construção do pensamento antropológico, em suas diversas formas de produção. Por essa razão que as imagens aqui descritas, transcritas e mostradas ou evocadas são oriundas de um processo de coleção. A coleção é o ato de reunião em torno de um núcleo semântico de imagens, fruto do trajeto antropológico produtor da convergência. Nessa dissertação algumas coleções evidenciam-nos uma duração na produção de um conjunto de cidades, da qual Porto Alegre também é integrante. Uma duração que possibilita a criação de diferentes imagens do tempo no trajeto complexo da “adaptação-acomodação” (Rocha, 2008:11), da “acomodação-assimilação” (Piaget, 1978 apud Rocha, 2008:2), ou da “extraversão-introversão” (Bachelard, 1988 apud Rocha, 2008:2) dos pensamentos, movimento produtor do mundo das coisas.

O método das coleções etnográficas proporciona e constrói um deslocamento temporal em razão das diferenças: de fontes, épocas e formatos, que os dados possuem entre si. Porém, nessa dinâmica é possível ter uma perspectiva da cidade a partir dos seus ritmos e da multiplicidade de dados produzidos sobre ela. Quando Gaston Bachelard, em sua obra “A Poética do Espaço”, propõe que pensemos o espaço como um construto da imaginação criadora, repositório de diferentes níveis de intimidade, ele está propondo que pensemos os espaços como imagens. Para Gilbert Durand, todavia, pensar é imaginar, e em sua extensa obra acerca do imaginário, ele investe em evidenciar os disciplinamentos do mesmo no decorrer da construção da história e das disciplinas que promovem a produção de conhecimento sobre o homem, as chamadas “hermenêuticas redutoras” e “hermenêuticas instauradoras” (1988). Para esse autor, o imaginário não é a “infância da consciência” (Alain apud Durand, 2002:21), a imagem não é produto de uma “casa de loucos” (Durand, 1998:13) e longe de ser a “louca da casa” (2002:21), a imaginação, através do “trajeto antropológico” (2002:40) é uma narrativa do mundo.

Ao usar o texto poético como mote para dissertar sobre a construção e a especificidade da narração da intimidade, Bachelard ressalta que o “espaço convida a ação e antes da ação a imaginação trabalha” (Bachelard, 1989:31). Se para ele as regiões de intimidade se reúnem por atração, o ato de imaginar é realizar antes que aconteça, ou seja, é devanear, é pensar, reunir imagens íntimas no exercício do devaneio e assim narrar, contar, viver. Por essa razão que para o autor o espaço é sempre um espaço vivido quando é imaginado por alguém.

No contexto do primeiro capítulo, quando Olinda narrava seu porãozinho à medida que caminhava pelas ruas do seu bairro de infância estava construindo, segundo Bachelard, um movimento próprio para fazer repousar o passado. Construindo um espaço onde ela pudesse se encontrar numa situação de onirismo, pois nessa condição, ela possibilitaria que interpretássemos a constelação de imagens evocadas na narração, por exemplo, da imagem do porão.

A investigação do espaço urbano, que se iniciou pela experiência etnográfica com Olinda, se desenvolveu no sentido da observação do tempo que ela comprimia na narração do espaço da sua infância no bairro Floresta: desenhando formas por cima dos lugares vazios e dos edifícios modificados. Pareceu-nos relevante observar a existência desse tempo comprimido em uma etnografia junto a casas como aquela da qual Olinda havia crescido: um espaço, que operava como um “arranjo de instantes”, restituindo aquele que o viveu na dinâmica do tempo passado e do tempo presente.

Dessa forma, observando através da dinâmica dos ritmos temporais e da noção de uma paisagem urbana que considera “as exuberâncias e riquezas de um tempo descontínuo” (Rocha, 2009:103), promovi - munida de câmera fotográfica - saídas etnográficas em outras ruas que não as do Bairro Floresta. Impregnada das lembranças narradas por Olinda pus-me ao mesmo tempo a caminhar: por outras ruas, numa espécie de *flannerie* do homem que anda “um devaneio do caminho” (Bachelard, 1989:30); e a caminhar: no interior de imagens de acervo, em outras épocas da cidade de Porto Alegre. Buscava diálogo com outros produtores de imagens, ou seja, outros narradores, para pensar sobre essa cidade que se transformava; essa cidade que guardava espaços através do tempo. Em busca do espaço perdido, reuni narrativas de outros moradores do Bairro Floresta e outros habitantes da cidade de Porto Alegre que, também, estavam atentos a mobilidade e a heterogeneidade das formas urbanas.

Ninguém falava em Cristóvão Colombo, rua da Floresta diziam todos, e que nome sugestivo, acenando à imaginação com uma espessura verde e fresca,

incompatível com as casas e as calçadas, mas por isso mesmo, ainda mais impregnada de misterioso encanto. Por ali passavam as coisas surpreendentes do dia-a-dia, as carroças do lixeiro, do padeiro e do leiteiro, e as que tomavam o rumo da praça, carregando aos poucos as terras do barranco. A carroça amarela da Padaria Três estrelas, trazia nos tampos o letreiro encarnado: Padaria ***.

Eu não sabia soletrar, mas as três estrelas iluminavam de um sentido evidente a inscrição engenhosa [...]

Havia então muita casinha de porta e janela na Floresta, muita chácara e terreno vago, muito buraco e pedregulho. [...] Muros emendavam em cerquinhas humildes, cresciam tufos de capim entre as lajes soltas e, ao fundo das chácaras, azulejava à sombra a fachada branca dos casarões sob as altas paineiras. [...] No silêncio de uma travessa perdida, o perfume das glicínias e das frélias enchia toda a manhã do arrabalde. [...]

(Segredos da Infância, Augusto Meyer, 1996:31)

Em sua tese de doutorado, sobre a produção da história de Porto Alegre, em 1940 e 1972, o historiador Charles Monteiro¹⁶ ressalta a subjetividade dos cronistas da cidade, na construção de suas imagens sobre ela. Ligado ao campo teórico e metodológico da Nova História Cultural, Monteiro trabalha os “lugares de memória” dos autores, destacando a presença do “eu do autor” na produção delas. De forma mais evidente quando tratamos da imagem figurada da fotografia, os enquadramentos e posicionamentos construtores das imagens narradas, no texto, parecem solicitar mais atenção. Charles faz esse exercício com pelo menos dois narradores importantes da cidade, Nilo Ruschel e Aquiles Porto Alegre, de forma a destacar a construção do sujeito narrativo no jogo do processo de recordação. Sobre o sujeito Aquiles Porto Alegre, ele destaca a relação do “Eu” com o espaço urbano, mostrando no texto do autor, como: “a praça”, vira “tradicional praça”; “a catedral”, vira “antiga catedral”, o eu presencial do sujeito, se transforma na experiência urbana coletiva, ressaltada pelo “a nossa cidade”, “o nosso passado”. Trabalhando com períodos onde Porto Alegre, passava por profunda transformação política e econômica, Monteiro destaca trechos de crônicas, revistas e álbuns comemorativos produzidos nessa época, buscando sempre delinear o contexto de produção dessas memórias: contexto de profunda mudança.

A “modernização de patola” promotora de uma transfiguração da experiência urbana em vários dos espaços da cidade modificou práticas espaciais, costumes e cotidiano. Eram contextos de mudança, que tinham uma especificidade narrativa de um presente que se projetava para o futuro, através da evolução do passado. O trabalho de

¹⁶ Monteiro, Charles. Porto Alegre e suas escritas – Histórias e Memórias (1940 e 1972). Tese de doutorado, PUCSP, 2001. Pag. 263, 264, 265, 393.

Monteiro (2001) evidencia bem os valores agregados a essa modernização e a condição de autoria daqueles que a estavam narrando.

No trecho do texto da página anterior, porém, sentimos que o presente do autor narra o passado em outro tom, que não o tom do testemunho, ou o de evidência de um patrimônio coletivo. A melancolia é delineada nas descrições dos cheiros e na variedade da flora; e o coletivo do “nosso” é, prontamente esquecido em pró da exploração da subjetividade do “eu”. Aderindo ao “eu” morador do bairro e ao “eu” menino no bairro, Meyer busca na descrição dos sentidos táteis e sonoros, uma tentativa de evocar o olor das formas, o tamanho das casas, a distância dos percursos do tempo da sua infância. Uma estilística inspirada, provavelmente, no dispositivo do cheiro das *madeleines* de Proust¹⁷ onde, ao sentir o aroma através do presente o personagem é lançado ao passado involuntariamente. Tanto em Proust como em Meyer, a “tragédia da cultura” (Simmel, 1935; 2006) encontra na melancolia seu espaço de repouso, e é nela que literariamente se expressa a impossibilidade¹⁸ de voltar-se ao que era antes.

O que nos interessa no diálogo com esses textos, para além de eles estarem lidando com a mesma matéria que lidamos aqui: o tempo em movimento, é evidenciarmos que para Olinda, por exemplo, a transmissão do seu reencontro com o passado só é possível pela via da tragédia. Não foi sem propósito, que ela me levou a um caminho por entre prédios transformados, ruas modificadas, e a sua casa natal; aquele espaço era a evidência do tempo perdido e nele também a possibilidade de reencontrá-lo.

2.1 “Uma casa com gente dentro, ela não cai né”

As formas urbanas que remetiam a pergunta sobre “outros tempos” da cidade foram, então, descobertas em crônicas, recortes de jornal, revistas, álbuns e entrevistas já realizadas por outros pesquisadores no Banco de Imagens e Efeitos Visuais - BIEV, minha principal fonte de pesquisa em acervo. À medida que avaliava a produção escrita

¹⁷ Marcel Proust autor francês nascido no século XIX, é autor da obra *Em Busca do Tempo Perdido*, que é composta de sete romances que primam pela narrativa descritiva que explora as sensações e emoções vividas no presente na sua capacidade de evocação do passado.

¹⁸ “Só estava curioso, ávido de conhecer, aquilo que julgava mais verdadeiro que eu próprio, o que para mim possuía o valor de me mostrar um pouco do pensamento de um grande gênio, ou da força ou mesmo da graça da natureza, tal como se manifesta quando entregue a si mesma, sem a intervenção dos homens. Assim como o belo som da voz de nossa mãe, reproduzido isoladamente pelo fonógrafo, não nos consolaria de a termos perdido, também a tempestade, mecanicamente imitada, teria me deixado tão indiferente [...]” Cf. M. Proust, *No Caminho de Swamm; À sombra das moças em flor*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. Pag. 299.

e fotográfica de campo, buscava na etnografia de rua “um convite a aproximação mais duradoura” (Eckert & Rocha, 2002:8), um encontro com narradores que pudessem a partir de sua vivência na cidade, narrar sobre sua perspectiva, o espaço dela. Em uma pesquisa no acervo do BIEV, tive contato com uma entrevista¹⁹ realizada no contexto de uma saída de campo no Bairro da Aldeia, em Cachoeira do Sul, Estado do Rio Grande do sul. Essa mulher, de aproximadamente uns cinqüenta anos havia sido interpelada pelo grupo de antropólogos que fazia um trabalho de campo na região. Eles pediam que ela contasse a eles algo sobre o lugar onde morava: os fundos de um terreno onde havia na frente uma antiga casa em ruína. A casa em questão foi buscada pelo grupo de antropólogos por ser a casa mais antiga da cidade, conhecida como “A Casa da Aldeia”. Era um dia de muita chuva e ao chamar por alguém desde o portão da rua os antropólogos foram recebidos por essa senhora que prontamente os mandou entrar por causa da borrasca. Ela era uma mulher negra, adiposa, que vestia roupas escuras e muito simples, uma camiseta, um chinelo de dedo e uma bermuda de lycra. Questionada sobre a “história da casa” a senhora disse que havia morado ali por muito tempo. Os três seguiram andando até o interior da casa, que em razão dos imensos buracos no telhado não os abrigou da água. Lá dentro ela disse que morou ali até ser retirada pela dona e herdeira do imóvel.

A imagem gravada pelos entrevistadores era de uma mulher falando entre paredes mofadas, esburacadas e caídas. Ao fundo se via um buraco amplo onde entrava a luz da rua, um espaço que em algum momento devia ter sido a janela de um cômodo. O telhado estava caindo e o piso nada mais era do que imensas fendas unidas por tábuas de madeira compridas, colocadas entre as vigas, e que eram o único caminho possível de ser feito, para que os pés ficassem livres da grama molhada. Apesar da aparente ruína, dona Nice²⁰ falava daquele espaço como uma casa.

Dona Nice, hoje morava “atrás” num cômodo que ajeitara nos fundos do mesmo terreno. Não deixou de ressaltar durante a conversa, enquanto apontava para o teto e para as paredes esfareladas, que considerava o estado da construção “um estrago e uma judiaria”. Dizia que a casa não era grande, “mas para pobre estava bom”. Anos

¹⁹ Entrevista realizada, em vídeo, na cidade de Cachoeira do Sul em junho do ano de 2003 por alunos da disciplina de Antropologia Visual, ministrada no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS, pelas professoras Cornelia Eckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha. Por ocasião de minha Bolsa de Iniciação Científica / CNPq, fui responsável pela edição do material gravado pelos alunos, de modo a finalizá-lo no formato do documentário em DVD, um vídeo chamado: *Tempos Vividos e Narrados – Etnografia Visual e Sonora nas Ruas de Cachoeira do Sul*, NTSC / 42 min / MiniDV / 2005.

²⁰ Optamos por usar um nome fictício para essa interlocutora.

depois pesquisando sobre essa casa no site do jornal da cidade²¹ soube que ela foi comprada, meses depois da entrevista, por uma Organização Não Governamental de Cachoeira do Sul - ONG Defesa Civil do Patrimônio Histórico (Defender). Nesse mesmo jornal dizia que a organização havia investido na proteção das ruínas dessa construção, colocando tapumes altos em torno dela e uma lona na parte de cima de forma a proteger o telhado das intempéries. Na ocasião da entrevista, Nice disse que também havia investido na proteção do telhado, porém com telhas “brasilit”, que ela mesmo comprara para tapar os lugares onde as telhas já haviam caído. Com data de construção de 1848, a Casa da Aldeia provavelmente ficou muito tempo desocupada até Nice ir morar ali. Em 2003, época da entrevista, ela também não morava mais na casa, mas foi enfática, enquanto apontava para as paredes tombadas e os furos no assoalho e no teto: “uma casa com gente dentro, ela não cai né, depois que eu sai é que ela ficou assim, é uma casa boa essa, mas tá assim”.

As palavras de Dona Nice, retiradas dessa entrevista em Cachoeira do Sul, permitiram a realização de novas perguntas a um fenômeno que já vinha sendo observado nas fotografias retiradas durante o processo da etnografia de rua, realizado no: Bairro de Ipanema, Bairro Floresta, Bairro Rio Branco, Bairro Moinhos de Vento, Bairro Petrópolis, Bairro Santana e Bairro Cidade Baixa. O fenômeno da ruína.

2.2 A pergunta da ruína

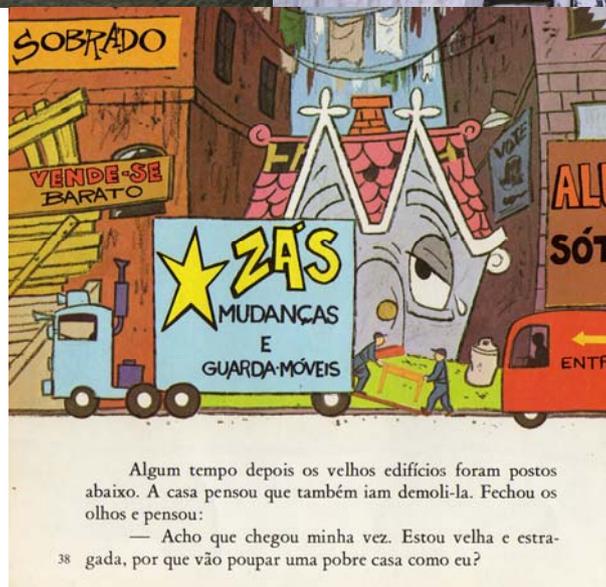


“uma tragédia cósmica que envolve aos nossos olhos, toda ruína nas sombras da melancolia: porque então a destruição da obra arquitetônica aparece como a vingança da natureza contra a violência do espírito que a modelou e conformou a sua imagem e semelhança”

(As Ruínas, de Georg Simmel, 1935:212)

A evidência de uma quantidade de casas fechadas, a venda, ou para alugar, ou definitivamente em ruína como a casa de Dona Nice chamou a atenção para a relação do espaço da casa e a discussão acerca das políticas de patrimônio e de planejamento urbano.

²¹ Disponível em [www.jornaldopovo.com.br], acesso em abril de 2008.



Como pude perceber, no curso das minhas caminhadas, essas casas dentro de meses e às vezes semanas eram destruídas para darem lugar a outros tipos de construção.

Primeiramente, nomeiei essas casas, de “casas velhas” na tentativa de me referir a um tipo de moradia: com cinquenta anos ou mais; que ocupava terrenos muitas vezes privilegiados economicamente dentro da dinâmica do mercado imobiliário da

cidade; e que estavam desocupadas. Eram, no entanto, casas que para aqueles com quem conversava no decorrer das minhas caminhadas pela rua, casas cheias de história.

A justificativa para o fechamento da casa por parte dos vizinhos delas girava em torno da mesma premissa, a morte de algum familiar aliada ao tema do litígio entre herdeiros. Essa “morte anunciada” do imóvel fazia dele um indicativo de uma iminente transformação no espaço da rua e nas dinâmicas de vizinhança, pois a casa, passado o tempo dos processos ou das resoluções judiciais teria como destino a demolição. Para chegar até essas histórias de família ligadas a casa era preciso chegar até os herdeiros da mesma e isso não foi possível através dos vizinhos, pois geralmente eles tinham ligações com a pessoa que morreu e não tanto com aqueles que haviam herdado a casa. Geralmente os filhos, algumas vezes os sobrinhos do morto eram pessoas consideradas desinteressadas pelo bairro, conforme diziam os vizinhos. Viviam longe dali e estavam empenhados em se desfazer do imóvel “velho”. Sobre esse conflito geracional gerado por distintos interesses ligados a valores de habitação e estilo de vida, Juliano, ressaltou o papel econômico da propriedade como um fator importante na decisão da venda do imóvel:

- É porque se vender para construtora, sabe como é que é, é para construir prédio né. Aqui, aqui por um lado me deu até uma tristeza né, a dona Cristina até não tenho muita relação, mas a dona Terezinha nós tinha uma relação com ela aí, bah, ela é uma veinha muito camarada, ela saiu, bah, ela saiu aí, ela saiu como posso dizer, forçada né, ela não queria sair, o marido dela faleceu há uns anos atrás, aí os filhos começaram a tomar conta e ela não queria sair e aí, bah ela vem aí e se emociona, toda hora que ela vem, ela vem quase todos os dias aí.

- Faleceu o marido e ela ficou sozinha? – questiono Juliano

- Ela ficou sozinha, aí os filhos ficaram com ela e tudo, ela tem duas filhas né, é muita ganância né, como eu falo, é muita ganância, tem e querem mais, aí é complicado. Eu mesmo, para mim assim, eu sou uma pessoa do interior, eu sou uma pessoa humilde, eu sou uma pessoa que fui criado assim, com humildade, com simplicidade, respeito todo mundo para ser respeitado, se tiver que, sou um cara sincero, sou uma pessoa sincera, assim sempre carismático com todo mundo procuro ser, mesmo que não seja comigo eu procuro ser, mas assim esse tipo de coisa assim, eu para mim eu, é complicado porque no interior não é assim, por exemplo, a minha vó faleceu faz de um mês, e a minha vó tem sete irmãos, cujo um dos irmãos é a minha mãe, e não pensaram em nada, não pensaram em dividir, tá lá como tá, não foi vendida, não foi alugada, tá lá. Que dizer, é uma coisa que eles não tão pensando e nem pensaram antes de ela falecer, pois aqui, deus que me perdoe, mas aqui antes da velinha falecer já venderam a casa.

- Ela é bem velinha? – pergunto sobre a idade de dona Terezinha

- Ah ela tem mais de oitenta anos. [...] vem com as filhas, ela tá morando com a filha e com o genro, então é... ah, o nome eu não sei, sei que essa aí que é onde ela está morando é lá perto do estádio beira rio, estádio do inter, na zona sul, perto de Ipanema.

- E a casa vazia? – questiono

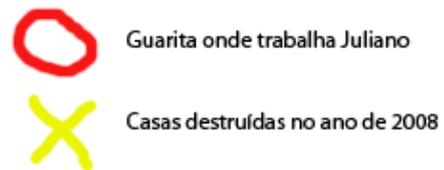
- *Ta vazia agora, levaram tudo! Só que o que, que fizeram, levaram tudo, uma parte ficou com a no caso com uma das filhas, a outra ficou com a mãe do genro, entendeu? E aí, para onde vai as coisas? Tu acha que vai ficar com ela, e aí tão prometendo disseram que compraram um apartamento na [Rua] Praia de Belas só que tão esperando reformar ele, vamo ver, tomara a deus que seja verdade, que ela não seja de uma de tantas que eu já vi e já presenciei, também, aqui em Porto Alegre do fim ser um asilo, do final ser um asilo. É, é complicado, é brabo isso aí. Eu mesmo, eu sou filho único, minha mãe tem casa própria em Dom Pedrito, entre Bagé e Livramento, lá na região da campanha e ela tem campo, tem carro, tem tudo e eu não penso e por essa razão que eu não penso e não to pensando, que eu já sai de lá para não ficar dependente deles, para não ficar pegando o que não é meu e vim para cá para uma cidade, que há um ano e pouco eu to aqui e não conhecia, e ter minha própria dependência. Criar minha família, com minhas próprias forças, claro que algumas vezes quando eu tive meus dois filhos doentes eu, um com pneumonia e outro com bronquite, tiveram no hospital Santo Antonio, aí eu tive que, ela veio me ajudou, aí tudo bem, eu precisei porque é só eu e ela. Toda a vez assim não penso, não peço, se tiver que eu conseguir, não por orgulho, não sou orgulhoso, mas eu to tentando fazer isso aí para os meus filhos futuramente serem iguais, não serem tão dependentes, serem entre eles, fazerem por eles, como eu to tentando fazer por mim e pela minha família, então, até alguns acham, não, tu é orgulhoso, não é orgulho, é uma coisa assim, eu já apreendi, o pai mesmo, o pai e a mãe já me ensinaram, passou do quartel, tu tenta ser independente o máximo possível, tenta ter tuas coisinhas o máximo possível, tenta lutar, trabalha, não te envolve em droga, não te envolve em bebida, eu mesmo não fumo não bebo, não tenho vício, não sou consumidor de droga nenhuma. Meu único vício é jogar futebol. (eu rio) Isso eu jogo, jogo futebol desde pequeno, jogo nesses campeonatos aí, mas é meu único vício. Quer dizer então que eu não penso... No caso é isso aí né, porque como é que vão vender uma coisa que ela não queria sair...*

- Não queria? – pergunto

- *Não a principio não, o seu Raul, o seu Raul e a esposa dele cansaram de dizer, ela não queria sair, tão forçando ela a sair, forçaram ela a sair, é a ganância né, claro que isso aí, até, eu to comentando aí para ti, porque isso aí fica só no caso aqui né, to dizendo por mim, e o pessoal que ta sempre ao lado dela né, (aponta com a sobancelha para a casa do seu Raul, em frente), isso aí é uma coisa que é chato, eu tive sempre convivendo com ela conversando com ela, o máximo que ela precisou eu sempre tava, porque ela mora sozinha, dormia e morava sozinha né, fica brabo isso aí, quando menos se espera deram prazo para ela sair, e assinaram, eu vi quando assinaram o contrato dela, fizeram um círculo ali com a construtora e tudo, levaram ela para dentro, quando ela voltou já tava com o contrato assinado. Pô, então fica brabo né? E o que levaram de coisa daí, os filhos, bah, tinha que ter, tu tinha que ter gravado isso aí.*

Juliano trabalhava cuidando das casas em uma rua do Bairro Petrópolis que tinha início na Avenida Ipiranga e terminava em uma rua paralela a Av. Protásio Alves. Como ele disse tinha chegado à cidade fazia “um ano e pouco”, começara morando com um amigo na Vila Fátima Pinto, e logo na primeira semana conseguiu trabalho “fazendo mudança de prédio”. Em um mês já começou a “trabalhar em segurança”, em uma

empresa no Bairro Passo d'Areia. Em seguida trocou para outra empresa, que agora lhe “assinava carteira” e passou a trabalhar na mesma rua em que está hoje. A empresa, todavia, faliu e a outra que veio, com sede no município de Viamão, lhe contratou, sendo que assim, já trabalhava no bairro há pelo menos um ano. O “setor” de Juliano abrangia uma quadra inteira, a quadra central da rua.



Meio e Fim da Rua Dario Pederneiras, Bairro Petrópolis.

Gravamos a entrevista durante o seu período de trabalho. Sentado no interior da guarita de segurança, ele conversava comigo, porém sempre atento ao movimento da rua. Cumprimentava os transeuntes conhecidos, os vizinhos, os empreiteiros e corretores que circulavam na região. Controlava os carros que entravam nas garagens vizinhas a sua guarita sempre com sorriso e um abano de mão. Era um homem baixo,

magro, de tez morena, cabelo raspado, trinta anos de vida. Era morador de uma casa no Bairro Bom Jesus, onde vivia com a esposa e os dois filhos pequenos.

Em seu relato Juliano mescla ganância, injustiça e parentesco para comparar o seu contexto familiar e de “criação” com o contexto da família de Dona Terezinha. Se olharmos esse relato levando em conta a noção de um “projeto”²² (Schutz, 1979 apud Velho, 1999) de família chegaremos até uma diferença implícita ao relato de Juliano que é o de classe social. Apesar de pertencer a uma classe trabalhadora o projeto familiar de Juliano é um projeto centrado na sua família nuclear. Ele aciona as redes de solidariedade e as relações de parentesco extenso quando necessita de ajuda econômica, porém, em geral, o parentesco e a noção de geração aparecem vinculados aos valores herdados, não a propriedade herdada. A “ganância” parece estar relacionada com um desrespeito ao ancestral da família ou ao não reconhecimento do mesmo e da importância do espaço de moradia desse ancestral e das “suas coisas”. Juliano vincula esse desrespeito à noção do interior e do exterior, esse último, a cidade de Porto Alegre. Conforme Bachelard (1989), o “interior e o exterior não recebem do mesmo modo os qualificativos” (Bachelard, 1989:219) que são a medida da nossa adesão às coisas. Eles formam uma “dialética do esartejamento” onde a geometria evidente nela “nos cega tão logo a introduzimos em âmbitos metafóricos” (Bachelard, 1989:219). Metaforizando o interior vinculante e a cidade dura, Juliano não enxerga os vínculos que mesmo na cidade hostil ele foi capaz de fazer e perpetuar, como aqueles com Dona Terezinha, cuja idéia de rompimento, com a extinção da casa o deixa triste.

Como promotor da segurança da rua, Juliano era muito atento aos movimentos da mesma e tornou-se um interlocutor privilegiado para questionamentos sobre as transformações no bairro. Transformações, como as narradas anteriormente por ele, da venda da casa de Dona Terezinha, que modificavam esteticamente a rua, à medida que modificavam também as relações sociais de afinidade e de trabalho nela.

Como fazia bastante frio, brinquei com a forma da sua guarita – uma casinhola branca, com uma porta e vidros que pareciam janelas – e em como ela se parecia com uma casa. Ele rapidamente respondeu:

²² Cf. Schutz “conduta organizada para atingir finalidades específicas”.

- *É, exatamente, porque aqui é minha segunda casa²³, eu passo a noite em casa, doze horas em casa e doze horas aqui. O único dia que eu passo 24 horas com a minha família é no domingo. Então quer dizer que aqui é como se eles fossem meus vizinhos né, como se fossem meus segundos vizinhos então é... Bah quantas vezes já ai me ajudaram com remédios para minha família, não tem, por isso que eu digo, precisar sempre de mim aqui eu to sempre as ordens, se eu continuar ai trabalhando com eles ai, não vendendo as casas lógico, vou continuar, mas a principio eu acho que tão cedo eles não vão vender. Pelo que eu to vendo ai pelos moradores, já vieram sondar, a imobiliária e os corretores, eles não, só pegavam o telefone “ah quem sabe um dia” e ai deu. Tem uns que nem atender não atendem, nem atendem...*

Ah não, por exemplo, pega um, uma, duas casas dessa aqui da para fazer um baita prédio, maior que esse daí (aponta para o prédio da frente), da para fazer. Pega por exemplo a casa ali do Dr. Paulo Brossard, a entrada dela é aqui e o final é la na Corte Real, olha o prédio que faz, faz um prédio de entrada e saída, só a casa dele, a do Coronel, pega a do Coronel e essa aqui do lado faz um baita prédio também, então é brabo isso ai.

- Por isso que eles já querem comprar tudo junto? – pergunto sobre a ação dos compradores

- *Exatamente, o seu Moisés ali do lado do prédio ali, reformou toda a casa dele, ali do outro lado daquele prédio ali, reformou toda a casa dele e já disse que não ta a venda, não vou vender. O seu Moises é dono de... Daqui é um dos mais bem de vida, é dono de hotéis, pousadas, tem um hotel parece que em santa Catarina que ele é dono também, ele é bem. Aqui os mais bem credenciados da rua aqui é o Luiz Coronel, o Dr. Paulo Brossard, Dr. João, é os mais bem credenciados, e são os mais visados né. Por exemplo, o Dr. Luiz Coronel e o Dr. Paulo Brossard, são os mais visados né, porque estão sempre na mídia né. Sempre na televisão.*

Em sete de janeiro de 2009, conforme mostram as imagens de satélite do *software* de imagens *Google Earth*, a Rua Dario Pederneiras continha 13 prédios, 31 casas, sendo que 5 delas haviam sido demolidas no ano de 2008, época em que entrevistei Juliano. Vindo do interior do estado do Rio Grande do Sul, Juliano estranhava e lamentava a venda massiva de casas na rua, pois para ele essa condição, também, colocava em risco o seu trabalho. A construção de prédios não mudava só a paisagem da rua, ela modificava a dinâmica de circulação²⁴ na rua também. Cada novo prédio vinha com um novo guarda particular, responsável pelo controle da entrada e da

23 Segundo o Código Civil Brasileiro, no Capítulo III, Título III, Do Domicílio - Art. 72: “É também, domicílio da pessoa natural, quanto às relações concernentes à profissão, o lugar onde esta é exercida. Parágrafo único. Se a pessoa exercitar profissão em lugares diversos, cada um deles constituirá domicílio para as relações que lhe corresponderem.” De acordo com o Dicionário Houaiss, Ed. Objetiva, 2001, a palavra domicílio pode significar: “1. residência habitual de uma pessoa; casa, habitação; 2. lugar (cidade, distrito, região etc.) onde se situa essa habitação; 3. local onde se considera estabelecida uma pessoa para os efeitos legais, onde se encontra para cumprir certos atos ou onde centraliza seus negócios, atividades, não forçosamente o lugar onde dorme”. Entendemos dessa forma, em diálogo com Juliano e com o uso do termo “segunda casa” para falar do espaço de trabalho, que diferente de residência, domicílio ainda assim constitui um vínculo de habitação.

²⁴ Sobre esta questão ver o capítulo “A implosão da vida pública moderna” In: Caldeira, Teresa P. do R.. *A cidade de muros*. São Paulo: Ed. 34/Edusp, 2000. Pag. 301.

saída de veículos e de pessoas. Essa figura acabava dispensando o trabalho do guarda de rua, já que os prédios tinham esquemas de segurança internos, câmeras e luzes que controlavam desde o lado de dentro as calçadas e o movimento dos transeuntes.



Início da Rua Dario Pederneiras, Bairro Petrópolis

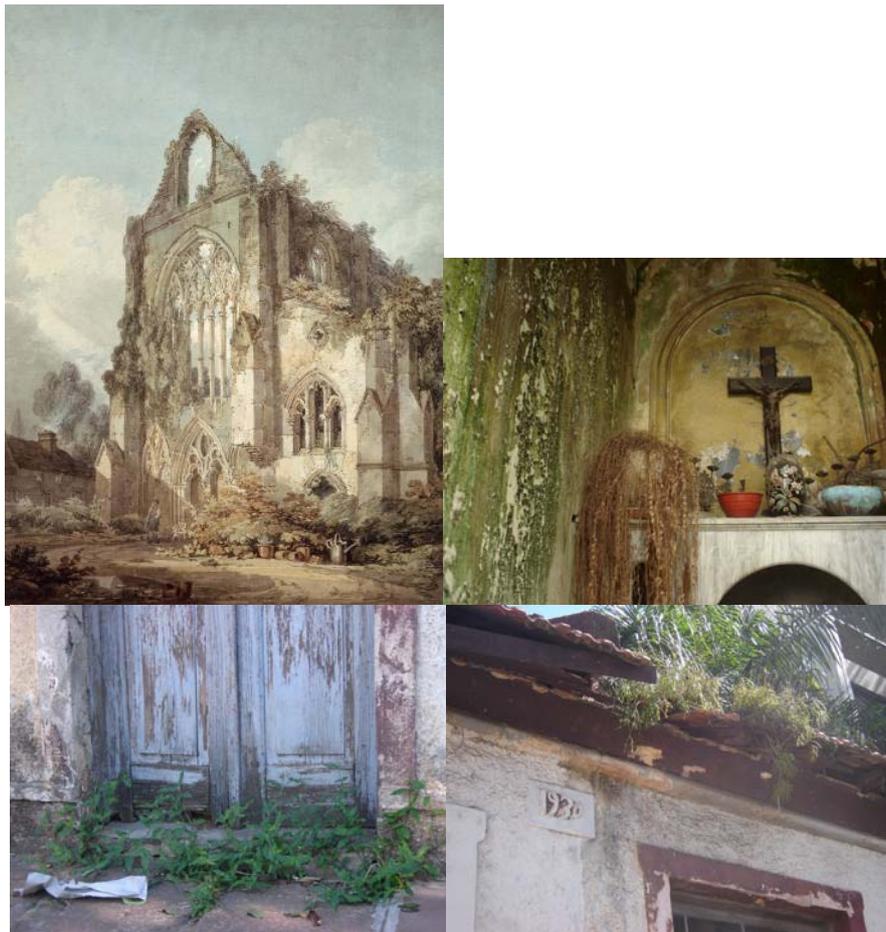
As casas ainda existentes tinham terrenos muito extensos. Havia me chamado atenção um deles, que media 2.900 metros quadrados e do qual havia fotografado em 2006, quando a casa que ocupava o centro do solo, ainda estava de pé, porém desocupada. Segundo Juliano o terreno estava vazio por determinação “do meio ambiental”, que não havia aprovado o projeto de construção no terreno, porque o mesmo previa o corte de muitas árvores.

Nos processos de transformação urbana em Porto Alegre, narrados por Monteiro (2002) nas décadas de 40 e 70, a “violência e a arbitrariedade” do processo de modernização era notado no cotidiano²⁵ do espaço público da cidade - com destruição massiva de casas, estabelecimentos comerciais, edifícios pequenos, malocas – ou seja,

²⁵ “É um absurdo – protestam os indignados cidadãos porto-alegrenses diante da febre de demolições que acometeu a capital nesses últimos tempos. ‘Onde vai morar essa gente que fica sem teto de uma hora para outra? Na rua? Isso até é caso de polícia...’ João é o demolidor n. 1 de Porto Alegre e o terror das nossas arcaicas e vetustas edificações coloniais” In: Amado, J; Kefel, Ed. João Macaco, ‘o demolidor’, Revista do Globo, Porto Alegre, ano 17, n 392, 11.8.1945, PP. 39-40 apud Monteiro, 2001, p. 78.

tudo o que estivesse bloqueando o horizonte da abertura de uma avenida. Atualmente pode-se dizer que o processo de transformação passava pela remodelação dos espaços privados e, a partir dele, o espaço público mudava sua feição.

Não é possível afirmar, no entanto, que o processo de ruína de uma casa ou imóvel é etapa integrante do processo de transformação do espaço. Os valores modernos (Caldera, 2000:301) se esforçaram em produzir cidades que, com a bandeira da normatização dos espaços públicos produziram uma “fragmentação” e uma “higienização” que não permitiram a sobrevivência de muitas ruínas. Talvez a possibilidade de existência de uma ruína nas cidades moderno-contemporâneas - seja pelos extensos processos de litígios jurídicos familiares em torno da herança de uma casa; seja pelo disciplinamento dos planos urbanos de regulação do espaço; seja pelas diretrizes da lei ambiental vigente – consista em uma forma regular de fazer as pazes com aquilo que a própria cidade moderna tratou de destruir, a faculdade pública de contemplação do tempo transcorrido.



A residência de Dona Terezinha, cuja venda foi narrada por Juliano com muita tristeza, não chegou a ficar vazia, “sem gente morando dentro”, porém há no bairro

Petrópolis e em muitos outros bairros a evidência desses espaços que segundo Simmel (1935) “são a mais extrema potência e plenitude da forma presente do passado” (1935:219). Neles o homem “em sua passividade”, atua como mera natureza. Pois, ao permitir a degradação da matéria construída, ele deixar acontecer, “desde o ponto de vista da idéia humana” uma “passividade positiva” (1935:213). Ao abandonar a construção, o homem se “faz cúmplice da natureza e adota uma forma de agir que é diretamente oposta a sua verdadeira essência” e nessa dialética da construção e do abandono, nasce a ruína.

2.3 A cidade dos tapumes

Dominando a feição das mudanças é possível saber o estágio do processo de transformação de um terreno vendido somente de observá-lo da calçada. Juliano demonstrou ser um observador atento da cidade, quando me falando dos seus passeios com a família na zona sul de Porto Alegre ressaltou as mudanças que havia visto por lá:

- Prédio? era poucos que tinha, é que agora tem uma evolução muito, muito grande, aqui e na zona sul, bairro Ipanema, aquilo lá tá, bah se ir para aquele lado lá, para o Bairro Ipanema lá, o que tem de construção de prédio lá, é um absurdo, eu tive a semana passada lá, passei o dia com a esposa lá e, bah é, um absurdo, olha, eu vou te dizer assim, acho que é pior que aqui. Tem mais prédio em construção do que aqui. Porque aqui tá começando, só que tá começando, mas tá começando bem né, porque tu vê que aqui, lá tem um, aquele lá já tá praticamente quase pronto, aqui, é vários, cada... é! isso aí tudo, tudo é prédio, tudo, tudo, são prédios que não tem nem cinco anos. Entendeu? É tudo prédio novo, não, olha tá....

Da calçada se observa a mudança. Comentando essa impressão com Juliano - em momento onde relatei os processos de etnografia de rua pelo Bairro Petrópolis, Floresta, Moinhos de Vento e Santana, e as mudanças que notara do início do processo, em 2005 até o presente - ele me auxiliou na definição de alguns desses estágios de destruição e construção do espaço de uma casa. Usando para isso a experiência de observação que ele havia desenvolvido no ofício da segurança da rua:

- É que acontece assim ó, por exemplo, ali isso já está desde esse ano né, é que agora tem que esperar uma coisa da prefeitura, a prefeitura tem que autorizar, enquanto a prefeitura não autoriza... Porque aí tem a prefeitura, tem essa do meio ambiental, que é a coisa de árvore, ah, tem um monte de coisa aí, por exemplo, tem um monte de árvore, não sei se vão cortar ou não, aí tem que esperar a autorização né, enquanto não autorizar, a construtora não pode iniciar né. Aqui mesmo, compraram, a recém compraram, aí tem a fase da demolição, primeiro tem o pagamento né, que ainda não, parece que não se acertaram, se acertaram os preços, mas parece que ainda não foi encaminhado nas contas deles no caso, aí vem a parte da medição, aí vem a parte dos tapumes, é por etapa, né. Depois vem a

parte dos tapumes, depois ai vem a parte da demolição, ai vem a máquina, vêm as caçambas tudo, depois ai sim, ai é um deus nos acuda ai só deus sabe a hora que vem que vão começar de novo né. Aquele lá, aquele coiso lá de baixo ta o que, quase quatro meses (fala apontando para um terreno fechado com tapumes). Eles já tiraram tudo, já demoliram tudo, já levaram tudo o que tinham que levar lá, ta limpinho, limpinho, só que eles tão esperando a prefeitura, e a prefeitura é muito demorada né para isso ai. Ela vai ter que vir fazer a vistoria, a vistoria para ver se ta tudo certinho, conforme tem que fazer, se aqui da para construir, depois que der tudo isso ai, vier o visto de autorização ai sim, ai eles começam, e ai só vai né. Ai questão de um ano, dois anos já, esse prédio aqui levou um ano e meio, um ano e meio, aquele lá da Felipe lá, la de cima lá, que é a EGL, outra construtora [...] Aquele lá da EGL²⁶ lá ta desde o ano passado. A princípio até o final do ano já vão terminar, aquele prédio grande que aparece ali na Felipe de Oliveira né, aqui na reta ali (se espicha para falar com alguém) – sim ta ta ta melhorando, brigadão mesmo, brigada mesmo (termina de falar com o homem e olha para mim) - esse ai é o motorista do seu Paulo Brossard. É, o, o que eu ia te dizer... é isso ai, agora é só esperar a autorização da prefeitura e... Por exemplo, aqui ó, mudando de assunto, essa casa ai do meio ó essa branca, tem a vermelha né, da dona Esther, que é veterinária, a do meio é do Dr. Mauro, mas ali não é dele, é alugada, ele paga um e meio, um e duzentos por mês, do lado é do Coronel, o Coronel, o Coronel já comprou essa casa, ele já comprou a casa da dona, já para não construírem prédio, tu vê só como é...

- Medo de... - interpelo

- É que se construírem prédio ali, ele vai ser obrigado a sair né. [...] é, e aqui o Dr. Paulo Brossard também já ofereceu uma oferta para a dona Vilma da casa do lado, sem ser essa branca a outra, e do lado de lá do Dr. Paulo Brossard ele já ofereceu uma proposta para ela, no caso se um dia ela fosse vender, que ela não vendesse para construtora, vendesse para ele.

Tendo como primeiro estágio a venda da casa para a construtora. Fechado o contrato, a casa era fechada com tapumes de madeira. O prazo para que se pudesse efetuar a demolição, segundo o setor de licenciamento de demolição, da Secretaria de Obras e Viação do Município de Porto Alegre, era de uma semana. Porém, segundo os funcionários, havia ressalvas.

Atualmente, conforme as normas da prefeitura municipal, para entrar com pedido de demolição de uma propriedade construída, é preciso entrar com um formulário padrão para o requerimento da demolição. Esse formulário, no entanto, é um instrumento para pedido de construção, pois nele há diversas alternativas ligadas ao ato de construção de uma habitação, prédio, estabelecimento comercial no espaço da cidade. Os itens disponíveis no formulário são: aprovação de projeto e parcelamento do solo, aprovação de projeto e licenciamento edificação, exame do estudo de viabilidades, vistoria do parcelamento do solo, vistoria de edificação, exame do estudo de viabilidade

²⁶ EGL Engenharia, empresa construtora que atua desde 1986 na cidade de Porto Alegre.

para construção. Abaixo, em um campo ao final de todas essas opções, chamado “Outros (especificar):” é que o engenheiro responsável²⁷ pela demolição deve escrever seu pedido de licença para tal ato.

Porém, como aconteceu em uma das casas que acompanharemos no capítulo 3, 4 e 5, nem sempre depois de comprado o imóvel é rapidamente demolido. Durante esse tempo de espera – entre a compra e a desocupação, até a demolição - é provável que a empresa que adquiriu o terreno contrate um guarda, ou desloque um funcionário para cuidar da casa vazia. Isso se dá por medo de que alguém entre na casa e passe a morar nela enquanto a demolição não é solicitada ou liberada pela Prefeitura.

No âmbito da etnografia²⁸ no Bairro de *San Telmo*, na cidade de Buenos Aires, Argentina e da qual nos ocuparemos no capítulo 6, esse estado de ocupação de casas fechadas por famílias que não eram ligadas a família proprietária do imóvel era chamado no contexto *porteño*, de “casas tomadas”. As “casas tomadas” eram geralmente casas ou prédios muito antigos, com data do início do século vinte ou fim do século dezenove, que na década de 70 se encontravam em grande decadência física, por vezes, reduzidos a alguns pedaços de cômodos no interior de *baldíos*. Por essa razão, muitos deles haviam sido fechados por seus proprietários - a municipalidade ou os herdeiros legais – com correntes nas portas ou com tapumes. Ou seguiam funcionando nessas condições degradadas, como hotéis ou pensões (Petit Hotel) - com administração interna, por vezes, sem nenhum vínculo ou contrato com o proprietário legal do imóvel. Vazias e fechadas essas construções foram ao longo dos anos recebendo famílias que migrando do interior da província de Buenos Aires ou de países limítrofes da Argentina: Peru, Bolívia²⁹ e Paraguai, ocupavam esses espaços e passavam a viver ali por muitos anos. Maria Cristina Correa, viúva, e mãe de dois filhos e ex-moradora do bairro de *San Telmo*, morou durante 25 anos em uma “casa tomada” nesse mesmo bairro. Na

²⁷ Cf. diálogo com um Engenheiro Civil, a ART - Anotação de Responsabilidade Técnica, é uma habilitação exclusiva para quem tem registro no CREA – Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura. É um documento específico e individual para cada tipo de intervenção na qual o profissional se torna responsável. A formação em Engenharia torna apto o profissional a qualquer tipo de responsabilidade no ramo da construção civil. Outras profissões como arquitetos, técnico em edificações e geógrafo também podem ter ART, porém com algumas restrições. A prefeitura municipal de porto alegre exige a ART para conceder a licença da demolição.

²⁸ Intercâmbio proporcionado pela ‘Red de Asociación de posgrado en Antropología Social. Argentina Brasil’. Programa Binacional de Centros Asociados de Posgrado em Antropologia Brasil (PPGAS UFRGS e MUSEU NACIONAL UFRJ) e Argentina (IDAES UNSAM)” do qual fui contemplada com uma bolsa de estudos CAPES pelo período de 3 meses.

²⁹ Ver María Carman. *Las trampas de la Cultura*, 2006, p.182. sobre o cotidiano da comunidade boliviana habitante de *casas tomadas y baldíos en la cortada del Abasto*, região limítrofe ao bairro *Balvanera*, na cidade de Buenos Aires, Argentina.

entrevista que me concedeu durante minha etnografia no bairro, disse que o desalojamento foi iniciado em razão de um processo de restauração do prédio, considerado histórico³⁰ pelo município.



³⁰ Ver M. Lacarrieu; R. Bayardo; M. Carman, *Espacio, tiempo e imaginarios en el centro historico de Buenos Aires*, 1996, p.52.



O prédio, no entanto, havia sido demolido fazia alguns anos e na esquina das Ruas *Independencia y Bolívar* havia hoje extensos tapumes. Outro caso emblemático do atual processo de remodelação dos espaços do Bairro de *San Telmo* é o prédio *del Ex-Patronato de la Infancia*, chamado pelos vizinhos do bairro e pela mídia³¹ local de PADELAI³². O PADELAI é uma construção de 1887, localizada na esquina da Rua *Balcarce y Humberto Primo*, originalmente construído para abrigar crianças e jovens órfãos. Exercendo essa função até a década de 70, fica abandonado até a década de 80, onde é “tomado” por famílias “sem teto”. O processo de desalojamento dessas famílias foi deveras intenso e violento por parte da municipalidade da cidade de Buenos Aires, a notar, pelos relatos daqueles que me vendo tirar fotos do local, paravam para contar sobre o isolamento das nove quadras ao redor do prédio, das barricadas da polícia, da resistência dos moradores em sair, das agressões com garrafas quebradas por um lado, e “cacetetes” de outro.

Desocupado em 2003, o PADELAI segue hoje abandonado como na década de setenta já havia acontecido. Fechado por altos tapumes e conservando ao redor sua antiga grade, é um prédio em ruína. Todavia, em 2008, no âmbito dos processos de

³¹ “El gobierno porteño firmará hoy con una agencia gubernamental española un acuerdo marco para convertir el ex Padelai –ese viejo edificio de San Telmo, abandonado desde 2003, cuando fueron desalojadas las familias que lo ocupaban–, en un megacentro cultural. Será el punto de partida para una cesión en comodato por 30 años de esa construcción histórica, a la Agencia Española de Cooperación Internacional para el Desarrollo, dependiente del Ministerio de Relaciones Exteriores de España. La obra, que involucra unos 3500 metros cuadrados de construcción, debería estar terminada para la celebración del Bicentenario de la Revolución de Mayo, en 2010. Pero antes de que se inicien las obras, el macrismo deberá lograr la aprobación de una ley de expropiación, en favor de una cooperativa de ex ocupantes que reclaman sus derechos sobre parte del predio” Disponível em: <<http://www.pagina12.com.ar/diario/sociedad/3-106373-2008-06-20.html>>. Acesso em 23 de outubro de 2009.

³² Sobre o processo do PADELAI ver a obra *Con el Corazón mirando al sur*. H. Herzer (org) Buenos Aires: Espacio Editorial, 2008. Pag. 303.

transformação de *San Telmo* “no bairro mais antiga da cidade”³³, iniciados em 1979, e integrados ao projeto de delimitação do “casco histórico” do município - que incorpora o Bairro de *San Telmo* e o Bairro de *Montserrat* – foi selado o acordo que transformará o PADELAI em um “mega centro cultural”.

A estética dos tapumes, portanto, aponta para uma série de questões que envolvem a transformação do espaço construído das cidades. Questões que envolvem direitos de propriedade, interesses imobiliários e comerciais e políticas de patrimônio. Essa última, no caso da cidade de Porto Alegre é determinada pela EPAC - Equipe de Patrimônio Ambiental e Cultural, que associada a Programas como o Monumenta e de acordo com o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Ambiental, de 1999, define os imóveis de interesse histórico cultural, limitando e regulando intervenções ou modificações nos mesmos. Listados na DM – Declaração Municipal Informativa das Condições Urbanísticas de Ocupação do Solo - fornecida pela Secretaria de Planejamento Municipal, os prédios considerados de interesse histórico cultural ou integrados a categoria “compatibilização”³⁴, não recebem licença para demolição. Esse documento, a DM, funciona como uma biografia do solo urbano, e ele é consultado para qualquer tipo de intervenção urbanística realizada na cidade.

Segundo o site da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, em matéria³⁵ sobre o andamento do Projeto Monumenta no âmbito do município, pode-se notar que o espaço de algumas casas, principalmente na região do centro³⁶ da cidade de Porto Alegre, passam com os processos de produção de patrimônio, a possuir valor histórico. Em agosto de 2009, oito prédios públicos estavam em processo de restauração³⁷, entre eles

³³ Cf. A.G. Thomaz, El “patrimonio” y la “memoria” barrial: relaciones de hegemonía y subalternidad en el barrio porteño de San Telmo, 2008. Pag. 1

³⁴ Compatibilização é o termo usado para denominar um imóvel com características arquitetônicas similares a outro, considerado histórico. Também se usa esse termo, segundo informações da SMOV, para preservar um conjunto urbano que sofrerá dano estético ou cultural com a demolição.

³⁵ Disponível em: [http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smc/default.php?reg=1&p_secao=227]. Acesso em agosto de 2009.

³⁶ Segundo o Diário Oficial de Porto Alegre de 25 de janeiro de 2008: o ato 10364 /2008 - Lei Municipal - com data de 22 de janeiro de 2008, do processo 1039491064 /2006, “altera o art. 1º da Lei nº 2.022, de 7 de dezembro de 1959, e alterações posteriores, alterando a denominação da zona Centro da cidade de Porto Alegre para Centro Histórico da cidade de Porto Alegre”. Disponível em: http://proweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/dopa/usu_doc/25janeiro08.pdf. Acesso em: dezembro de 2009.

³⁷ Segundo o Caderno Técnico 1 do Manual de Elaboração de Projetos de preservação do patrimônio cultural, produzido pelo Programa Monumenta (2005:14) Restauração “ou Restauo” é o “conjunto de operações destinadas a restabelecer a unidade da edificação, relativa à concepção original ou de intervenções significativas na sua história. O restauro deve ser baseado em análises e levantamentos inquestionáveis e a execução permitir a distinção entre o original e a intervenção. A restauração constitui o tipo de conservação que requer o maior número de ações especializadas.”

uma igreja. Os privados contabilizavam doze prédios, entre eles, uma igreja, um hotel, um clube, dois condomínios e sete casas, três delas com processo de restauro concluído em 2008.

Esses processos de restauração de uma casa ou prédio, geralmente, buscam estabelecer “um simulacro de continuidade” (Eckert, 2009:92), onde a macro esfera, aqui representada por programas como o Monumenta, impõe a reforma sobre a ruína “e re-semantiza seus sentidos pela higienização e/ou espetacularização”. A ruína, qual já discutimos anteriormente, é vista como uma paisagem negativa, impossibilitada de durar “em sua condição de luto”, sendo totalmente, censurada do “convívio descontínuo”.

Quando o imóvel, no entanto, não tem o status de patrimônio, as modificações na paisagem ficam sob a égide do poder municipal, que tem o papel de regular e autorizar cada etapa das construções³⁸ privadas, de acordo com as diretrizes do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Ambiental de Porto Alegre. Composto de quatro partes e dez anexos, o plano é bem específico quanto ao parcelamento do solo.

Na primeira parte dele “Do desenvolvimento Urbano Ambiental”, título II, capítulo III, chamada “Uso do Solo Privado”, lê-se o seguinte:

“A Estratégia de Uso do Solo Privado tem como objetivos gerais *disciplinar* e *ordenar* a ocupação do solo privado, através dos instrumentos de *regulação* que definem a distribuição espacial das atividades, a densificação e a configuração da paisagem urbana no que se refere à edificação e ao parcelamento do solo”³⁹

Se “a ruína aterroriza a cidade moderna” (Eckert, 2009:92), a “estratégia” de configuração da paisagem urbana de Porto Alegre, no presente, prima por um plano que busque dar ao espaço, uma condição de lugar. Se a noção de estratégia, para Michel De Certeau, é a manipulação “das relações de forças” (1994: 99) onde um sujeito do querer e um sujeito do poder podem ser isolados, esse ato de isolar é, portanto, um ato de constituição de um lugar para esse poder e querer próprios. Temos um plano que define a partir de lógicas de regulação para distribuição do espaço, os “próprios” para cada demarcação aludida na imagem da cidade que ele planeja. Assim como a noção patrimonial que visa isolar a descontinuidade numa forma que evoque a “estabilidade”

38 Seção VII - Do Direito de Construir. Art. 1.299. “O proprietário pode levantar em seu terreno as construções que lhe aprouver, salvo o direito dos vizinhos e os regulamentos administrativos”.

³⁹ Cf. PDDUA, PMPA/SMP, 1999, art. 11 (grifos meus)

(De Certeau, 1994:201)⁴⁰, o PDDUA de Porto Alegre, busca disciplinar o espaço a partir de distintas imagens de cidades, definindo o lugar para o histórico, para a transição, para o residencial, para o desenvolvimento.

As nove macrozonas que tem objetivo de representar regiões sócio-ambientais da metrópole de Porto Alegre, seguem no rastro das grandes transformações e mudanças associadas as “reformas” (Caldeira, 2000:302) nas cidades capitalistas, desenvolvidas desde o século XIX. Se o PDDUA de 1999, não é um plano que prevê grandes modificações físicas na cidade, como abertura de viadutos, construção de autopistas, e grandes avenidas - como foi realizado na década de 70 - ele promove, no entanto um disciplinamento simbólico do espaço que, todavia, não deixa de produzir “segregação e fragmentação” (Caldeira, 2000:303). No fluxo dessas representações da cidade, as macro esferas jurídicas e institucionais concebedoras do lugar; e as representações relativas às práticas sociais que em diálogo com esse lugar fundariam as trajetórias espaciais dos sujeitos na cidade; ambas são “operações de demarcação” (De Certeau, 1994:208). Narrativas que exercem o papel do cotidiano em matéria de demarcação.

Quando nosso interlocutor de Porto Alegre Juliano se espanta com o crescimento de empreendimentos imobiliários na região do bairro de Ipanema, ele está dialogando com a imagem de Cidade Jardim, do plano diretor da cidade, que prevê para essa região, tal conceito de lugar. Ele se impressiona que a homogeneidade, desse lugar onde vai passear com a família nos fins de semana, também é heterogênea. Na tensão entre essas duas lógicas ele também ressalta a “visibilidade” do Bairro Petrópolis àqueles que talvez, em diálogo com Tereza Caldeira, estejam na invisibilidade. Uma visibilidade que envolve uma noção de violência e de bandidagem, no qual o papel de Juliano como “segurança” é fundamental no controle desse patrimônio. Para ele os bairros “mais visados” eram: Bela Vista e Petrópolis, pois como avaliou estavam muito perto das vilas: Bom Jesus, Morro da Cruz, Cachorro Sentado. “Tem a pinto, a Fátima Pinto, a Pio X, que são tudo da Bom Jesus; Jardim Carvalho, Jardim do Salso, tudo, tudo, pertinho daqui. Partenon, é tudo perto, né”.

O fato de Juliano ter uma guarita de segurança na rua, nos alerta para algo que Tereza Caldeira enfatiza em sua obra a Cidade de Muros (2000:303), uma crise “na concepção de vida pública urbana”. Jane Jacobs, “uma das defensoras mais famosas dos valores da vida pública moderna nas grandes cidades” (1961:35 apud Caldeira,

⁴⁰ Cf. De Certeau “Um lugar é, portanto, uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade” (1994:201)

2000:302), reflete sobre o desaparecimento desses espaços como uma ameaça a liberdade da cidade. Uma idéia de cidade que, segundo Caldeira (2000), se funda na “ficção do contrato social baseado em um princípio de universalidade” onde o espaço da rua seria o espaço moderno do “heterogêneo, do plural, do divertido” (Young, 1990:139 apud Caldeira, 2000:305). Se a figura de Juliano precisa existir para garantir a ordem, e a segurança da homogeneidade social daquele espaço; a heterogeneidade da dinâmica urbana ameaça, no entanto, essa homogeneidade que funda suas relações de trabalho e de “vizinhança”, com os moradores da rua. A cidade dos tapumes é a cidade da evidência da transformação, é a cidade do presente, é a cidade que convive com a mudança. É muito diferente de uma cidade de muros, onde os enclaves fortificados reconstroem um ideal de sociabilidade da cidade moderna para dentro de torres e guaritas limitadoras de um interior protegido dos perigos do “público”.

Estar em transformação é estar em destruição e em construção. Como já frisamos os condomínios que ficam prontos atrás dos tapumes, iluminam a rua desde dentro à medida que alguém é constrangido do lado de fora. O movimento de entrada e saída de veículos transforma as ruas em corredores, não mais em espaço de práticas. As árvores retiradas dos terrenos recebedores das construções são trocadas pelo município por calçamento⁴¹ de praça ou melhorias dos equipamentos urbanos da região. A lógica de compra e venda de espaços, para a não construção de prédios com uma estética de enclave, segue a lógica da manutenção de um estilo de vida de habitar o bairro que só é acessível aos “doutores” narrados por Juliano. São eles que têm a possibilidade de competir economicamente com a oferta de uma construtora, adquirindo as casas dos vizinhos do lado, a bem de conseguirem preservar ao seu redor um pequeno pedaço da relação público – privado com espaço da rua. Mesmo que essa, já esteja mediada pelo comando de Juliano e a setorização das quadras das ruas.

Essa dinâmica de construção e destruição de casas ou pequenos prédios, no entanto, não pode ser entendida a partir da idéia de um caos ou da cidade como esse lugar do crescimento de espaços individualizantes. A proposta aqui é entender a dinâmica de destruição das cidades a partir de uma lógica que se repete ao longo dos anos devido aos processos de transformação⁴² ligados a um jogo da mudança nos estilos

⁴¹ Cf. Jornal Mais Petrópolis, ano 7, n 65, Março de 2009.

⁴² Sobre a questão da estética temporal das cidades brasileiras, e sua poética da instabilidade frente o “mito europeu do progresso” ver o trabalho de Ana Luiza Carvalho da Rocha “A retórica de um mito: Brasil, um país sem memória!” In: Eckert & Rocha, Cornelia & Ana Luiza C. da Rocha. O Tempo e a Cidade. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2005, Pág. 24

de vida dos habitantes e seus diferentes valores na ocupação urbana de determinados bairros. Para entender essa dinâmica a partir da antropologia, busquei encontrar moradores desde o micro-espço cotidiano da casa, que estivessem no centro dessa lógica de venda das propriedades que iam ser destruídas. Pois dessa forma, em diálogo com as histórias da casa narrada por eles e os motivos que os levaram a vendê-la podemos chegar ao que está em jogo nessa decisão.

Essa perspectiva nos leva a reflexão sobre as discontinuidades nas noções de um *ethos* urbano e de um estilo de vida de viver a cidade desde o ponto de vista desses habitantes. Petrópolis, Floresta, Rio Branco e Ipanema, os bairros onde mais acompanhei o processo de transformação urbana a partir da etnografia de rua, foram os bairros onde busquei me aproximar dessas famílias a fim de acompanhar com elas a venda da casa e a mudança de residência. Bairros, que conforme o senso do ano de 2006 (IBGE), são formados por uma população com alto poder aquisitivo; com fortes características residenciais e a presença de casarios grandes construídos em terrenos igualmente extensos. Na mudança de uma forma de habitar de uma classe média urbana, esses bairros eram os mais buscados pelas empreendedoras e grandes construtoras e também dialeticamente eram os bairros onde havia moradores interessados em realizar a comercialização do seu patrimônio.

CAPÍTULO 3

PROCURA-SE UMA CASA A SER DESTRUÍDA

3.1 Os contextos de uma etnografia multi-situada

Porto Alegre têm um milhão e quinhentos habitantes (IBGE) ⁴³, conforme estimativa para o ano de 2009. É capital do estado do Rio Grande do Sul, uma das vinte e sete unidades federativas do Brasil. O estado do Rio Grande do Sul tem aproximadamente dez milhões de habitantes (IBGE) e uma superfície de 282.000 km². Com 496,827 km² a cidade de Porto Alegre tem uma região metropolitana com superfície de 9.800 km² e uma população que chega a mais de 4 milhões de habitantes (IBGE), em 2009.

A cidade de Buenos Aires (GCBA) é capital da Argentina. Tem uma estimativa populacional para o ano de 2010 de três milhões e cinquenta mil habitantes⁴⁴. A província de Buenos Aires, no entanto, cuja capital é *La Plata*, tem uma área de 307.000 km² e uma população estimada de 15 milhões trezentos e quinze habitantes, para o mesmo ano. O *Conurbano Bonaerense* (AGBA) é integrado por 15 partidos que estão localizados ao redor da cidade. Integrada por 24 partidos, a *Gran Buenos Aires* (GBA), tem uma área variável de 2.590 km² com população estimada em 11 milhões seiscentos e vinte e três mil para o ano de 2010.

A entrada em campo, nessas diferentes metrópoles, foi feita a partir da etnografia de rua, conforme já havíamos mencionado no capítulo um. Com uma densidade populacional de 2.878 habitantes por km² para 14.825 habitantes por km², respectivamente para Porto Alegre e Buenos Aires, o processo de ingresso em campo não foi alheio a essa característica urbana de cada cidade. O tempo de trabalho de campo em uma e outra, também, por razões etnográficas e institucionais foi realizado em épocas diferentes do processo de formação da pesquisadora na antropologia e com períodos de imersão distintos.

Sem nenhuma pretensão comparativa, a experiência na cidade de Buenos Aires teve duração de três meses – agosto, setembro e outubro de 2009 - e manteve o foco na

⁴³ Cf. Estimativa das Populações residentes no Brasil, IBGE, 2009. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2009/POP_2009_TCU.pdf. Acessado em dezembro de 2009.

⁴⁴ Cf. Estimaciones de población total por departamento y año calendario periodo 2001-2010. - 1ª ed. - Buenos Aires : Instituto Nacional de Estadística y Censos - INDEC, 2008.

linha de uma antropologia de bairro⁴⁵ como será explorado no capítulo onde trataremos dela. A aproximação entre Porto Alegre e Buenos Aires, em seus contextos de formação histórico-culturais distintos é um desafio que nos acompanhará até o fim dessa dissertação, sendo abordado com mais profundidade no espaço do capítulo sete. Faz necessário, no entanto, aproximar nesse momento as duas cidades a partir de uma etnografia multi-situada no cenário de formação das cidades na América Latina.

No capítulo seis, portanto, mergulharemos no contexto da etnografia na cidade de Buenos Aires, a partir da formação de uma rede de moradores e trabalhadores ligados a Feira de *San Telmo*, no Bairro de *San Telmo*. Cristina, conforme vimos no capítulo dois, é uma das integrantes dessa rede, que inclui: Tereza Gargiulo e Suzana Gargiulo – irmãs, nascidas no bairro e feirantes da Feira de *San Telmo*; Victor - comerciante de objetos, há dez anos no bairro; Daniel – Carniceiro no bairro há mais de vinte e cinco anos; Alejandro Ávila – artista, escultor de objetos em bronze, dono de uma oficina no bairro; Fulco – artista, escultor de peças em resina plástica, feirante da Feira de Artistas da Feira de *San Telmo*; Peña – criador da Feira de *San Telmo*; Mercedes – moradora do bairro desde o casamento, ativista de movimentos populares e dona de casa; personagens de classe social e visões de mundo distintas, porém que conectados pela rede dialogarão conosco no curso da exposição do estudo.

Tanto no contexto da etnografia no bairro de *San Telmo*, como na etnografia no contexto de Porto Alegre - que já viemos acompanhando no decorrer do capítulo um e dois, nesse último, em interlocução com Juliano - o uso da câmera de vídeo foi fundamental na interação e na produção dos dados etnográficos. E esse fundamento será abordado no subtítulo seguinte.

Em sequência, ainda neste capítulo, teremos a descrição da rede que promoveu a aproximação da pesquisadora a duas famílias na cidade de Porto Alegre: a família de Carla e a família de Ainsley – habitantes, respectivamente, do Bairro Rio Branco e do Bairro Tristeza, na capital. Com vistas a acompanhar o processo de mudança de residência, em cada dessas famílias, ocorrido no ano de 2007 e 2006.

3.2 As histórias da casa em vias de desaparecer – vamos fazer um filme?

Metodologicamente, o ingresso no campo junto a essas duas famílias se deu através do uso da câmera de vídeo. Isso foi negociado já nos primeiros contatos pessoais

⁴⁵ Cf. A. Gravano. *Antropología de lo barrial*. Buenos Aires: Espacio Editorial, 2003.

ou telefônicos. E não raro as interlocutoras vinculavam a gravação do processo de mudança da casa com a realização de um filme.

O uso do vídeo, no entanto, possibilitou, a partir da construção das imagens no âmbito da mudança; das entrevistas; e da gravação dos lugares referenciados pelos interlocutores, pensar sobre o espaço do bairro e o espaço da casa da qual eles estavam narrando. O tratamento documental dessas gravações buscou desmontar o material gravado, em busca das “mudanças de sorte” (Ricoeur, 1994 apud Devos, 2007:142) do narrador dentro da integridade de sua narrativa, de forma a reuni-las às coleções etnográficas. Um tratamento que envolve “a digitalização, a análise e a classificação dessas “falas” (Devos, 2007:139) menos atrás do “estive lá” (Geertz, 2002:12) do realizador em campo, e mais, nesse caso, atrás desses re-começos, esses fechamentos de sentido (Devos, 2007:141) presentes ao logo da fala dos interlocutores ou do seu percurso pela casa.

Conforme a discussão, entre memória individual e memória coletiva, feita por Maurice Halbwachs (2006) o espaço do vídeo foi integrante e fundamental no pensamento da produção do dado etnográfico no contexto do trabalho com memória. A experiência compartilhada no processo de mudança da casa fundou as relações sociais entre o pesquisador, que não integra a família; e o pesquisado, que a estava re-significando no curso da investigação. A possibilidade de entender essas famílias por parte do antropólogo estará sempre perpassada pela memória compartilhada na experiência de mudança da casa, pois os atores investem nela como um laço importante entre o seu mundo e do pesquisador. Conforme aponta Halbwachs (2006:39), não nos basta o testemunho para que a memória de um se aproveite da memória de outros. Os eventos vividos, as cenas lembradas, aquilo que foi sentido pode variar de indivíduo para indivíduo, porém quando há pontos de contato entre esses sentidos; onde as lembranças dos outros, apesar de diferentes nos dão a sensação de possuírem o mesmo sentido, há uma base comum sendo reconstruída. Essa base, segundo Halbwachs é o que sustenta e faz coletiva, a memória.

No estudo etnográfico nessas famílias, a mudança da casa permite a manutenção da relação a partir da memória que compartilhamos dessa experiência. As imagens foram produzidas durante o processo e incluíam: situações constrangedoras envolvidas no cotidiano da mudança; sensação de vulnerabilidade, diante da mobilidade, daquilo que era considerado “tudo o que a gente tem”; uma condição liminar de estar fisicamente cansada, suada, suja de pó, correndo, despenteada, no

esforço de: tirar prateleiras das paredes, desmontar móveis, selecionar objetos, encher caixas de papelão e esvaziar armários. Essas imagens quando vistas e lembradas pelos atores tornam-se uma possibilidade de reflexão sobre o lugar onde estão hoje.

Seguindo Claudine de France, “o enquadramento de base” (1998:67) que tem orientado a coleta desses dados está ligado “a delimitação espacial que coincide com o pólo de interação principal da atividade”, seja ela uma situação de escolha de fotografias junto à pesquisadora e a sua câmera, seja nos percursos pelos espaços da casa explorados em conjunto com as interlocutoras. O enquadramento de base, adotado para a produção dessas imagens em campo buscou delimitar: os itinerários percorridos no instante da gravação, no deslocamento espacial concreto das interlocutoras pela casa; a organização e relevância dos objetos dispostos nela. Conforme veremos no DVD interativo que integra o próximo capítulo, foram esses os limites que guiaram as nossas interações e nossa gravação.

O compartilhamento desse processo de mudança como um marco importante na relação entre pesquisador e pesquisado, portanto, só pôde ser reconhecida em razão de um distanciamento dessa experiência. De 2006 e 2007, passaram-se de dois a três anos até que houvesse uma nova entrevista com essas mulheres. Nesse período os contatos foram constantes, porém, não intensos. Diante da expectativa de realização de um filme, em fins de 2007 foi editado um vídeo⁴⁶ de 31 minutos sobre a experiência delas na desocupação das casas, cujo DVD foi oferecido de presente a cada uma delas em ocasião considerada relevante. Para Ainsley no aniversário de 55 anos e para Carla na janta de formatura do seu bacharelado.

Seguindo uma etnografia da duração, esse tempo transcorrido permite que pensemos na memória como uma capacidade de permanência dos laços sociais. Repousando em diferentes matérias o sentido compartilhado, “dura”, conforme o investimento na manutenção desses laços e a capacidade dos sujeitos de não se fundirem a matéria. Reforçando a filiação aos estudos de narrativa e no âmbito desse trabalho da “figura do antropólogo como narrador” (Eckert & Rocha, 2005:45), o uso das novas tecnologias pode ser visto como de fato um investimento na interpretação do dado etnográfico e não como mera ilustração de uma experiência presencial junto ao grupo ou fenômeno pesquisado. Visto que “as histórias vividas” pelas famílias, são trazidas até este trabalho por intermédio do registro com a câmera de vídeo e por

⁴⁶ *Do Concreto ao pó*, NTSC / 31 min / 2007.

intermédio da minha interpretação como pesquisadora dessas histórias vividas, entendemos, em diálogo com Eckert e Rocha, que esse repertório de narrativas dá “seqüência a uma longa tradição de técnicas e procedimentos de pesquisa antropológica tais quais as clássicas anotações no diário de campo” (Eckert & Rocha, 2005:45). Dessa forma a ética que fundamenta o método antropológico desde a sua existência e no percurso da sua construção, encontra novos desafios com o uso da tecnologia do vídeo como recurso epistemológico para pensar as escolhas envolvidas nessa re-apresentação do outro.

Nominação feita por Myriam Lins de Barros (1988:34) o “guardião da memória familiar” torna-se também aqui figura fundamental para se compreender o que M. Halbwachs chamou de marcas visíveis do passado. Marcas que serão procuradas a luz dos conceitos de duração de Gaston Bachelard, e entendidas através da noção de ruptura, que segundo esse autor são os centros decisivos do tempo onde o narrador se orienta e se guia, num deslocamento constante e também, segundo Lins de Barros, cíclico. Onde esse indivíduo é capaz de, observando as suas discontinuidades no processo vivido, estabelecer uma ordem e um contexto para elas, e, portanto, avaliar a sua permanência no tempo. Um descobrimento que é provocado pela experiência do processo de interação que se dá em meio às diversidades, tensões e surpresas, acionadas pelas diferenças trazidas por cada um dos indivíduos a relação.

As narradoras com quem estamos dialogando reúnem em sua figura, o potencial narrativo de transmissão da sua memória do passado. Segundo a orientação dos trabalhos de Walter Benjamim (1936), nesse sentido elas estariam evitando a sua própria morte, já que para esse autor o passado vivido é vivido quando narrado a alguém. Neste caso, ao observarmos o desenvolvimento das narrativas do capítulo seguinte como forma de construção do próprio narrador - tendo como ouvinte não o neto, o filho, ou o pupilo, mas o antropólogo e sua câmera – nós buscaremos pensar, na linha de Gilberto Velho (1987), numa comunidade de sentido. Um sentido que compartilhado é o catalisador da narrativa e pode nos levar a pensar sobre os papéis envolvidos nele, relativo a gênero e a geração.

3.3 A rede de aproximação e a noção de camadas médias

“[...] posso apenas me lembrar com um sentimento de culpa que, em 1952, quando ela nos apresentou pela primeira vez, parte do material que havia recolhido sobre o relacionamento e os papéis conjugais de casais em vinte famílias “comuns” de Londres, finalizou nos perguntando: ‘O que faço com isto?’ Eu e a Dra. Elizabeth Colson dissemos juntos: ‘escreva um romance’.”

Conforme Elizabeth Both (1976) em seu estudo sobre Família e Rede Social, as famílias urbanas têm muitas relações externas, mesmo que não estejam contidas dentro de grupos organizados (Both, 1976:110). Há fatores externos que afetam a formação das redes cujo nexos depende das próprias famílias. Seu meio social “imediatos” deve ser compreendido não como a área local onde vive a família, mas como a rede das relações sociais reais que elas mantêm. Situada entre a família e o meio social a rede permite escolhas no campo dos relacionamentos sociais externos e elas, segundo Both, são afetadas tanto pelos “fatores situacionais como pelas personalidades dos membros da família” (1976:111).

Nessa linha interpretativa a investigação junto da Família de Carla e da Família de Ainsley iniciou-se pela via dessas relações sociais externas que cada uma delas mantinha ao redor de si. Integrante dessa rede, eu pude, por via dela, chegar até a família dessas duas mulheres e propor uma investigação acerca do fator situacional que me levava até elas: estava procurando famílias cujas casas em breve seriam destruídas.

Os itinerários realizados pela etnografia de rua, conforme acompanhamos no capítulo um e dois, já estavam, através das fotos e dos registros de campo, mostrando sobre a rapidez do fenômeno de mudança e destruição de casas nos bairros por onde percorria. Porém foi com surpresa que percebi que estava inserida no meio social onde esse fenômeno estava acontecendo.

Iniciei divulgando em e-mails, nos grupos de pesquisa que participava e entre amigos e conhecidos, a minha busca por famílias que morassem em casas construídas no início do século XX e que estivessem - não importava a razão - em processo de desocupação dessa casa a bem de vendê-la para outro fim que não o da ocupação por outra família. Em geral as pessoas integrantes da minha rede social entendiam o que eu estava buscando, “ah você quer entrevistar alguém que esteja vendendo sua casa para uma construtora”, sim, podia ser entendido assim. A especificidade do fenômeno da mudança aliado ao da destruição da casa era o foco da busca, onde eu gostaria de observar, - junto ao grupo familiar - se a casa⁴⁷ tinha relevância na representação do grupo no que diz respeito à categoria família e se o tinha, se a mudança da casa

⁴⁷ Essas casas, no decorrer da etnografia, foram passaram a ser chamadas de *casa de linhagem familiar*, em razão de estarem, há muitos anos, dentro de um movimento sucessório oriundo das relações de parentesco e aliança.

acarretaria uma mudança: nas formas de sociabilidade das relações familiares ou representações sociais da família.

As representações de classe social também formaram um conjunto de questões a serem pensadas em torno do fenômeno da mudança e destruição da casa. A pergunta era: a que camada social pertencia uma família que na cidade de Porto Alegre tinha esse patrimônio como possibilidade de venda? No capítulo cinco observaremos a relevância da casa nessa mobilidade social das famílias em mudança, porém adiantamos que de acordo com os estudos de rede e a noção de sociedade complexa moderno-contemporânea (Velho, 1997:19) as classes sociais não podem ser analisadas sem levar em conta seu caráter dinâmico; seu universo simbólico e a constante articulação delas com os códigos mais restritos ou universalizantes que constituem suas experiências diferenciadas. Ou seja, não estamos falando de classe social como “entidades concretas” ou grupos reais, onde a maioria dos membros concorda sobre quais critérios devem ser utilizados para descrevê-los (Both, 1976:163). Explicitar essa adesão, a uma imagem de classe social como camada, é deveras importante, porque só a imagem de camada pode revelar as nuances das mudanças diante da experiência dessas famílias em face à venda do seu patrimônio.

Aderindo a categoria de “camadas médias”, buscaremos junto ao conceito de “trajetória social” dar conta das *fronteiras culturais* entre indivíduos que “segundo critérios sócio-econômicos comumente usados em ciências sociais pertencem a uma mesma categoria” (Velho, 1997:106). Analisando o ritmo e a direção da trajetória através da noção de projeto, daremos conta da “margem relativa da escolha que indivíduos e grupos têm em determinado momento histórico de uma sociedade” (Velho, 1997:107) para pensar a que *ethos*⁴⁸ e visão de mundo esses sujeitos aderem, num segmento de classe média.

No âmbito das sociedades complexas e da descontinuidade de seus universos simbólicos, o contato dos indivíduos pertencentes a determinados estratos sociais com outros segmentos, suas interações com redes de relações mais amplas afetariam sua visão de mundo e seu estilo de vida. Este processo introduz variáveis significativas para se pensar o tema da mobilidade social, do descenso ou da ascensão, de indivíduos e/ou grupos no interior de um segmento social ou entre eles. Transformando por completo

⁴⁸ “Geertz fala em *ethos* quando pretende descrever os ‘aspectos morais (e estéticos) e valorativos de uma cultura determinada’ e visão de mundo quando quer se referir aos aspectos ‘cognitivos existenciais’” (Geertz, 1978 apud Velho, 1997:105).

uma situação de “estabilidade e permanência” que poderia haver em qualquer uma das classes, médias, populares ou trabalhadoras (Velho, 1987:20).

Falar em camadas médias, conforme aponta Myriam Lins de Barros (1987:21), é uma dificuldade teórica⁴⁹ à medida que as constatações empíricas apontam para uma grande heterogeneidade de auto-representações. Ao trabalhar com trajetórias sociais e narrativas biográficas o fazemos no âmbito das sociedades complexas (Velho, 1987; 1994), sobre a perspectiva de que as representações das interlocutoras sobre si mesmas, além de heterogêneas estão também sujeitas as mudanças e transformações sob os efeitos dos laços e pertencimentos que os atores acionam como estratégia para durarem⁵⁰ no mundo.

A capacidade de durar está ligada aqui, na linha de uma “etnografia da duração” (Eckert & Rocha, 2005:146) à condição epistemológica dos indivíduos nas modernas sociedades complexas e que, no plano dos estudos de representações, “supõe a presença da velocidade das transformações dos processos externos, ainda que percebidos, vividos ou observados” e dos processos internos por eles vividos em suas vidas cotidianas.

3.4 Os contextos familiares e os personagens

Nos dois tópicos que seguem acompanharemos os processos de entrada em campo, em cada um dos contextos familiares etnografados, um deles ocorrido no ano de 2006 e o outro no ano de 2007. Procurei descrever a rede de inserção dimensionando o tempo transcorrido e a intensidade que as relações foram adquirindo desde o início do campo até o presente da escrita. De maneira a preservar textualmente a complexidade do fenômeno, que por sua vez foi construído ao longo do compartilhamento de uma experiência de mudança de casa. A, exemplo, de etnografias preocupadas com as mudanças históricas ou culturais ao longo dos anos, e com interrupções e ausências no

⁴⁹ Ao abordar o universo das camadas médias na obra *Autoridade e Afeto*, a autora traz alternativas já apontadas por Abreu Filho (1980) e Heilborn (1984) que resgatam a possibilidade de “recortar esse universo social” através das próprias representações sociais dos atores; através dos conceitos de *ethos* (Gertz, 1978), visão de mundo e grupo de status (Weber, 1969) “capazes de lidar com as categorias de pensamento do grupo estudado” (Myriam, 1987:22).

⁵⁰ A duração é um conceito de G. Bachelard, que conforme Cornelia Eckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha, fundadoras da etnografia da duração como forma para se pensar o trabalho com memória, se caracteriza por ser “um fenômeno que surge de uma intuição do tempo, mas o resultado do movimento e da construção produtiva da vida, gerada a partir de esquemas de pensamento singulares” A memória, portanto, “não é cega aos processos da vida, mas manifesta operações de pensamento complexas, autorreguladoras e autocorretivas dos processos de transformação aos quais, a matéria achas-se submetida” (1989:146).

percurso delas, do qual destaco a pesquisa de Carlos Fausto entre os *Parakañas* (2001:24), essa etnografia também não pode ser narrada sem levar em conta as transformações que todos nela os envolvidos, passaram durante o tempo de sua realização. Transformações que seguramente seguem ocorrendo. O entendimento dos motivos que levavam a decisão da mudança de casa, e das “histórias” por trás dos motivos, foi processual e estava ligado à experiência compartilhada, entre a pesquisadora e as interlocutoras, de transmissão e escuta da narração do espaço da casa. Se para Lev Vygotsky (1994 apud Eckert & Rocha, 2005: 38) “lembrar significa pensar”, foi preciso lembrar – a partir de esquemas e escritos dessa época de ingresso a campo – para que fosse possível estabelecer a distensão temporal dentro do texto capaz de conduzir - ou se aproximar, já que é uma tentativa – da complexidade dos projetos de vida das duas interlocutoras, que também no percurso desses anos, foram mudando.

3.4.1 A família de Ainsley: A casa na disputa entre herdeiros

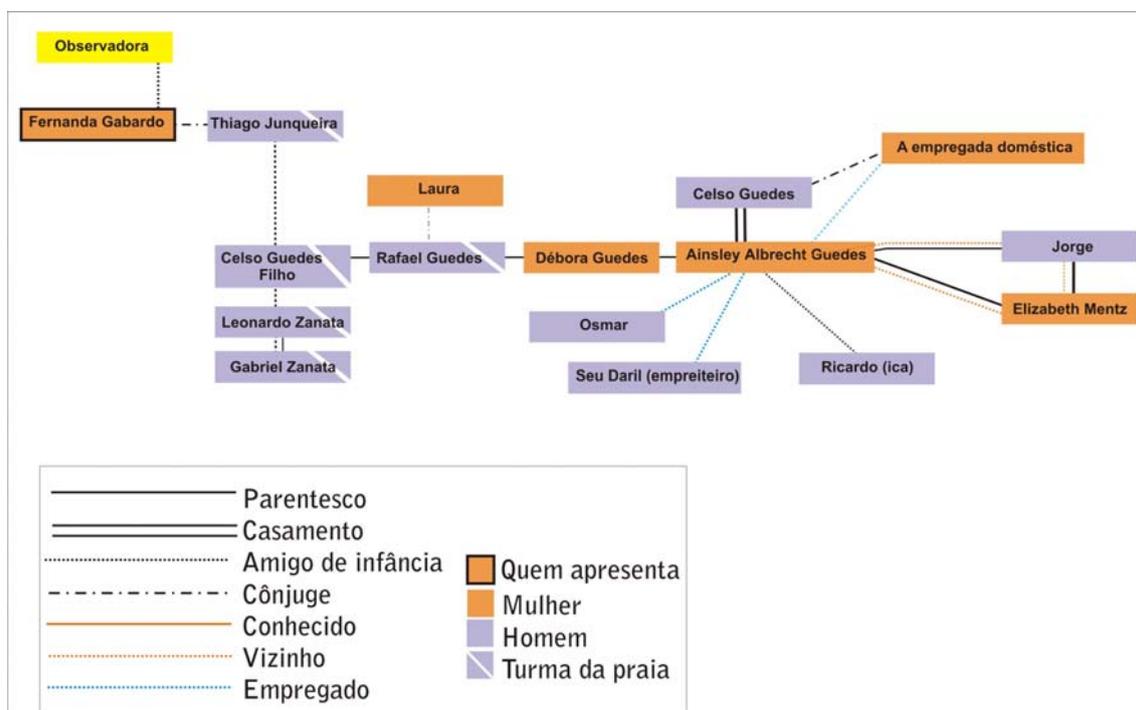
Em 2006, em razão de um feriado possibilitado pelo calendário católico da páscoa, fui convidada por Fernanda a viajar com ela, seu namorado e uns amigos a casa de praia dele, na localidade de Cidreira, litoral do Rio Grande do Sul. Fernanda era uma daquelas amigas de praia, que acabaram virando amigas de cidade, tipo de relação que também fundou a amizade de Thiago, Celso, Leonardo e Gabriel, conforme o esquema da página seguinte.

Havia quatorze anos que eu conhecia Fernanda, diferente de Thiago, Celso, Leonardo e Gabriel que se conheciam “desde que nasceram”. Fernanda e Thiago tinham curso de graduação em Arquitetura, oportunidade em que se conheceram e se tornaram namorados. Thiago se referia a Celso, Leonardo e Gabriel como “os guris da praia” e foi nesse contexto que se conheceram e sempre que podiam, ou seja, tinham dinheiro para a viagem, pegavam os carros e iam passar o fim de semana na casa de praia dos pais de Thiago ou na casa de praia dos pais de Celso, em Cidreira.

Nessa viagem, a atividade principal do grupo foi a prática do *surf*, acordavam cedo para ir à praia e voltavam tarde sempre muito cheios de histórias sobre as manobras praticadas além da “rebentação” do mar.

Na rede, abaixo esquematizada, podemos acompanhar os personagens e os vínculos entre eles, no instante da minha aproximação a família de Ainsley. Inspirada no trabalho de Whyte (2005), sobre estrutura e mobilidade social no distrito de *North End* em Boston, essa rede torna-se importante para pensar a mobilidade desses vínculos

no curso da investigação, face às mudanças de afinidades nas relações de parentesco. Fazendo a leitura do esquema da esquerda para a direita temos a ordem no qual a rede foi se desdobrando em relação tempo.



Na época Celso ainda freqüentava o curso de Administração, graduação que concluiu ainda naquele ano. Leonardo e Gabriel tinham freqüentado diferentes cursos e universidades, mas não haviam concluído ou pretendiam concluir nenhum deles. Os três, Celso, Leonardo e Gabriel, gostavam de destacar o vínculo muito forte que construíram a partir de uma viagem que realizaram com mais outro amigo, Zé, para Austrália e para Bali, no ano de dois mil, aproximadamente. Na narração dessa experiência, sempre se declaravam como sobreviventes. Ser referindo com muito terror a um atentado a bomba⁵¹ em uma casa noturna, em Bali, que teria acontecido trinta minutos depois deles “muito loucos” terem deixado o local.

Celso morava na zona sul de Porto Alegre, Thiago e Fernanda moravam juntos num apartamento do pai dela no bairro Partenon, Leonardo e Gabriel moravam com os pais numa casa no bairro Lindóia. Todos tinham em torno de 28 e 30 anos. Fernanda e Thiago possuíam um escritório de arquitetura em um dos cômodos do apartamento onde viviam, Celso trabalhava num escritório de advocacia e estava pensando em cursar direito após a formatura e Leonardo e Gabriel não trabalhavam nessa época.

⁵¹ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u46367.shtml>. Acesso em dezembro de 2008.

Soube nesse fim de semana que a turma se reunia com frequência na casa de Celso, no bairro Tristeza, na capital. Num dos intervalos, entre uma vinda e outra do mar, pude conhecer melhor Celso, que se interessou em saber o que eu fazia. Gordo, como era chamado entre os amigos e também, como pude ver depois, pelos seus parentes, teve nesse dia, a partir da minha explicação, uma brevíssima noção do que vinha a ser antropologia. E interessado pela investigação acerca dos processos de transformação da cidade, narrou-me o caso da sua família e da casa da sua família.

Como vim saber depois, a casa da família de Celso foi construída em 1912⁵² e era uma das tantas propriedades que seus descendentes pela linhagem materna possuíam na região do Bairro Tristeza. Inicialmente casa de veraneio, a chácara passaria a residência fixa em meados dos anos 60, quando o avô de Celso volta a viver nela, em razão de sua separação. Antes disso, ela recebe diferentes moradores, por diferentes períodos de tempo, porém moradores e tempos de moradia ligados a figura da avó paterna da mãe de Celso, Elvira.

A família nuclear de Celso era composta por Rafael e Débora, seus irmãos mais novos; Ainsley, sua mãe; Celso “pai”, seu pai.

Jorge, a figura que foi relatada por Ainsley como o responsável pela mudança da família, e que aparece na rede de inserção da página 73, foi definitivamente o mais citado no início desse processo de aproximação. O conflito entre ele e a prima Ainsley tornaram-se fundamentais posteriormente, para o entendimento da estrutura de parentesco da família e da qual nos ocuparemos no capítulo seguinte.

Nos primeiros contatos e nos encontros subseqüentes a esse primeiro contato com a família de Ainsley, inclusive durante processo de mudança da casa, a rede de relações sociais, concretas ou simbólicas, da família seguiu a forma do esquema anterior.

No papel de guardião da memória, Ainsley será, daqui para adiante, nossa interlocutora principal no contexto dessa família, porém a partir da “observação participante”⁵³ (Malinowski, 1976:25) e de entrevistas com ela pude ir construindo a

⁵² Cf. R. Pellin, Revelando a Tristeza – II Volume. Porto Alegre, 1996. Pag. 27.

⁵³ Cf. B. Malinowski, Argonautas do Pacífico Ocidental, 1976, pag. 25 “é enorme a diferença entre o relacionar-se esporadicamente com os nativos e estar efetivamente em contato com eles”. Em defesa da técnica da observação participante, ele, como fundador da mesma, ele preconiza “o pesquisador deve se afastar da companhia de outros homens brancos” com objetivo de “através deste relacionamento natural, apreendermos a conhecê-los, familiarizamo-nos co seus costumes e crenças de modo muito melhor do que quando dependemos de informantes pagos”.

representação de alguns desses personagens e de suas relações, conforme descrevo abaixo.

Ainsley.



A narradora da família é “geniosa” e “braba”, e justifica isso através do zodíaco: “leonina né!”. Sempre escolheu muito bem as histórias que me contou, o que no início tornou ainda mais difícil o entendimento dos conflitos familiares que estavam em jogo na duração de suas relações de parentesco. Com o passar do tempo, quando passamos a trocar dados, ela se tornou uma interlocutora mais paciente. Tinha cinquenta e cinco anos em 2008.

Seus cabelos eram ruivos “como os do pai”, a pele um pouco sardenta e clara, os olhos escuros. Era extremamente vaidosa e tinha um cuidado especial no trato com o cabelo. Insistia muito em me casar com o seu filho mais velho, Celso. Porém, à medida que fomos construindo um novo papel social para minha *persona*: a mulher estranha motivada pelas histórias da família; que foi o papel de “antropóloga e amiga”, superamos, em parte, esse desejo.

Muito autoritária, se podia dizer que ela era a chefe da família. Era ela que decidia se gostava ou não gostava das relações sociais que orbitavam em torno da casa e o futuro daqueles que estavam ao redor dependia de uma resposta positiva.

O único filho que não morava junto a ela, era Débora, que vivia na casa da avó materna, no bairro Menino Deus. A vó de Débora e mãe de Ainsley, se chamava Noeli e sofria de Mal de Alzheimer já fazia alguns anos. Ainsley a visitava toda a semana na casa de repouso onde vivia.

O casamento de Ainsley e Celso tinha 32 anos quando a casa foi destruída. E usando a expressão “meu velho”, ela o chamava até hoje. Sobre o dia em que foi selada a aliança, ela relatou:

- Eu namorei, noivei e casei muito rápido, 8 meses. Foi muito rápido, foi um amor lindo, meu velho estudava, fazia engenharia né, na PUC e eu

pedagogia, e foi uma carona que eu pedi [...] me casei na capela da escola onde eu me formei. No Maria Imaculada, com os alunos todos presentes, porque ali eu já trabalhava né. Eu terminei o curso normal. né? Que era o magistério e aí depois já aí fiquei trabalhando lá aí quando casei todos os alunos estavam presentes, tão lindo, na hora do beijo todos bateram palma, coisa mais querida.

Mesmo depois de Celso ter saído da casa, ele ainda a visitava, “com beijo na boca e tudo”. Era ele que comprava para ela o perfume, o absorvente e o sabonete, pois, segundo Ainsley, só ele sabia sua preferência.

Celso [gordo].



Alto, magro, cabelo escuro e raspado, olhos grandes e pretos. Uma tatuagem em motivos tribais, larga e visível no braço esquerdo, torcedor fanático do Grêmio Futebol Porto alegre, surfista e morador da zona sul de Porto Alegre. Gordo era filho mais velho de Ainsley e Celso e dono de Kirra, Baco e Preta, seus três cachorros. Em uma noite, sentados com os cães no alto da enorme pedra que existe no terreno da casa, um mês depois dela ser demolida, falávamos sobre a região:

- E aqui não é Porto Alegre então? – pergunto para ele.
- Não, aqui nós somos separatistas.
- Nós quem. - questiono
- O pessoal aqui dessa rua. A gente fala que Porto Alegre é daqui para lá, para cá é chão batido, nem asfalto tem e ninguém quer. Mas tem uma união do pessoal da rua. Tem uma brincadeira assim. [...] Eu me lembro quando a gente veio morar aqui era direto, meu avô deixava isso aqui abandonado, trancava a casa inteira, saía para trabalhar de manhã e deixava aberto, às vezes até o portão ficava aberto. E daí vinha o pessoal e entrava, puta merda, tinha gente que entrava e não queria sair. Dizia que: “não”, “eu quero ficar aqui!”. Daí eu dizia: “não! a casa é minha”. “Pô, mas eu sempre vinha aqui, sempre vinha aqui colher fruta...”
- Inclusive tinha gente que passava, entrava aqui, e ele liberava para o pessoal pescar, né. Me lembro, na segunda, terceira semana, teve um barraco. Um cara que conseguiu entrar e o cara entrou, e naquela época eu tava no quartel, eu tava enlouquecido, daí o cara disse que ia entrar, a gente*

teve que chamar a polícia. Pergunta para mãe que ela vai te dizer. Foi um saco.

As adesões familiares, a casa e a região da zona sul, serão mais bem exploradas no capítulo cinco. No entanto, essa concepção da zona sul da cidade como uma cidade separada é uma ideologia muito forte em Celso. Ele narra o modo como seu avô vivia antes de sua mãe, seu pai e seus irmãos chegarem para morar com ele. Esse despojamento do avô, que depois, também será narrado por Ainsley é algo, que Celso se identifica quando fala do “chão batido” em frente a casa, porém isso logo muda quando se trata de delimitar o privado da propriedade em relação ao público “da gente que passava” por ali.

Osmar.



Caseiro da família há aproximadamente 15 anos, era um homem magro e baixo que andava sempre correndo pelo pátio da casa, seguindo - ora a voz aguda de Ainsley, ora as tarefas que a mesma deixava para ele fazer. Era Osmar que abria o portão para que se pudesse entrar na casa, sem risco de ser atacado por nenhum dos três cachorros grandes que circulavam sorrateiros pelo largo terreno. Sempre sorridente e com um cigarro pronto para ser aceso ou ser apagado, ele cuidava com esmero do pátio da casa de Ainsley. Nesse pátio, ele tratava o jardim, cortava o inço que crescia nas bordas do beiral junto ao rio, podava árvores, lavava a louça, cozinhava e dava comida aos cachorros.

Esse homem tinha aproximadamente uns quarenta e poucos anos, cabelo desgrenhado e um pouco comprido. Era raro vê-lo com camisa e sem seu chinelo de dedo, sendo que esse último avisava quando ele se aproximava e se afastava, em função do som que fazia em contato com “chão batido” do pátio.

Ele se recolhia ao seu quarto, que ficava ao lado do de Celso, no lado de fora da casa, em torno das nove horas da noite. Observando de longe seu quartinho dava para

ver a luz da TV acesa e o som dos programas que ele assistia, nos últimos anos, com a companhia de um pouco de cachaça.

Laura.

Era namorada de Rafael desde 2006, depois eles terminaram o relacionamento e voltaram mais uma vez a se relacionar em 2008, porém morando em casas separadas. Ainsley, no entanto, não “abençoou” essa última “volta” de Rafael e Laura, como não tinha “abençoado” a ida do “gordinho” à Austrália oito anos antes. Atualmente, na casa onde uma estava a outra não podia entrar.

Laura tem cabelos loiros e compridos, unhas compridas assim como os cabelos, sempre bem cuidados e lisos. Ela tem alguns anos a menos que Rafael, que tinha nessa época, 26 anos. O casal foi o último a deixar de dormir na casa, já que esperavam a construção da nova, no terreno do lado, onde morariam juntos.

Ica (Ricardo).

Era um antigo namorado de Ainsley, que tornou a aparecer ou a ser procurado em razão da separação dela e do pai de Celso, que ocorreu em 2006, no meio do processo de desocupação da casa. Ele era muito citado no início da etnografia, depois era mais citado em razão dos dias de aniversário dela, onde saiam juntos para jantar. A única vez que o vi, estava de bombachas, lenço vermelho e camisa branca. Era um homem baixo, de cabelos e barbas grisalhas. Ainsley o conhecia desde a época que morava no centro da cidade, na Rua Duque de Caxias, quando tinha aproximadamente quatorze anos.

A faxineira

Era assim que se chamava a mulher com quem o pai de Celso tinha passado a viver, no período que a mudança da casa estava sendo anunciada. Ela nunca apareceu na casa. Porém inicialmente era narrada, por Ainsley junto a uma quantidade de impropérios. Depois passou a ser referida somente como “A faxineira”.

Desde 2006, ela vivia no Bairro Restinga, acompanhada do pai de Celso e marido de Ainsley. Havia trabalhado na casa durante alguns anos, mas nesse ano já não trabalhava mais. Nos anos seguintes já podia ouvir Celso, o filho, chamá-la de a mulher do meu pai. E nos últimos meses de campo, em 2009, finalmente, ouvi seu nome ser pronunciado pela primeira vez. Chamava-se Vilma.

Elizabeth.

Era uma senhora de oitenta e três anos em 2006. E seu nome era muito citado quando o assunto era a relação da casa com a família, ou seja, ela era citada muitas vezes. Era uma referência para a história dos descendentes paternos de Ainsley. Tinha a pele bem clara e os cabelos brancos e finos, porém ainda um pouco louros. A única vez que conversamos e onde ela fez questão de ressaltar seu desgosto pela câmera de vídeo, ela usava um chapéu de palha largo, roupas coloridas, óculos e tinha na mão uma bengala de madeira. Foi uma conversa rápida. Depois soube que Ainsley não a via tanto quanto falava dela. Ela vivia sozinha, na casa ao lado, era filha de um irmão mais velho da vó paterna de Ainsley, do qual tinha herdado a propriedade. Nasceu na Rua Mario Totta, bem aonde chegava ao fim a rua onde morava hoje. Segundo Rafael “ela tinha mil anos”, isso porque conservava os álbuns comemorativos de Porto Alegre, onde uma parte da família aparecia estampada nas páginas principais, e era para ela que Ainsley recorria quando queria lembrar e focar dos parentes.

O Jorge.

Foi muito difícil entender porque o Jorge era tão ruim. Ele era um dos mais citados, por Ainsley, por Celso e até por Tiago que era o responsável pelo projeto arquitetônico da casa nova de Ainsley. Em torno da figura dele que circulava o motivo pelo qual aquela família tinha que se mudar às pressas. Uma questão que só foi ficar clara a partir do estudo das relações de parentesco e do qual nos ocuparemos no capítulo quatro. Hoje Jorge não é mais parte ruim da família, Ainsley e ele voltaram a se falar e a fazer churrascos em família no mesmo espaço que antes havia sido tema de litígio. Ainda em 2006, Celso talvez já tivesse previsto o caminho dessa conciliação:

- *Eu na real mesmo queria sentar com esse cara um 15 minutos, em paz, sem ninguém em volta.*
- *O que tu ia dizer? – eu pergunto a ele.*
- *Eu ia ouvir ele. Com certeza como eu fico às vezes maquinando coisa, ele deve pensar alguma coisa né. Para perder tanto tempo comigo aqui, né, trabalhando contra, ele deve ter alguma coisa para me dizer.*

No que consiste às definições jurídico-legais brasileiras, os motivos que levaram Ainsley a mudar-se de casa, estão ligados ao direito de sucessão legítima que ela e mais dois outros herdeiros, “descendentes da mesma classe”⁵⁴ possuíam àquela mesma propriedade no bairro Tristeza. Habitante da única casa da propriedade, Ainsley

⁵⁴ “Se concorrerem à herança somente filhos de irmãos falecidos, herdarão por cabeça” Cf. Código Civil Brasileiro, Livro V Do Direito das Sucessões, Título II, Capítulo I. Art. 1.843

foi acionada por um dos herdeiros, o tio Jorge, para que se cumprisse o processo da partilha da herança⁵⁵. Dessa forma ela foi obrigada, sob ordem judicial, a desocupar a residência. E nesse período que nos conhecemos.

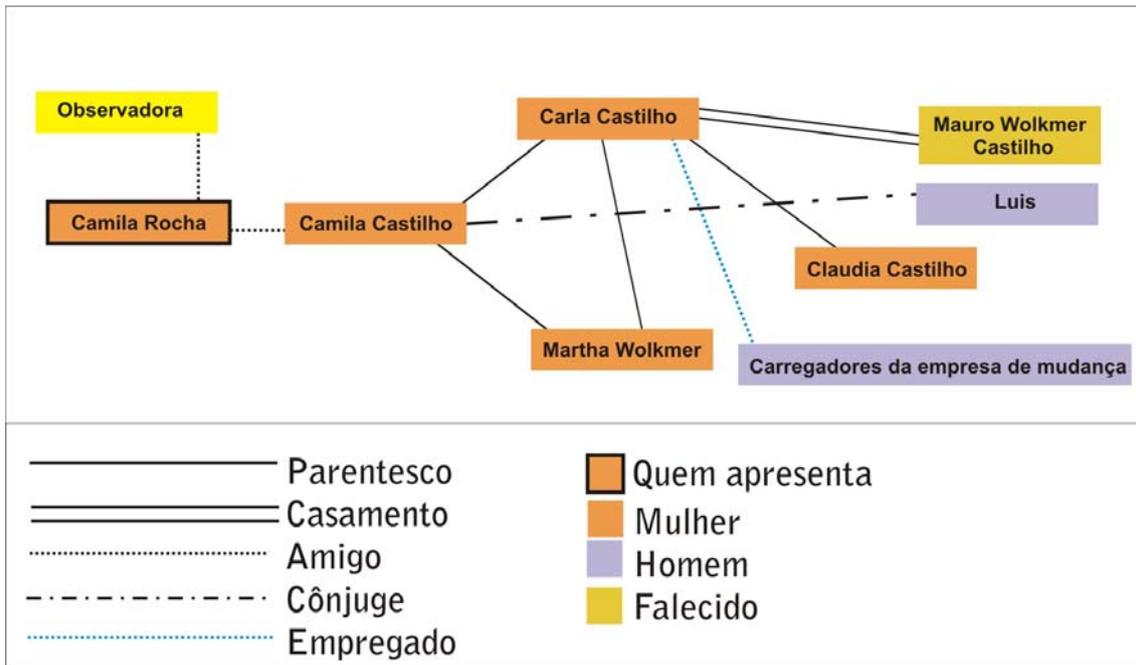
3.4.2 A família de Carla: A casa que ficou grande demais

Um ano depois da desocupação da casa de Ainsley, por intermédio de uma amiga - e minha professora de Francês na época – fui colocada em contato com Carla. Camila Rocha conhecia a filha de Carla, também chamada Camila, desde quando pesquisavam, no mesmo laboratório de biologia, no curso das suas graduações em Ciências Biológicas.

O marido de Carla, também, estava vinculado ao meio acadêmico. Professor universitário até seu falecimento, ele havia feito o mestrado e o doutorado no Rio de Janeiro, de maneira que Camila e seus irmãos também tinham experiência de moradia em outras capitais além de Porto Alegre. Ela e seus irmãos já conheciam alguns países do continente europeu, assim como seu pai, que conforme ressaltou Carla, “viajou por tudo”. A única que não tinha essa circulação internacional, ou tardou a tê-la, foi Carla, que optou sempre pela viagem de cuidar dos filhos.

Conheci Carla através de uma ligação telefônica, e devido à experiência etnográfica de desocupação da casa de Ainsley, obtive mais sucesso na explicação dos meus objetivos dessa vez. “Ah essa casa tem muita história, mesmo”, disse ela ao telefone em resposta aos meus esclarecimentos de porque conversar com ela era importante. A casa de Carla ficava na Rua Quintino Bocaiúva, quase na esquina com a Rua Casemiro de Abreu, no bairro Rio Branco, na capital.

⁵⁵ “Até a partilha, o direito dos co-herdeiros, quanto à propriedade e posse da herança, será indivisível” Cf. Código Civil Brasileiro, Livro V Do Direito das Sucessões, Título I, Capítulo II Art. 1.791



A família nuclear de Carla era constituída por ela; por seu marido falecido, Mauro; por seus três filhos: Claudia, Marcos e Camila. Luis namorava Camila na época e eles viviam juntos em uma casa no município de Ubirici. Claudia e o marido moravam em Gramado, e Marcos era o único solteiro e que ainda morava em Porto Alegre.

Martha é mãe de Mauro, e a pessoa mais velha da família até hoje. Vive numa casa de repouso em Canela, muito perto da casa onde Carla mora agora.

A leitura da rede de aproximação a família de Carla, segue a mesma lógica da rede de aproximação da família de Ainsley. No papel de “guardiã da memória” Carla será a narradora principal de sua família, e os integrantes da rede abaixo descrita, serão retomados a partir de sua narrativa.

Camila.



É chamada de Pita entre os familiares. Ela tem trinta anos e é a filha caçula de Carla. Tem estatura média, olhos castanhos claros e cabelos loiros, e é uma das crianças que mais aparece nas fotos que Carla mostrou da vida da sua família na casa. Camila faz doutorado em biologia e hoje mora no apartamento que era da sua irmã, em Porto Alegre, no bairro Montserrat, perto da casa onde cresceu. Viveu junto com Luis até o ano de 2008, numa cidade de 10.509 habitantes. Até hoje os dois ainda integram uma ONG que protege e pesquisa um felino nativo dessa região serrana do estado de Santa Catarina, porém estão separados desde este ano.

Camila foi a única filha que participou ativamente da mudança da casa da mãe. Por essa razão era com ela que eu conseguia mais diálogo e para quem podia perguntar acerca de algumas dúvidas; ou expor algumas observações. Era extremamente calada e centrada, porém muito sorridente e tranqüila. Um dia antes da mudança oficial da casa ela e Luis encheram um pequeno caminhão com coisas que foram dadas por Carla para a casa de Urubici e coisas pessoais de Camila que ainda estavam na casa da mãe. As coisas pessoais eram principalmente brinquedos, livros, agenda velhas, polígrafos, e alguns objetos em estado de limbo: coisas que não se tinha coragem de jogar fora, mas tampouco se tinha certeza de levá-las consigo. Os móveis e objetos dados pela mãe eram artigos de casa, bujões de gás, “Junker” (aquecedor de água), aquecedores elétricos. Camila também levou com ela as portas da casa, a fim de colocá-las em algum cômodo da casa de Urubici. Eram portas de madeira em arco, desenhadas com filetes de madeira torneada e vidros em craquelê. Ela também havia pedido para que o piso de parquet da sala fosse retirado para que ela pudesse aproveitá-lo na casa de Urubici. Porém a descoberta de muitos pregos nesses tacos, fez com que o intento fosse abortado. Sobre essa operação de retirada de partes da casa, Carla me disse:

- A minha filha a Camila quando foi a Melnick que quase comprou ela tinha falado com eles e eles disseram que ela podia tirar tudo o que ela quisesse da casa, porque eles não vendem material usado, tá, eles dão. A Melnick tem uma coisa bem legal, o senhor nos explicou, eles têm, eles mantêm uma creche e, os pais das crianças da creche, eu acho que em Gravataí, Cachoeirinha, eu não sei, aquilo lá, os pais das crianças das creches fazem listas das coisas que precisam para suas casas e quando a Melnick vai demolir uma casa ela dá para aqueles pais as coisas que eles precisam, depois abre para os funcionários, vamos dizer até sábado dia 20, vocês podem tirar o que quiserem, dia 21 daí toca a máquina, daí quebra tudo. Então eles disseram bom, enfim, tu pode levar o que quiser, ela ia levar a casa inteira, né. Agora esse já não, esse ele disse que ele paga, ele faz um acordo com a demolidora, ele contrata uma demolidora, a Melnick é ela mesmo que demole. Ele não, contrata uma demolidora e em troca da demolição, ele dá as coisas. Portanto se a minha filha quisesse muitas coisas teria que tratar com a demolidora [...] É mas ele deixou e ela vai

tirar duas portas e essas aqui ela vai levar, ali tem para dentro da parede, eu disse para ela: ele nem viu! Ele não pode ver o filme - ri, apontando com os olhos para a câmera - ele nem viu aquela porta que está embutida igual a essas aqui né e ele viu muito rápido a casa, “en passant” assim, e essas portas ela vai levar. [...] Ele deu para ela aquela porta grande que vai para o pátio e ali na copa tem mais uma e essas duas ele deu. Porque a Camila não tem casa ela pretende construir, ela ia tirar janelas tudo, e tudo isso ela não vai poder tirar, mas as duas portas ele vai tirar mais essas daqui ele vai tirar também. [...] Ela fez um acordo com ele, ela pode tirar aquelas duas porque ela pediu, e ela pediu o parque dessa sala, não sei se vai conseguir tirar, porque esse parquet é maravilhoso, claro, eles precisam de uma lixada né, ele tem 60 anos e não tem um cupim, não, não tem nada, só ali ele pegou um cupim porque tinha um sofá com cupim, eu não sei se ela vai conseguir tirar mais ele deixou ela tirar.

Quando Carla pediu que eu fechasse a porta, ao sairmos todos pela última vez daquela velha casa, a última coisa que eu olhei foram àqueles sacos brancos lotados de tacos de parquet, encostados na parede e sobre o chão esburacado da sala.

Claudia.



Caco tem os cabelos castanhos como os do irmão, é a filha mais velha de Carla. Quando Carla a citava em uma foto, se referia a ela como aquela que inventava, “ah isso era uma invenção da caco”. Cláudia era médica e morava com o marido em Gramado, uma cidade pequena e turística da serra do Rio Grande do Sul.

Em entrevista, Carla havia sido bem enfática sobre a posição dos filhos em relação a ter filhos: já tinham avisado que não iam ter. De maneira que ela falava isso deixando transparecer um pouco de pesar, porém que logo se transformava em respeito pela escolha deles. Carla tinha se dedicado a essa escolha, de ter e cuidar dos filhos, por ao menos vinte anos de sua vida.

Em 2008, no entanto, nasceu Sophia, a primeira neta de Carla. No Orkut, uma rede virtual de relacionamentos, sou “amiga” de Carla e através do seu álbum pude ver

as fotos de Sophia: junto de sua avó, de seus tios e junto de seu pai e de sua mãe, Claudia.

Claudia e Camila tinham quatro anos de diferença de idade, e eram muito amigas. Eu vi Claudia somente uma vez, na chegada da mudança de Carla na cidade de Canela, onde ela participou da arrumação da casa junto com Camila e Luis. Nessa ocasião ela passou todo o período fazendo graça com os objetos e as coisas antigas da casa que ia re-encontrando ao abrir as caixas de papelão vindas da casa de Porto Alegre:

- Bule de ferro que ela nunca usou – para, pensa e olha para Camila – só quando fazia chá e levava para cima quando a gente estava doente. [...] Sabe o que tinha nesse pote? – às gargalhadas, mostra o objeto para Camila, caçoando de como ele era velho – Umas velinhas de aniversário antigas! [...] O que será que a mãe vai fazer com isso? – de testa franzida, Claudia pergunta aos risos a Camila – ela vai usar isso? – pára, olha para a irmã e responde a si mesma – não, põe fora - Camila abre outra caixa e se afasta – Acho que vou arrumar os livros artisticamente.

Marcos.



Maio, como era chamado pelas irmãs e pela mãe, era o único filho homem de Carla, e tinha na época da mudança, trinta anos de idade. Era dele a maioria das fotos de escola que Carla mostrou: foto do primeiro dia da escola, foto da fantasia da festa da escola, foto dele fazendo trabalhos para escola. Era muito mais alto do que as irmãs e na única vez que o vi, na festa de formatura de bacharelado de Carla, usava uma barba que pelas fotos que Carla mostrou de Mauro quando jovem, o deixava muito parecido com o pai. Segundo as irmãs ele foi o último a sair da casa de Carla, “e se pudesse não saia”. Morava sozinho desde então, num apartamento no Bairro Boa Vista, em Porto Alegre. Trabalhava na área da engenharia de aviões e tinha uma namorada. Segundo Carla ele era muito “namorador”:

- Porque assim o Marcos ele teve varias namoradas ele foi um baita de um namorador, então aqui tem várias caixas com cartas e bilhetes, aquele amor, aquilo tudo, com as fotos da fulana... ai quando brigava, aqui vrrrrruuum, vinha tudo para cá. Porque já vinha uma nova e não podia ver as coisas da antiga. E com isso eu tenho várias aqui coisas de amadas que ele tem que ver o que ele vai fazer com isso né. Eu não posso fazer nada, eu vou jogar fora as amadas dele, de certo vai né, mas sabe, tem que decidir.

De pé no meio do sótão da casa, Carla fez esse apelo ao filho, para que olhasse o que queria levar, para que cuidasse daquilo que já tinha passado, para que se importasse. Muitas das coisas de Marcos que ela disse que ia botar fora nessa ocasião, eu acabei revendo na chegada da mudança em Canela. As desculpas eram que o apartamento dele era pequeno para poder guardar, por exemplo, um aero-modelo que tinha feito com o pai quando criança, ou a bateria da época que tinha uma banda.

- Vou me mudar dia 5 de junho. Eu já falei né, eu já falei, eu já falei, cada vez que me encontro com eles. Meus filhos vocês tem escolher o que vocês querem, porque eu vou tirar de pá. Só que eles não vêm, a Camila é a única que andou mexendo, já pegou os diários dela que estavam aqui. Enfim, agora eu não, eu não posso carregar isso, como é que vou levar essa montanha de lixo para a minha casa. [...] Eu acho isso sabe, por que, como eu te disse, aparentemente, não aconteceu nada: eu continuo morando aqui. Só que aconteceu tudo! A casa foi vendida, eu vou ter que sair. E eles tão meio, principalmente a Claudia e o marcos, a Camila já ta mais aterrissada e até porque ela não mora em Porto Alegre, mas ficou aqui comigo por que ela ta estudando na UFRGS e ela teve aqui uns 15 dias. Ela aproveitou e mexericou porque ela ficou morando aqui. Agora os outros na verdade tão fingindo que não aconteceu nada essa é a verdade, essa é a grande verdade. O marcos agora sábado diz que vai fazer uma festa de despedida, vai convidar todos os amigos,

- Aqui? - Pergunto um pouco impressionada

- É. Ele sempre usa a churrasqueira lá em cima, tem um super lugar para festa lá, ih tem churrasqueira, e é um lugar bem legal, e a impressão que eu tenho é essa: como não aconteceu nada; eu continuo morando; aparentemente, ta tudo igual. Só que chegou o dia que foi, e isso aqui eu tenho que ter uma solução, eu não posso levar, eu já disse para eles: não dá. Começar numa casa nova com essa montanha de coisa, não tem como, eles têm que vir aqui senão eu vou chamar a cidade de deus⁵⁶. Até porque eu acho que assim como tem a história do luto e tu tem que viver o luto e a venda dessa casa é um tipo de luto e se tu não vive o luto é muito pior; com relação ao meu marido e tudo mais, quando morreu o pai, ta meus filhos já eram grandes, mas mesmo assim, tu não pode fingir, tu tem que viver o luto, tu tem que sofrer, tu tem que tudo, porque então tu sai viva do outro lado, porque se tu não vive o luto, e... E separar essas coisas é uma, é um tipo de viver o luto. Eles têm que mexer no passado, eles tem resgatar, eles têm que pegar as coisas, eles têm.

⁵⁶ A “cidade de deus” ou Caritas Arquidiocesana de Porto Alegre é também conhecida como “O Mensageiro da Caridade”. Trata-se de uma entidade sem fins lucrativos, que atua na comercialização de móveis, utensílios domésticos, eletrodomésticos provenientes de doações. Os doadores chamam por telefone e a entidade se encarrega de ir buscar as doações em um caminhão. O lucro obtido é destinado para manutenção da estrutura e para ajuda comunitária.

Carla.



Ela se define como “muito agitada”, “rebelde”, alguém que vai “atrás”. Com cinquenta⁵⁷ e cinco anos de idade, em 2007, Carla coordenou praticamente sozinha a mudança de toda a casa. Encaixotando roupas, papéis, louças e objetos até o último instante. Ela parecia ir se desfazendo das coisas à medida que as coisas iam “aparecendo” na sua frente “toma Anelise, leva para ti”, disse ela ao me alcançar por trás da câmera uma torradeira. Até tudo ser colocado no caminhão foram muitas as coisas que “apareciam”, na casa que tinha: dois andares, duas salas, cinco quartos, três banheiros, cozinha, dispensa, lavanderia, pomar, “espaço para churrasqueira”, garagem, pátio, num terreno de aproximadamente 440 metros quadrados. Uma casa na qual tinha morado por vinte e cinco anos:

- Então essa história, essa casa tá ligadíssima a minha vida, até por esse resgate de infância, que eu era muito solitária por ser filha única não sei o que, e na praia eu não tinha ninguém, e de repente me cai de pára quedas 6 amigas, eu fiquei muito amiga mesmo. [...] Adorava vir para cá, no começo, que a gente se conhecia pouco, quando veio do primeiro verão que a gente se encontrou, eu dizia tomara que ela me telefone, me convidando. Ela me convidava, eu vinha aqui conversar com ela, entende? Eu namorei ele não foi logo, a gente ficou amigo anos, ia ao cinema, saía todo mundo junto, até que se degringolou em namoro, não foi exatamente no início. Eu conheci elas em 65, tá, casei em 72, nesse meio tempo eu namorei ele um tempo eu acho, em 69 eu fiz vestibular, eu já era namorada dele, deve ter sido em 68 mesmo que eu comecei a namorar. A gente foi amigo uns 3 anos e eu sou amicíssima dos irmãos dele, também, desse tempo. Ficaram meus cunhados depois, mas tudo por tabela sabe, essas pessoas a gente ficou assim muito irmão, muito legal, eu até me dou, não fazendo injustiça, mas falando assim em termos de afinidade, mais com os irmãos dele do que com o meu que é muito distante, mora longe e é mais moço. Então afinidade eu acho que

⁵⁷ Cf. Myriam M. Lins de Barros, 2009, pag. 25-26 que toma a mulher de 50 a 60 como referência para sua pesquisa “as mulheres dessa geração parecem viver uma experiência particular e distinta das gerações anteriores e da que as segue imediatamente”, isso pelo fato de terem pais vivos e filhos jovens. Ainsley se encontra nessa condição, por ainda possuir a mãe viva e Carla, mesmo com os pais mortos, adere à sogra como figura de referência a ancestralidade da família. Concordamos com Lins de Barros, que essa especificidade é interessante para compreender as relações familiares contemporâneas.

tenho mais com esses cunhados que são irmãos. Então essa casa, essa casa para mim pelo menos tem tudo a ver com a minha vida, tem tudo a ver, e a... Eu faço força, muita força para me desligar de bens materiais e saber que a vida dá muita volta e que a gente tem que sempre ir para frente. Tá, se eu consegui sobreviver sem o marido, meu marido faleceu faz nove anos né, e se eu consigo sobreviver sem ele, eu consigo sobreviver sem nada. Eu não tenho que ficar presa, mas não é fácil, não é fácil.

Mauro.



Nascido em 46, no mesmo ano que sua família foi para a casa da Quintino Bocaiúva, Mauro morreu em março de 1998, com cinquenta e um anos. Era narrado por Carla como um homem muito ativo, inventivo e amoroso com os filhos. Nas fotos que ela me mostrou era raro ele aparecer, pois estava sempre “do outro lado” as produzindo.

Martha.



Nascida em 1915, Martha tinha noventa e três anos quando a entrevistei⁵⁸. Era uma mulher magra e baixa e “clássica”, segundo Carla. Sempre aparecia nas fotos em vestidos e roupas muito recatados. Ela foi uma referência da história da casa desde o início de meu contato com Carla:

- E a minha sogra que tava aqui comigo até o ano passado, apesar do marido ter falecido a sogra morava comigo, e ela foi embora para a casa do filho porque ela disse que não tinha, ela tem 92 anos e disse que ela não tinha coragem de ver o fim da casa por isso que eu te disse, que se tu quiser falar com ela nós vamos lá, ela não quer mais vir aqui porque eu estou desmanchando a casa já. Ela não quer, ela não quer ver.

Na época da mudança da casa, Martha morava no Bairro de Belém Velho, junto com um dos filhos. Depois que Carla se mudou ela passou a viver numa casa de repouso ligada a instituição católica em Canela, perto da casa nova de Carla, que a visitava muitos dias por semana.

A casa de Carla, diferente da casa de Ainsley, estava sendo vendida para uma construtora. Construída em 1945, segundo narrou Martha, a primeira moradora da casa e sogra de Carla, ela foi destruída em fins de 2007.

Era uma casa em estilo geminado, como se diz de cada uma de duas casas conjugadas, encostadas uma na outra, e separadas por uma parede. A outra parte pertencia a Helga, irmã de Martha, na ocasião já falecida. Era uma casa localizada no alto de um morro, na Rua Quintino Bocaiúva, Bairro Rio Branco, uma região com presença de muitas casas ainda, porém uma quantidade muito grande de prédios sendo construídos.

Em 2007, Carla morava sozinha na casa da Quintino, fora as visitas, os churrascos dos amigos de Marcos e os pousos esporádicos de Camila. A casa foi vendida em fevereiro deste mesmo ano e paga em cinco parcelas iguais pela construtora que comprou o terreno:

- A última prestação é 5 de junho e aí eu tenho que sair, esse é trato, o dia da última eu tenho que sair, e eles são absolutamente pontuais e eu serei também.

Ela foi pontual, conforme havia preconizado e saiu da casa no tempo determinado pela construtora.

A partir do ingresso na rede dessas duas famílias a etnografia junto a elas se desenvolveu no sentido de pensar a dinâmica social da mudança de casa através da

⁵⁸ Entrevista realizada junto com a antropóloga Ana Luiza Carvalho da Rocha, responsável pela gravação em vídeo e gravação do áudio da situação de entrevista.

noção de drama social, onde a mobilidade social e legado de um patrimônio familiar estavam em jogo.

Nesse sentido, o processo de desocupação da casa, tanto de Ainsley como de Carla será abordado no capítulo seguinte a partir das trajetórias sociais e narrativas biográficas de cada uma dessas mulheres, para pensarmos suas diferentes representações sociais de família e problematizarmos a relação delas com o sentido da morada.

CAPÍTULO 4

A DESCOBERTA DA MUDANÇA DA CASA COMO UM ATO DE PERMANÊNCIA: A MORADA

A escolha do título deste capítulo reflete o caráter processual dessa etnografia. Tomando o trabalho de Gilberto Velho (2006), em *Subjetividade e Sociedade*, como referência, os indivíduos que “contam suas histórias de vida” aqui, a contam para um pesquisador “próximo, às vezes conhecido” (2006:17). O caráter confessional, das narrativas aqui expostas, não está relacionado a um compartilhamento geracional de experiências históricas ou cotidianas, como no caso do trabalho de Velho, porém está profundamente relacionado a uma condição de gênero. As duas mulheres com quem dialogaremos nos próximos dois capítulos foram cúmplices da minha proposta acerca das relações entre a transformação do espaço e a transformação de seus projetos de vida. E à medida que fui cúmplice das mudanças que estavam ocorrendo com a “mudança de casa”, pude compreender as relações de parentesco que compunham a família, as adesões e valores agregados a elas e a relevância da aliança na composição do projeto de vida dessas mulheres.

A descoberta da morada, dessa forma, integra um percurso intelectual que está diretamente relacionado ao percurso das mudanças na vida dessas duas mulheres e, por conseguinte, de suas famílias. Conforme vimos no capítulo três, a mobilidade social iminente, dada pela “mudança de casa” era um processo a qual passariam Carla e Ainsley após longos anos de residência na mesma casa. Com histórias ligadas a sua própria infância ou a infância dos filhos, não raro a casa era narrada como uma “casa com história”, como uma casa “que tem tudo a ver com a história da minha vida”. Para Bachelard, todavia, a imagem da casa natal (1989:33) está fisicamente inserida em nós, e é integrante de um grupo de hábitos orgânicos onde os espaços de intimidade são absorventes, de forma que aquele que os lê, revê o seu próprio espaço íntimo. Impulsionados pela descoberta desse espaço imaginado dialogamos com esse autor propondo o exercício da *topoanálise* para se pensar a *topofilia* do espaço da morada a partir das diferentes imagens que cada um dos espaços que a compõem evoca como capacidade de devaneio.

- [...] Agora vamos olhar lá em cima, bom lá em cima o caos está instalado, bom realmente aqui tem um quatinho, é muita bagunça Anelise, tu vai dizer

para o pessoal do teu filme que eu estou me mudando. [...] se tu tivesse vindo dois meses atrás, tu teria visto a casa montada, foi pena que a gente não se conheceu, porque tu teria visto a casa montada e agora tu teria visto o processo de mudança que ta acontecendo.

Aqui Carla opõe o caos e a desordem à noção da casa montada e da ordem. Ela supõe um viver anterior onde as coisas estavam em seu lugar e um momento presente onde as coisas estão fora do lugar.

Analisando esse estado de mudança a partir da teoria do ritual, poderíamos dizer que Carla estava em uma condição de liminaridade. Condição essa consolidada na reflexão de Arnold van Gennep (1960 apud Turner, 1974), para quem os ritos de passagem são os “ritos que acompanham toda mudança de lugar, estado, posição social de idade” (Turner, 1974:116) e eles são compostos de três estágios, a separação, a margem ou limiar e a agregação. Turner na análise do processo ritual emprega a noção de “estado” para caracterizar qualquer tipo de “condição estável ou recorrente, culturalmente conhecida” (Turner, 1974:116) e a opõe a noção de “transição” como aquilo que produz a mediação entre diferentes estados. De acordo com o relato de Carla, a partir da teoria do ritual, liminaridade poderia ser entendida como a transição entre “a casa montada” e a nova casa, situação onde essas mulheres se encontram “entre”, “no meio” de “posições atribuídas e ordenadas” por regras, convenções e costumes. Uma situação de mescla de posições, indeterminação de estado, ambigüidade. Se seguíssemos por essa linha, o estado de liminariedade sucederia o estado da separação e antecederia o estado da agregação.

Conforme Turner a separação abrange “o comportamento simbólico que significa o afastamento do indivíduo” (Turner, 1974:116) de um ponto da estrutura social ou de um conjunto de condições culturais. Ela poderia ser entendida, no caso das nossas interlocutoras, a partir do conjunto de condições históricas e sócio-econômicas que interferem na possibilidade da casa permanecer existindo e que por sua vez estão ligadas a mudanças no status⁵⁹ de cada uma dessas mulheres no âmbito de seus projetos de vida, de casadas passam a: viuvez, no caso de Carla; e a mulher separada, no caso de Ainsley. A agregação por sua vez, estado onde “se consuma a passagem”, estaria ligada a estabilidade da casa nova, como possibilidade de voltar a ter uma “casa montada”.

⁵⁹ A. L. C. da Rocha em sua dissertação sobre a construção da identidade social entre mulheres separadas, entende o status de separação com “uma situação de liminaridade social”, onde os atores estão implicados na disputa pela legitimidade, prestígio e reconhecimento social, num “processo de negociação da realidade” (Velho, 1983 apud Rocha, 1985)

Uma estabilidade, claro, agregada das transformações passadas no período liminar. Uma estabilidade conquistada.

O grande problema de abordar a mudança da casa como uma mudança de estado, através da teoria do ritual, é que estaríamos entendendo o movimento da mudança como a perda e conquista da estabilidade estrutural. Pela linha da duração, no entanto, teríamos condições de analisar esse processo de mudança a partir da dialética da ruptura e da continuidade que dá rítmica a “emergência ondulatória da vida” (Bachelard, 1988:37). Se por um lado não abandonaremos totalmente a teoria do ritual, por outro não seguiremos o entendimento da mudança a partir de um processo tão totalizante e segmentado. Interessa-nos mais, a dinâmica da ação e do repouso para compreendermos o que move a mudança e a relação dela numa onda de vida que é mais extensa do que o ato de troca de casa. Entender a mudança como mais uma transformação no curso da vida dessas mulheres é entender também a particularidade dessa mudança em relação aos outros pontos de ruptura narrados por cada uma delas. Se para Bachelard o ser alternativamente ganha e perde no tempo, “a consciência se realiza nele ou nele se dissolve” (Bachelard, 1988:37), é impossível pensar o tempo como uma intuição imediata.

O contexto do presente, instante em que acontece a mudança de casa das nossas interlocutoras, é espaço privilegiado para “esse tremor do tempo” (Bachelard, 1988:38) que acompanha a recordação. Ao passo que a recordação do passado não é um “bloco uniforme”, ela não existe sem a dialética com o presente que, tampouco, é imutável. Estimamos que, analisando o ato da mudança como condição liminar, estaríamos limitando o devir ao término do processo ritual, e deixando em plano secundário, a conjuntura do presente como reinvenção do passado. O tempo do processo ritual é um tempo em movimento, não um tempo de reflexão e o que as narrativas nos mostram que é no jogo dos dois contextos temporais – o passado e o devir - que se dão as escolhas.

Seguindo uma posição mais relativista, chegamos até a dimensão projetiva do “trágico”, onde o momento presente é o espaço para “reviver o tempo desaparecido” e aprender a inquietude da nossa morte (Bachelard, 1988:38). A narrativa sobre as representações de si, as relações de parentesco e os valores agregados aos objetos e ao espaço da casa, não podem ser pensadas como dados de um passado pleno. Se a narração ocupa “o vazio dos tempos inativos”, quando recordamos estamos misturando, na dialética da ação e inação, a favor de um conhecimento específico do tempo. Se o

trágico tem a faculdade de projeção, ele também por isso é fundamentalmente “dinâmico e ativo”. Considerando a “tríade temporal” do passado, presente e futuro, quando narramos, segundo Maffesoli, acentuamos um ou outro desses elementos. Esse acento é o que compõe o conjunto de atos e representações (Maffesoli, 1988:174) que estruturam as concepções que, Carla e Ainsley têm de si. É a partir dessa faculdade projetiva, onde passado e futuro se constroem a partir das avaliações da condição do presente, que entendemos a situação de mudança de casa de Carla e Ainsley.

Para o caso, da experiência compartilhada na mudança de casa, entre a pesquisadora e as interlocutoras, nos valem da idéia de uma antropologia da experiência. Dessa forma a condição do trágico, anteriormente descrita, se aproxima da concepção de drama social no qual trabalha Turner (1986), uma experiência situacional. O caráter processual de um evento, que já havia sido desenvolvido por Turner em *O Processo Ritual* (1974) a partir do trabalho de Gennep (1960 apud Turner, 1974) ganha na antropologia da experiência (Bruner, 1986) uma dimensão temporal mais transversal. Em *O Processo Ritual* o tempo tem um caráter de distensão. A partir da transformação inerente ao ritual, que transforma as noções e posições dos indivíduos numa perspectiva de tempo processual, o indivíduo acaba como uma representação do tempo transcorrido. A noção de experiência, no entanto, agrega ao paradigma de uma antropologia simbólica, no qual Turner é expoente, algumas preocupações de uma antropologia hermenêutica, interpretativista. A partir dos trabalhos de Clifford Geertz (1997:11) busca-se situar o conhecimento oriundo da etnografia “em relação aos rumos recentes do pensamento moderno sobre o social”, numa atitude menos “provinciana” e mais “pluralista”, a favor de um conhecimento mais “contextualista, antiformalista, relativista” do que nas grandes teorias gerais sobre o “Outro”. O tempo da interpretação, que é agregado posteriormente por Bruner (1986) na empresa de uma antropologia da experiência, já vem sendo, no entanto, desenvolvido nesse estudo a partir da “figura do antropólogo como narrador”, desenvolvida por Eckert e Rocha (2005).

O drama social vivido por Carla e Ainsley, tem diálogo, todavia, a uma dimensão material que bem trabalha Van Gennep (1978:36) nos ritos de “passagem material”. As “cerimônias de mudança de domicílio” (1978:38) que ritualizam as entradas e as saídas dos lugares de moradia aproximam-se da experiência que Carla e Ainsley vivem à medida que vão demarcando prazos, limites, cumprindo demandas, para a entrada e a saída das casas. Demandas de fechamento de contratos de compra e venda, de pedido de corte de luz da casa deixada, pedido de ligamento para casa de

entrada, limpeza dos espaços, ou mesmo como já nos narrou Carla a meta de “não levar uma montanha de lixo” para a casa nova.

4.1 A mudança (crônicas em vídeo – DVD)

Nesse capítulo acompanharemos a mudança de casa de Ainsley e Carla através de crônicas em DVD interativo. Elas foram editadas a partir de imagens em vídeo, que receberam tratamento documental conforme já foi explicitado no subtítulo dois do capítulo três dessa dissertação. A intenção dessas crônicas é descrição etnográfica do processo de mudança de casa. A intenção narrativa dos planos foi produzida em diálogo com o conceito de “sociedade documental” (Satt, 2007:29) onde os enquadramentos e os movimentos de câmera são produtos da interação que caracteriza o fenômeno pesquisado.

4.2 A duração da morada na genealogia de parentesco

Anotando com a câmera ou no caderno, analisando as fotos antigas da parentela, o desmonte da casa auxiliou-me a perceber que relações de parentesco estavam sendo acionadas na narração da família. A casa como repositório dessas representações de parentesco, filiação e projeto de vida familiar, precisava ser lida conforme os vínculos que haviam construído aquele espaço. De modo que foram dois anos montando e aprimorando um mapa de parentesco para cada uma das famílias. Esse estudo passou a figurar como um método de trabalho fundamental para pensar o fluxo dos objetos transmitidos e o valor agregado a eles, bem como para entender as descontinuidades evidenciadas por alianças mal sucedidas ou mortes e sua relação com o tempo da estrutura de parentesco. Os objetos ultrapassavam gerações e evocavam memórias ligadas as posições de membros parentais na estrutura de parentesco.

A noção de “morada” assume centralidade na construção e manutenção de uma memória familiar que carrega consigo valores ético-morais associados a determinados estilos de vida e visões de mundo (Velho, 1987). Percebemos que a mudança seguida da destruição do patrimônio da casa, é responsável pela instalação do drama do esquecimento e da lembrança de um legado a ser transmitido para as gerações futuras. O tema da “morte da casa” compõe o drama social das interlocutoras a partir das suas trajetórias sociais e narrativas biográficas (Eckert & Rocha, 2005), trazendo questões singulares de re-orientação de projetos de vida, guiados ora pela noção de indivíduo (Velho, 1987), ora pela noção de pessoa conforme analisaremos ainda nesse capítulo. Esse drama se funda na lógica do apego e do desapego, dialética que nutre a relação com o legado deixado pelos seus antepassados e que seria transmitido aos seus descendentes.

As formas de sociabilidade em família como dimensão da vida urbana na cidade de Porto Alegre, tornam-se relevante, visto que as transformações nos laços sociais oriundos da separação e da viuvez re-orientaram nos últimos anos o campo de possibilidades dos projetos de vida dessas mulheres. Localizadas em diferentes áreas da cidade as casas das nossas interlocutoras são propriedades que ocupavam terrenos amplos e largos, contendo quintal, pátio, árvores, jardins, garagem. A observação desses espaços, a partir da análise dos dados, foi fundamental para pensar a que *ethos* e visão de mundo as interlocutoras aderiam a partir da estética do interior de suas casas. Assim como auxiliaram a interpretar qual o conjunto das práticas e de rituais familiares que ali foram realizados e que por sua vez, seriam os grandes construtores da morada. À

medida que houve avanço no tratamento documental do processo de desmontagem da casa, foi possível perceber o espaço da morada a partir das formas de sociabilidade que ali transcorreram ao longo do tempo. Essa sociabilidade familiar era foco de detalhadas descrições nos passeios que fazíamos por entre os cômodos da casa. Onde sempre eram destacados os móveis que compunham a decoração dos diferentes espaços, da sala de jantar aos quartos.

Conforme Ariès, antes do século XV as cenas no interior da casa são raras, com representações mais freqüentes do quarto e da sala. Volta-se para a “intimidade da vida privada” (1978:204), chegando a uma “avalanche de imagens de família” no século XVI e XVII. Com influência dos pintores holandeses, as cenas cotidianas da família são retratadas como “cenas de gênero”: “os homens reunidos junto à lareira, uma mulher tirando um caldeirão do fogo, uma menina dando de comer ao irmão” (1978:207). Cenas que, pela narrativa dessas mulheres – e os espaços e objeto que escolhiam descrever - evidenciaram que a casa por elas herdada e a ponto de desaparecer, era testemunha de uma trajetória familiar, sua ou de sua ascendência. Ainsley, por exemplo, em sua ascendência alemã, descrevia um patrimônio familiar ligado a costumes europeus e um estilo de família burguesa européia. Esse era o passado que tinha sido transmitido a ela por seus antepassados. Uma história de prestígio, que ela também tratava de transmitir na guarda dos objetos e móveis dessa época próspera. O passado das pequenas empresas de banha ou ourivesarias iniciadas pelos primeiros descendentes da “árvore” de sua família (Woortman, 1994) instalados no Vale do Caí, na metade do século XIX, nunca era narrado por ela.

Como forma de pensarmos essas escolhas, acompanharemos abaixo trechos de narrativas de Ainsley e de Carla. Eles nos remetem a relação com os bens móveis e objetos que “ficam” para além da casa e, portanto, importantes para pensarmos a partir deles na transmissão e na herança dos valores familiares que eles representam.

O espaço da casa narrado por Ainsley e Carla nos permitiu refletir sob os laços de consangüinidade, os afetos, os dramas das relações familiares e, dessa forma, as diferentes concepções de família em jogo na concepção da morada. As regras que definem quem mora na casa, quem fica na casa, quem sai, podem ser definidas pelos tipos de aliança que as partes têm entre si. De acordo com o estudo clássico de Lévi-Strauss a natureza é indiferente às modalidades das relações entre os sexos, “a natureza impõe a aliança sem determiná-la, e a cultura só a recebe para definir-lhe imediatamente as modalidades” (2003:71). Dentro das modalidades das alianças de Carla e Ainsley

aliadas aos valores herdados ou pela adesão a uma família de procriação ou a família de origem (apud Rocha, 1985) busco desvendar porque mesmo com a destruição da casa e da aliança – pela morte ou pela separação - a morada segue existindo.

4.2.1 Ainsley e sua família⁶⁰

Diferente da experiência na casa de Carla, a casa de Ainsley, foi conhecida antes da mudança, ou seja, era uma “casa montada”. Nessa ocasião, ela rapidamente me guiou ao interior da sala e passou a me mostrar os móveis e objetos da família. Deslocava-se com alguma desenvoltura, apontando para os cômodos e os descrevendo em relação ao atual e ao antigo usuário dele. Fazia isso com todos os móveis que preenchia o espaço, cada um deles com uma história de transmissão intrageracional que remetia a uma relação de parentesco que privilegiava a ascendência da linhagem paterna.

- Pena que agora eu já estou tirando, mas esse móvel é bem antigo, essa penteadeira e aquele móvel, também. Aquele fechado. Tudo da vó, os Frederico Mentz, isso aqui era dos Mentz, né. Eu não sei se começou com os Trein ou começou com os Mentz [...] Essa é esposa do Frederico Mentz, Catarina Trein Mentz – me mostra a foto grande da "vó" Catarina. A vovó Catarina, na verdade ela não é minha vó ela é minha bisa, né, Aqui é meu pai e minha filha, aqui é minha mãe, ó. Porque na verdade isso era uma coisa só né. Dai com a morte foram dividindo e foi ficando uma coisa diferente. Na verdade eu sou bisneta do que começou né. [...] Esse roupeiro aqui tem 100 anos, aqui a minha mãe tava grávida de mim, penteando o cabelo e um pássaro pousou nela. Lindo, isso aqui é bisotê [...] É... Essas coisas nem existem mais. [...] Esse móvel era do meu bisa né, porque meu vô, como eu te disse, ele morreu com 36 anos, é aquele ali – ela atravessa sala e aponta para o retrato que está na parede em cima dos sofás e ao lado de uma das quatro janelas da ante sala - Ele, no caso, é o genro do Frederico: Gustavo Adolfo Albrecht. Minha vó faleceu com 94 anos, viveu a vida né, eu não quero isso! Deus que me perdoe. Ah é, ali na cristaleira também... Isso aqui também tem mais de 100 anos. Isso aqui também era dela, que eu guardo o cabelo do meu pai, ó, que é ruivo como o meu. É ruivo ó - diz isso rindo. Eu cortei, porque ele faleceu nesta casa, eu cuidei dele até o final. E esse aqui é meu pai ó, só, porém bebê. Ó. Esse é o Gustavo, filho daquele outro Gustavo. Têm muitas fotos aqui, lindas as fotos. O móvel que estava com as fotos eu já embalei. E aquele quadro ali foi minha vó que pintou... Ela tinha 13 anos, Elvira, é um quadro que tu podes colocar assim ou pode colocar assim - se refere à posição vertical ou horizontal do quadro com motivos florais, que não interfere na apreciação. E aquele lá foi na Alemanha - aponta para um quadro do outro lado da sala - porque quando ela perdeu o pai ela foi para a Alemanha, Ficou meio louca. E ela pintou. Aquele lá é de lá [...] Depois quando meu pai tinha 14 anos ela voltou, né. Confundiram depressão com loucura, né.”

⁶⁰ Sugerimos que a leitura desse subtítulo seja acompanhada da estrutura de parentesco disponível na página 110.

A família de Ainsley, como ficou evidente desde o primeiro encontro era integrante de uma família importante na construção do empresariado⁶¹ gaúcho. A maioria dos bens móveis de que fala Ainsley já estavam na casa e provavelmente estão nela desde sua construção. Eles são testemunho de um estilo de vida da família paterna de Ainsley, que na primeira década do século XX, construiu uma trajetória de prestígio na cidade de Porto Alegre. Donos de empresas e indústrias importantes da capital compunham uma elite dentro da comunidade porto-alegrense, com influência política e econômica no desenvolvimento da cidade. Descendentes de grupos alemães que imigraram à região do Vale do Caí no século XIX, as famílias Mentz e Trein integravam o conjunto de empresários que estava à frente do desenvolvimento do alto comércio e da indústria no estado do Rio Grande do Sul (Pesavento, 1991:42 apud Gans 2004:87). Segundo Magda Gans havia uma circulação muito grande de teutos na cidade de Porto Alegre na segunda metade do século XIX, porém era no centro que se concentravam os “teutos afortunados” (Gans, 2004:31), em razão da instalação do seu local de comércio. Conversando com Ainsley sobre as propriedades e imóveis da família ela recordou de uma casa na região da hoje Rua Alberto Bins.

- Pode ser, eu só sei que ela era da São Rafael, [e ia] até a Voluntários, era uma coisa muito grande. E a mãe quando se separou né, ali na partilha, ficou para ela, ficou para ela...

- Então essa casa ainda, ela ainda existia nos anos 80? – pergunto a Ainsley

- Sim, sim, eu me casei em 74, em 80 nasceu o Rafael – desvia o olhar de mim e passa a olhar para frente como se fizesse um esforço para lembrar - ela foi vendida essa casa em 83, o Rafael tinha três anos é, eu me lembro em função do, porque assim, quando venderam essa casa, a mãe presenteou os dois filhos com um carro. Então eu fui, o Rafael tinha 3 anos, se prendeu no banheiro, aquelas coisas então é uma coisa que tem, bem, bem presente né. O rafa tinha três anos, então era 83 né, que foi vendida, é, então ali a parte que era do pai ficou para a mãe né...

- Era uma família que tinha muitos imóveis né? – pergunto

- É tinham, e tinham assim salas né, o Hotel Frederico né, Frederico Mentz era deles ali na, era não, é né, porque o pai as salas dele vendeu logo em seguida, o pai era muito desprendido assim de coisas materiais. [...] vendeu muita coisa, vendeu, botou fora né, um homem novo, separado, com 33 anos né, 33 os dois tinham 33 anos, super jovens né, é e eu me lembro que em vida também muita coisa para ele né, assim dinheiro né, era uma soma bem grande que ela dava, também, para as noras e para o genro, no natal e a gente ganhava. A Oma não presenteava com presente, era dinheiro, eu me lembro assim o natal, e isso muito tempo, muito tempo, tanto que, a última lembrança, era cheque que ela dava, eu lembro que o último cheque que eu ganhei de natal, meu deus do céu, ela botou dentro da caixinha com um

⁶¹ Cf. Sandra Pesavento (1986) acostumadas a riscos, essas famílias eram detentoras de bancos e integrantes de associações de classe que inclusive foram patrocinadores dos revolucionários da Revolução de 1930, se envolvendo em cargos políticos ou com intenções políticas a fim de manter suas fabricas em atividade, e com isso, garantir a manutenção do seu patrimônio ligado a bens móveis e imóveis.

lencinho, e eu não vi, eu fui ver um mês depois quando fui pegar o tal de lenço para botar na minha bolsa, sim bordadinho uhum, isso nunca faltou. É, e era uma soma bem... significativa né.

A Oma, como Ainsley chamava a avó, era filha de Frederico Mentz. No ano de 1893, Frederico, casa-se com Catarina Trein, filha de um Castilhista e empresário de destaque no estado, Cristiano Jacob Trein. Numa lógica de alianças que buscava a concentração de renda entre as famílias unidas pelo laço do casamento, os Trein, Mentz e os Albrecht sobrenome da linhagem paterna do pai de Ainsley, foram transformando, diversificando e prosperando seus negócios. Jacob Trein herda de seu pai Franz um comércio pequeno na região do Caí, conforme reportagem:

“Era êsse o ambiente colonial: ao lado da lavoura, com a necessidade da colocação dos seus produtos surgia o pequeno comércio ou a pequena indústria com base nos ofícios de quem eram portadores os louros imigrantes.

Franz Trein contava então 31 anos e iniciava uma empresa que através dos filhos, genros e netos, daria lugar a grandes firmas de comércio e indústrias do Rio Grande. Ali nascia entre outras a firma Frederico Mentz & Cia, sua herdeira direta cujo centenário comemoramos.”⁶²

Publicada em 1947, ano do centenário da firma Frederico Mentz & Cia a reportagem ressalta a garantia da prosperidade dos negócios a partir dos herdeiros descendentes e dos genros que por sua vez representam o sucesso do regime da aliança: étnica e entre um mesmo segmento sócio-cultural. Casando com Elisabeth Ritter, Jacob se associa ao cunhado fundando a Trein & Ritter que existe até 1889, quando a Republica é proclamada no Brasil e o cunhado se muda para Porto Alegre a fim de montar uma pequena cervejaria na esquina das ruas Miguel Tostes e Mostardeiro. Apesar de Castilhista “o prestígio pessoal de Trein o faziam respeitado acima dos partidos de luta” (Revista do Globo, 1947:59).

No ano do início da Revolução Federalista, já casado com a filha de Jacob Trein, Catarina, Frederico funda a Cia Trein & Mentz. Em 1909, Frederico Mentz deixa a matriz da firma de São Sebastião do Caí nas mãos do amigo recém egresso “na família” A. J. Renner que casado com uma irmã de Catarina irá comandar a firma junto com outro irmão de Catarina, Frederico Trein. Nesse ano Frederico Mentz se muda a Porto Alegre e funda a Frederico Mentz & Cia. Na década de dez, as propriedades na região do bairro Tristeza e Vila Conceição são construídas.

⁶² Revista do Globo de 6 de dezembro de 1947. Pag. 58

No capítulo sobre os sistemas complexos e assimétricos de trocas de mulheres, Robin Fox fala dos sistemas complexos a partir do seu oposto elementar o sistema de troca direta. Ou seja, quando “minhas irmãs/filhas vão para outros homens” (1986:271) sem que se exija dos outros homens filhas ou irmãs em troca, temos um sistema assimétrico de trocas. Assimétrico e cognático - quando o parentesco se estabelece tanto por qualquer das linhas, masculina ou feminina (Fox, 1986:53) - são características dos sistemas de parentesco de Carla e de Ainsley.

O modelo de formação do parentesco entre os antepassados de Ainsley, como aponta Fox (1986): a ligação entre duas “famílias” ao “longo das gerações” a partir aliança, “chegou a ser bastante corrente entre as famílias nobres ou em certas estirpes do mundo dos negócios”, porém segundo ele são formas que se pode “considerar erradicadas hoje em dia” (Fox, 1986:271). A crise nessa lógica de aliança, no entanto, como ficará evidente mais adiante, é a crise que segrega a família de Ainsley na geração dos seus pais e a partir dessa ruptura que o patrimônio da casa da Tristeza acaba destruído.

Morto em 1931, Frederico Mentz e família aparecem destacados como ilustres personalidades da capital, na obra comemorativa do bicentenário da cidade – “Porto Alegre: Biografia duma cidade. Monumento do Passado, Documento do presente, Guia do Futuro” (Franco, 1941), em 1940. Na genealogia de parentesco abaixo podemos acompanhar as alianças e as filiações das famílias, bem como a trajetória da casa nas relações de herança e sucessão.

É no interior desta dinâmica de parentesco que Ainsley, como herdeira de Gustavo Mentz Albrecht aparece na figura de guardiã da memória da família, agenciando o deslocamento dos objetos herdados dos seus antepassados em face de destruição do bem imóvel e da mudança de residência.

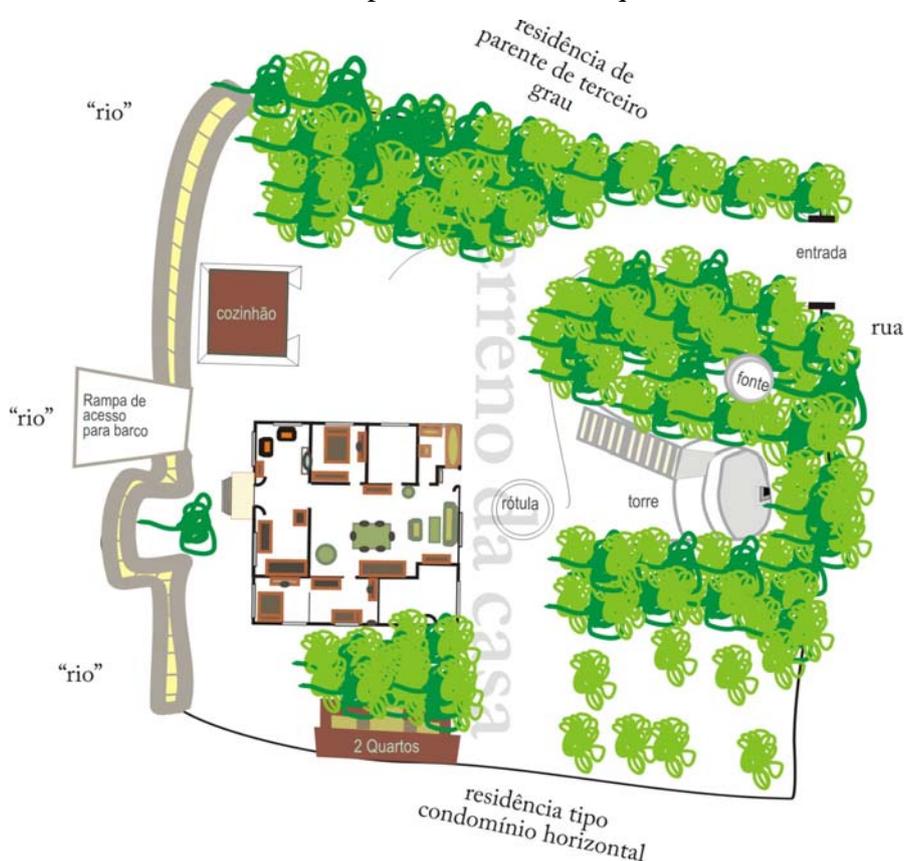
Após mostrar o interior de sua residência, Ainsley seguiu até a peça externa a casa que tinha um aspecto de garagem, e o qual soube neste momento era chamado de “o cozinhão”. Depois seguiu até a parte mais alta do terreno, em uma espécie de mirante construído em cima de uma pedra enorme, que provavelmente já existia na região na época de construção da casa. O mesmo lugar onde, posteriormente, foi realizada a entrevista com o filho dela, Celso.

O acesso “a pedra” era feito por uma dezena de degraus de concreto que acompanhavam o formato da pedra até seu cume. La no alto havia uma área circular que ainda permitia por mais uma escadaria interna, que se chegasse até o topo onde

finalmente se tinha um vista panorâmica por cima das copas das árvores, da cidade de Guaíba na outra margem do rio.

- Parece mentira que ainda tem dentro de Porto Alegre, né? Um espaço assim... aqui que eles trocaram o primeiro beijo, é a história que eu sei, aqui no caso foi meu bisavô né, não meu avô, mais ou menos por aqui. - Pára na frente da escada e mostra o local do beijo. [...] Dai ele fez essa torre, tem 94 degraus, tem um primeiro lance depois tu sobe por dentro. Ela tinha 13 anos. Contou para minha mãe. E ai, ele achava ela muito bonita né. Minha vó tinha os olhos violeta né, que nem da Elizabeth Taylor. Ele com olhar brejeiro né, disse quando tu cresceres eu vou casar contigo. E quando ele pediu ela em casamento, para o meu bisa no caso né. Ele chamou a minha vó para comunicar né, o que, que ela achava daquele pedido ela disse que já sabia. Claro ela guardou aquilo né. [...] Ela é de 1900. De 1900 ela é. Ele morreu com 36 anos. De acidente de avião. [...] Vamos? – me convida a subir até o alto da pedra - Aqui é uma pedra inteiriça, aquela árvore tombou, quer dizer a natureza também sofre, né. Aqui eu me lembro quando criança que eram servidos uns chás de muita pompa, sabe? Guardanapos de linho sabe? Final de tarde.

Conforme o desenho abaixo, construído a partir dessas sucessivas incursões até a casa, vemos a disposição dela no terreno, a citada “torre da pedra” e a localização da residência em relação aos limites externos. É importante observar que a disposição dos móveis na planta baixa da casa, respeita a última organização observada antes que o mobiliário fosse retirado do interior das peças em direção a um “puxado” que foi feito ao lado do cozinhão, onde os móveis permaneceram até que a casa nova ficasse pronta.



A narração de Ainsley sobre uma época onde se usava guardanapos de linho nos chás, evidencia uma separação, entre a geração dos avós e dos bisavós, e a geração atual, através do estilo de vida aristocrático que marca os costumes de seus antepassados e na qual ela mesmo foi “criada”. Segundo Ellen Woortmann, podemos pensar numa sucessão feminina na posse dessas memórias, onde, através dos objetos guardados ou das narrativas repassadas, a permanência da casa é feita a partir desses espaços que “seletivamente buscados no passado, constroem também seletivamente o presente” (1994:4). Dessa forma o espaço da casa passa a adquirir uma relevância na biografia da família, pois à medida que ele guardava momentos e objetos, testemunhava e atestava a permanência da família no tempo.

Os itinerários urbanos dessa família em determinados bairros da cidade nos ajuda a refletir sobre o lugar dela na estrutura econômica e política de Porto Alegre no que se refere aos antepassados do pai de Ainsley. Pela narrativa dela reforçamos que sua família dispunha de uma “situação de status” condicionadora da obtenção e manutenção daquela residência, no bairro específico⁶³ onde está localizada. As casas construídas num perímetro vizinho evidenciam uma circulação e uma sociabilidade familiar específica conforme narra Ainsley.

“- sim, eu nasci, exatamente, eu nasci aqui porque a mãe tava grávida aqui né. Eu nasci depois de nove meses e dois dias, ela casou dia 8 de novembro e eu nasci dia 18 de agosto. Tanto que as velhas fofoqueiras ficaram contando os dias para ver se ela tinha casado grávida, eu sempre ouvi isso né. É. Depois ela, enquanto isso, a lua de mel dela foi muito longa, foi em Torres, daí o pai sempre dizia que eu fui feita aqui. E ela dizia que não, que eu tinha sido feita em Torres, no Hotel Farol. Daí depois ela foi para ali, tem o portão, do outro lado da rua, na Carlos Julio Becker, que eles estavam construindo, mas o meu aniversário de um ano, foi lá, já foi lá, mas a gravidez dela foi aqui, ai foi aqui, no quarto onde era o da Débora, acho que filmasse lá o quarto da Débora. É isso. [...] moraram [aqui] todo esse período, porque eu tenho impressão assim quando eu nasci, ela ficou um pouco aqui e foi depois para a casa dela. [...] moravam aqui ai, enquanto a casa não ficava pronta, e a casa ta ali ainda porque o projeto tudo isso foi o pai que fez, ela ta intacta ali.[...] porque depois nós mudamos para a Vila Assunção né, porque que o pai não quis ficar aqui, aqui embaixo como eles diziam né. Aqui embaixo, então nós morávamos na Assunção, na Caeté. Então natal eram todos lá, porque a mãe tinha cinco irmãs, eram quatro

⁶³ Família como a de Ainsley, oriundas de uma burguesia industrial, e composta por profissionais liberais ligados ao ramo da engenharia civil instalaram uma “nova estética do viver comum” (Monteiro apud Gutterres, 2008:11) que investiu em transformações urbanas e na remodelação de um estilo de vida urbano que se adequasse ao seu gosto. Essas transformações também incluíram a urbanização e a construção da distinção de alguns bairros da cidade. Esse status parece perdurar até hoje de acordo com o volume de lançamentos imobiliários nesses mesmos bairros e valor dos imóveis vendidos neles, que conforme o Balanço de 2005 do Sinduscon-RS, ficou neste ano na faixa de R\$ 114.000,00 a R\$ 289.000,00 (2005:3).

com ela cinco, e cinco irmãos, cinco homens e cinco mulheres, então era tudo, eu lembro que tudo era lá na mãe. Passava assim a meia noite, ela tinha duas irmãs que moravam lá na Vila Assunção e uma que era aqui a tia Jurema, só a Silvia que morava na Gloria, então elas estavam sempre juntas essas três irmãs mais a mãe. Somavam quatro né, jogavam bolão, aqueles campeonatos aqui no tristezensense, o grupo era o Grupo Saci, que era o grupo delas, então eu me lembro que tudo era lá em casa. Porque o pai era uma pessoa muito farta, e adorava era o natal, era essa coisa que eu tenho que tu visse né, quando tu veio que tu dormisse aqui em casa, do natal né, te lembra? Isso eu herdei do pai, porque nunca fizeram uma árvore de natal, a mãe disse que nunca tinha feito uma árvore de casal antes de casar. E as árvores de natal eram até o teto né, até o teto. Natural, aquele pinheirinho alemão, que cortavam aquele filhotinho da árvore grande, que corta do lado, é era assim. [...] Porque isso aqui era da Oma, do pai da Oma, mas em vida, eu não sei se comprou, o meu avô comprou, ou se ganhou do sogro. Isso é uma coisa que a gente tem que ver. [...] Então, quando ele faleceu isso ficou não para a Oma, ficou para os filhos, mas eu me criei acreditando, que isso aqui era da Oma. Porque a gente ia na casa da vó da gente né. As festas, aqueles natais, aquela coisa mais linda né, porque se ficava um pouco em casa e depois vínhamos todos para cá. Isso até os meus doze anos, todos né, ano novo a mesma coisa. Ai era o contrário, passava-se o, ficava-se um pouco aqui e então depois a meia noite se rompia em casa ai com a família da minha mãe. Que todos iam para lá. Festas, a páscoa isso é muito presente, aqui do lado aqui, ali onde é a casa do gordo, ali tinha um, forno e os pãezinhos eram feitos ali, então eu me recordo que uma vez o meu ninho estava ali né então aqueles ninhos assim bem alemão, com ovo, ovo, ovo né normal de galinha, todo pintadinho, era um preparo assim, a Oma tinha assim uma expectativa muito grande com a páscoa assim, apesar que a mãe era católica né, porém não praticante, e a Oma era, eu fui batizada na Igreja evangélica, depois para casar que eu me batizei na católica, em função da sogra que era católica e eu não tinha o conhecimento da igreja evangélica, fui criada toda a vida na escola de freiras né, das irmãs. Ai casei na escola onde eu me formei, na Maria Imaculada, onde eu era professora, com os alunos presentes tudo aquilo. Mas a mãe, gostava muito da sogra, a Oma admirava muito a minha mãe. Pela força assim da mulher né. Da mulher que a mãe era, ela gostava, depois claro que se afastaram né, até de nós porque depois para visitar, a Oma morava ali com a filha né e eu era a presença viva da dona Noeli né, eu era uma afronta e até hoje.

Pela via dos itinerários e da sociabilidade entre parentes promovida pelas festas de natal, páscoa e ano novo, Ainsley nos apresenta a sua família de ascendência materna pela primeira vez. Dona Noeli, diferente do pai de Ainsley, vem de uma família “simples” da região do extremo sul da cidade. Conheceu Gustavo no cinema Gioconda, existente no bairro Tristeza até meados de 1970,⁶⁴ e permaneceram casados por doze anos, tempo muito significativo na narrativa de Ainsley, pois foi o período que ela se afasta drasticamente da família paterna e passa a viver com a mãe e o irmão mais novo

⁶⁴Disponível em: <http://zerohora.clicrbs.com.br/zerohora/jsp/default2.jsp?uf=1&local=1&source=a2394155.xml&template=3898.dwt&edition=11650§ion=1071>, acessado em novembro de 2009.

em outra região da cidade. Discriminação, preconceito e traição aparecem no relato de Ainsley sobre a aliança da família da sua mãe com seu pai:

- A Oma que não discriminou assim, mas sempre houve uma discriminação muito grande em relação à mãe né. Não, acho assim, que não tanto em relação à questão financeira, mas muito cultural também né, porque a mãe era uma moça de fora né. A mãe foi conhecer o mar em lua de mel com o pai, dar descarga, onde ela morava era latrina, coisa assim de rua né, era o banheiro, então essas coisas todas ela sempre disse que foi o pai né. O copo de cristal essas coisas assim né, e ela aprendeu muito enquanto morou, porque tinha, como é que é, vó Inês, tia Inês, vó Inês, que morava, tinha um parentesco, mas eu não sei dizer assim, o luli é capaz de saber, mas ela se esmerava muito, o comportamento né, era uma pessoa que comia em gamelas assim bem simples, uma vida simples no campo em cima de cavalo, tirando o leite e de repente era o uso assim do guardanapo de linho, eu me lembro na nossa casa era sempre guardanapo de linho, não tinha, não existia guardanapo de papel na nossa casa, o pai não permitia. Eu me lembro assim, as toalhas, os guardanapos tudo quarando né, aquelas bacias grandes... Eu tenho essa lembrança. E o pai assim, até bem tarde, depois ele resolveu abolir, mas eram os famosos guardanapos de linho né. A mesa com toalha de tecido, tudo isso né. Então esse choque acho que incomodou um pouco né, e sei também, tem uma conversa assim bem, que a Oma testou os sentimentos dele, porque ele era novo e ela também né, eram duas crianças. O pai tinha 21, fez em agosto e a mãe faria 21 em dezembro, 30 de dezembro, mas o registro é antes, o registro da mãe é diferente, então ela casou ela não tinha e antes de ter 21 anos, antigamente, não sei se agora tinha que pedir licença né, o pai tinha que autorizar o casamento né. E aí a Oma, que é vó em alemão, ela fez um, assim, foi uma pergunta que ela fez para ele. Que ela daria uma viagem de volta ao mundo para ele durante um ano. Se ele não casasse com a mãe. Lindo né? (ri) e aí ele não aceitou, não aceitou, a Oma diz que isso aí foi para testar os sentimentos dele né, mas eu acho que isso aí tinha assim muito, a Inge né, a tia Inge.

As diferenças étnicas, econômicas e “culturais” como diz Ainsley, são ressaltadas por ela nas imagens contrastivas entre a da moça da roça e o rapaz da cidade. A oposição entre, a polidez e os hábitos civilizados do uso do banheiro, é destacada de maneira que nos remete a formação da “sociedade aristocrática de corte” (Elias, 1993:18), que nos narra o sociólogo alemão Norbert Elias, num contexto pré-nacional. A idéia da civilização aliada aos bons costumes à mesa, aos guardanapos de linho, aos copos de cristais, constrói uma diferença quase antagônica entre um lado e outro da aliança formada entre o pai e a mãe de Ainsley.

Na época do casamento, o lado paterno da família de Ainsley já gozava de prestígio na sociedade porto-alegrense, sua descendência já havia promovido a limpeza “ideológica” que privilegiava a europeização do seu passado (Woortmann, 1994:3) esquecendo sua trajetória inicial no Brasil, ligado ao contexto colonial. Integrantes de álbuns comemorativos da cidade de Porto Alegre e usufruindo do status de burguesia

industrial estabelecida, a família “da pompa” como reforça Ainsley, não aceitou de início a idéia do casamento. Moça “sem estudo”, a mãe de Ainsley tinha um “Keim” ruim (1994:12) segundo os padrões de aliança da família do noivo, cuja geração era a primeira a contrair casamento com uma pessoa completamente desconhecida das redes familiares. Assim como o pai de Ainsley, seu irmão mais velho, também seguiu a tendência de casar-se fora das redes de relações familiares, se casando com uma moça “que costurava para fora” freqüentadora da casa da família por seu saber: a feitura dos moldes para os vestidos.

A traição da mãe, aliada a uma ascendência que não estava de acordo com a rede, e os padrões econômicos e étnicos, da família paterna do cônjuge, parecem ter contribuído para que Ainsley também fosse vinculada ao “keim” ruim de sua mãe. Conforme narra, os homens eram julgados, as mulheres não. E dessa forma, ela e o irmão, crianças na época da separação, também foram julgados com a mãe, e vinculados ao sangue ruim vindo da linhagem materna.

Essas imagens trazidas por Ainsley, portanto, talvez estejam profundamente influenciadas pelas lembranças e incômodos da sua mãe, diante da disciplina que o casamento lhe impôs: o regimento de uma boa conduta perante a mesa e o público. Nota-se que no outro trecho Ainsley refere a si mesma pelos “olhos” da família paterna, como “a presença viva de Noeli” - uma presença negativa diante dos fatos que culminaram na separação do casal. A contradição, porém, é que o resgate da memória familiar para Ainsley é um resgate da memória dos antepassados do seu pai, não da sua mãe, são as histórias da mãe do pai, do avô do pai, as histórias que possuem “valor”. A partir dos móveis, dos quadros e dos objetos - todos levados para sua casa nova quando se muda - ela vive o lado de “filha do pai” que lhe pareceu lesado com a separação. No entanto a tensão é constante e ainda presente, entre “ser do pai” e “ser da mãe”, já que para ela um é uma opção de direito e o outro uma condição irrefutável.

- E tu acha que no final das contas essa casa foi o fim, foi a forma de dizer “bom vou rachar ao meio mesmo – pergunto a Ainsley
- *É... – da uma risada longa e nervosa*
- Porque ali também foi o fim e o início de outra relação né?- prossigo, me referindo ao retorno das ligações com o primo Jorge, que ocorreram após a destruição da casa
- *Exatamente! que coisa né?*
- É o que eu vejo, não sei se tu vê? - pergunto
- *É, é, é, ahã, porque ficou uma coisa assim, a casa né, a casa, tipo eu tive que alugar a casa para morar né,. Eu fui despejada da casa, da casa que um terço era minha, quer dizer não tem explicação, à medida que eu assinei, assinei, foi um atestado de burrice né, da minha parte, e depois, assim, eu*

vim morar com meu pai né, uma coisa que era dele, e aí, gozado que a morte também que resolveu né, (pensa) exatamente, porque foi a perda do pai, que daí eu herdei né, são as ironias do destino daí eu não passei mais a ser a filha do dono, mas sim a dona né, ah então tá. Então é a minha parte? Então vamos derrubar, vamos pegar a patrôla e passar por cima, e passei, e não me arrependo.

- Não?

- Não. Às vezes me dá uma dor, assim sabe... que eu acho que ela, não só essa parte né, mas ela tem que ser derrubada, tem, tem espíritos ali dentro ainda, têm pessoas que não saíram dali, eu só sentia que tinha, mas não vi. Agora a Rafael, a namorada isso aí tudo, viram né. E eu acho que ela tem que vir ao chão, para bem de começar uma história nova. Eu acho. Eu acho que querer recuperar aquilo ali não, não tem mais, a casa não tem mais estrutura ela tá caindo, ela tá cheia de cupim, né. Me dói assim, porque eu ainda entro ali né. [...] agora eu posso fazer o que eu quiser né, então para ti ver o quanto era de maldade da parte dele né? Quer dizer não era o interesse dele da casa em si, do que representava a casa, porque ele tinha uma bela casa né. Então não era nem o valor estimativo da casa, não eu quero, não, era só, a intenção era me tirar dali. No momento que me tirou, porque que não veio arrumar? Porque ele não tá ali? Né? É, é uma coisa assim, tudo uma casa né, que loucura, e assim às vezes, quando eu passo ali eu olho ela com desprezo, puxa o que tu me fizestes passar né? Ordinária! E às vezes eu passo ali e choro né, agora tô emocionada – Ainsley começa a chorar

- Tudo bem, acho que é uma história... longa...

- longa e... mas vai passar – ri, ainda chorando muito - vai passar, mas dói - bate com força no peito enquanto limpa com a outra mão as lágrimas do rosto - É uma casa como mexeu com todo mundo [...] ninguém acreditou né, a minha atitude foi de verdadeira filha de Gustavo – começa a rir - ninguém, ninguém entendeu né, mas não era para entender: ah é minha, então tá, então vai para o chão, porque como é que nós íamos dividir uma casa, parte de lá, luli, eu no meio e, porque eu ainda troquei né as partes pro luli, tem tudo isso. A minha parte era a pedra, era, é... então, tem as culpas né, porque a pedra era (pausa) o amor do pai, porque ali a Oma trocou o primeiro beijo, então representava muito aquela pedra ali também né, mas chega né, então, porque também eu ia deixar o coitado do luli, com duas partes lá, mais aqui, e eu no meio né, complicado, bem complicado. [...] Eles já era os herdeiros né, porque eles herdaram do pai deles, porque isso aqui era da Oma, do pai da Oma, mas em vida, eu não sei se comprou, o meu avô comprou, ou se ganhou do sogro. Isso é uma coisa que a gente tem que ver. Então, quando ele faleceu isso ficou não para a Oma, ficou para os filhos, mas eu me criei acreditando, que isso aqui era da Oma. Porque a gente ia na casa da vó da gente né.

Em razão do processo judicial promovido pelo primo Jorge, filho de um irmão do seu pai, Ainsley precisou desocupar a antiga casa da avó paterna, pois Jorge reivindicava os anos que ela morou na casa – após a morte de seu pai Gustavo - sem pagar aluguel. Jorge, primo pela linhagem paterna era junto com Ainsley e Luli um dos três herdeiros da propriedade. Segundo Luli, em ocasião de um encontro onde se decidiu e se distribuiu as propriedades e bens herdados entre os irmãos, a casa havia sido declarada como “valor zero”. Ou seja, não haveria valor agregado a casa, somente

ao terreno. Esse acordo feito entre a geração dos netos de Frederico, portanto, definia que não haveria motivo para uma disputa por essa casa, já que a propriedade seria dividida igualmente entre os três herdeiros designados a receber uma parte daquele bem. Entre esses herdeiros estava o pai de Ainsley, o pai de Luli e a mãe de Jorge, que por direito sucessório herdaram esse bem dos pais.

Após a morte do pai de Ainsley o irmão que mais morou na casa após a infância, iniciou-se o processo jurídico contra ela. Durante a desocupação da casa notava-se que havia contra esse primo Jorge muita raiva por parte de Ainsley, de seus filhos e da turma da praia, que por sua vez ajudou na mudança.

Após a retirada do mobiliário do interior da casa, no prazo determinado pela justiça, o clima entre os herdeiros era de negociação dos limites dos terrenos, num processo que foi delineando a casa um “valor” bem maior que zero. Jorge começava a demonstrar interesse na casa, alegando que ela deveria ficar “na família”. A decisão inicial de partilha era de que uma das linhas divisórias “pegaria” um pedaço da casa e, portanto, a negociação era no sentido de compensar economicamente “para cima ou para baixo” a quantidade de deslocamento de terra nos lotes a fim de preservar a construção.

A declaração de Jorge, de que a casa deveria ficar na família, inflamou os ânimos de Ainsley, que no fim de uma manhã de maio, contratou um operador de retro escavadeira e derrubou por conta metade da casa que invadia a delimitação do terreno que herdara do pai, sem qualquer licença prévia, acordo ou negociação com os outros primos paternos. A derrubada dessas paredes é avaliada por Ainsley como um ato impensado, mas que ela não se arrepende, pois, “onde já se viu? ele queria que eu pagasse aluguel daquilo que também era meu?” referindo-se a Jorge.

Honrar seu lugar como herdeira legítima era requisitar uma visibilidade sobre seu lugar na linhagem de parentesco do lado paterno e na noção de família de origem que na visão de seu primo, Jorge ela não era integrante. Em diálogo com o trabalho de Bourdieu entre os Cabile, “o sentimento de honra é vivido diante dos outros”, e dessa forma o ato de defesa do “nif” (1968:170) no caso de Ainsley não foi diferente. Derrubar a casa estabeleceu, pela destruição da possibilidade de qualquer um voltar a morar nela, outra relação de poder entre os envolvidos na querela. Se de acordo com Pitt-Rivers “a essência da honra é à vontade” (1992:20) a interferência do estado, buscada por Jorge para resolver fraturas familiares do passado, encontrou resposta combativa por parte de Ainsley: “um sentimento e um fato social objetivo ao mesmo

tempo” (1992:18). A partir de uma “conduta de honra” Ainsley buscou mostrar ao seu primo paterno o lugar que ela ocupava na família, de igualdade perante o direito aquela herança.

Aportados no Brasil em 1846 os parentes distantes de Ainsley, oriundos do processo imigratório da Europa para o Estado do Rio Grande do Sul, vieram de próximas, porém diferentes regiões do que hoje compõe a Alemanha. Entre esse grupo étnico, conforme discute Woortmann, no artigo “Árvore da Memória”, tanto para os colonos alemães, como os “novos-ricos industriais”, “o parentesco é memória” (1994:13). Dessa forma as fraturas nas relações desse parentesco lembradas e esquecidas durante a linhagem⁶⁵ sucessória da parentela remetem ao percurso de negociação para permanência de “uma certa” família ao longo do tempo.

Os ancestrais de Ainsley, evidenciados nas relações entre os parentes mortos nos leva a refletir como eles afetam “as relações entre os vivos”.

- Foi uma coisa bem delicada. A mãe se separou por uma pessoa da família né. Um cunhado... Ela nunca negou. E naquela época as mulheres eram julgadas né, os homens não. Mas as mulheres eram julgadas e ela foi considerada meretriz né. Nós prestamos depoimento, eu tinha 13 para 14 anos. A gente teve que dizer com quem iria ficar né. Na verdade eu queria ficar com meu pai, mas eu fiquei com ela porque eu sabia que ela que seria uma pessoa para me criar. Eu tinha noção disso, porque o pai era muito louco. [...] Foi muito, foi muito difícil, [...] Fui testemunha menina. [...] a partilha demorou né, a mãe demorou para receber, agora a separação em si que foi litigiosa, né, isso aí eu me lembro do, lembro do juiz dando o veredicto. [...] Sim, sim, considerada meretriz, foi um choque né. A mãe não pode mais entrar no clube, clube do comércio, nós éramos sócios, aqui na, como é que é, o comercial, que eu fui fada e ela foi barrada né, na entrada a mãe foi barrada, eu entrando para ser fada das debutantes, e ela não pode entrar. A senhora por gentileza nos acompanhe, que o presidente precisa conversar com a senhora, e eu entrei claro eu era criança né, guria, tinha 13 anos, e aí ela disse, entra, que já vão chamar as, e eu não podia ser vista também para surpresa dos presentes né. [...] e tu vê ela não pode presenciar isso aí. Porque não podia, uma mulher desquitada naquela época, estar na sociedade, né. Também não sei se isso aí era no regimento desse clube né, só sei que ela não foi mais. [...] Depois assim ela não deu uma ênfase maior para isso aí sabe, ela foi nos poupando, depois. (dá ênfase com as mãos) no decorrer do tempo é que foi comentado então as coisas assim, antigamente eram muito escondidas né. [...] E assim, uma moça não ia sozinha em um clube, então eu ia com as tias né, com as primas né,
- da parte da mãe?- pergunto
- da parte da mãe, casadas né, com a tia Prosperina, que não era uma tia de sangue né, que era assim, uma costureira, uma né, aqui da Tristeza, tanto

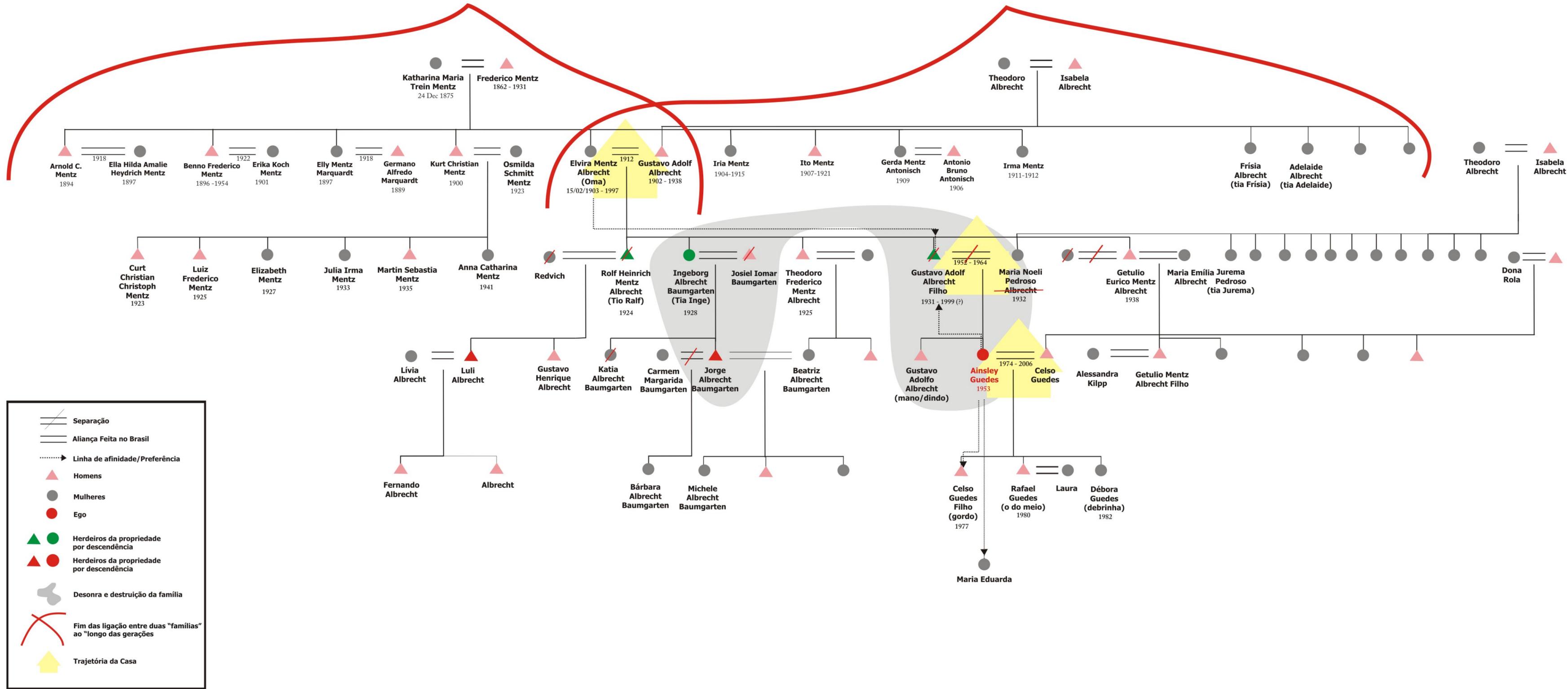
⁶⁵ Cf. Radcliffe-Brown a terminologia “linhagem” limita o laço genealógico oriundo da “descendência de um ancestral comum” (apud Laraia,1969:53), diferente da noção de clã onde os membros são considerados parentes, “mesmo que não possam provar sua descendência”. A noção de linhagem transcende a abrangência da unidade doméstica, da “família doméstica”, ou seja, daquele “grupo de pessoas que num determinado tempo vivem juntas numa residência” (apud Laraia, 1969:54).

que meu vestido de noiva foi ela que fez né, então eu ia com a Tia Prosperina, com o Tio Gessi e com a filha, com a Nara. Esse vestido de fada foi ela que fez, todos os vestidos das debutantes foi ela que fez, então, assim, eu sempre saía com ela, porque uma moça nunca saía desacompanhada né. De um casal né, não era nem de outra jovem, tu não podia sair né, de jeito nenhum, eu era namorada do Celso, noiva, não podia andar no carro do rapaz, mesmo noiva, era assim.

A traição de sua mãe com o cunhado, marido da irmã do seu pai, culminou no julgamento citado por ela acima. A finalização legal dele parece ter acontecido somente nos anos setenta, época em que a justiça autorizou que os bens que eram por partilha de divórcio, de direito da mãe de Ainsley fossem de fato para ela. Sobre essa época, Ainsley diz: “ficou muito bem, a mãe ficou muito bem, ela era uma mulher rica”. Os bens e a situação econômica estável não evitaram, no entanto que Ainsley e o irmão, logo após a separação, passassem por constrangimentos na entrada dos clubes que costumavam freqüentar enquanto a mãe era casada. O status de meretriz afastou a maioria dos familiares do lado paterno de uma aproximação mais cotidiana, Ainsley narra apenas duas pessoas da linhagem paterna com o qual manteve boas relações depois do ocorrido, a avó paterna e uma filha do irmão desta avó, Elisabeth, grande interlocutora de Ainsley sobre as histórias “do lado paterno”.

O desejo público de reparação e de dignidade perdidos com a traição e a relação sexual entre os concunhados era sempre indiretamente ressaltado por Ainsley. A luz dos estudos de Robin Fox, mais do que a separação, a manutenção de relações sexuais com o homem da irmã do seu marido, transforma a mãe de Ainsley numa mulher meretriz. A consangüinidade que compunha o parentesco do pai com as crianças é com isso rompido, e somente uma das consangüinidades (1986:38) envolvidas na geração das crianças toma destaque: a da mãe. Os filhos, portanto, foram considerados no mesmo status de filhos bastardos o que era muito grave dentro de uma moral étnica e aristocrática constituinte da linhagem de parentesco paterna de Ainsley.

O isolamento promovido pela traição da mãe pareceu evidenciar o “não fazer gosto” que desde o início rondou a aliança de Noeli e Gustavo por parte da família de origem dele. A autonomia e a escolha pessoal características dos “casais modernos”, (Velho, 2006:27) e que promoveu a escolha de Gustavo por construir um laço de parentesco com uma família da qual os pais não conheciam ou consideravam pouco convencional, chocou-se depois com a autonomia de Noeli, que rompe “a rede de relações construídas através do casamento” em troca de uma opção no âmbito de uma noção individualista e moderna, a paixão.



4.2.2 Carla e sua família⁶⁶

A entrada na casa de Carla foi parecida com a de Ainsley começou com uma entrevista seguida de um *tour* pela sua casa, cômodos, andar de baixo, andar de cima, pátio. À medida que caminhávamos, ela ia narrando: sobre os objetos que não abria mão de levar e sobre aqueles, que ainda estava decidindo se dava, ou se guardava. Eram mesas, bichos de pelúcia, fotos, armários, relógio, brinquedos da infância das crianças, uma quantidade muito grande de objetos que cada vez que eram citados eram citados em relação a um acontecimento, a uma pessoa, ou as duas coisas juntas.

Os objetos que Carla guardava, narravam para ela histórias ligadas família de procriação. A aliança com o marido foi promotora de “uma rede de sociabilidade” (Velho, 2006:27) que ela fazia questão de fortalecer à medida que cunhava o espaço da casa como o local para encontros entre o grupo de parentesco e os amigos, através de festas de aniversário, natais, batizados. O cotidiano do espaço da casa foi exibido, também, na imensa quantidade de fotografias que Carla mostrou enquanto selecionava aquelas que iria guardar e as outras que acabava jogando fora no processo dessa escolha. As fotos em sua maioria mostravam uma sociabilidade da família nuclear. A mesa do almoço e do jantar era espaço que ela “fazia absolutamente questão” de que todos estivessem reunidos, e por razão dessa imagem que a mesa vai e não fica.

- O meu casamento foi aqui. O meu casamento foi aqui. Fizemos a festa aqui, aqui era a sala de jantar tinha aquele balcão, tinha a cristaleira, mesa com as cadeiras, sala de jantar, que também não usava, só em ocasiões especialíssimas. Aqui era a copa e aqui é que eles viviam todas as refeições. [...] Tem um banco aqui, essa mesa fica com um banco aqui, e eu tenho foto de todos, os meus filhos eu criei ao redor dessa mesa, eu sempre digo isso e a mesa eu vou levar comigo. Porque eu criei meus filhos aqui, a gente nas refeições conversava, brigava eu fazia absolutamente questão de todo mundo junto durante muito tempo. Depois, no fim, eu tive que largar né. [...] a da vó nesse mesmo lugar ela levou, essa aqui eu comprei no rio. E ela tem trinta anos e ela não tem um cupim, ela é maravilhosa [...] exatamente a mesma posição só que a mesa é outra, eu tenho foto dos aniversários dos meus filhos em volta dessa mesa, de toda a vida né. Foto de aniversário de todo mundo eu tenho uns dois três álbuns só de gente ao redor dessa mesa, a família se criou aqui.

As fotografias que Carla guardou nesse processo de escolha eram relacionadas a cenas da infância dos filhos. Bachelard (1989:52) tem uma citação que parece estar associada à quantidade de eventos, histórias, lembranças ligadas ao período de infância nessa casa - a dos seus três filhos e a do seu marido e seus irmãos - “a infância é sempre

⁶⁶ Sugerimos que a leitura desse subtítulo seja acompanhada da estrutura de parentesco disponível na página 119.

maior que a realidade”. Reunidas em uma caixa de plástico, as fotos que estavam soltas, ou seja, que não haviam sido organizadas em álbuns específicos, eram fotos de diversos momentos da vida dela e da vida de outros antepassados seus. Havia muitas fotos de sua mãe, do seu pai, da sua infância, da juventude de sua mãe, da juventude de seu pai, segundo ela fotos que acabaram ficando com ela em razão da morte deles e da desocupação da casa onde moravam. Herdeira dessas fotografias, Carla jogou fora algumas daquelas fotos que não reconhecia quem estava no retrato; jogou fora fotos que não sabia o que fazer: como as fotos onde o marido aparece sozinho em viagens pelo mundo. No processo de escolha ela foi achando fotos da casa da época que fora construída, fotos dos irmãos do marido pequenos nos arredores da casa, fotos dela com sua mãe, que ela fazia questão de guardar e fotos dos filhos em todas as idades possíveis. Havia muitas fotos do Rio de Janeiro, onde viveram por aproximadamente seis anos, porém nessas os filhos não apareciam com muito destaque. Já na casa, fotos da década de oitenta, eram a grande maioria: filhos brincando, posando, jogando vídeo-game, sozinhos, com os primos, na sala, no pátio, na mesa. Em álbuns pequenos, ou soltas, essas fotografias enchiam quase duas caixas, além dos álbuns grandes onde as crianças estavam organizadas por idade. Algumas delas tinham furos de alfinete nas pontas o que dizia que elas já haviam composto algum mural, organizadas conforme o gosto de cada filho. À medida que ia reconhecendo as pessoas, ou ia encontrando alguma foto da casa, virava e mostrava a mim. A partir das histórias que elas desencadeavam foi possível construir a genealogia da família de Carla e a relação do espaço da casa a partir da sociabilidade neles:

- Ah, isso aqui é um ano novo que a caco inventou os bolinhos da sorte, é um porquinho ó. Tem uns que ela fez, não sei se esses ela fez, porque tem um ano que ela fez e tem um ano que ela comprou. Mas é o Marcos com Jaque de novo, aquela namorada, tem bastante foto dele com a Jaque. Aqui, isso aqui meus filhos tinham um grupo de igreja não sei o que, acho que é um aniversário. Não, mas tem enfeite de natal.

Não sei se aniversario ou natal, não sei o que é. Tem coisas de natal, mas não é o dia de natal porque o dia de natal sempre foi exclusivamente familiar e aqui tem os amigos delas. Esses são os amigos do CLJ. Que as gurias faziam o CLJ e tudo mais. Sabe o que é CLJ?

- sim - respondo

- um grupo de jovens da igreja.

- casa cheia né? - comento

- sempre cheia criatura, sempre cheia. O que essa casa já viu e viveu impressionante. Ó eu e minha cunhada que eu chamo de mana da frente do armário ali. Ó... [...] Olha aqui vestidinho de tigre – da uma risada - Ele com os aviõezinhos, bem pequenininho já tinha os aviões ó. Surfando.

Aqui é ele saindo da água.

Aqui é ele indo para o colégio pela primeira vez de novo.

Aqui na praia, por acaso peguei um monte dele agora. Olha aqui vestido, isso aqui é coisa do colégio. O Mauro fazia muito, tudo que precisava. Olha aqui, tudo que precisava o Mauro fazia, tem bastante de fantasia ó. Meu deus quanta foto dele! Isso aqui devia ser dele, que ele tirou do quarto dele e, ó, e por acaso eu peguei só ele aqui. Ó de novo ele aqui. De novo aqui na sala. Não essa casa... Agora to mandando de monte. De novo eu e minha cunhada mana em torres. Essa cunhada assim a gente mora em cidades diferentes a vida inteira, com exceção quando eu morei no rio e eles moraram lá também e, no entanto quando a gente se encontra parece que a gente se viu ontem a coisa mais natural do mundo. Ah, esse eu quero mostrar para ele. O marcos mergulha também. - ele gosta da água né - comento - muito, eu também. Ó aqui nesta mesa. Esta mesa! Aqui o marcos com outra namorada na Europa. Essa já é a próxima. Ó esta foto aqui... Meu deus o Mauro com aqueles óculos aqui, parece um cego. Aqui na sala ó com o pai. La em cima um churrasco num dia muito frio, Marcos com os amigos da banda dele... Essa tu separa que eu quero mostrar para eles, essa que eles tão com o Mauro aqui na sala. Isso lá em cima eles tocando, o tempo da banda. Eles botaram caixas de ovos na parede para amortecer o barulho. Ele e a banda dele indo para Garopaba. [...] são amigos de uma vida. Olha aqui o marcos e a Camila na Europa...

Ao subirmos as escadas da casa em direção a uma espécie de sótão localizado numa peça exatamente em cima da área de serviço do piso de baixo, fomos passando pelos quartos e isso suscitava em Carla lembranças e reflexões. A qualidade dos móveis de antigamente era reforçada por ela como característica que por si, já os colocava no topo da lista dos objetos que iriam para a outra casa. Porém, em sua maioria, eram móveis que haviam sido comprados para a casa do Rio de Janeiro, no início do casamento. Móveis que, atravessando o período na casa da Quintino Bocaiúva, seguiriam para a casa de Canela. Objetos que carregavam um sentido de intimidade e que iniciavam, à medida que eram escolhidos, a transformar a casa de Canela num espaço vivido por todas aquelas histórias anteriores, que eles já haviam participado. Através deles a morada familiar se transformava em memória familiar, onde a última superlotando a primeira, mobiliava-a “com lembranças compósitas vindas de diversas épocas” (Bachelard, 1989:230-231).

- Não, isso, tem uma história, é uma vida que tem aqui, realmente, essas coisas eu não me acho no direito de jogar fora sem que eles olhem, só que eu dei um prazo, vocês tem que vir separar. Eu tenho prazo para sair. É claro que certas coisas eu não vou conseguir jogar fora, os brinquedos eu até já comprei umas caixas grandes dessas de plásticos, os playmobil, as Barbie vou guardar, levo lá para minha casa, depois eu vejo. Livro de

história também, porque nós tínhamos o hábito de ler histórias para eles todas as noites, sem exceção, eles adoram ler, tai um conselho para quem tem filhos, todas as noite eu lia para eles e o Mauro, ele lia e inventava, eu mais lia. Tem livros tão amados aqui que a gente não consegui dar, mas eu dei muito, mesmo assim, esses livros vão, alguns brinquedos mais especiais vão, mas esses troços da faculdade aqui, mais todos os polígrafos, todos os cadernos, guardaram porque moram em casa, não dá. Ai é com eles, eles tem que vir ai porque se eles não derem eu vou jogar fora. Ai meu deus aqui tem uma tartaruga que a minha filha ganhou do meu pai, ah, mas ta sem cabeça. Ganhou do meu pai quando fez um ano.

Os brinquedos, os livros e os objetos que não consegui jogar fora: os afetos de Carla parecem todos ligados as histórias vividas com e pelos filhos. A condição de morar em uma casa grande era ressaltada por ela como uma possibilidade de acumular lembranças pelo acúmulo de objetos. Era como se ao remexer de uma só vez, limpeza que dizia fazer de tempos em tempos na casa, fosse uma forma de ela enfrentar de uma só vez o esquecimento que a noção de acúmulo não a deixava encarar.

- Tinham muitas festas porque a medicina tem a tal da festa dos cem dias né, adoravam a festa dos cem dias. E quando eram menores adoravam a coisa do teatro, teatros mil, na praia, aqui, fantasia de todo tipo, no colégio. Mas as festas da medicina foram muito elaboradas. Lembrança de viagem: lá o berimbau que todo mundo trás, o chapéu do México, o bicho da Disney, aquilo ali foi uma amiga. [...] Muito aniversário, muito aniversário. Eram famosos. Sempre fiz janta para todo mundo, todo mundo festejava aqui, o natal sempre foi aqui, agora festa de aniversário deles. Reunião dançante daquele tempo de pequeno, assim, eventual, poucas, o Marcos fez mais. Tinha uma época que era moda né, não sei se ainda é não tenho filho dessa idade. É aqui tá feio, esse lugar ta abandonado, porque aqui ta fechado sempre. Ta feio, aqui em cima ta horroroso porque cai uma coisa lá de cima. É mais cai uma coisa horrorosa aqui ta vendo? Eu acho que é formiga. Cor de barro né. É cor de barro, ou cupim que pegou barro não sei te dizer. Então isso ai aos montes, o que vai cair desse telhado eu não sei te dizer. Aqui tudo fica cheio se tu olhar em cima das prateleiras tu vai ver quilos desse troco. Esse quarto aqui ficou como um guardado, eu considero como se fosse um sótão, ta tudo aqui, e aqui a gente entra pouco. Quando tu faz uma arrumação, quando a gente fazia uma arrumação em qualquer armário... Tchuf, jogava para cá as coisas que tu não queria jogar fora, ao invés de jogar fora na hora, fomos amontoando ao longo dos anos e vou te dizer principalmente quem mora em casa, quem tem apartamento não tem nada disso. Mas quem mora em casa tem essa possibilidade. E daí tu começa, começa, começa. Eu tenho posto fora ao longo dos anos uma quantidade inacreditável de coisas e mesmo assim parece que não botei nada fora. Livros eu te disse, três ou quatro carros cheios, jogos, dei uma caixa para essa minha amiga que tem uma creche, um centro social lá por não sei, Cachoeirinha, Alvorada, livros infantis, também, dei para ela. A que trabalha com crianças eu dei as fantasias, meu deus, eu já dei muito, muito. Eu já botei sacolas de papel fora e tu olha para aqui parece que não botei nada.

Para Bachelard (1989) os qualitativos são a medida das nossas adesões as coisas e “o interior e o exterior não recebem os mesmos qualitativos” (1989:219). Quando Carla ingressa no interior daquilo que ela chama de sótão, ela nos permite pensar nos objetos acumulados ali ao longo dos anos, transferidos, da circulação e do uso, para gavetas, armários e por fim ao sótão do fim do corredor. Para o autor de *A Poética do Espaço*, cada um desses espaços evoca um tipo de intimidade específica, um qualitativo intransferível. O relato de Carla da trajetória dos objetos até o repouso no sótão nos evoca a pensarmos por oposição na idéia de porão no qual Olinda nos descreveu no primeiro capítulo. No exercício da *topoanálise* a verticalidade que liga o porão ao sótão nos ajuda a determinar os devaneios ligados a cada uma dessas imagens, se no porão “agitam-se seres mais lentos, menos saltitantes e mais misteriosos” (1989:37), no sótão a experiência é diurna, a escada para o sótão tem sempre a direção da subida, enquanto a do porão, sempre nos levará ao subterrâneo. Se o “porão cósmico” (Poe, apud Bachelard, 1989)⁶⁷ é signo dos poderes obscuros em repouso nas profundezas, do poder “desse elemento ainda adormecido (1989:41); o caminho ao sótão traz “o signo de ascensão” (1989:43) para a mais tranqüila solidão.

Na narrativa de Carla, as relações afetivas que figuram a morada são construídas na sociabilidade dos aniversários, festas, reuniões; essas são as lembranças mais presentes quando ela se referia aos móveis ou aos objetos, e é nelas que repousa a sua representação de família. O pertencimento familiar de Carla, aos antepassados do marido, está ligado à adesão e a reinvenção desses espaços de sociabilidade construtores da morada naquela casa. O tempo é aqui fundamental, pois, por seu depósito é que os pertencimentos adquirirem o caráter de “sempre foi assim” em espaços que, todavia, receberam modificações físicas e estruturais. As reformas, mudanças e transformações no espaço da casa ao longo do tempo são fundamentais para a duração daquilo que faz dela uma imagem homogênea passível de transmissão. A duração da morada, pela via do pertencimento familiar pode ser pensada a partir de Simmel (2006:43), que diz que “a longevidade de um atributo herdado é o laço que estabelece uma verdadeira união entre as dimensões mais inferiores e sua expansão” e onde os espíritos que afetaram o indivíduo penetram nele em tradições conscientes e inconscientes.

- Tudo que era da vó para mim, que a gente comprou da vó, foi mudando, mudando aos poucos, quando viu tava completamente diferente. Era uma casa clássica. Aqui era a sala de estar, de visita, que antigamente tinha, que

⁶⁷ G. Bachelard se refere ao conto Gato Preto de Poe, publicado originalmente em 1837 no volume *Histórias Extraordinárias*.

tinha cortinas escuras. Quando eu conheci ela não abria isso aqui, era a sala de visitas, aquela coisa clássica, minha sogra era muito clássica, então, aqui tudo arrumado com leques de plumas, uma coisa louca. Então eu já pintei, eu pintei ano passado depois que todo mundo foi embora. Quer saber o que? Me revoltei, pintei de laranja, completamente diferente, mas a estrutura é a mesma, a mesma lareira. Mas era aquela casa, quando eu conheci, a minha casa era apartamento, mas a minha mãe gostava de tudo muito aberto, eu dizia mãe aquela gente não abre a casa [...] Aqui é o quarto onde morava a tia, antes aqui quando os guris, essa parte era deles, eles tinham aqui a escrivaninha e aqui era o quarto deles, já foi quarto das gurias, depois de uma delas, já foi de tudo aqui. No momento quando a Camila vem, fica aqui. As camas das gurias, que era a cama delas, é tão boa essa cama, que essa eu vou levar, porque essa cama foi comprada no mesmo dia que foi comprada aquela mesa lá de baixo, no Rio, de cerejeira, maravilhosa, tem trinta anos, não tem um cupim. [...] é outra madeira, é uma madeira que não entra cupim, eu disse para as gurias, não posso jogar, jogar, agora eu em Canela, como acho que vou receber mais gente porque quando vão, vão ficar lá, num dos quartos vou botar as duas camas, elas são duas camas de solteiro, mas como a Camila teve ai a gente junta quando ela vem.”

O tema das distintas mudanças da casa no tempo também este presente na narrativa da sogra de Carla, Martha Volkmer, a primeira moradora da casa.

- Como é que foi a planta da casa? – pergunto

- *A empresa que construiu foi Ernesto Woebcke e o plano todo foi feito pelo meu cunhado Dreyer porque eu não estava em Porto Alegre, nós não, meu marido era... Eu não estava em porto alegre com a construção da casa.*

- Onde a senhora estava?- pergunto

- *Olha eu casei e o meu marido era inspetor bancário. Inspetor do banco do comércio que também não existe mais nada disso né. Mas o inspetor tinha que visitar as agências bancárias dos três estados do sul: Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Ficamos os quatro anos, os primeiros quatro anos de casado visitando as agências: Curitiba, Florianópolis. Uma inspeção bancaria leva meses né, então nós passamos fora. Quando voltamos para Porto Alegre em 45 a casa estava sendo construída, mas a planta e tudo isso foi organizado pelo meu cunhado Dreyer, Ernesto Dreyer. Nós fomos para lá com a casa pronta né, naturalmente a casa, como é que eu vou dizer, não tinha garagem, era diferente né. Com o tempo foi se aumentando né, meu cunhado uma hora colocou uma garagem, nós também aumentamos. Nós, ambas as irmãs fomos para lá com dois filhos cada. Depois tivemos mais filhos então foi preciso aumentar a casa, sempre se aumentou.*

- Ela foi se aumentando com o tempo então?- pergunto

- *Sim, se aumentou. Nós aumentamos dos lados, porque o terreno tinha 22 metros de frente, com 40 de fundo né.*

- é bem fundo ali né - comento

- *fundo sim, mas quando nós fomos para lá nos fundos não tinha residência nenhuma ainda, o pessoal... Era campo né. O pessoal atravessava para ir para o IPA né, para ir para cima, e na frente também. A Rua Quintino bocaiúva existia, mas ali na Dona Laura até tava interrompida porque tinha uma pedreira também né.*

- Mais ali embaixo... - comento

- *Ali embaixo. Eu morei lá, nós fomos para lá em 46, 46, 47 não sei bem. Meu marido faleceu lá em 74, faleceu na casa e eu ainda fiquei lá mais oito anos, eu acho que então. Quando é que eu sai de lá? Em 70, eu acho que em*

64, em oitenta e pouco a Carla foi morar lá né, ela veio do RJ, tinha feito mestrado, meu filho né, então eu sai de lá. Depois eu voltei para lá, agora, em 2000, fui morar dois anos com a Carla, antes de venderem a casa.

- Onde é que a senhora morou depois de sair lá da casa?- pergunto

- Ah eu morei no apartamento da minha nora, na lima e silva. Passei algum tempo lá e depois o meu filho, meu terceiro filho foi transferido para Porto Alegre, ele é juiz federal e eu fui morar com ele. Na Maryland, e a Carla morava na Quintino Bocaiúva né. Nem sei quanto a Carla morou, mas uns vinte anos né?

- Uns vinte anos. - respondo

- E a Carla também fez reformas na casa, puxou para um lado, puxou para outro, fez uma porção de reformas lá. [...] Eu tinha fotografias. A Carla não mostrou fotografias? [...] No mais a fachada ficou sempre a mesma né. Com exceção daquela árvore grande que não sei se ainda está lá. Pois aquela árvore nós plantamos, também não sei em que ano, mas meu marido gostava muito de árvore, era um flamboyant, uma árvore maravilhosa, muito bonita.

- Ta lá ainda, maravilhosa. - comento

- Ficava cheia de flores, bom eu pensava a primeira coisa que vão fazer é tirar a árvore. Não tiraram ainda?

- Não vão tirar - respondo

- Não? Será que não vão tirar?

- Tem uma lei da prefeitura... - concluo

- Sim eu sei. Mas será que as raízes não vão... pois é, foi ele que plantou... humm e depois não sei se foi influência daquela árvore porque ela ficava linda no verão né, porque diversas outras residências que também plantaram flamboyant ali na zona.”

A partir do itinerário urbano e da trajetória social o “estudo das representações simbólicas através das quais os habitantes nesta cidade constroem seu tempo social” (Eckert, 2001:1) Martha demarca os acontecimentos da sua vida os relacionando a casa, e as reformas que demarcam o tempo: o nascimento dos filhos, a compra do carro, os oito anos após a morte do marido, a chegada de Carla a casa, o retorno a casa. São sessenta anos de reformas que possibilitam a duração de uma morada para além da construção destruída.

De ascendência alemã Martha Volkmer vem de uma grande família da cidade de Cruz Alta. Seu marido era descendente de estancieiros locais com influência política na cidade. Assim como a família Mentz deu nome a duas ruas da cidade de Porto Alegre, um cunhado da avó de Zezinho, marido de Martha, também dá seu nome a uma rua do município de Cruz Alta. O avô materno de Carla é ligado à fundação da Cia. Varig, e o paterno, ligado ao setor do comércio; a linhagem materna da família de origem do marido tornou-se parte das camadas médias intelectualizadas e eruditas da cidade de Porto Alegre.

Diferente do marido, Carla, no entanto, concluiu a faculdade só depois da morte dele. Segundo Gilberto Velho, dentro de seu campo de possibilidades, cursar uma

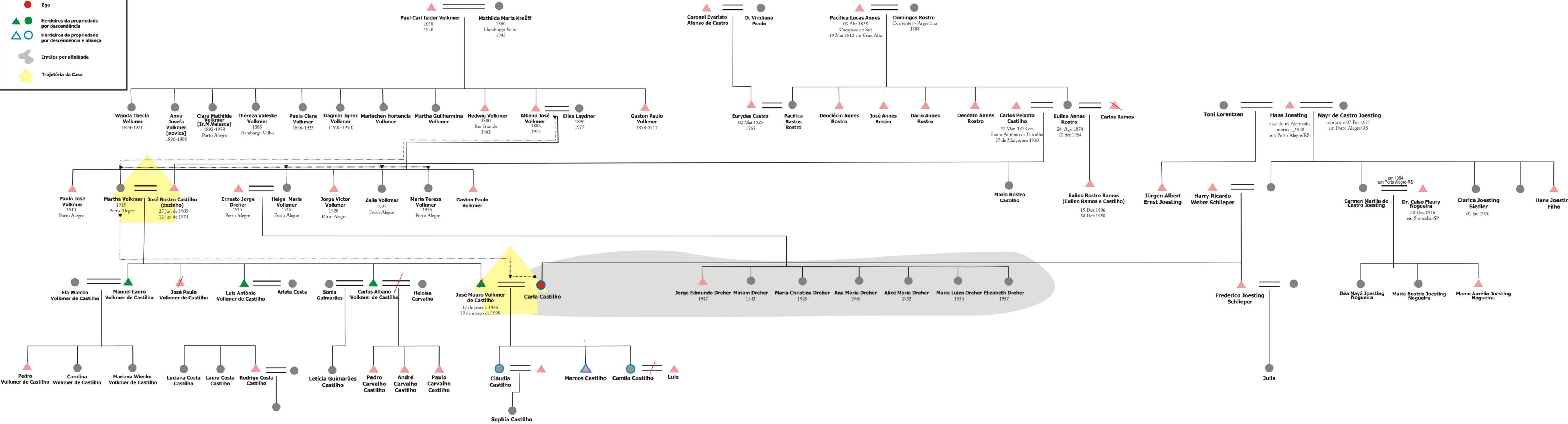
faculdade só era algo possível de ser realizado após a criação dos filhos - liberada de seu papel nutriente no interior da família de procriação (Velho, 1983 apud Rocha, 1985:130). O início do curso, acoplado com a morte do esposo, acaba por se configurar, segundo um dos seus relatos, em mais uma das “viradas” da sua vida, como veremos adiante.

Diferente de Ainsley, no entanto, o valor da família para Carla está mais ligado com a possibilidade de duração da morada como espaço de sociabilidade da família. Ao ponto que para Ainsley a morada dura à medida que ela evoca as relações do parentesco paterno.

4.3 “Apenas aquilo que tem razões para recomeçar” – as narrativas biográficas

Conforme o “ponto de vista dos nativos”, no contexto na categoria família pode-se dizer que os dados coletados integram uma “experiência próxima” (Geertz, 1997:87). À medida que o pesquisador tem suas experiências próximas em relação a representações de família, tornou-se um desafio pensar onde o conceito era acionado pelas interlocutoras da pesquisa. A que conjunto de sentimentos e motivações ele integra e o que as representações de família dizem sobre e no universo que os sujeitos vivem. A mudança de residência, e a venda deste patrimônio familiar adquirem quando se sabe que a casa além de desocupada será demolida, a excepcionalidade (Pollak, 1990:10) de uma demarcação temporal. Observando a narração dessa experiência vivida pelas mulheres entrevistadas passamos olhar as lembranças e esquecimentos que integram a construção da memória relativa a casa, e com isso pensar a construção de sua identidade a partir dela. Essa identidade, aliada ao conceito de “identidade narrativa” de Paul Ricoeur (1991) é pensada aqui a partir de uma “noção de projeto” (Velho, 1994), onde nesse “jogo da memória” (Rocha & Eckert, 2005) possamos observar o “campo de possibilidades” disponível a esses sujeitos e a partir dele chegarmos aos limites e mobilidades das categorias que os movem no mundo. São essas narradoras, portanto, que constroem entre, rupturas e descontinuidades⁶⁸, a representação de família que as

⁶⁸ A noção de descontinuidade é usada aqui a partir da obra de Gaston Bachelard (A dialética da duração, 1988). Para pensar a dialética da duração na construção do sujeito, dialogamos com Gilbert Durand (As estruturas antropológicas do imaginário, 2002) e a noção de trajeto antropológico que compreende o sujeito como alguém que se constrói entre as tensões subjetivas e objetivas na narração de si mesmo. Também podemos pensar aqui em diálogo com Paul Ricoeur (O si-mesmo como um outro, 1991), na noção de Caráter como instância de manutenção, de permanência de si no tempo.



parece mais adequada para integrar a si, sua auto-representação de posição social, e sua reconstrução de passado e projeção para o futuro.

Orientados então pelas construções de trajetória social e narrativa biográfica, obtidas nas entrevistas formais e informais que se desenrolaram nas diferentes instâncias da experiência de desocupação da casa e também após ela, que pensamos, nas escolhas ligadas a uma noção de pessoa e a uma noção de indivíduo. Na dinâmica dessas duas noções é que percebemos como as narradoras vão assumindo e suprimindo diferentes papéis sociais: de mãe, de avó, de esposa, de profissional, no decorrer da mudança e após ela. A heterogeneidade que delinea o trabalho em e com sociedades complexas é discutida aqui a partir da forma narrativa que as interlocutoras constroem em torno do conceito de família.

Em artigo elucidativo sobre as diferenças entre relato de vida, trajetória e história de vida, Cornelia Eckert (1997) ressalta a tradição intelectualista francesa como aquela que deixou a narrativa biográfica menos presa “a uma abordagem longitudinal” e a tomou como visões de mundo e representações sociais “coladas ao vivido: as motivações inconscientes e subjetivas” (1998:23). Seguindo essa tradição que entenderemos as mudanças de sorte dos projetos das nossas interlocutoras.

4. 3.1 Projeto de vida e as escolhas na construção de si – Carla

Diferente de Ainsley, Carla, integra uma classe média psicanalisada e “intelectualizada” (Lins de Barros, 1987:23). Para ela o processo de mudança de residência constitui também na oportunidade de fazer projeções e escolhas para o futuro, reavaliar as “muitas esquinas” que sua vida tivera até então. Experimentar esse processo para ela foi uma oportunidade de “resgatar o passado” e levá-lo para o futuro, onde a matéria da casa não estaria mais presente.

O projeto de vida (Velho, 1994) inicial de Carla era um projeto familiar no qual a casa da Quintino Bocaiúva acabou fazendo parte. Construída pela família do marido em 1945, a parte da casa que pertencia por direito de herança aos outros três irmãos paternos do marido de Carla tinha sido comprada pelo casal para dar lugar ao projeto de criação dos três filhos pequenos, em Porto Alegre. A morte do marido e posteriormente, orientados por projetos individuais, o fenômeno da saída dos filhos de casa vão aos poucos desenhando o destino final dela: a venda.

- Não, elas são muito parecidas, apenas reformas internas um pouco diferentes, tem aquela parte aberta ali na casa do lado é fechada, enfim

algumas coisas são diferentes. Aqui do lado tem entrada para o carro, lá, na casa de lá, é uma peça, é uma sala. Aqui ó, seria aberto, tem uma sala, então originalmente exatamente iguais depois mudaram.

Então elas ganharam essa casa do pai, vieram morar em 46, meu marido nasceu em janeiro de 46, vieram para cá em fevereiro de 46, então ele veio para cá com um mês, se criou aqui. E é delas a vida inteira, tá? E depois o meu sogro faleceu e a casa ficou pros filhos. [...] Ela [Martha] tem 92, ela teve aqui a vida inteira praticamente de casada, de casada, né, claro. Ela morava sempre em Porto Alegre. Ela casou, não sei te dizer ao certo, mas ela tem um filho de 42, é o irmão mais velho do meu marido, então ela deve ter casado em 40, 41. E o marido dela era inspetor do banco, eles viajavam muito, tanto que meu cunhado nasceu em Florianópolis, mas daí eles vieram para Porto Alegre se estabelece..., são de Porto Alegre, mas daí ficaram para valer aqui desde 46. Daí criaram todos os filhos, daí o meu filho, meu sogro faleceu em 74, a casa ficou para os filhos, e nós, sou casada com um deles, né, nós compramos dos outros, então a casa ficou nossa, mas sempre na família né, só que ficou para nós porque nós compramos a parte dos irmãos. Foi muito tranqüilo, porque nós, meu marido fez mestrado e doutorado no rio e a gente então morava lá. Porque gente casou foi para lá e quando nós voltamos para porto alegre em 82, de todos os irmãos deles só nós não tínhamos casa própria, porque a gente tava no rio, aquelas coisas... Então não tinha casa, aí nós começamos a procurar uma coisa para comprar, não tinha muito dinheiro e o que a gente podia comprar era um apartamento de dois quartos com o nosso dinheiro, e tinha dois filhos, três filhos já na época, e daí o pessoal começou 'a vem cá porque vocês não ficam com a casa da mãe?' Até nós estávamos hospedados aqui para procurar casa né, então, 'porque que não ficam com a casa da mãe?' não sei o que, e como são quatro, então um quarto era nosso, um quarto a gente tinha em dinheiro e a outra metade a gente fez um financiamento e eles foram muito legais, foi coisa de irmão eles fizeram uma avaliação e normalmente essas avaliações são baixas né, e eles venderam exatamente pelo preço da avaliação. Foi um negócio de irmãos foram muito legais sem nenhum problema e gostaram porque a casa ficou na família porque todos gostavam dessa casa e foram criados aqui. Então a casa continua na família. Eles não moram em Porto Alegre né, mas essa casa ficou sendo sempre, vamos dizer assim, a sede da família. Todos quando vem a Porto Alegre ficam aqui, os natais sempre foram aqui, aliás desde que a casa está à venda nós já fizemos três natais de despedida – da uma risada - porque a gente sempre diz... É o último e no fim nunca é o último, mas agora realmente foi o último, sempre, nunca, o natal sempre foi aqui, todo mundo que pode vem, minha sogra sempre esteve durante todos esses anos. Ela sempre foi a sede, os aniversários eram aqui, enfim, ela é a referencia da família e agora que ela foi vendida e eu comecei a pensar onde eu ia morar e meus filhos começaram: a mãe, nós não podemos imaginar tu em Porto Alegre num outro lugar. Daí veio até, entre outras coisas, que desencadeou essa coisa de eu ir embora, ir embora de cidade porque isso aqui é uma referência para família sim, é o esteio da família essa casa e quando foi para vender todo mundo ficou muito triste e o meu filho principalmente ele ficou numa tristeza, ninguém queria vender [...] Mas é muito difícil, mas é o seguinte ó, aqui do lado, como eu já falei, os filhos da tia aí do lado, irmã da minha sogra são sete e moram, e ninguém mora aqui nesta casa e nem vai morar, todos tem sua vida e um deles até mora no exterior e eles, porque a casa é geminada é muito difícil, é muito legal ser casa geminada, mas por outro lado é muito complicado, não dá para vender uma só, quer dizer, dá, dá se tu for vender para uma clínica, uma coisa assim, agora essas casas

aqui hoje em dia, ninguém mais quer para morar é difícil. Pode ver ou vira edifício ou vira um comércio, e daí nós ficamos meio que vinculados um ao outro. Tá daí eles ficaram perguntando se eu não queria vender, porque para eles é só despesa, eles estão mantendo a casa estão pagando impostos, não sei o que, ou eles alugavam para alguma coisa ou. E aí eles começaram a pressionar não exatamente, mas sabe, e eu não tenho nem argumentos porque eu estou sozinha numa casa enorme, né. Eu gosto daqui tudo mais, mas eu tenho só um filho que mora em Porto Alegre, minhas filhas não moram aqui, o meu filho vem eventualmente, tipo assim, ele faz um churrasco com os amigos, aqui tem piscina, ele vem para piscina no verão, mas muito pouco para compensar eu dizer não, sentar pé, não vendo a casa. Até porque eu não tenho dinheiro para manter assim como deveria e é uma zona valorizada. E aí a gente de comum acordo, as primas aqui do lado e eu - toca o telefone - elas vieram aqui e nós fizemos várias reuniões e nós chegamos à conclusão que o melhor era vender.”

De acordo com o fenomenologista Edmund Husserl (apud Wagner, 1979:16) o “mundo da vida” contempla todas as experiências diretas dos seres humanos dele e nele. Ele é toda a “esfera das experiências cotidianas”, onde os indivíduos concebem e realizam seus planos. Estudando os fatores determinantes dos indivíduos na vida, Schutz (apud Wagner, 1979) afirma que estes sempre estão, em qualquer momento, em uma “situação biográfica determinada”, e cada um chega até essa situação segundo seus objetivos; e avaliando de acordo com eles. Avaliação que por sua vez está enraizada na “história singular” (Schutz apud Wagner 1979) de cada vida.

Quando Carla narra a aquisição da sua primeira casa, ela a narra dentro de um projeto familiar de camadas médias: a aquisição da casa própria. Um projeto familiar, porém não de uma família nuclear, individualizada, e sim uma família com características de extensa onde ela pela aliança se integra e integra os valores que a constituem. Os cunhados viram irmãos, a cunhada vira mana, a sogra vira avó, relações de afinidade que apontam para uma construção de si que articula uma noção de pessoa. Segundo Mauss (2003), o papel de todas as pessoas do clã é figurar “cada um por sua parte, a totalidade prefigurada do clã” (2003:374), e Carla parece fazer isso quando assume a “herança” de dar seguimento a família, assumindo o ônus e o bônus de ficar com a casa.

Destacando da narrativa de Carla a idéia dela de que: “todo mundo” seguiu seus projetos individuais e que já estavam “adiantados na vida”; vemos que o projeto individual de Carla, todavia, parece só ter iniciado com a morte do marido e a morte do projeto familiar que tinham em conjunto. Ao ver ser sozinha, Carla muda e reforma a casa, mas concorda com o “clã”, que a venda é a melhor alternativa. As peculiaridades da casa geminada, que acabam se tornando um problema para a venda do patrimônio,

apontam para o fim de um projeto de vivenda coletiva entre famílias compartilhantes de um mesmo projeto. A “história singular” da vida de Carla é uma história coletiva do grupo familiar onde ela assume o papel de quem cuida, de quem mantém os afetos, da agitadora que se considera ser. Para escolher a sua nova casa Carla escuta os filhos, que reclamam pela casa da mãe, uma casa tranqüila e afável onde eles possam se sentir acolhidos e “em casa”. Uma mesma imagem de casa que quiseram manter os irmãos de Mauro quando optaram pela venda da casa da Quintino a ele e a Carla, a fim de mantê-la na família. E é essa imagem de morada da que é transportada para Canela.

[...] Fizemos vários encontros, penosos encontros, a gente se dá muito bem. Ah! eu tenho uma história pregressa onde eu entrei nessa história, porque eu tenho uma, de criança eu tenho, toda a vida veraneei em Torres tá e a gente morava num lugar que hoje em dia está cheiíssimo lá na Praia Grande, mas antigamente quando eu era criança era praticamente só a minha casa. E aí construíram uma casa na frente da minha casa que eram, era essa família aqui do lado, sim essa tia aqui, eu não conhecia essa gente eles fizeram uma casa na frente e... Eu tenho um irmão só, mas bem mais moço e lá em Torres era um deserto, a minha casa e as irmãs aqui. São simplesmente sete filhos, sendo que seis são mulheres, então de repente eu ganhei seis amigas, foi maravilhoso, na praia nós nos conhecemos na praia e agente ficou amicíssimas estudávamos no mesmo colégio aqui em Porto Alegre, mas não nos conhecíamos. No Bom Conselho, tá e daí nós ficamos super amigas eu tinha uns 15 anos nessa época, daí eu comecei, ficamos amigas em Torres e quando terminou o verão a gente continuou amiga, eu comecei a vir muito aqui, por que elas eram seis, eu era uma, eu morava num apartamento elas moravam numa casa. Eu vinha muito a gente ia no cinema ficamos super amigas mesmo e aqui nessa aqui morava o meu marido entende? Porque eles eram, aqui era 4 homens, lá eram 7 filhos sendo que 6 mulheres e eles eram super amigos por que se criaram juntos eram primos né, e porque eu era amiga delas e a gente ficou amiga deles, e começou a sair junto, sair junto aí que eu acabei namorando e casando e o mais louco é que eu conheci essas pessoas, fiquei super amiga e quem diria, que eu é que ia ficar aqui para apagar a luz né. A vida é muito louca, eu penso nisso Meu Deus, como a vida é louca que faz isso com a gente.

A experiência da mudança, acionada pela decisão da venda da casa, possibilita que Carla reflita e construa o mundo da sua vida. A narrativa sobre como ela, da “Torres deserta” acaba com seis amigas que inclusive estudavam no seu colégio, é exemplo da perplexidade dela ao se deparar com o lugar onde o seu próprio projeto de vida a levou. De vizinha de praia, a amiga; a cunhada; a dona da casa da mãe; e a responsável pela dissolução e continuidade do patrimônio familiar: trajetória de uma responsabilidade que ela assume como sua, já que os herdeiros da casa ao lado, não parecem compartilhar desse mesmo drama.

A guardiã do clã ao ir para Canela não o faz sem agregar aos seus cuidados mais próximos a sogra e anciã da família, que já havia vivido com ela antes. Sobre essa decisão, Martha nos conta:

- Pois é... Eu não pretendia mais voltar para a casa, mas a Carla me levou para lá a força, porque quando meu filho se transferiu pra Brasília eu quis ir para uma instituição né. Porque eu tenho os quatro filhos todos queriam me receber em sua casa né, mas é difícil né, cada um morando em um lugar, um em Florianópolis, outro em Brasília, outro em Belém Velho, e eu resolvi ir para uma instituição e me escrevi mesmo, tentei morar numa instituição lá, mas a Carla não deixou, me levou, vai ficar comigo, vamos lá, tá, tá então eu fui a Quintino Bocaiúva, mas depois também a Quintino Bocaiúva se acabou lá, e a Carla veio morar aqui. Ela contou também da vinda dela?

- Contou - respondo

- Ela quando vendeu a casa não queria apartamento de jeito nenhum né porque inclusive as empresas interessadas lá queriam dar área construída, ela não quis. Queria casa. E nesse meio tempo a filha dela veio trabalhar aqui em Canela e nesse meio tempo ela disse olha achei uma casa para ti. E é onde ela está hoje né. E então ela me trouxe para cá. E eu aqui estou muito bem. To muito bem, as irmãs são muito boas.

- E é bem pertinho aqui a casa dela né? - digo

- É bem pertinho, ela vem aqui muito seguido. De momento ela tá muito envolvida com a neta né. Ela é uma avó 100%, mas ela vem muito seguido.

- E como é que é a Sophia. - pergunto

- A Sophia é muito engraçadinha, ih, muito engraçadinha, ih, muito bonitinha. Agora tá engatinhando né. Agora tá caminhando por tudo, eu vou seguido lá geralmente eu passo um dia por semana lá com ela. Porque a Claudia médica, assumiu o compromisso e tem que trabalhar né, então a Carla que cuida da netinha, mas ela gosta muito da casa dela, se dá muito bem.

Filha, mãe e avó, Carla assume *personas* distintas no objetivo da manutenção do “clã”. No entanto, o projeto individual iniciado com a morte do marido: o ingresso na faculdade de Turismo; e cuja formatura aconteceu no mesmo ano da venda da casa, entra na avaliação dos motivos que a levam a Canela. Esse projeto lhe ajuda a se mudar, “dá ênfase à dimensão mais consciente da ação social”, implica em uma avaliação, um plano “uma noção de tempo com etapas se encadeando” (Velho, 1997:69).

- Vou para casa. Vou para casa. Isso que eu tava falando eu questiono muito a minha maneira de ser, os meus pensamentos, acho que todo mundo é assim né? Eu pensei meu deus até onde eu não estou sendo teimosa de me encanizar de ir para apartamento, mas eu fico tão infeliz num apartamento, eu acho tão horrível e aí eu não sei, pode ser que eu seja louca, mas eu não gosto de apartamento entendeu? Eu morei na casa a vida inteira entendeu, por exemplo, um domingo eu não sou de sair assim todos os domingos, mas um domingo em casa é beleza, mas um domingo em apartamento eu vou morrer. Eu tenho que sair, em casa é muito diferente, eu estou acostumada eu vou para o pátio, aqui tem piscina no verão vou para piscina, ou limpo a piscina ou sento aqui na frente no meu degrauzinho entende? Mas num apartamento aí! Aí eu cheguei ao ponto de se eu não posso morar numa casa em Porto Alegre eu mudo foi isso que eu pensei e foi isso que me levou

eu ir para Canela. Claro que tem coisas que o turismo lá bom, e ainda não to com trabalho lá, mas tenho muitos contatos espero conseguir e também tenho uma filha que mora lá, minha filha é medica, mora em Canela, mora em Gramado e trabalha em Canela é lógico, e também, essa minha sogra aqui, esta minha sogra – ri - a minha sogra tem uma casa em Gramado onde a gente passou todas as férias de julho eu ia para lá com toda essa criançada, não só os filhos como os sobrinhos, então a gente tem muita ligação vou para lá a vida inteira não to indo para um lugar desconhecido a única coisa que é muito diferente que eu sou nascida em Porto Alegre, criada, casada a vida inteira aqui e morar lá é uma coisa diferente, eu não sei.”

O projeto familiar e o projeto individual se intercalam nessa narrativa, de forma que nele aparece o receio de deixar a capital que sempre viveu em troca de uma cidade mais ao interior como a cidade de Canela. A perda do cosmopolitismo da metrópole se choca com o desejo de viver em uma casa cujo espaço fosse similar ao da casa da Quintino Bocaiúva, ou seja, onde pudesse preservar um estilo de vida de moradia que não se adequaria a um apartamento. A divisão da herança com os filhos que limitaria o valor a ser gasto numa moradia; aliado ao desejo da manutenção do estilo de vida de viver numa casa; aliado ao projeto de trabalhar na área de turismo; e aos vínculos afetivos com a serra, todas essas prerrogativas se mesclam na avaliação relatada por Carla e compõem num “repertório limitado de preocupações e problemas” (Velho, 1997:69) o seu campo de possibilidades.

4. 3.2 Projeto de vida e as escolhas na construção de si - Ainsley

“Para cada um existe somente uma noção de honra, a sua. Aqueles que a concebem de outra maneira simplesmente não a têm.”
(A doença da honra, Julian Pitt-Rivers, 1992:18)

Por outro lado, o projeto de vida de Ainsley, parece seguir outra escala de valores dentro das representações coletivas de camadas médias. Avaliando o agenciamento dos postulados do individualismo moderno nos concentraremos na narrativa de Ainsley e nas discontinuidades do seu projeto, a fim de pensarmos a relevância do conceito de família na dinâmica social e econômica dos conceitos de honra, memória e gênero, a partir do tema da herança e do patrimônio.

Segundo Velho (1997) “o significado de uma família para um grupo social” (1997:68-69) está vinculado a outros significados que se constituem “mais ou menos sistemáticos” e não necessariamente ajustados ou harmoniosos. Orientada por uma noção mais individualista de si, Ainsley, contraditoriamente, também ressalta que os

filhos que saem de casa: solteiros para morarem sozinhos, o fazem porque “não se dão bem com a mãe”, reforçando com isso o reconhecimento de um status positivo no casamento (Rocha, 1985:122) e de uma compreensão de família que integra a aliança na sua construção. Diferente de Carla, para Ainsley a mudança de residência, afeta o projeto de legitimação e resgate de uma posição simbólica na estrutura de parentesco ligada ao lado paterno, que ela entende como rompida desde a separação dos pais, em meados dos anos sessenta.

Um projeto que se expressa pela narração da trajetória social a partir de uma forte noção de indivíduo construída por Ainsley para dar conta desse resgate de uma posição que, conforme, veremos adiante, deixa de ser individualista quando se delinea como um resgate da honra feminina da mãe, perdida na separação.

Após a separação, quando tinha doze anos, Ainsley foi morar com a mãe, e morou com a ela até se casar, na metade da década de 70. Após morar em diversos lugares da cidade volta a morar com o pai, trazendo, o marido e os filhos, consigo e ali fica por quinze anos. Depois de um desentendimento o pai sai de casa, e ela fica morando nela com sua “família de procriação” (Rocha, 1985). Anos depois o pai retorna a casa, para ser cuidado por ela e os filhos até sua morte. Com a morte do pai a consangüinidade de Ainsley com ele, que se mostrou a orientadora da noção de parentesco para a linhagem paterna, foi questionada pela ação judicial endossada pelo primo paterno. Ele reivindicava o direito a casa e a propriedade e alegava que Ainsley teria que sair daquilo que era da “família”. No embate Ainsley destruiu a casa e estabeleceu seu lugar na linhagem de parentesco, permanecendo no terreno e mostrando, com a demolição, que também tinha o sangue paterno. Ao se comparar fisicamente com a linhagem paterna Ainsley sempre o faz ressaltando características étnicas que aproximam os dois “eu sou toda parecida com meu pai, o cabelo ó, ruivo como o dele”.

Nos termos de Pierre Bourdieu “a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la” (1999:18), ciente da parcialidade da visão, Ainsley investe em legitimar seu lugar de mulher herdeira para além do estigma da meretriz herdado da mãe pela condição de gênero.

Lidando com a reputação herdada pela via da mãe, o esforço de Ainsley em honrá-la e ao mesmo tempo reivindicar seus laços de parentesco na linhagem paterna corroboram para pensarmos na complexidade da noção de família e como a partir dela podemos refletir sobre o que move os diferentes pertencimentos dos integrantes em

relação às categorias de etnia, classe social e gênero. A noção de honra explicitada aqui a partir da interlocução com Ainsley permanece um forte eixo de entendimento das relações sociais familiares e suas complexidades em relação ao tempo.

- *Ela tinha medo na verdade né, imagina uma caçula de dez filhos e de repente com uma gente só falando alemão, que ela tinha que sempre estar se espiando o comportamento, imagina, que tinham horário para tudo né, o tal de seostar né, tinha que, almoçava, ela tinha que deitar, e grávida de mim né, tinha vontade de comer as coisas e daí tinha que comer muito pouquinho. Diz ela que até fome passou, mas a mãe é um pouquinho exagerada né, mas aí ela aprendeu a falar alemão, porque ela ouvia, pegava as palavras soltas e pimba, perguntava para o pai, as palavras isoladas assim, aí ela montava a frase e, e aí que ela se deu conta que ela não era bem recebida aqui. Aí ela começou a se desgostar né. Mas essa construção levou nove meses, foi o meu tempo.*

- O tempo de tu... - interfiro

- *De eu nascer, aí ela ficou 8 dias no hospital, na minha vida tudo é oito né, nasci no dia 18 do oito, ficou oito dias no hospital. [...] Eles ficaram 22 anos né, o Josiel e a... Eles tinham um relacionamento, mas o Josiel se manteve casado né.*

- Eles continuaram se relacionando? - pergunto

- *Sim, 22 anos - dá uma grande risada*

- Era uma coisa que toda a família sabia? – retomo a perguntar

- *Todos sabiam, mas todos fingiam que não sabiam, ahã, aí ele tava lá na frente da casa dela, ele ia embora ele vinha... Eu já tava acostumada, eu achava engraçado aquilo, porque a gente, eu nunca vi a mãe, por exemplo, de mão com o Josiel, abraçada com Josiel, a gente sabia daquele sentimento, do motivo da separação. E parava aí. E ele ia, assim dificilmente a gente encontrava, assim a figura dele, a gente chegava da escola e às vezes ele tava lá, era assim, com a desculpa de que ele teria ido, alcançar alguma coisa né, ele veio trazer alguma coisa sabe, e essas vindas dele, para mim eram normais porque ele tava sempre na minha casa, claro que ele já tava envolvido, tanto que eu prejudiquei né, eu tenho essa culpa da meretriz porque eu disse a verdade né. No meu testemunho, foi verdadeiro. Me perguntaram e eu não neguei. E eu disse, eu vou, mas eu digo a verdade, peguei eles de surpresa né, e isso gerou um desconforto, gerou um desconforto grande entre nós, uma coisa assim que ficou, que nós vamos resolver só em outra encarnação.*

- Tu acha que nunca resolveram? - pergunto

- *Não, não ficou resolvido, não ficou, porque eu sempre fui do pai né. Eu era do pai, mas eu sabia que a pessoa do meu pai, o ser humano, a essência do meu pai eu não podia ficar com ele, porque eu ia ser uma louca, drogada, bêbada como ele sabe? Então isso eu tinha consciência, que eu amava meu pai, mas que o melhor era ficar com a mãe. E fiquei, mas foi penoso.*

- Porque tinha essa opção judicialmente ou não?- questiono

- *Tinha, claro que tinha, mas aí eu ia romper com a família dela, [...] a família da minha mãe era que eu amava, aquele referencial de família foi o lado da minha mãe, porque essa alemoada é muito louca, que gente meu deus. A Oma não, a Oma era toda amor, mas a família não, a mãe desmanchou a família, a mãe assim ó, estraçalhou a família. Eu tenho, tenho certeza, terminou tudo entendeu? Terminou, terminou, não teve mais nada. E ela tem consciência disso... Claro que tem, tem e não se sente culpada, não se sente, não se sente nada. Eu hoje, assim a gente muda né, porque teve*

uma época que eu achava até corajosa a atitude dela né, mas depois começou a ficar complicado para mim né.

- Por quê?

- É hoje, assim, atualmente, hoje, eu vejo que ela fez uma grande bobagem né.

- Tu acha?

- Acho, acho, porque ela nunca deixou de amar o pai né. Eu acho que foi um desaforo que ela fez, só que ela fez para ela e para todos né, porque ela disse que o grande amor da vida dela é o pai. E hoje quando eu vou e visito ela na clínica, não é o Josiel que ela diz, que já tá morto também, não é o Josiel que ela diz quem vem buscá-la para passear, que agora ela tem Alzheimer né, é sempre o pai. O pai acabou de sair, o Gustavo acabou de sair daqui. Tava tão lindo... Ai ela descreve como ele tava vestido né, e roupas que realmente ele tinha, porque o pai era um homem muito elegante para se vestir, então usava aqueles coletes né, aqueles lenços de seda né. Que trazia das viagens, ah era um homem encantador, lindo, lindo, aqueles olhos verdes tudo e ela disse né, ele até me beijou, e eu digo ai que lindo! E porque que não lembra do Josiel né, acho que realmente ela amou, mas em um momento difícil ela se atrapalhou, se atrapalhou assim, muito, e de certo tava precisando de carinho, de atenção, sei lá eu, e ai tava ali o lobo mau tava ali né. Porque ele era 13 anos mais velho que a minha mãe, né.

- Ele era mais velho assim da Inge também?

- É, ele era mais velho que a tia Inge também, a mãe tem 77 a Ingeborg tem 81, cinco anos mais velha, ela é mais velha que a mãe né. Sim, porque os filhos da Inge foram no casamento da minha mãe, o Jorge e a Cátia. Tem as fotos tudo. Então ele foi cachorro né, eu sei que ele foi, mas...

- E vocês conversavam vocês duas ou vocês nunca chegaram a conversar sobre isso?

- Conversávamos, conversávamos mas, é nós temos coisas, muitas coisas mal resolvidas né. Porque antes eu via as coisas só como filha né, aquela coisa e depois não, depois quando eu construí uma família, eu vi de forma diferente. Só que eu não tenho que julgar por mim né, essa é a história dela né, a minha história eu que faço e a dela ela fez né, só que a história dela complicou a de todo mundo. Tu vê o filho dela não teve uma família por causa disso. E naquela época os filhos de uma desquitada, os filhos de uma divorciada eram mal vistos. Eu passei a sentar na sala de aula, nas carteiras, que eram as mesas, eu passei a sentar sozinha, eu sentava com a Nídia, e a mãe da Nídia foi e apontou com o dedo, eu não quero mais, eu ouvi, então eu sentava sozinha. Então assim ó eu estudava que nem uma louca, eu era a primeira da aula para me sobressair né. Claro, aquela aluna aplicada maravilhosa, claro, tirava o ótimo com três estrelas, tudo assim, mas é complicado... Hoje não né, hoje em dia ninguém, mas casa, tudo fica, tudo, né? Então se fosse uma coisa de agora, talvez eu fosse, assim, assimilar de forma diferente, mas na época foi bem difícil, bem difícil. Depois voltaram ainda né, voltaram. E ele sempre disse que ela foi o grande amor da vida dele. Sempre.

Conforme Raymond Firth, o parentesco é o sistema de relações interpessoais que está associado à ligação biológica - por um lado, pelo casamento e procriação; e por outro pela união social legalizada que envolve “relações sexuais entre dois indivíduos” (1936:212). Essa premissa nos ajuda no entendimento da noção de família que traz Ainsley, principalmente para discutirmos a questão da honra nesse ponto onde ela está

em intersecção com o parentesco e as questões de patrimônio e herança: nas relações sexuais entre dois indivíduos.

Segundo Velho, “o casamento dentro do código de aliança estabelece relações entre grupos através da união de seus membros”, quando uma traição ocorre dentro da família, de certa forma, ela rompe duas vezes com os laços formados pela rede de aproximação proporcionada pelo casamento. Mesmo que segundo Ainsley a sua mãe nunca tivesse feito o “gosto” da família, suas escolhas promoveram conseqüências que romperam os laços de parentesco construídos pela consangüinidade. E eram esses os laços que Ainsley buscava recuperar através da permanência junto a casa.

Ao refletir que mudou de papel social durante sua trajetória de vida, ela o faz dizendo que isso também a fez enxergar as coisas de outro jeito. Se anteriormente, no papel social de filha, ela admirava a mãe pela noção do livre-arbítrio e do projeto individualista da mulher que foi atrás daquilo que queria; no papel social de mãe ela tem outro posicionamento. A família proporcionada pelo parentesco materno e pela rede de ajuda mútua criada em razão da separação, não parece ser suficiente. No papel social de mãe, Ainsley requer a sua legitimação perante o tribunal do sangue – os primos paternos - da sua condição de filha do pai e assim, o parentesco paterno toma importância como parte da construção de si.

O “valor família” segundo os fundamentos morais do gênero feminino (dedicação, distinção, elegância, etc.), ressalta as opções da Ainsley em relação a qual papel aderir. Oposto da mãe libertina, ela era a mulher de: costumes recatados; e comprometida ao amor romântico de um homem somente. Ela seguia noções individualistas - na construção de um projeto de família nuclear, por exemplo - ao passo que se vinculava as regras, e as condições femininas de um século que nem vivera. Nas entrevistas não raro Ainsley me perguntava se eu estava casada ou namorando, muito curiosa em saber como eu sobrevivía e me sustentava. “Ah, mas tu vai achar” dizia ela sempre que ouvia a minha resposta negativa a sua pergunta sobre meu estado civil de solteira.

Quando eu fumava no pátio da casa, no intervalo do carregamento da mudança Ainsley me dizia “ah para com isso, menina, isso é feio”, “o Celso, detesta mulher que fume, nem deixa ele te ver” se referindo ao filho mais velho, do qual, inúmeras vezes ela tentou insinuar uma aproximação amorosa. Intervenções que por nossas diferentes visões de mundo evidenciavam como ela via o feminino ideal, e que lembravam,

todavia, o velho costume de “arranjar casamento” do qual a sua avó paterna tinha sido alvo, conforme ela já contara em outras conversas.

Essas diferentes escalas de feminino, em diálogo com os papéis sociais que cada uma de nós representava na ocasião apontam para a mutabilidade na adesão a eles, a atemporalidade dessa adesão e o forte caráter de contraste que ele tinha. O último nos auxilia a perceber, portanto, a que família ela “construía” lembranças – a ver pelas narrativas e pela socialidade com a pesquisadora - e como a noção de família podia mudar à medida que pela perspectiva dos jogos da memória, a guardiã⁶⁹ dela também estava em mutação.

⁶⁹ Sobre “a guardiã da memória familiar” ver M. Lins de Barros. Memória e Família”. In: Estudos Históricos 3, Memória. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.

CAPÍTULO 5

A CASA COMO LÓCUS PRIVILEGIADO PARA PENSAR A MOBILIDADE SOCIAL

O legado herdado - segundo os livros sobre partilha, direito sucessório e herança do código civil brasileiro - na morte do cônjuge, é dividido entre a mulher (casada ou amancebada há mais de cinco anos com o morto) e os filhos. Esse patrimônio, no entanto, pode ainda ser dividido entre herdeiros de mesma linha sucessória, como irmãos ou primos, como o que ocorreu no caso de Ainsley. Essa dinâmica da partilha coloca em pauta um drama social àqueles que mudando de casa visam à divisão do patrimônio: o risco de descenso social, da perda de prestígio e status social. E a construção da memória da família, muitas vezes, age para a manutenção simbólica deles.

Segundo Pierre Bourdieu (2007), o capital simbólico transmitido no “valor família” esta relacionado ao estilo de vida e a visão de mundo que se quer “passar aos filhos”, a uma educação, nos moldes “do sentimento moderno da família” conforme aponta Philippe Ariès (1986: 277). Um legado ligado, também, à manutenção de certos objetos de decoração ou móveis, que por estar há anos na família, são repassados dentro da estrutura de parentesco de forma a reforçar certas lembranças de um tempo passado, dando seguimento à vida vivida pelos seus antepassados. Esse esforço dialético de lembrança e esquecimento é ressaltado por Ellen F. Woortmann (1994:3), no caso das famílias de descendentes de imigrantes alemães, na manutenção de certos objetos instituidores de um passado “heróico ou heroicizante”, onde “a memória faz a descendência e a descendência faz a memória”. No caso de Ainsley, o lote de terra à beira do Guaíba, como já foi mencionado, outrora imenso e largo, foi repartido entre ela e seus filhos, que passaram a dividir com ela seu uso, construindo suas casas enfileiradas a casa materna. Observando o processo de ocupação atual do antigo terreno, vemos um processo evidente e claro de descenso social vivido pela família dela ao longo do tempo. Uma forma de ocupação que se aproxima de uma condição de moradia muito semelhante a das classes trabalhadoras, onde em um mesmo terreno, há a casa dos

progenitores, em geral os provedores - à frente – e aos fundos, em casas ainda menores, a moradia dos filhos casados caracterizando uma unidade doméstica.

Mesmo que, no caso de Ainsley, a forma de moradia (da nova casa) possua essa aproximação com a forma de moradia de classes operárias e/ou trabalhadoras, “a casa própria” (Fonseca, 1997:7) permanece como distinção e reúne o seu destino ao de Carla. Isso por que na venda desses “casarões” herdados o dinheiro é revertido em outra moradia, condição fundamental nas representações de status de uma visão de mundo de camadas média. Onde um bom investimento do dinheiro era um investimento em uma moradia que fosse espaçosa o suficiente para reunir a família tranquilamente, no caso de Carla e no caso de Ainsley o bom investimento era a permanência no bairro, mesmo que em uma casa menor. Uma avaliação que fizeram avaliando também esse legado face às gerações futuras, seus filhos e netos.

Ressaltado por Claudia Fonseca (1997:10) as mulheres chefes-de-família são comuns desde o início do século XX no segmento das classes populares. Ela sugere, no entanto, que “o recente aumento do número de famílias chefiadas por mulheres” está ligado “entre as camadas médias, ao movimento feminista e à nova autonomia da mulher” (Fonseca, 1997:26). Não gostaríamos de promover uma comparação superficial entre as duas condições de vida, a de mulheres de camadas médias e aquelas pertencentes às camadas populares. Entretanto, conforme a realidade aberta pela autora, transformações na estrutura dos papéis sociais em famílias de camadas médias são apontadas e aparecem no universo aqui pesquisado.

Ainsley e Carla, não se tornaram chefes-de-família em razão de movimentos feministas, e nem em razão da opção por um estilo de vida autônomo. Pelo contrário construíram seus papéis sexuais e de gênero dentro da clássica moral burguesa - dentro do casamento, em conformidade com os projetos de suas famílias de origem⁷⁰, na qual foram geradas. Os dramas do sustento da casa, do “ver-se sozinha no mundo” depois do fim de casamentos com mais de vinte anos de duração, é ressaltado por Carla, como uma importante mudança de status social e que por sua vez ela relaciona com a casa e a sua venda:

- Ele era muito hábil com as mãos, muito, muito, muito. Ele era um super pesquisador, mas tinha uma habilidade manual incrível, tanto é que eu entre outras tantas coisas que eu senti falta dele, claro que é essa é muito menor, mas é a do faz tudo, ele fazia tudo: fio, cano, seja o que for, não tinha o que

⁷⁰ Sobre a formação de projetos, ligados a família de origem e ou de procriação em mulheres separadas, em Porto Alegre, ver a dissertação de mestrado de Ana Luiza C. da Rocha, A dialética do estranhamento, 1985.

ele não resolvesse, ai quando ele morreu me vi mal, né, porque tu tem que achar o homem que é uma entidade, o homem do cano, o homem do fio e tu te quebra com o homem. [...] Mas vê só, a casa do lado são sete filhos e o casal já morreu, eles moraram ai até o fim, faleceram, no ano passado faleceu, não, minto - acho que vão fazer dois anos em novembro - que faleceu a senhora que era irmã da minha sogra, a casa tá vazia, porque os filhos todos estão adiantados na vida, tem a sua casa e aqui o meu marido faleceu e os meus filhos casaram e eu fiquei só eu, então, não faz sentido entende? A vida dá voltas e não faz sentido a gente ficar com ela, infelizmente, só se eu ganhasse na mega sena, daí eu compraria as duas, faria uma pousada, como eu estudo turismo eu pensei: bah faço uma pousada aqui, faço um negócio legal, mas é irreal, não dá, eu tenho, eu não morro de fome, eu, eu tenho uma pensão, mas nada que eu possa manter uma casa dessas, então a gente está deixando, ela, ela precisa de pintura, tá, o telhado tem que dar uma olhada, ela tem cupim, ela tem não sei o que, e eu fui deixando, fui deixando e com muita dor a gente vendeu, mas... Não tem como.

A vulnerabilidade de chefiar uma família, nesses casos, aparece mais pela moralidade imposta pela condição de viuvez ou separação perante a sociedade e menos pela tarefa de criação dos filhos, esse último apontado por Cláudia Fonseca (1997) como uma condição freqüente na classe popular – e relacionada à condição de gênero nestes segmentos sociais.

Ou seja, no caso das nossas interlocutoras há uma vulnerabilidade fundamentalmente associada à manutenção de um estilo de vida originado no casamento, desde a saída da casa dos pais, onde a sua nova condição social, as confronta com o pagamento de contas, o conserto da casa, sem a ajuda do homem ou a presença masculina para assegurar seu sustento e suas decisões no âmbito do espaço público.

5.1 O estilo de vida e visão de mundo como forma de pensar os ritmos temporais da morada no universo da cidade de Porto Alegre

A partir do mapa abaixo, retirado do site da Prefeitura de Porto Alegre, podemos ter uma noção espacial da localização dos bairros que estamos trabalhando até agora em relação ao limite da cidade. Nos subtítulos seguintes trabalharemos a relação do espaço da casa com o espaço do bairro onde cada uma delas está inserida. Aprofundando a questão da transformação urbana a partir do estilo de vida, que já iniciamos no capítulo dois, porém agora partindo do contexto das famílias de Carla e Ainsley.



5.1.1 A casa de Ainsley e o bairro Tristeza

A casa onde Ainsley morou e mora - a que foi destruída e a nova - ficam no limite do Bairro Tristeza e do Bairro Vila Conceição⁷¹, esse um dos seis bairros de Porto Alegre, onde de acordo com os dados do Observatório de Porto Alegre⁷² 67% a 78% dos responsáveis pelo domicílio têm renda maior do que 10 salários mínimos. Esse dado é relevante no sentido de especificar que o meio onde a moradia da família de Ainsley está localizada - a beira da orla do Guaíba e perto do Clube Jangadeiros - é uma

⁷¹ Segundo a coletânea a História dos Bairros, produzida pela Secretaria Municipal de Porto Alegre, esse bairro era uma única chácara de propriedade de José da Silva Guimarães. Segundo essa mesma coletânea, a volta composta pela Vila Assunção, Pedra Redonda, Camaquã, Tristeza e Vila Conceição eram chamados somente de Tristeza. Secretaria Municipal de Porto Alegre. História dos Bairros, *Observatório da cidade de Porto Alegre*, Porto Alegre, Pag. 103. Disponível em : [http://proweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/observatorio/usu_doc/historia_dos_bairros_de_porto_alegre.pdf] . Acesso em 22 de dezembro de 2009.

⁷² Esse banco de dados reúne dados da cidade de Porto Alegre, oriundos de pesquisas realizadas pelas secretarias do município, pela Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul e tem parceria com os dados produzidos pela UFRGS e PUCRS.

parcela do bairro Tristeza que se diferencia do restante por suas casas amplas, em terrenos amplos, oriundas na maioria de antigas chácaras de lazer, existentes na região no início do século XX.

As chácaras de lazer, na região do bairro Tristeza, são ocupações do século XX. Em regime de sucessão, as terras junto à orla foram exploradas de forma muito diversa. Em 1830 funcionava na região uma charqueada que produzia “carnes, couros e produtos agrícolas”⁷³ para o centro da cidade. Com o fim da charqueada até 1896, as terras passaram por intermédio da venda e depois pela via da herança, por diferentes donos, até que com a emergente urbanização da região, no início do século XX, temos a construção das propriedades que na atualidade estão sendo destruídas, para dar lugar a outro sistema de moradia e ocupação urbana.

Morar à beira do rio, na Zona Sul da cidade era um valor importante para Celso e para Ainsley. Ele fazia referência a um estilo de vida de habitar a cidade que pode ser encontrado depois nas frases e textos dos encartes que divulgavam empreendimentos imobiliários na região: nos cadernos de imóveis dos jornais⁷⁴ e sites de construtoras na internet⁷⁵. Em um desses sites o texto de promoção de venda, para um edifício chamado “Varanda: Zona Sul” de aproximadamente 11 pavimentos, construído na Rua Mario Totta, muito perto da casa de Ainsley, diz assim:

“A região mais inspiradora de Porto Alegre
No ar, o clima de uma cidade pequena. Ao redor, todas as facilidades de uma cidade grande. Assim é o bairro Tristeza. Um refúgio ideal para quem não abre mão da tranquilidade e nem da infra-estrutura. Onde se vive junto a hipermercados, lojas, excelentes restaurantes, clubes, parques, bancos, escolas e tudo mais que você quer, sem a correria urbana, junto ao rio Guaíba e a uma natureza sem igual. Um bairro com um estilo único. Um estilo como o Varanda: quem conhece não troca por nada.”

Diferente do pertencimento que ressaltava sua mãe, Ainsley, os motivos que ligam Celso ao bairro dialogam com o texto do anúncio: a “tranquilidade” que havia nele, sua proximidade com a beira do rio, era um lugar onde ele podia ficar com os amigos no fim de tarde, puxando pranchas de *surf* pela água ou brincando com os

⁷³ Id. P.101.

⁷⁴ Faço referência aqui ao suplemento ZH Imóveis, integrante no jornal Zero Hora, que por sua vez é mantido pelo grupo RBS de comunicação, e um dos jornais de maior leitura no segmento de camadas médias do Estado do Rio Grande do Sul. Acompanhei regularmente a publicação desse encarte, durante a construção dessa dissertação. Interessada nas propagandas: de página inteira, ilustradas com mapas e plantas baixas, me detive em acompanhar o encarte que circulava no dia de domingo, no entanto o suplemento também é publicado às quartas-feiras, mas nesse dia a profusão de propagandas não é tão intensa.

⁷⁵ Goldsztein, Cyrela Brazil Realty. Varanda Zona Sul. Disponível em : <<http://www.goldsztein.com.br/empreendimento.php?codigo=68>>. Acesso em 04 de outubro de 2008.

cachorros junto à orla. Era uma dezena de atributos que ressaltava um desejo de viver⁷⁶ perto da água, relacionados à prática do *surf*, a “ligação” com o rio, com os longos por do sol que Celso narrava enxergar “da janela do seu quarto”. A segurança do terreno era garantida por dois grandes cachorros da raça Rottweiler, um macho e uma fêmea, e de uma cadela Dobermann. Leonardo e Gabriel, que também era irmãos, faziam parte dessa irmandade do surf que também tinha na casa de Celso o lugar ideal para viver na cidade de Porto Alegre.

A opção de Ainsley em permanecer ligada ao bairro também foi ponderada frente a esses valores ressaltados pelo filho. Permanecer vivendo ali com sua família também era uma opção de preservação de um estilo de vida transgeracional de habitação no bairro, iniciado no século XX por sua família. Quando pergunto a Ainsley se na época da mudança da casa não a procuraram para comprar o terreno ela me responde:

- Pra vender? Uhhh aqui quando a gente limpou né ali tudo para ter acesso para carro tudo. O Osmar disse que estavam toda a hora né: a ta a venda? Ta a venda? Pelo rio né, pela paisagem. O rio é que chama atenção. Não sei, para mim é normal né, isso aqui faz parte da minha vida. Isso aqui para mim é a minha vida, por isso que eu não poderia sair daqui. Imagina não ia ser feliz, até poderia né, mas não ia ser feliz. Imagina eu dentro de um apartamento. Me batia toda, ia viver roxa. Eu tentei morar em apartamento uma época eu vivia roxa, me batia.

- Tu precisas de espaço? - pergunto

- espaço, eu sou uma pessoa que precisa de espaço, eu preciso plantar eu preciso, ó, ouvir esse som, eu preciso. Certamente, se fosse necessário né... Tanto que não vendi né. Que todo mundo achou que eu ia vender isso aqui né. Acredito que até os irmãos. [...] Acredito que ninguém imaginou que eu ia permanecer aqui né.

- E o que fez tu permanecer? - pergunto

- Aahhhh. Eu nunca pensei em não permanecer. As raízes né. O amor pelo lugar. Tu vê meu pai nasceu aqui morreu aqui né. Embora assim ele não fosse uma pessoa muito de falar né, o pai era uma pessoa assim que não falava, não demonstrava muito né. Mas assim no finalzinho, já ali no quarto dele, quando ele tava bem mal aquela coisarada toda né. Ai ele...

As raízes de que fala Ainsley, e que assume outras formas no discurso de seu filho Celso, também é ressaltada por Elizabeth Mentz, a Betinha, vizinha da casa da Tristeza e filha de um irmão da Oma Elvira, mãe do pai de Ainsley. Ela ressalta o desejo de permanecer no lugar que nasceu, nos arredores da casa da Tristeza.

⁷⁶ Cf. Alan Corbin, *Le Territoire du Vide*, 1988, Pág. 305 “le rituel de la villégiature balnéaire” é uma réplica do modelo aristocrático de ocupação da praia no espaço das estações, sempre ligada à prática de esportes, lazer e distinção. Usado pela burguesia para aproximar-se de um estilo de vida aristocrático o gosto pela contempação da beira d’água e da praia do qual narram Ainsley e Celso, é analisado pelo autor.

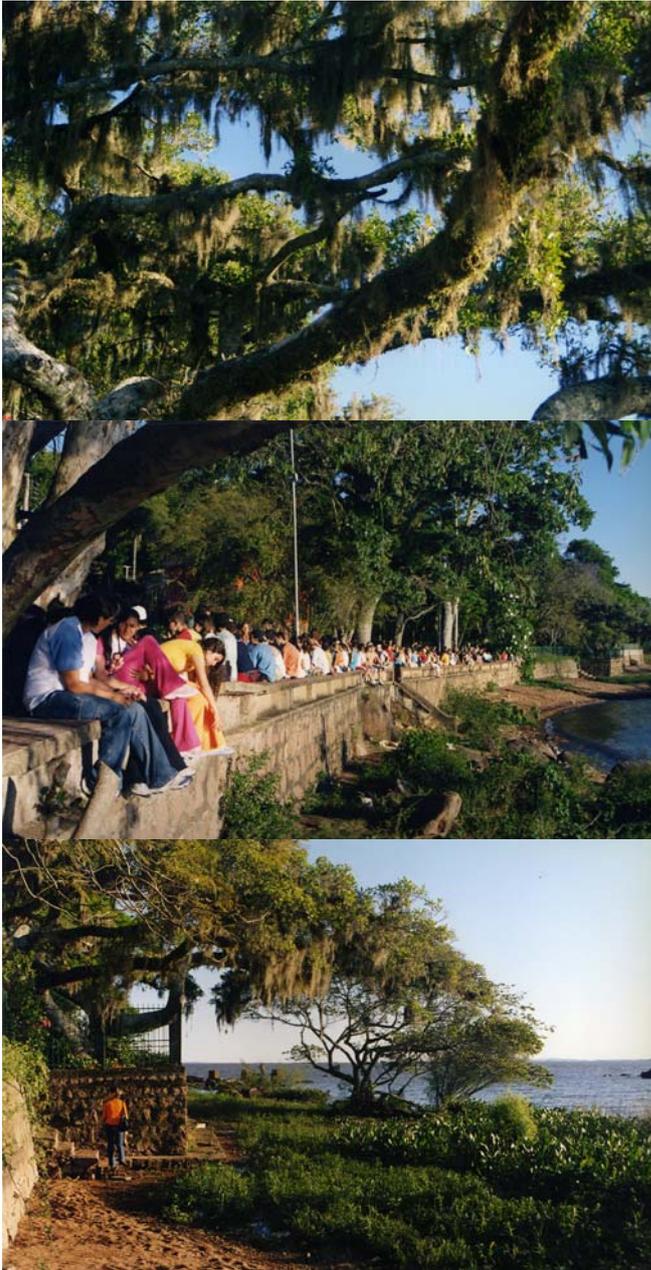
- A senhora gosta daqui? -pergunto
- *De Porto Alegre? Pô eu nasci aqui né. Sou suspeita. Tu também decerto?*
- Também.
- *Eu gosto, eu já estive em muitos lugares, mas sempre fico feliz quando volto para cá né. Me sinto bem porque a gente nasceu aqui. Eu só não nasci nessa rua, nasci na Dr. Mario Totta. Lá tinha mais uma casa que o vóvo comprou, [...] e ai ele posou o mais velho e o mais novo naquela casa. Era uma casa enorme, só tem uma parte, a parte onde eu nasci não existe mais é de um banco. Adesbam. Tu conhece aquilo decerto, tem churrasqueira lá. Então eu nasci naquela casa. Ficou um paredão de uma parte e do outro lado mora uma família. Tu já foste lá?*
- Sim, já passei ali, então aquela parte que ficou foi...
- *A que ficou era do tio mais velho né. E a outra parte... Mas depois era tudo dele porque meu pai veio morar na casa que era do vovô. Porque ele fez assim sabe, distribui entre os filhos. E dois filhos ele construiu casa lá no centro. La na Gonçalo de Carvalho que é aquela rua que fica em frente ao hospital Moinhos de Vento na Ramiro Barcelos né.*

Mãe de três filhos, Ainsley dividiu o terreno herdado entre eles. Rafael e Celso já haviam construído suas casas na extensão que lhes cabia, Débora a única filha mulher de Ainsley era também a única que não morava ou tinha intenção de morar naquela região. Talvez tentando fugir do destino de morar em um lugar onde era “presença viva” de um “keim” ruim, vindo da sua vó e transmitido por sua mãe, Débora ironicamente preferia morar na casa do Menino Deus, única propriedade que ainda restava em nome de sua avó materna.

Caminhando pela região na companhia de Celso, chegamos até um lugar distante alguns minutos da casa dele, a pé, já na Vila Conceição. Tratava-se de um recanto feito por uma pequena curva do rio.

Semanas depois, em retorno ao bairro pude fotografar um grupo grande de jovens que aos domingos se reuniam para “estar” à beira dele. Chamada “a Praia do Cachimbo”, a área era o único espaço do anel da Vila Conceição onde se tinha acesso às águas. O restante do anel era coberto de propriedades, que como a de Ainsley, limitava o acesso a água por estarem justamente em contato exclusivo com ele.

No “cachimbo” o beiral do mirante, construído com concreto, tinha a mesma tipologia do beiral que existia na frente da casa de Ainsley e Celso: a vegetação predominante era a mesma, a distância da água até o beiral, também. Tanto em um como no outro lugar, podia se descer até as ilhas formadas pela terra acumulada, e fitar o rio mais de perto. Porém não era possível caminhar pela beira “da praia” de um ponto a outro, pois no percurso, trapiches extensos aterrados para dentro das águas, ou muros altos, bloqueavam a circulação.



DEBILIDADE • SAÚDE • DEFICIÊNCIA

NO BAIRRO TRISTEZA

SEGURANÇA, LAZER, TRANQUILIDADE E MUITO BEM-ESTAR. SABE O QUE VOCÊ TEM NAS MÃOS? UMA EXCELENTE OPORTUNIDADE DE VIVER COM TUDO ISSO NO BAIRRO TRISTEZA.

17.150 m² de bem-estar.

VENHA A PARTIR DE **R\$ 269,00*** USE SEU FGTS

- Fitness center
- Salão de festas
- Brinquedoteca
- Home theater

• Cozinha completa do bloco
• Fluxo das águas pluviais nas áreas comuns
• Sistemas que economizam energia elétrica

NIEMEYER, 1.702 – BAIRRO TRISTEZA – INFORMAÇÕES: (51) 3265-1020 / 3265-1030

Construção: **ZAPP** Distribuição: **Quebec** **INPAR**

O entusiasmo diante das águas do rio parece não ser uma novidade entre os jovens moradores ou freqüentadores da região. Ressaltando esse sentimento, Roberto Pellin⁷⁷ destaca um poema, publicado por um “jovem que escreve para guardar”, Dr. Dario de Bittencourt, em 1918, no jornal “Conquista” cujo nome é “Da minha janela dos fundos”:

“Vejo o Guaíba, majestoso e largo,
Que um céu reflete de turquesa ideal;
De sobrados e casas e letargo

⁷⁷ Narrador, morador, entusiasta do bairro Tristeza, autor de dois volumes de um livro que conta as histórias passadas no bairro.

“E, arbóreos, muitos fundos de quintal”⁷⁸

O bairro Tristeza conforme a representação do mapa de Porto Alegre disponível nas primeiras páginas desse capítulo fica dentro de uma região definida pelo Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Ambiental da cidade, como Cidade Jardim. A notar pela cor, o texto e o *ethos* evocado pela figura masculina que estampa a propaganda de apartamentos na região, o lugar da Cidade Jardim é predominantemente residencial. No artigo 29 do capítulo II, do PDDUA, lê-se:

“caracteriza-se pela baixa densidade, pelo uso residencial predominantemente unifamiliar e elementos naturais integrados às edificações, com especial interesse na orla do Guaíba”

No mapa da página 134 notamos que a orla do Guaíba circunda a cidade, abrangendo pelo menos seis das nove macro-zonas do PDDUA. Partindo dessa característica, podemos pensar num estilo de vida que envolve morar no bairro e que o diferencia dos demais, no sentido da relação com a orla. Vimos que um aspecto desse estilo de vida, no caso da linhagem paterna de Ainsley, é construído a partir da manutenção de um status familiar que por sua vez, está ligado ao bairro. Um bairro, que é importante esclarecermos, é muito mais extenso que a região habitada junto à orla. Diferente do contexto da cidade de Buenos Aires, que veremos no capítulo seis, onde os bairros se formam, em sua maioria, a partir de identidades políticas e de vizinhança, os bairros em Porto Alegre são integrados por conjuntos mais heterogêneos de ocupação e de adesão. Neste caso do bairro Tristeza, o pertencimento que os moradores da região da orla têm para com o mesmo é muito distinto do que os moradores da região do morro do osso⁷⁹ o têm com o mesmo; que por sua vez também é diferente do pertencimento que os moradores da região mais próxima da av. Cavallhada têm com o bairro. Ligado, em geral, a aspectos geográficos as ocupações “barriais” em Porto Alegre seguem uma dinâmica geopolítica de pertencimento e que por sua vez, dialoga com uma dimensão sócio-histórica de formação dos mesmos, a exemplo do reforço nas macro-zonas proposto pelo PDDUA.

⁷⁸ PELLIN, Roberto. Revelando a Tristeza – II Volume. Porto Alegre, 1996. p. 106.

⁷⁹ Essa região do bairro Tristeza é limítrofe com o Parque Natural do Morro do Osso, e com uma zona ocupada por grupos *Kaingang* localizada dentro do mesmo. Conforme dados do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, era uma área que até meados do século vinte era usada para extração de granito, atividade que formou uma comunidade de trabalhadores ligados a essa atividade, alguns ainda habitantes da região, conforme vem investigando a estudante Stéphanie Bexiga, no nível da Iniciação Científica, sob a orientação da Dra. Ana Luiza Carvalho da Rocha.

5.1.2 A casa de Carla e o bairro Rio Branco

Carla era uma entusiasta da cidade de Porto Alegre. Havia morado em poucos lugares desde que nasceu, porém segundo ela, tinha aprendido com o pai a se deslocar na cidade e a gostar dela. Passava as férias em Torres, desde muito pequena e tinha um irmão que era bem mais novo do que ela - e que conforme já nos contou no capítulo quatro, foi um fato que contribuiu para seu investimento em intensa amizade com os primos do futuro marido. Aderindo então a sua família de procriação para construir sua narrativa de si é da “casa da Quintino” que ela tem histórias.

Falando sobre a mudança no ritmo da rua ela me disse:

- ela era muito tranqüila, quando eu conheci o Mauro era uma delícia e aqui a gente enxergava todo o Guaíba, tá, tinha mais de 180 graus de visão lá de cima, depois eu te mostro lá em cima e não tinha esse edifício, nada disso tinha. Tem um edifício ali que depois eu vou te mostrar lá de cima, que a minha filha a Camila exatamente, sentava no quarto dela e via o por do sol e no dia que aquele edifício chegou na, na altura de tapar o por do sol ela chorou desesperadamente, porque ela perdeu o por do sol que ela enxergava da janela do quarto. Então mudou muito, mudou muito, depois se tu falar com a minha sogra ela vai dizer que a Quintino com a Dona Laura era uma pedreira, não era inteira, isso já não é eu, é a minha sogra.



Sogra de Carla, Martha, realmente narrava uma rua que nada se parece com aquela que se vê hoje:

- Não havia condução até lá em cima, mais tarde é que surgiu uma caminhonete, que subia a dona Laura, entrava na Coronel Bordini e subia, ia lá em cima e o fim da linha era quase no IPA. Essa caminhonete, era uma caminhonete pequena, nos levava ao centro. Porque pelo contrario os meninos quando começaram, os meus filhos depois que saíram do IPA foram estudar no colégio Anchieta... Longe. Então eles tinham que ir até a linha do bonde, então eles tinham que tomar a linha do bonde para ir até a praça da santa casa ali e dali ir a pé para o Anchieta. [...] No nosso primeiro inverno ali em cima foi muito sentido, a casa era nova né, a casa recém construída assim. Então o inverno era frio. Mas a gente tinha uma vista muito bonita sobre Porto Alegre. Naquele tempo se via a chaminé da energia, que hoje é o... Como é que se chama aquilo, - O gasômetro? – pergunto

- É, o gasômetro, mas naquele tempo se chamava a usina elétrica funcionava ainda né, então a chaminé de manha espalhava fumaça e a gente via aquilo. Via-se um por do sol maravilhoso lá de cima, hoje não se vê mais nada porque esta tudo construído né, mas naquele tempo se via um pôr-do-sol muito bonito. Até um dos meus filhos que era muito romântico, tirou muitas fotografias bonitas da janela da nossa casa sobre o Guaíba né. Muito bonito. Agora hoje ta tudo diferente não se vê mais nada, não tem mais chaminé, não tem mais coisa nenhuma né.

- Mudou bastante o bairro né? – questiono

- Sim. A, pois é, mas custou muito a crescer. As casas em frente a nossa, na esquina foi construída antes, depois ficou um terreno baldio e hoje é um prédio ali de três, quatro andares. Foi mais tarde. Cresceu aos poucos sabe.



Segundo o trabalho de Elena Salvatori (1996:195) sobre o estilo de vida dos moradores do Bairro Bela Vista em Porto Alegre, podemos ler uma minuciosa descrição do gosto e das preferências dos habitantes desse bairro. A partir desse trabalho nos inspiramos a pensar naquilo que leva as construtoras de imóveis a investir em determinados projetos arquitetônicos, acreditando que eles estão de acordo com a representação de habitação do seu respectivo “público alvo”. Investindo principalmente na construção dos itinerários⁸⁰ de ascensão social, que narram seus interlocutores até a chegada ao ideal do Bairro Bela Vista, Salvatori desenha a especificidade da camada social que esta lidando. Traz também a descontinuidade temporal no bairro pesquisado e naqueles que seriam seus vizinhos, ressaltando a presença de casas de madeiras muito simples e velhas, que convivem com prédios novos, altos. Essa diferente temporalidade aparece, também, no relato de um dos seus interlocutores quando ele se refere ao Bairro Montserrat como um bairro de “gente muito pobre, pretos, basicamente” (Salvatori, 1996:194). Vizinho ao Rio Branco, no bairro Montserrat até hoje se pode ver, como no Petrópolis e no Bela Vista, presença de casas de madeira - de grade baixa e pátio verde ao redor - casas que diferentes da casa de Carla possuem terrenos pequenos, estreitos e

⁸⁰ Que passa por Bairros como o Moinhos de Vento e o Petrópolis, ambos bairros de forte concentração de renda. (Salvatori, 1996:219)

como bem colocou Juliano, com quem dialogamos no capítulo dois, não “dão um prédio”. Essas casas são como Halbwachs chamou: “indícios” de outros tempos; de outros tempos de moradia e de sociabilidade. Que pela re-modelação de um bairro em torno de um “certo” gosto, de uma camada social específica, acabam se transformando, na fala delas, em um adjetivo de tempo na narração do bairro.

O espaço do bairro Rio Branco, conforme o Relatório da Intendência Municipal (Intendente José Montaury, 1918 apud Sérgio da Costa Franco, 1988) no ano de 1918, ou seja, quase trinta anos antes da construção da casa de Carla, foi narrado assim:

“Grande foram os melhoramentos executados no Bairro Rio Branco (antiga Colônia Africana) e que vieram dar às ruas que as receberam um aspecto agradável com a retificação dos seus alinhamentos, modificação de seus perfis, facilitando-lhes o trânsito, colocação de cordões, construção de calhas e de passeios. Ainda restam algumas ruas que precisam de idênticos trabalhos e que foram iniciados. Muito concorreram para a rápida transformação desse bairro a boa vontade dos seus proprietários e os esforços do condutor encarregado dos respectivos trabalhos.”⁸¹

Apesar de em 1912 ele já ser chamado de Bairro Rio Branco, a “antiga colônia africana”, no entanto, ainda aparecia nos anos 50 em matérias da Revista do Globo⁸² como uma região onde as condições econômicas, sanitárias e habitacionais eram precárias. Uma zona de contrastes invisíveis.

A região da zona sul, apesar das ocupações muito distintas, como pedreiras, charqueadas, e área de “despejos dos cabungos” (na região da Vila Assunção), no que tange ao comércio imobiliário notamos a aderência a um estilo de vida do início do século: uma Tristeza de “maricás em flor”⁸³, de “longos dias de verão” e de “alamedas de plátanos”. Mesmo os croquis e os projetos dos prédios construídos investem nas áreas verdes, jardins e sacadas abertas como modo de, na forma das edificações, reforçarem uma duração bucólica e veranil na região. Independente da diferente identidade de cada nicho do extenso bairro Tristeza, elas foram ressaltadas pelo corte feito pela Av. Wenceslau Escobar, promotora de outras heterogeneidades, ao dividir a zona leste da oeste do bairro. A imagem de uma área verde, alheia a “correria” urbana, no entanto, é lugar comum para quem habita ou deseja habitar essa região do bairro, em

⁸¹ Cf. S. da C. Franco, Porto Alegre: guia histórico, Porto Alegre, Ed. UFRGS, 1988, p.351

⁸² Revista do globo N. 616 de 10 de julho a 23 de julho de 54. Pág. 48,49 e 50.

⁸³ In: Meyer, Augusto. Segredos da Infância e No Tempo da Flor – Coleção Trilhas e Memória. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1996. Pag. 161

torno ou a oeste da avenida. Ressaltando que para Bachelard, a duração é aquilo que recomeça, é uma trajetória de rupturas que ritmam uma permanência; da mesma maneira que para Sahlins (1987), onde a noção de estrutura também segue essa linha da permanência pela transformação, podemos observar a partir da transformação, provocadas pelas mudanças nessas duas casas, que bairro permanece.

O bairro Rio Branco, diferente da Tristeza, parece uma região onde a duração está na idéia de um bairro com potencial, um bairro atravessado pela idéia do progresso que retifica alinhamentos e modifica perfis. Se a Quintino Bocaiúva era uma rua pacata, agora ela tem um intenso fluxo de veículos, que vem da região do Centro, pela Av. Mostardeiro ou pela Av. Cristóvão Colombo em direção aos bairros Petrópolis, Santa Cecília e Bela Vista. Cortado por uma grande perimetral, a Av. Goethe, que modificou a rítmica de ruas como a Cabral, a Casemiro de Abreu, a Vasco da Gama e a Rua Liberdade, separando suas numerações e dividindo o bairro, o Rio Branco perde a sua idéia de unidade.

A heterogeneidade do bairro, agora evidente pelos nichos criados pelo aumento do fluxo do trânsito e o crescimento das avenidas, vira homogeneidade quando “adotada” por outros bairros. Se a parte sul, ao sopé do morro, é parte que menos sofreu em termos de modificação do seu desenho de ruas e construção de binários. A face oeste foi totalmente isolada do morro pela perimetral, e, o seu cotidiano e sua estética de moradia, estão muito mais vinculados ao vizinho Bom Fim. A face nordeste, que é onde morava Carla, é a parte que cessando as atividades da pedreira e as tentativas por parte da intendência de “urbanizar” os acessos - o que expulsou populações e usos “inadequados” - é a parte que ficava com a vista para o rio. A construção da casa na região inaugura uma dinâmica de construções de casas grandes, de famílias como as de Martha - migrantes abastados vindos do interior e que se transformam em empresários na cidade. Vizinha do Bairro Moinhos de Vento, do Bairro Montserrat e do Bairro Bela Vista, essa região foi sendo procurada por uma classe média em ascensão (Salvatori, 1996:183) que aproveitando a altitude da região, buscava prédios altos e imponentes onde através da vidraça de suas sacadas podiam mirar a vista da cidade se transformando. Comparando o projeto arquitetônico da região do bairro Tristeza e o projeto de edificação que está sendo construído no terreno onde era a casa de Carla, notamos claramente os elementos que diferem um bairro do outro. O tamanho dos terrenos fala também da horizontalidade e da verticalidade projetadas.



Mesmo com somente dois pavimentos a mais do que o prédio na zona sul, o “Mont Quintino” - como será chamado o condomínio que está sendo construído na antiga casa de Carla, na Rua Quintino Bocaiúva – é um prédio que ascende ao céu, imponente. Enquanto a escala do outro, na mesma altura das imensas palmeiras, investe na área verde, e na proposta de uma vida coletiva mais intensa, que lembra o espaço extenso de uma velha chácara.

Alto e envidraçado o “Mont Quintino” tem sua “vista” virada para o Bairro Moinhos de Vento, onde ainda há muitas casas. Diferente da face oeste do bairro que, como apontou Carla, na década de noventa já tinha sua vista para o rio Guaíba tapada pela construção de prédios. O projeto da construtora aproveita a quantidade de casas que ainda permanecem em pé no lado norte, para vender a vista⁸⁴, cuja perda tinha feito Camila chorar.

No site da construtora⁸⁵, para quem Carla vendeu a casa pode-se encontrar as chamadas para o novo empreendimento:

A MELHOR OPORTUNIDADE PARA VOCÊ VIVER DO JEITO QUE SEMPRE QUIS

O Mont Quintino é um empreendimento sem igual, criado para ser uma verdadeira inspiração para quem deseja *viver bem*. Sua proposta valoriza o conforto e a qualidade em uma *das localizações mais privilegiadas* de Porto Alegre, na Rua Quintino Bocaiúva, próximo a várias *facilidades* e ao bairro *Moinhos de Vento*. Seu projeto foi desenvolvido para cercar sua vida pela melhor infraestrutura. São apartamentos de 3 dormitórios, sendo uma suíte, duas vagas na

⁸⁴ Em campanha para a Construtora Imograpa, a agência de publicidade Zagaia utilizou a sensação de ter uma janela com vista para vender apartamentos na região da Vila Jardim em Porto Alegre. Disponível em: <http://www.queroessavista.com.br/> Acesso em: abril de 2009.

⁸⁵ Disponível em: <http://www.dibdib.com.br/mont-quintino-apartamentos-3-dormitorios.php> Acesso em dezembro de 2009. (grifos meus)

garagem e área de lazer completa que inclui piscina com raia, salão de festas, espaço zen, fitness, playground e muito mais.
Você sempre quis morar em um lugar como o Mont Quintino.

Atentos a dinâmica dos ritmos temporais, os referidos anúncios e as descrições de um processo de transformação urbana nos bairros investigados, nos auxiliaram a pensar a relação da destruição da morada familiar e suas implicações no tema da mobilidade social dessas famílias e da mobilidade social nos bairros da cidade. As representações coletivas observadas entre as interlocutoras - sobre herança e patrimônio - também foram feitas com atenção ao fenômeno da mudança de bairro e, em um dos casos, da cidade de Porto Alegre. Sem promover um vínculo superficial entre classe social e ocupação dos bairros, nosso objetivo foi justamente outro, pensar a mobilidade social nesses bairros face ao fenômeno de destruição da casa, que por sua vez está vinculado a fenômenos mais abrangentes, como o disciplinamento dos planos diretores e os interesses econômicos, culturais e políticos do poder público e privado. Essa reflexão, no entanto, nos provoca a pensar na dificuldade de aderir a uma visão homogênea e estratificada de classe social ou de grupo social. Para nós é preciso afirmar contra o “realismo do inteligível” (Bourdieu, 2004:136) que as classes que podemos recortar do espaço não existem como grupos reais, “embora expliquem a probabilidade de se constituírem em grupos práticos”. O que existe é um “espaço de relações” (Bourdieu, 2004:137) que tão real quanto o espaço geográfico nos possibilita identificar, no interior dessas relações, as “experiências suficientemente significativas para criar fronteiras simbólicas” (Velho, 1997:16) entre os indivíduos no interior de uma hierarquia social, tendo em vista a experiência da descontinuidade.

5.2 A dialética do apego e do desapego – o medo da dissolução do patrimônio

A partir da narrativa biográfica, a dinâmica do apego e do desapego reforça uma regra que Ainsley e Carla têm para consigo, e que reflete sua relação com a passagem do tempo e a mudança de papéis sociais ao longo dele. Desapegar é um esforço em si mesmo, é um objetivo que legitima e orienta no jogo dos projetos individuais e familiares as experiências de “fragmentação-totalização” (Velho, 1987:26) de si. Um si que de acordo com essa dialética se constrói narrativamente entre a “modéstia da manutenção do si e o orgulho estóico da inflexível constância a si” (Ricoeur, 1991 apud Eckert e Rocha, 1995:138).

No jogo da escolha e do esquecimento acerca dos bens e objetos herdados e os dilemas de seus desaparecimentos para as gerações futuras, teoricamente estamos trabalhando na observação das escolhas que colocam o sujeito desde uma noção de indivíduo ou de uma noção de pessoa (Mauss, 2003) para se pensar no mundo, como já analisamos no capítulo quatro.

Em seu trabalho com velhos moradores da cidade de Porto Alegre, Cornelia Eckert (2001) chega até a noção de uma “crise dos tempos”, para definir a “ruptura do trajeto de identificação do indivíduo psicológico como o sujeito da consciência, da vontade e autonomia”, uma ruptura que também é observada nas “motivações e expectativas” (Wagner, 1979) das nossas interlocutoras.

Na dialética do apego e do desapego, no entanto, o sujeito da consciência aparece hierarquicamente submetido ao indivíduo psicológico. Rumo à decisão moral de promover um si que não se fusione com a matéria na passagem do tempo. Integrante de uma cultura urbana de camadas médias “se apegar” é uma condição de vínculo com o passado. Nos termos de Norbert Elias (1998) trata-se de uma reflexão sobre o equilíbrio das tensões do compromisso e do distanciamento (1998:169) que configuram as relações dos sujeitos da pesquisa em relação ao seu lugar de guardião de um patrimônio familiar - tanto no que diz respeito a sua posição em relação aos antepassados, quanto em relação às gerações futuras.

Há uma passagem do texto de Norbert Elias, em que ele se vale da parábola de Edgar Allan Poe sobre os pescadores de Maelström, para explorar a “interdependência funcional entre o equilíbrio emocional da pessoa e o processo mais amplo que a envolve” (Elias,1998:165). Como imagem, a dialética descrita pelo autor semanticamente nos remete a dialética do interior e do exterior encontrada nos conceitos de Gaston Bachelard e que nos possibilita pensar a imaginação de si “do lado de fora” como parte do estar do “lado de dentro”. Ou seja, para o caso dos sujeitos desse estudo, que a casa nova, através da imaginação já existe mesmo antes de existir.

A noção de Elias, portanto, é provocativa para pensarmos a situação de análise de nossas interlocutoras frente às decisões de desapegarem-se ou não a se certos objetos e valores, diante da manutenção de uma visão de mundo. Pois, ela ressalta a tensão entre o tempo da ação e a tempo da imaginação, onde “a posição no processo” é condicionadora da precisa capacidade de alienação do sujeito para construção de um modelo simbólico que o conduza, em situação de risco, a uma ação objetiva capaz de fazê-lo sobreviver ao instante da escolha.

Para as interlocutoras da pesquisa, a decisão de qual destino dar a um bem herdado transcorre ao longo de um processo de alteração de estado civil - casada/separada, casada/divorciada, casada/viúva, solteira/casada. Isto é, o destino a ser dado a uma herança decorre de uma mudança no campo de possibilidades delas no interior de uma rede de parentesco e dos papéis sociais daí decorrentes. A condição de herdeira traz consigo uma variante que redimensiona o projeto de vida do sujeito no âmbito de um projeto familiar - muitas vezes reforçando os papéis sexuais já existentes. Neste sentido, tais mulheres e suas famílias, encontram-se num momento de suas vidas avaliando a permanência de um patrimônio familiar para as gerações futuras. Através da migração para a nova casa, elas avaliam aspectos de um *ethos* e de uma visão de mundo (Velho, 1994:50) herdados de seus antepassados.

A noção de “medo” (Eckert, 2001), portanto, pode ser abordada, no contexto dessas famílias de camadas médias urbanas, como o drama social da desagregação familiar. A casa ocupada, representante da solidez familiar, à medida que é destruída, concomitantemente ou posteriormente a uma desestruturação da rede familiar em torno de uma unidade doméstica; é apreendida como uma destruição de laços familiares, e dessa forma coloca em risco a noção de família idealizada pelas interlocutoras.

Sob este aspecto torna-se importante o diálogo com outros estudos sobre o tema da propriedade privada e da casa própria, derivados de etnografias com outros segmentos sociais, tais como a pesquisa de Roberto A. C. da Silva (2007), sobre os conflitos e tensões do processo de regularização fundiária de famílias na Vila Batista Flores, num bairro da periferia, de Porto Alegre. Na busca pela regularização de suas moradias, Silva ressalta a reivindicação dessas famílias, a uma ligação com o bairro pelo pertencimento de laços de vizinhança⁸⁶ e do tempo de moradia, investindo com isso na manutenção de um capital cultural e simbólico de origem.

A “origem”, “os valores”, “as raízes” são temas do apego ou do desapego, quando definem o pertencimento que constrói um espaço. Representado por objetos ou imóveis, no caso de nosso estudo, o pertencimento a uma camada social ou a um estilo de vida faz da situação de risco mais uma camada do processo de arranjo de estruturas espaço - temporais em jogo no percurso da mudança de casa. Compreendendo a partir

⁸⁶ Cf. R. A. C. da Silva. Sobre lotes e sonhos – Estudo antropológico sobre cotidiano, trajetória social e ação política de moradores da Vila Batista Flores em Porto Alegre – RS. Dissertação de Mestrado, UFRGS, 2007.

de nossas interlocutoras que aquilo que é herdado das gerações passadas tem potencial de evocar memórias para as gerações futuras, reconhecemos o guardião da memória como o personagem central de ancoragem deste drama social.

5.2.1 Os objetos e a escolha do que irá “sobrar do outro lado”

Foco principal da dialética do apego e do desapego, o objeto, pela linha de Maurice Halbwachs (2006:158) pode ser entendido desde o conceito dos “quadros sociais da memória”. Esse objeto pela via da influência dos estudos do filósofo Henri Bergson na obra do autor, poderia ser pensado como reservatório de reminiscência de um passado, de uma memória concreta e perene. Dessa forma a representação da passagem do tempo, pelo processo de mudança e permanência (Bachelard, 1989), pode ser feita a partir de um objeto que está, “por gerações”, ligado a família. Conforme essa linha, podemos pensar, que tais objetos podem se tornar a garantia de que determinada história da família, estilo de vida, personagem ou origem familiar se mantenha para além do instante onde o objeto passou a existir dentro da história familiar. Os objetos e bens reunidos como herança de um patrimônio familiar trans-geracional soam como a possibilidade de evocação de memórias e histórias, para além daquelas vividas na casa pelos sujeitos da nossa pesquisa ou daqueles que estão por elas representadas.

Seguindo os estudos da imaginação simbólica em Gilbert Durand (1988), no entanto, podemos pensar os bens e objetos herdados como um conjunto de símbolos que, na ausência da casa onde estavam, podem falar do legado de uma família para além de uma memória individual e uma memória familiar localizada. Logo, este objeto, desvinculado de suas origens, alude a outras amarrações e lembranças para além da sincronia temporal e do espaço/tempo de onde veio.

Nestes termos os vínculos entre - as histórias evocadas e os objetos - podem ser pensados desde as disputas de um legado de valores, de saberes e de práticas sociais no momento significativo da partilha de um bem herdado. Vínculos que ficaram evidentes a partir da revalorização da casa da Tristeza, perante a partilha entre os primos herdeiros, conforme vimos no capítulo quatro e a questão da destituição do “valor zero”, outrora definido a casa.

A garantia da transmissão é “passar a frente” - das mãos do herdeiro “guardião” para as gerações futuras - através das lembranças e reminiscência, o projeto do seu passado para o seu devir.

A construção do espaço íntimo da casa, como espaços de mais ou menos vibração do tempo (Bachelard, 1989), nos levou a pensar os arranjos que integram essa vibração. A noção de “canto” (1989: 146), nos ajudou a pensar tanto no que é escolhido pelos sujeitos da pesquisa para estar em determinado local da nova morada como para determinar um lugar temporário, porém protegido, para objetos que ainda não tem status definido. O sótão de Carla, nesse sentido, pode ser tomado também como um canto, já que produz essa vibração.

Na dissertação de mestrado de Lucas Graeff (2005) sobre o mundo da velhice – entre velhos habitantes do Asilo Padre Cacique, em Porto Alegre - notamos uma relação estreita entre os internos e seus armários. O conteúdo de cada interior toma proporções universais quando eles são abertos ao antropólogo, pois há neles “o centro de ordem que protege toda a casa contra uma desordem sem limite” (1989:92). Os armários, portanto, são uma maneira desses moradores organizarem ou modelarem certo tempo de suas vidas.

O exemplo, das vibrações dos cantos e dos armários, as noções de intimidade de Bachelard nos permitem compreender os sentidos que orientam, no jogo da lembrança e do esquecimento das “guardiãs da memória”, a re-construção e manutenção dos espaços íntimos da casa – acomodados desde a casa dos antepassados, agora destruída - na sua nova morada.

A “quantidade de tempo” - de vida numa mesma casa ou vivendo numa mesma rua, num mesmo bairro ou cidade – é uma questão para pensarmos na construção desse indivíduo que na dinâmica da lembrança e do esquecimento, produz a memória. Onde à medida que a quantidade de tempo representa um acúmulo, do ponto de vista da imaginação (Durand, 2002) ela representa a sobreposição de gestos de um vivido anterior. De uma forma de viver o tempo que para durar precisa vibrar também na casa nova. Uma casa que será, mais tarde, deixada como herança para as novas gerações, gerando-se, assim, um novo ciclo de renascimento e morte de um patrimônio familiar.

A idéia de “topofilia” (Bachelard, 1989:31), a qual, já aderimos, é fundamental para pensarmos determinadas casas como “moradas”, como “espaços de acomodação do tempo”. Espaços que não estão relacionados ao um tempo da matéria, mas a um tempo do vivido e, portanto, nos evidenciam por que a morada desocupada e destruída não deixa de existir com a destruição da casa. O ato de desapego, da casa como condicionada ao seu contexto de origem, é fundamental para nossas interlocutoras, a fim de que elas possam evocar a sua existência a partir de um tempo vivido na cidade, no

bairro e na casa, desgrudado da existência concreta dessa casa e dessa cidade. Desde a noção de “morada” (Bachelard, 1989) a idéia de “arranjo temporal”, (Benjamim apud Gagnebin, 1994) nos guia na compreensão dos jogos da memória que se valem os sujeitos de pesquisa para iluminar, no tempo presente, os “rastros” de um tempo passado: o dos seus antepassados. A identificação dos cantos da casa pelos herdeiros, no momento da desocupação da morada; e as lembranças que tais cantos evocam na construção da memória, são evidência da relação entre as gerações de uma mesma família, condensada em bens, móveis ou fotografias ali arranjados.

A acumulação de histórias proporcionada pela idéia de “canto” é ato que proporciona o acervo de pequenos “instantes de iluminação súbita”⁸⁷ (Benjamim apud Gagnebin 1994:83) num mesmo espaço. Apropriamos-nos dessa expressão para pensar a potência desses cantos como integradores da experiência de si no tempo. Algo que deriva, pela linha dos estudos das estruturas antropológicas do imaginário (Durand, 2002) do espaço fantástico - lugares que emanam um vivido para além da experiência concreta - tal qual, já trabalhados por Cornelia Eckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha (2005).

Pensar a construção da morada é pensarmos na sua duração no tempo. Paul Ricoeur, em sua obra *Tempo e Narrativa* (1994), nos auxilia completamente nessa empresa:

“a história, seja a de nós mesmos ou a dos outros, desenvolve-se entre um indício e um fim que não nos pertencem, pois a história da nossa concepção, do nosso nascimento e da nossa morte, depende de ações e de narrações de outros que não nós mesmos; e, portanto não há começos nem fim absolutos possíveis nessa narração que nós fazemos de nós mesmos.” (Ricoeur, 1994:84)

Ciente das narrações e ações de outros na construção da história dos filhos, quase como uma súplica, Carla pede que seus filhos mexam no passado. Para ela isso é uma forma de resgatá-lo como espaço integrador da noção de família ligada à residência na casa. Ela esperava que os filhos o guardassem, pois, para ela, o passado reunia lembranças de diferentes rituais da vida cotidiana que tinham se passado naquela casa e que para ela integravam a vida familiar projetada em conjunto com o marido e representada: pela infância curtida no pátio da casa, na foto do primeiro dia da escola tirada em frente à lareira, nos aniversários que reuniam amigos e família em torno da

⁸⁷ Essa expressão foi usada por Benjamim para falar da fotografia como uma porta que chama um pedaço de “nós-mesmos” a integrar o pedaço de outros.

grande mesa da copa, nos natais em torno da árvore enfeitada, nos jantares de família, nos jogos e brincadeiras das crianças no chão da sala. Etapas e momentos que ela suplicava para que fossem resgatados pelos filhos, a partir da escolha dos objetos, roupas, livros, brinquedos reunidos ao longo desses anos no sótão da casa.

- Ah, outra coisa, eu disse para os meus filhos: vocês têm um prazo. Porque tem milhares de coisas deles, porque eles foram embora, mas deixaram para trás né, porque todo mundo se mudou para apartamentinho, mas a casa da mamãe ficou tudo né, então eu disse para vocês, vocês tem um certo prazo para levar as coisas de vocês, as Barbie, os playmobil, ta tudo ai. Os autoramas, eu disse: ó eu não vou levar lixo, vocês tem um prazo e ó, depois vou tirar de pá. Daí eu cheguei aqui ó e a Camila já ta ó, já começou a juntar as coisas. Isso são coisas que ela já separou e vai levar, já atendeu o meu pedido, os outros tão se fazendo. Ela veio aqui semana passada e naquela caixa rosa ela já botou, não sei se já botou, ela comprou uma caixa para colocar diários, ela escrevia diários. Lá atrás tem milhares dessas coisas tu vai ver lá trás, tu vai ver, aquele quarto lá deus o livre. Ela já começou a separar. Ela disse: não mãe, não mexe nas minhas coisas que já estão separadas. Isso são coisas que ela vai levar e isso também são coisas que estavam dentro do armário, mas que não foram separadas. Só de bicho de pelúcia eu já dei três sacos. De livros, tenho até dó de pensar, mas eu tenho uns rompantes, eu dei quatro carros paratis que eu tinha, eu dei quatro paratis de livros para a biblioteca do Pão dos Pobres. Ai começa daqui, ah mãe, e o livro? Mas não dá, eu não posso ficar com tudo, daí depois me arrependo porque que eu dei, mas enfim dei, então isso aqui a Camila ainda não separou, são coisas que ficaram no armário, não são só coisas dela. As gurias tinham mania de caneca, tem 500 canecas aqui, não sei vão ter que fazer alguma coisa, ta. Aquele bicho é coisa mais metida do mundo. Aqui é que tinha esse armário ó, muito bom que eu tinha feito há pouco tempo e que eu guardava lençóis ó, eu mandei arrumar porque ele era perfeito, mas mandei partir ao meio, ele era bom justamente porque tinha duas portas em baixo e duas portas em cima. E na casa nova ele não vai caber e eu vou colocar dois armarinhos um em cada quarto para o pessoal que for visitar. Esse quarto aqui coisas para serem escolhidas. Coisas de chorar, porque também o homem tirou as coisas do armário entende e eu fico dizendo vocês têm que vir, tem pilhas e pilhas, aviãozinho, patins, tem vários patins, se tu mexer tu vai encontrar as coisas mais estranhas. Bah, tá cheio de patins, meu filho tinha o negócio de aeromodelos, tinha aviões, pedaços de aviões. Porque o homem tirou as prateleiras, ta tudo no chão.

Os objetos que narravam o apego da mãe, não necessariamente demandavam tanto apego para os filhos. Os brinquedos que para Carla representavam a lembrança dos filhos pequenos, não representavam para eles o suficiente para serem escolhidos ou levados para as suas próprias casas. Mesmo com a resistência de Carla, o “lixo”, foi transferido para Canela, onde *Barbies*, *Playmobil* e *Ferrorama*⁸⁸ ocupavam parte do “estúdio” da casa nova, junto a fotos e outros objetos que Carla não conseguiu esquecer.

⁸⁸ Brinquedos muito populares entre crianças de um segmento de classe média, nos anos 80, em Porto Alegre.

Na Introdução à Obra de Marcel Mauss, Lévi-Strauss, em desacordo a definição de “mana”, extrínseca aquilo que o “mana” evocava para o pensamento indígena, defende com vigor que: o “mana é o mana”, recusando-se a buscar a origem de sua noção fora de uma “ordem de sentimentos, volições e crenças” (2003:39-40). O “mana” era mistério fora do entendimento do campo de investigação. Alguns objetos eleitos por Carla tinham esse mistério, estavam ligados a uma ordem de sentimentos que nem ela sabia descrever. Outros eram eleitos por ela como aqueles que estavam acima de uma ligação negativa, relacionada ao apego. Esses tinham uma explicação muito exata para serem escolhidos, e eram como os outros, parte de uma lógica que organiza a dinâmica da sua noção de família.

- Esse relógio que ta tocando, ele ta atrasado, esse relógio o avô do meu marido ganhou, deu de casamento para a mulher lá em, eles casaram em 1904 eu acho, e ele funciona até hoje, perfeitamente, acabou ficando para mim. Esse, eu não sou apegada, mas esse é uma das coisas que eu não dou porque o meu sogro tinha uma irmã que cuidou da mãe até morrer, então ela ficou com o relógio, ela era madrinha do meu marido, e então ela deu para ele. Então como ficou para ele, esse realmente eu não dou, tá. [...] E mais essa, eu não sou apegada, mas certas coisas né, esta mesa aqui eu disse eu só vou me mudar para um lugar onde a minha mesa vai, têm uns riscos aqui isso não vai sair no teu filme eu estou te contando por coisa, porque o Marcos meu filho que hoje tem trinta anos subiu numa cadeira pegou uma esferográfica e riscou essa mesa eu acho que ele tinha um ano e meio, os riscos estão aqui até hoje aquele dia o meu marido ficou furioso com ele, furioso, e os riscos tá aí e eu disse: não vou lixar a mesa porque parece mentira... não aparece ó já tá muito gasto, mas ele riscou isso quando ele tinha um ano e hoje ele tem 30 anos.

Se a morada conforme já vimos no capítulo dois é um objeto temporal para pensar as transformações na cidade, ela é também um objeto temporal para pensar transformações de uma família. Quando Bachelard diz que a casa natal é a casa habitada, ele está falando dessa capacidade da morada em emanar o tempo. Os filhos de Carla, provavelmente estavam dizendo a ela que não gostariam de fazer da sua casa uma morada, com objetos que remetessem há outro tempo; não queriam ser incumbidos dessa tarefa de levar adiante pedaços desse espaço. Queriam esquecer, mas que esquecidos, pudessem ser lembrados cada vez que fossem visitar a morada materna.

- Não. Vou entregar a chave e tchau. Eu vou dar um tempo para passar aqui na frente de novo, é muito horrível né, a gente vê a história se demolindo ali, não é simples. É, então eu faço força, como eu te disse, para não ser apegada a bens materiais, mas não é só bem material é uma história entende, é uma vida que tem aqui mais, mas a gente tem que saber que a vida vai na cabeça, na memória, se eu consegui viver sem o meu marido vou conseguir viver sem a casa e que a minha vida deu muitas voltas, que eu

fiquei viúva eu não podia imaginar isso tão cedo, os meus filhos casaram [...] Então eu gosto de ficar aqui para quando eles vêm tem essa referência, mas não faz sentido, não faz sentido, tem que saber que não faz sentido.[...] Minha vida deu muita virada, minha vida deu muita virada, e o fato de eu ter voltado a estudar para mim foi um recomeço e eu acho que os recomeços são bons, eu não gosto de gente que fica presa no passado, acho insuportável, eu podia passar o resto da vida chorando porque eu adorava o meu marido, mas foi difícil, não foi fácil, não é fácil, não foi, não é fácil, fiz terapia, fiz isso, fiz aquilo, mas eu luto para ir para frente. Porque eu acho até em consideração a ele, até, que lutou tanto pela vida e não venceu o câncer, mas lutou hein, que eu to viva tenho mais é que valorizar né. E eu acho que é válido, a gente não deve ficar preso ao passado de jeito nenhum, têm que ir para frente, tem que ir para frente e as mudanças fazem bem, as mudanças renovam a gente senão tu vai ficando muito azeda. [...] então é legal minha vida tá presa a essa casa, tenho muita coisa com ela, mas, vai ser bom, espero que seja bom, to fazendo uma virada assim, mais uma vez, mais uma vez monumental, porque eu não to só saindo daqui né, eu to indo embora daqui.

As mudanças de sorte, os rompimentos, construídos a partir do percurso por essas fotos e por esses objetos da casa são avaliadas por Carla como mais “uma virada” na sua vida. A história que será demolida com a casa logo é remediada pela avaliação de que a história não é só um bem material e que no fundo ela vai na “cabeça da gente”. A lógica do apego e do desapego repousa justamente nessa dinâmica compensatória entre aquilo que pode ser guardado abstratamente e aquilo que precisa ser guardado concretamente num objeto, num móvel. A relação do consumo da matéria como garantia das boas lembranças entra em conflito com a experiência da morte, onde os afetos seguem existindo sem a presença do corpo. A mudança é segundo Pierre Janet (apud Bachelard, 1988), no fundo bastante triste. E quase sempre, em todas as suas formas, é o desaparecimento.

Por mais que a lógica por trás do desapegar-se é selecionar bem aquilo que tem a concentração suficiente para emanar e evocar esquecimentos, ou seja, os objetos ao qual nos apegamos, o risco da escolha é sempre tenso e sempre um duelo trágico com a morte. O risco de desaparecimento desse indivíduo à medida que ele se constrói na narração desses objetos, outrora dispostos pela casa e agora movidos a casa nova, passa por dar-se conta de que “a continuidade é apenas nossa emoção, nosso tumulto, nossa melancolia, e o papel da emoção talvez seja apenas o de suavizar a novidade excessivamente hostil” (1989:47). Suavizar a antítese do recomeço: a morte, na busca da síntese, a duração.

5.2.2 O espírito do lugar

De acordo com o uso que faz Ana Luiza Carvalho da Rocha em sua dissertação de mestrado do conceito de honra de Max Weber (1985:74) ao avaliar a mudança do status de casada para o status de separada, em mulheres de camadas médias de Porto Alegre, podemos pensar as escolhas de Ainsley em relação à pertença ou não a um grupo de *status* urbano, delimitado pela descendência e pelo parentesco. Onde sua relação com o *status*, se relaciona a insistência em permanecer morando no terreno herdado pela família, mesmo que não na mesma casa. Pensando no sentido do campo de possibilidades de Ainsley, esta parece ser a forma encontrada por ela para se distinguir positivamente, visto que a venda de sua parcela do terreno economicamente só viabilizaria a compra de uma moradia em outros bairros menos nobres da cidade.

A materialidade do espaço torna-se fundamental para ela, pois permite que as lembranças “boas” ligadas à linhagem paterna, vividas e profundamente relacionadas aquele bairro, perdurem. Quando diz “daqui só saio morta” Ainsley está justamente defendendo esse direito de permanecer vivendo ali, um direito de pertencer àquela linhagem.

Por outro lado, em comparação com sua parentela por descendência paterna, a permanência na casa acaba lhe incluindo em um “grupo de status negativamente privilegiado” (Rocha, 1985:75) visto que a remodelação da sua ocupação dentro do terreno afeta negativamente sua posição social. Como podemos observar, no desenho da próxima página, a configuração do terreno muda completamente com a partilha, assim como o estilo de moradia, ocupação e fruição dos espaços antes narrados como nobres. Ilustrando o terreno e o lugar da casa após a morte do pai de Ainsley e após a partilha da propriedade entre os primos paternos, vemos pela diminuição da área útil e pela configuração popular assumida pela nova casa de Ainsley e dos filhos a evidência desse *status* negativo perante o estilo de vida do bairro.



O pontilhado, acima, divide a parte de outro herdeiro, Luli do restante do terreno. É uma divisão oficial, porém, sua demarcação ainda é imaginária. Já abaixo, do outro lado do terreno, onde se vê uma linha preta horizontal, há um muro de concreto que divide fisicamente o terreno de Jorge do terreno de Ainsley.

A distinção de Ainsley, dada pela permanência nesse bairro, é contrastada a partir do desenho, com o descenso sofrido após a saída da casa paterna, visto a evidente diminuição e o constrangimento na ocupação do novo espaço para os padrões de camadas médias que ela tinha até então. O acesso ao “cozinhão”, a única cozinha das três moradias que se encontram dispostas na base da figura, é feito a partir de uma pequena falha, localizada onde termina o muro que corre horizontalmente ao terreno (limite com terreno de Jorge) e onde começa a mureta vertical que divide a propriedade da área pública do rio. O *status* de permanecer, desta forma, se relaciona com a idéia de manutenção de uma posição social pela adesão a linhagem de parentesco paterna, pois ela para Ainsley garante um lugar social honrado. Em nome da honra o valor econômico

oriundo da possível venda desse bem imóvel perde simbolicamente como manutenção de status.

Alguns móveis foram deslocados para a “casa do mais novo”, ou seja, a casa de Rafael, construída no ano seguinte a demolição da casa, e que pode ser vista na base à direita da figura. Outros móveis ficaram no quarto do mais velho, Celso, cuja moradia era construída a partir da estrutura de uma área que originalmente integrava a propriedade. O restante de todo o mobiliário existente na casa central foi encaixado dentro da nova casa, à esquerda na base da figura. A posse desses móveis significa para Ainsley a posse da guarda dessas memórias familiares, em relação ao resto da parentela paterna por consangüinidade, em sua maioria composta de homens.

Observa-se também, nesse desenho, em comparação com a figura da casa montada, disponível no capítulo quatro, a destruição de um pedaço da casa principal. E que foi comandado por Ainsley, logo após a mudança.

Próximo de uma definição do século XVIII de família moderna, e diferente do contexto de camadas populares, a casa de Carla parece manter-se mais à distância da sociedade, confinando a família “a um espaço limitado”. Uma casa ampla, com corredores de acesso onde “mesmo quando os cômodos se comunicavam não se era mais forçado a atravessá-los para passar de um ao outro” (Ariès, 1986:265). O conforto segundo Ariès data do século XVIII “ele nasceu ao mesmo tempo em que a intimidade, a discrição, e o isolamento, e foi uma das manifestações desses fenômenos”. Ainsley, no entanto, vive hoje numa casa que lembra os arranjos do século XV, uma “instalação num meio mais amplo, a aldeia, a fazenda, o pátio”, porém em todos os casos, e simbolicamente por diferentes motivos, a casa, permanece no século atual como representação de espaço de proteção

Ainsley não opta por ir embora, ela prefere ficar junto às “raízes”, a “terra”, a história e ao legado dos pais que não estaria para ela em nenhum lugar para além do seu sobrenome, dos móveis e objetos herdados e do *status* de pertencer a uma família tradicional da cidade, com uma infância de dotes e bons costumes. A escolha de ficar, mesmo atrelada a uma condição de moradia que evidencia seu descenso social, parece estar muito mais condicionada ao bairro, ao espaço de circulação que ele permite, ao *ethos* de habitante da zona sul da cidade. Ficar reforça os laços de descendência paterna de Ainsley, mantendo para além da sua aliança de casamento, seu projeto ligado à estrutura de parentesco, lugar onde ela constrói sua história de vida. Já Carla nas particularidades e generalizações de reconstrução do seu projeto familiar a partir de um

projeto individual, consegue conforme Norbert Elias (1998) um maior “distanciamento” da situação de mudança de casa, optando, apesar de todos os dramas e medos, ir viver num lugar onde pudesse manter ou onde não sentisse tanto descenso no seu estilo de vida. Economicamente, o patrimônio que deixará Carla aos seus descendentes está muito mais próximo do que seu pai deixou para ela, do que o patrimônio que Ainsley deixará para seus filhos, em relação ao que herdou dos seus pais. Lendo as estruturas de parentesco através da herança e do patrimônio podemos pensar a mobilidade das condições de gênero, das relações familiares e das classes sociais numa sociedade complexa-moderno-contemporânea.

Para Myriam Lins de Barros (1989:33) que segue a perspectiva de memória coletiva de Maurice Halbwachs a transmissão de uma história, sobretudo a história familiar, está ligada a transmissão de uma mensagem que se refere ao mesmo tempo “a individualidade da memória afetiva de cada família” e a memória da sociedade mais ampla, expressando com isso “a importância e permanência do valor da instituição familiar”. Tanto Carla quanto Ainsley, à medida que narram diferentes paisagens possíveis a partir das suas casas, nos evocam a pensar as transformações da cidade de Porto Alegre a partir desse ponto de vista. Os momentos fixados pelas fotografias familiares na mobilidade das relações articuladas pelas narradoras ou a partir da descrição de hábitos, itinerários, práticas; podem evocar pelo conceito de “história vivida” a memória coletiva de uma classe média moradora de Porto Alegre.

Quando Henri Bergson (apud Eckert & Rocha, 2005:145) irá pensar a memória, diferente de Bachelard ele elegerá a matéria como um depósito de lembranças, onde a relação matéria–memória, não sofre interferência do presente no “resgate” e construção das lembranças. Já para Bachelard (1988:32) é no instante que se revive, ele é a única maneira de “julgar a ordem, a sucessão, a duração em seu relacionamento com a realidade”. De acordo com o autor não teríamos controle sob algum objeto ao ponto de afirmar que ele nos fará lembrar especificamente de determinada sensação ou ocasião. Pois cabe a imaginação a propriedade de formar imagens, e de deformar as imagens, de mudá-las, libertá-las, “graças ao imaginário a imaginação é essencialmente aberta, evasiva. É ela no psiquismo humano, a própria experiência da abertura, a própria experiência da novidade” (1998:1). Parafrazeando o poeta e pintor William Blake “a imaginação não é um estado, é a própria existência humana” (1984). Para tanto o que nos move a acompanhar junto com as interlocutoras, o processo de decisão: sobre que fotos levar, que fotos podem contar histórias, que

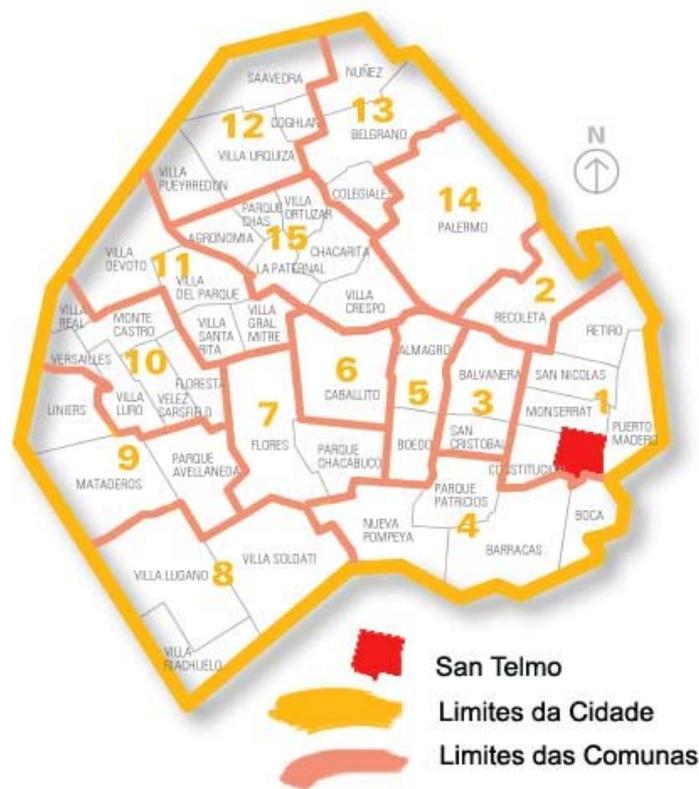
objetos deixar, que objetos podem e tem potencial de evocar histórias, estamos implicados não na descoberta de que função eles tem, e sim na descoberta de que imaginação existe neles, porque é o volume dela, que apostamos, definirá o destino do que vai ir ou ficar.

CAPITULO 6

A CASA COMO OBJETO DE INTERESSE PATRIMONIAL E A MAGIA DE UM BAIRRO COM HISTÓRIA

“Todo era allí distinto para mis ojos nuevos.
Los edificios habían cambiado de fachada; sus colores ya no eran los de antes;
Los edificios habían crecido con los hombres,
Crecido o caducado con ellos;
Los hombres, no los reconocía ya, y la casa
Donde otrora yo había vivido, estaba allí sin embargo.”
(Andanza por una calle con espectros, Lysandro Z. D. Galtier)

O trabalho de campo na cidade de Buenos Aires, conforme já mencionamos no capítulo três foi possibilitado pela *Red de Asociación de posgrado en Antropología Social* formada pelo programa *Binacional de Centros Asociados de Posgrado em Antropologia entre Brasil e Argentina*⁸⁹. A jornada de três meses, realizada no ano de 2009, teve como foco de investigação o Bairro de *San Telmo*, localizado ao sul da cidade.



90

⁸⁹ Programa Binacional de Centros Asociados de Posgrado en Antropologia: Brasil (PPGAS UFRGS e Museu Nacional UFRJ) e Argentina (IDAES UNSAM).

⁹⁰ Cf. a lei 1777, sancionada em 2005, as comunas são as unidades mínimas de gestão política e administrativa da Cidade de Buenos Aires, nessa lei se “establece que a través de las Comunas debe realizarse la descentralización territorial de la ejecución de los programas presupuestarios que tengan

A definição do contexto de pesquisa de campo e o recorte no Bairro de *San Telmo* foi feito em razão da existência nele, desde novembro de 1970, da *Feria de San Pedro Telmo*, uma feira de objetos velhos, dependente do *Museo de la Ciudad*.

O percurso de criação da feira está diretamente ligado ao percurso de fundação deste museu e ao processo de demolição de edifícios para o alargamento da *Avenida 9 de Julio*, no centro de Buenos Aires. Em face dos processos de destruição de parte da cidade para construção da nova avenida foi criada em 1967, no curso da ditadura militar da Argentina, a Comissão Técnica Municipal, encarregada de buscar entre os “escombros” tudo o que fosse considerado um testemunho da arquitetura portenha. Semelhante ao que aconteceu na cidade de Porto Alegre na década de 70, período em que foram construídos os grandes viadutos da cidade⁹¹, o consenso do desenvolvimentismo também se instalou na cidade de Buenos Aires, promovendo grandes transformações urbanas. Resgatando peças, vitrais, portas, balcões, e outros elementos considerados importantes para a história da arquitetura e do cotidiano da cidade (Peña, 2003:13) a comissão passou a arquivá-los em um galpão municipal à medida que se efetuavam as demolições. Em 1968, o general que cumpria o posto de Intendente Municipal desta época, aceitou a proposta feita por Peña e o museu⁹² foi criado.

A Feira de *San Telmo* nasceu, logo depois da criação do museu, de uma idéia de Peña, que queria instalar em Buenos Aires uma feira como a que tinha visto em outros países. Uma feira de coisas velhas, como ele gostava de dizer.

Para ele a aparição da feira chamaria a atenção para “aqueles velhos objetos que haviam ficado esquecidos em caixas ou sótãos por serem considerados passados de

impacto local específico en materia de desarrollo social, cultura, deporte y defensa de consumidores y usuarios, entre otras. Y que entre sus funciones están las de la planificación, ejecución y control de los trabajos de mantenimiento urbano de las vías secundarias y otras de menor jerarquía, y de los espacios verdes; la elaboración participativa de su programa de acción y anteproyecto de presupuesto anual, su ejecución y la administración de su patrimonio”. Disponível em: <http://www.legislatura.gov.ar/>. Consultado em janeiro de 2010.

⁹¹ Cf. Charles Monteiro. Porto Alegre e suas escritas – histórias e memórias (1940 e 1972). Tese de doutorado, PUC-SP, 2001. Pag. 322-324 sobre a reforma da matriz explicativa da história de Porto Alegre “O contexto de 1970-1972 coloca-se como um momento de ruptura do presente com as experiências urbanas e as formas de produzir e gerir socialmente o espaço urbano. A transformação dos espaços urbanos e das formas de sociabilidade desencadeou uma demanda de memória que foi respondida pela administração Thompson Flores por meio de práticas comemorativas, da publicação de livros de história, de crônicas e do batismo de grandes obras públicas com nomes ligados ao passado da cidade (viaduto Loureiro da Silva, viaduto dos Açorianos). de várias formas aquele momento foi apresentado [...] como um momento de (re) fundação da cidade.”

⁹² Cf. Peña “museo edilício al poco tiempo llamado arquitectónico, e inmediatamente después, de la ciudad”

moda e sem interesse aparente” (Peña, 2003:53). Objetos como aqueles que não foram escolhidos por Ainsley e Carla em seu processo de mudança de casa.

No contexto dessa investigação a relevância dos objetos esquecidos, ou como disse Peña, “sem interesse aparente” já havia sido citada no sentido da dialética que compõe a escolha feita por nossas principais interlocutoras dos objetos que escolheram guardar. Aliado a isso, em 2008, na conjuntura das disciplinas de mestrado⁹³, foi realizada uma experiência etnográfica junto a um antiquário localizado no “Caminho dos Antiquários”⁹⁴ no Bairro Centro de Porto Alegre, oportunidade em foi possível pensar em outra dinâmica dentro do processo de esquecimento e lembrança dos objetos: o comércio e a venda.

Em Buenos Aires, a feira de coisas velhas foi crescendo ao ponto de ser conhecida internacionalmente, integrando guias turísticos que circulam em todo o mundo. O mercado de antiguidades, no entanto, que teve uma presença tímida no início das atividades da feira acabou tendo grande papel na divulgação dela. As poucas lojas de antiguidades que ocupavam os imóveis ao redor da *Plaza*⁹⁵ *Dorrego* - local onde se realiza a feira - cresceram em grande escala e hoje ocupam boa parte dessa região. Essa presença contribuiu para transformação do local num ponto turístico por excelência, onde aos domingos, dia de funcionamento da feira, uma imensa quantidade de transeuntes, estrangeiros e moradores da província de Buenos Aires, circulam pelas ruas do bairro.

Reiterando, a técnica inicial usada para o trabalho de campo em *San Telmo* foi a da etnografia de rua, da mesma forma como foi realizada nos outros bairros de Porto Alegre, conforme acompanhamos nos capítulos um e dois dessa dissertação.

⁹³ Esse contexto de formação gerou uma monografia chamada “O velho, o antigo e o novo: um ensaio sobre a construção da antiguidade em objetos comercializados em antiquários em Porto Alegre, RS” In: Revista *Illuminuras* número 22 – Espaço, Territorialidade e Memória, Ano 2008. Disponível em http://www.illuminuras.ufrgs.br/apresenta-revista.php?cod_rev=44

⁹⁴ Segundo o site da prefeitura de Porto Alegre: “O Caminho dos Antiquários é um projeto desenvolvido pela Prefeitura de Porto Alegre em parceria com a comunidade e é uma iniciativa que está inserida no Programa de Revitalização do Centro. Tem como objetivo valorizar o trecho que liga a Praça Daltro Filho à Praça Marquesa de Seigné compreendendo trechos das ruas Marechal Floriano Peixoto, Demétrio Ribeiro, Coronel Genuíno e Fernando Machado. Esta região caracteriza-se pela grande concentração de estabelecimentos que comercializam antiguidades. O espaço, já repleto de lojas de antiguidades, foi transformado em uma grande feira a céu aberto que acontece todos os sábados”. Disponível em: http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/vivaocentro/default.php?p_secao=98. Acessado em julho de 2008.

⁹⁵ É importante ressaltar que o espaço da Plaza em Buenos Aires, não tem as mesmas características que tem as praças em Porto Alegre e quiçá no Brasil. Mesmo que a tradução principal da Plaza em espanhol, em português seja Praça, ao contrário do espaço brasileiro a área da Plaza geralmente é construída, com piso de lajotas e bancos de concreto, e a área verde em torno ou no centro dela é limitada a algumas árvores, ou canteiros.

Antes de entrarmos em uma descrição mais densa da Feira de *San Telmo* e no porque ela é relevante em uma etnografia sobre transformações urbanas, narrativas biográficas e projetos de vida é preciso ingressar no contexto desse bairro que acolhe a feira a fim de pensarmos nos motivos porque ela é instalada nele.

6.1 Porque *San Telmo*?

Os limites oficiais do bairro de *San Telmo* conforme o Guia “T”⁹⁶ iam da Rua Chile ao leste, Rua *Balcarce* ao sul, Rua Brasil ao oeste e Rua *Piedras* ao norte. De acordo com o guia do centro histórico de Buenos Aires, editado pelo jornal Clarín, os limites do bairro, no entanto, encontram-se reduzidos a Autopista 25 de Mayo, Rua Bolívar ao norte, Rua México e Av. *Paseo Colon* ao sul. Tratando-se de um guia turístico, essa última delimitação do bairro nos ajuda, a analisar alguns dos processos no qual *San Telmo* e os bairros da zona sul da cidade de Buenos Aires vem passando nos últimos vinte anos.

De acordo com a coletânea de estudos *Con el corazón mirando al sur*⁹⁷, a região Sul da cidade de Buenos Aires é compreendida pelos bairros de La Boca, *San Telmo*, Barracas e parte do Bairro de Montserrat. Essa área, em especial o Bairro de *San Telmo*, da qual nos ocuparemos nesse capítulo, vem passando por uma importante re-significação de seus limites desde a década de 90.

A partir desta década uma série de instrumentos de intervenção pública – do estado nacional e local – orientou mudanças no espaço urbano (Bañuelos, Mera & Rodríguez, 2008:59) do bairro. O plano urbano ambiental de Buenos Aires, finalizado em 2000, “impulsa la consolidación del rol internacional” da cidade, mediante o desenvolvimento de grandes equipamentos e infra-estruturas. Segundo trechos do PUA, a cidade:

“Tendrá que competir tanto para mantener su predominio local como para encontrar nuevos espacios de equilibrio para un nuevo rol ampliado, que deberá compartir con otras metrópolis y centros regionales como San Pablo, Río de Janeiro, Montevideo y Santiago de Chile.” (Bañuelos, Mera & Rodríguez, 2008:53)

⁹⁶ Guia T de Bolsillo, é um guia com mapas; itinerários de ônibus, metro e trem para locomoção de pedestres na capital federal, editado pelo Editorial Betina. Ano de 2007.

⁹⁷ Cf. Bañuelos, Imori, Ostuni & Silva, C., M., F. & R. G.. “Renovación urbana y sector inmobiliario: algunas reflexiones a partir de La Boca, Barracas y San Telmo” In: Herzer, Hilda (org). *Con el Corazón mirando al sur*. Buenos Aires: Espacio Editorial, 2008. Pag. 327.

Para essa empresa, no entanto, o plano elencava aspectos positivos e negativos que estavam no caminho deste objetivo, os negativos⁹⁸ explicitavam os desequilíbrios físicos e sociais que afetavam particularmente o sul e o sudoeste da cidade. O Código de Planejamento Urbano, o CPU, também de 2000, estabeleceu o eixo de reforma na zona sul, que foi qualificada como “área de desenvolvimento urbano prioritário”, possibilitando a construção de edifícios de 24 metros de altura e de centros comerciais em lugares onde previamente só se autorizava construção de galpões de mercadorias. Estabeleceu-se 40 áreas de proteção histórica (APH), e áreas de renovação urbana (RU), essa última tinha objetivo de prevenir a deterioração de ruína, demolição e limpeza de edifícios ou áreas irrecuperáveis; dar soluções a problemas emergentes por habitações insalubres; recuperação, restauração, saneamento e salvaguarda de áreas de conservação histórica. Esses postulados promoveram um grande investimento imobiliário na região, que mesmo com a crise econômica de 2001, conseguiu manter um ritmo e se recuperar, fazendo de *San Telmo* um dos locais mais valorizados da cidade para comércio ou aluguel de imóveis. A chamada crise argentina, eclodida em fins de 2001, conforme ressalta o antropólogo argentino Sergio Visacovsky, foi um dos mais duros episódios da história recente da Argentina. Caracterizada por um colapso econômico e pela perda de legitimidade dos dirigentes políticos, que restringiram a população a promover saques de dinheiro de suas contas bancárias, assistiu-se nas ruas o que foi chamado de “cacerolazo”⁹⁹. Protestos seguidos por centenas de pessoas, às vezes reprimidos com violência física dura, os “cacerolazos” se distinguiam dos protestos pós-período ditatorial, pela população que os compunha: uma classe média habitante de bairros tradicionalmente caracterizados por bem estar econômico, como *Caballito*, *Palermo* e *Recoleta*.

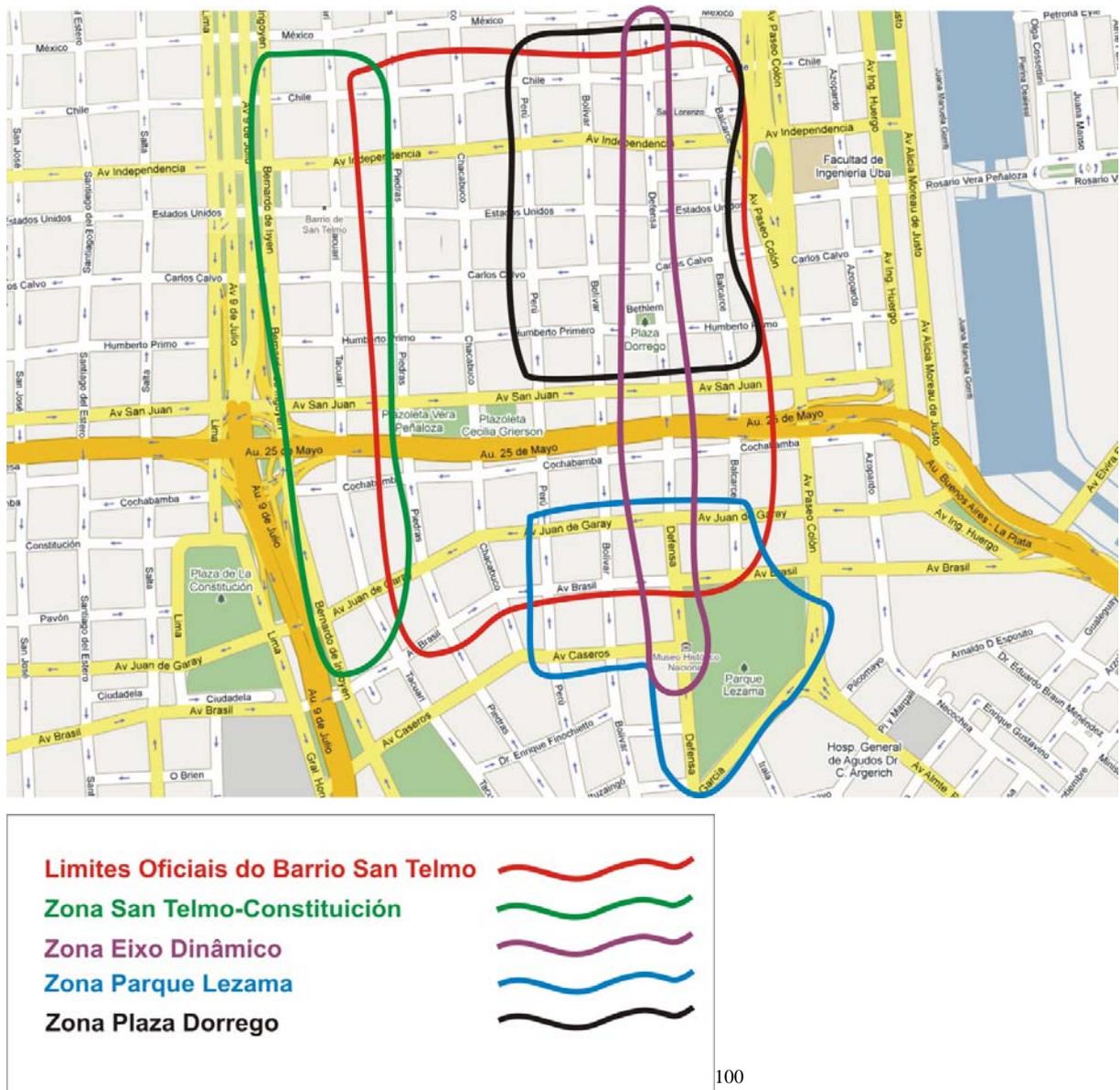
O preço (Bañuelos, Imori, Silva & Ostuni, 2008:224) médio do metro quadrado de um apartamento em *San Telmo*, no ano de 1999 era de U\$S 774, em 2003 de U\$S 417,00, em 2004 de U\$S 555,00 e em 2006 ficava entre U\$S 800 e U\$S 1.300,00. Essa cotação de valores, no entanto, estava fortemente relacionada com a “zonificação” do

⁹⁸ Cf. Bañuelos, Mera & Rodríguez, C., G., & C.. “Intervención – no intervención: ciudad y políticas públicas en el proceso de renovación del Área Sur de la Ciudad de Buenos Aires” In: Herzer, Hilda (org). *Con el Corazón mirando al sur*. Buenos Aires: Espacio Editorial, 2008. ‘A identificação de aspectos positivos e negativos formam parte de uma estratégia de marketing territorial’ (Benko, 2000 apud Bañuelos, Mera, Rodríguez)

⁹⁹ Cf. Sergio Visacovsky. “Imágenes de la ‘clase media’ en la prensa escrita argentina durante la llamada ‘crisis del 2001-2002’” In: S. Visacovsky e E. Garguin (org) *Moralidade, economias e identidades de classe media – estudios históricos y etnográficos*. Buenos Aires: Antropofogia, 2009. Pag. 247-249.

bairro, criada pelos agentes imobiliários que começaram a atuar nele desde a década de 70, porém que tiveram suas atividades intensificadas a partir da década de noventa.

Essa divisão de *San Telmo* em zonas é algo perceptível não somente nos preços dos imóveis, mas nas formas de sociabilidade, nas formas de ocupação urbana e na estética das ruas de cada uma das zonas. De acordo com o mapa abaixo, podemos ter uma dimensão das zonas criadas pela iniciativa privada e pelos diferentes interesses imobiliários na região.



A zona da *Plaza Dorrego* e de *San Telmo-Montserrat* é a zona com maior concentração de comércio de antiguidades, de lojas de design, de cafés e bares, de

¹⁰⁰ Mapa realizado conforme modelo desenvolvido por Bañuelo, Imori, Silva & Ostuni in “Intervención – no intervención: ciudad y políticas públicas en el proceso de renovación del Área Sur de la Ciudad de Buenos Aires” (2008:226)

hostels e de casas de tango. Ela foi chamada por Catherine Black – editora-chefe do jornal *El Sol de San Telmo* – em ocasião de uma entrevista, como o coração de *San Telmo*. É nessa região que está situada a *Plaza Dorrego*, onde ocorre todos os domingos a Feira de *San Telmo*, e é em torno dela que gravita a ocupação comercial mais recente do bairro. É nessa região, também, onde se concentra os imóveis protegidos ou listados pelo projeto do Casco Histórico da cidade.

O chamado eixo dinâmico (Bañuelo, Imori, Silva & Ostuni, 2008:226) é a zona que abrange a Rua Defensa, considerada por Victor e Alejandro, dois interlocutores do campo realizado em *San Telmo*, como a rua mais antiga da cidade. A Rua Defensa cruza verticalmente todo o bairro, ligando o bairro La Boca ao sul, com o Bairro Montserrat ao norte. O início dela se dá no largo da Casa Rosada, sede do governo da Argentina, e após esse largo, há uma rua que faz uma linha continua com a Rua Defensa, porém leva outro nome, Rua Reconquista.

O espaço verde situado bem ao sul é onde está localizado o Parque Lezama, uma das únicas áreas verdes do bairro. Situado ao redor do Museu Histórico Nacional - instalado em uma antiga casa colonial restaurada – a área verde onde hoje era o parque, fazia parte de propriedade privada que incluía essa casa. O restante dos espaços de lazer do bairro, no entanto, são bem mais modestos, compostos em geral por pequenas *Plazoletas*¹⁰¹, e pela *Plaza* construída em baixo da *Autopista 25 de Mayo*.

A zona de *San Telmo-Constitución* é a zona que dá nome a região limítrofe entre os dois bairros. Esse eixo tem uma dinâmica de comércio diurno intenso, com armazéns, açougues, pizzarias, farmácias, livrarias, circulação de escolares devido a duas grandes escolas, kiokos, lojas de materiais rurais, pequenos supermercados. À noite o movimento fica por conta de alguns hotéis e infernhos que ficam na região da *Bernardo de Yrigoyen*, avenida que é a continuação da *Avenida 9 de Julio*, ao sul. Ao lado de uma enorme elevada que desova o fluxo da região da província de Buenos Aires até a região do centro da cidade, prédios altos do início do século XX funcionavam como casas tomadas e *petit-hoteles*. A calçada larga e escura estava freqüentemente tomada de lixo e onde o cheiro de urina era sempre muito forte. A barreira formada pela elevada dificultava o contato com o outro bairro: *Constitución*, que ficava no outro lado da avenida, um bairro considerado por consenso de todos os interlocutores da rede

¹⁰¹ *Plazoletas* são praças secas, construídas em esquinas ou “restos” de espaços desapropriados pelas construções das grandes avenidas que cortam o bairro horizontalmente.

como um bairro extremamente perigoso relacionado à prostituição e a presença de imigrantes ilegais.

Cortado por quatro grandes avenidas: *Independencia*, *San Juan*, *Juan de Garay* e a *Autopista 25 de Mayo*, o Bairro de *San Telmo* tem nessas construções uma prova cabal de que a questão patrimonial é uma iniciativa que vem sendo moldada nos últimos vinte anos, e possui ritmos bem diferentes. Construídas nos anos 70 essas avenidas desapropriaram casas, prédios, destruíram ruas e possivelmente moradias e casarios com tanto valor histórico quanto os que estão hoje sendo recuperados ou recebendo investimentos internacionais.

Natural de Tucumán, com aproximadamente cinquenta anos, Mercedes, ativista política ligada a *Asemblea Popular Plaza Dorrego*, e a qual fui apresentada pela antropóloga M. Paula Yacovino, é moradora de uma casa na Avenida *San Juan* e passou por esse processo de desapropriação de parte de sua casa. De acordo com o desenho que fez com os braços, ao mostrar o tamanho da calçada em direção a esquina, sua casa teve seu espaço diminuído consideravelmente para a passagem da avenida. O pedaço onde ficava seu pátio foi desapropriado como foi feito com outra moradia que existia ao lado, que por sua vez foi totalmente destruída. Esse espaço ficou vazio por quase trinta anos, sendo ocupado em 2001 pela sede da *Asemblea Popular Plaza Dorrego*, cuja obra foi levantada através de fundos estrangeiros.

Por conta dessas grandes avenidas, a região mais ao sul do bairro, imobiliariamente não foi a mais privilegiada pelos investimentos e nem era região privilegiada pelas delimitações do Casco Histórico. Nesse extremo sul, fora a região em torno do *Parque Lezama*, onde pontualmente se desenvolvia um pequeno núcleo de investimentos turísticos, o restante da região era composto por baldios, comércio de frutas e legumes, lavanderias, pequenas padarias, prédios altos construídos na mesma época das avenidas e uma grande quantidade de casas com aspecto de abandono.

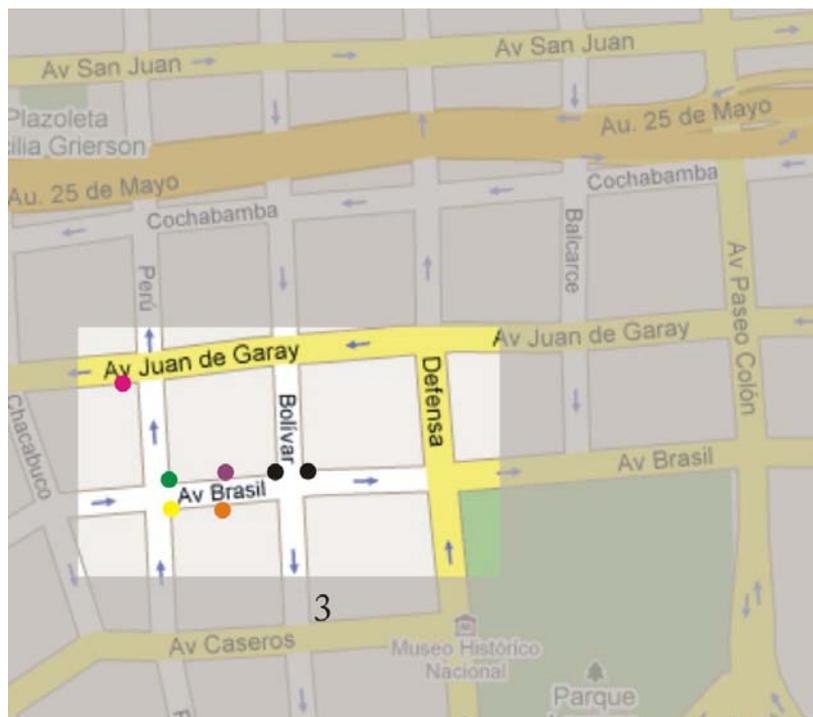
Foi nessa região - extremo sul do bairro - na Rua Brasil, o local onde me instalei. Num estabelecimento que fazia parte desse pequeno núcleo de re-valorização de imóveis e de aquecimento dos investimentos na região. A quadra onde estava localizado o *Hostel* onde vivi se diferenciava de todas as demais em torno. Na esquina, da Rua Brasil com a Rua *Defensa*, em direção, a região da *Costanera Sur*, estavam dois bares que eram muito destacados nos guias turísticos de *San Telmo* e do circuito de cafés de Buenos Aires. Em frente a esses bares havia o *Parque Lezama* e na quadra em direção ao sul, a quadra da *Avenida Caseros* que, em razão de sua arquitetura estilo *Art*

Nouveau, freqüentemente era usada em locações cinematográficas que buscavam uma ambiência européia.

Na quadra da Brasil entre a *Bolívar* e a *Defensa*, havia quatro casas do início do século vinte. Uma delas era ocupada pelo *Hostel*, outra era a casa de Tereza e Suzi Gargulio, que ficava bem em frente, outra era um restaurante caseiro, que já funcionava a mais de cinquenta anos em regime de herança, a outra estava alugada para moradia em cima e em baixo havia um espaço disponível para aluguel comercial. Tereza, como já comentamos no capítulo três, nasceu em *San Telmo* e atua vendendo botões antigos na Feira de *San Telmo* desde sua fundação. Tem cinquenta e quatro anos, é solteira e vive com a irmã Suzi na casa herdada dos pais.

Na esquina da Rua Bolívar com a Rua Brasil, havia tanto de um lado como de outro, prédios que datavam do fim do século XIX; prédios altos de mais de cinco andares, com pátios internos e subsolo construído. Um deles era um prédio de moradias e que estava com sua fachada em reforma, e onde a entrada para elas era feita pela Rua Bolívar. Exatamente na sua esquina *ochavada* ficava a *Nueva Fortaleza de San Telmo*, uma espécie de mini-mercado onde trabalhavam Luiz – atendente e caixa – e Daniel, carnicheiro e gerente. O outro prédio, a frente dele, estava desocupado fazia dois anos, época em que foi iniciada uma reforma em sua estrutura interna e externa, limpeza e projeto arquitetônico para abertura de um restaurante. O responsável pelo projeto se chamava Bruno, e foi através dele que foi possível conhecer o interior do imóvel. Nessa obra trabalhava Cesar Augusto, paraguaio e amigo de Alfredo que, por sua vez, trabalhava como recepcionista e “faz tudo” no *Hostel*.

A quadra também era composta de prédios da década de 60, 70 e 80; o lado da rua ao norte era caracterizado pela composição de comércio: uma farmácia, uma loja de roupas, uma loja de artigos chineses, um *kiosko*, um restaurante e uma padaria, dois hotéis, um deles de dois andares num prédio novo, outro um prédio alto de dez andares, que como o da frente era um dos prédios mais altos dessa quadra.



- Delegacia da Região
- Prédio em reforma
- Casa de Tereza e Suzi
- Nueva Fortaleza de San Telmo
- Bares El Hipopotamo e Bar Britanico
- Hostel Noster Bayres

O turismo, no Bairro de *San Telmo* parece ter se desenvolvido dentro de uma tendência patrimonialista que se repetiu em outras cidades da América latina no que consiste a formação de centros históricos. Uma combinação de ações por parte de atores privados e estatais que girava em torno de uma crítica a modernidade; ou ao progresso urbano como construtor de cidades que destroem seu passado, por não suportar a idéia do velho. Na dinâmica patrimonialista se conservavam os edifícios monumentais mesmo que com a transformação do contexto onde estão inseridos, valorando o bairro como espaço de valor arquitetônico e simbólico.

“Buenos Aires tiene una calidad de vida urbana como ninguna otra ciudad de América Latina, debe apostar a ser la París de América Latina. La ciudad tiene capacidad para ofrecer cultura, lo cual atrae servicios financieros y turismo” (Jordi Borja, “El renacimiento de las ciudades”, entrevista publicada en el diario de La Nación, Arquitectura, diciembre de 2001 apud Gómez & Singh, 2008:325).

Em *San Telmo*, essas ações privadas e estatais estavam ligadas a atividades culturais. Giesso, arquiteto que primeiro se instala no bairro, nos anos sessenta (Gómez & Singh, 2008:342), abre seu estúdio e uma sala de teatro em um velho *conventillo*,

logo abrindo uma imobiliária que seria a maior da zona por muito tempo. A investida imobiliária que se solidificou nos anos noventa transcendeu as intervenções urbanas pontuais iniciadas pela equipe e pela iniciativa do *Museo de La Ciudad*, passando do simples resgate da história para a empresa de “conscientização e sensibilização” onde as políticas patrimoniais se converteram em políticas culturais. O componente localista como atrativo do mercado imobiliário em *San Telmo*, atraiu o turismo do tipo itinerante, caracterizado pelo visitante ansioso pelo “cambio cultural y social aparente” e onde a fotografia é a evidência empírica irrefutável de que a viagem se realizou (Sontag, 1981 apud Gomez e Singh, 2008:336). A combinação entre patrimonialização e o êxito comercial é o que vem valorizando a zona sul desde então, dentro de uma estratégia que integra um projeto de Buenos Aires como a capital cultural da América Latina. Conforme assinala Gorelik (apud Gomez e Singh, 2008:326) um turismo que valoriza em Buenos Aires uma dupla diferença “uma maior energia social em relação às cidades desenvolvidas e uma maior densidade cultural e urbana em relação a outras cidades latino-americanas”.

Conforme destaca o argentino Ariel Gravano em sua *Antropología de lo barrial*, a categoria bairro no contexto de Buenos Aires pode assumir diferentes adesões no que se refere à autodenominação dos sujeitos para com ele. Espaço de produção de sentido dentro dos processos de construção de identidades urbanas (2005:254) os bairros assumem sua caracterização por oposição, onde se percebe a existência do bairro-bairro, do anti-bairro para falar de sentimentos de maior ou menor adesão a categorias nativas como tranqüilidade, juventude ou transformação. Pensando o Bairro de *San Telmo* dentro da categoria de “bairro como produção ideológica” (Gravano, 2005:266) uma das cinco dimensões trabalhadas pelo autor para discutir as representações de bairro sustentadas pelos atores, notamos que as diferentes expressões referidas ao bairro por aqueles que o habitam, todavia não se acomodam plenamente nessa nomenclatura. Na etnografia desenvolvida, há pelo menos duas dimensões de vínculos entre aqueles que vivem o bairro, a dimensão de uma rede e a dimensão de uma “tribo”. E essas duas dimensões, estão perpassadas pela ética das políticas de transformação do espaço e pela circulação de objetos instituída pelas trocas comerciais - seja pela força mágica do *mana* que os anima, seja pela idéia de um *Genius loci*, “esse sentimento coletivo que conforma um espaço” (Maffesoli, 2006:209).

A tribo, conforme entendida por Michel Maffesoli (2006), se organiza em torno de territórios reais ou simbólicos e em torno de mitos comuns (2006:200), onde a

multiplicidade de contextos, unidos por sentimentos comuns irá estruturar uma memória coletiva que tem sua fundação na diversidade. Formada por turistas, visitantes, consumidores, pessoas como Catherine Black que “não conseguiu mais ir embora de *San Telmo*”, essa tribo freqüentemente usa a categoria heterogeneidade para falar de um sentimento cosmopolita de pertencimento, ligado a uma classe média que circula internacionalmente em busca de pequenos *eixos de arraigo*. A heterogeneidade de *San Telmo* constrói a homogeneidade bairral que pode ser vinculada a zona da *Plaza Dorrego* como local para desenvolvimento desta socialidade. Um bairro “com história”, um bairro “que cresceu mais não perdeu sua característica de bairro”, um bairro “com magia”, essas características ligadas ao bairro de *San Telmo*, pulsam em torno da dialética da tradição e do progresso, constituidora da ética do instante que tem no presente seu “valor essencial” (Maffesoli, 2006:207). Inserida em um contexto das sociedades complexas moderno-contemporâneas, essa tribo não pode ser pensada como alheia a essa natureza que lhe compõem: um mercado internacional “cada vez mais onipresente”, a permanente troca cultural permitida por viagens, migrações; o fenômeno da cultura e da comunicação de massa. Ou seja, não pode ser pensadas fora do campo da trans-nacionalização da cultura (Lins Ribeiro, 1997:3) ou conforme aponta Gilberto Velho (1994:38) do cruzamento das fronteiras entre Estados-Nações através de diferentes níveis de relações econômicas, de poder e culturais.

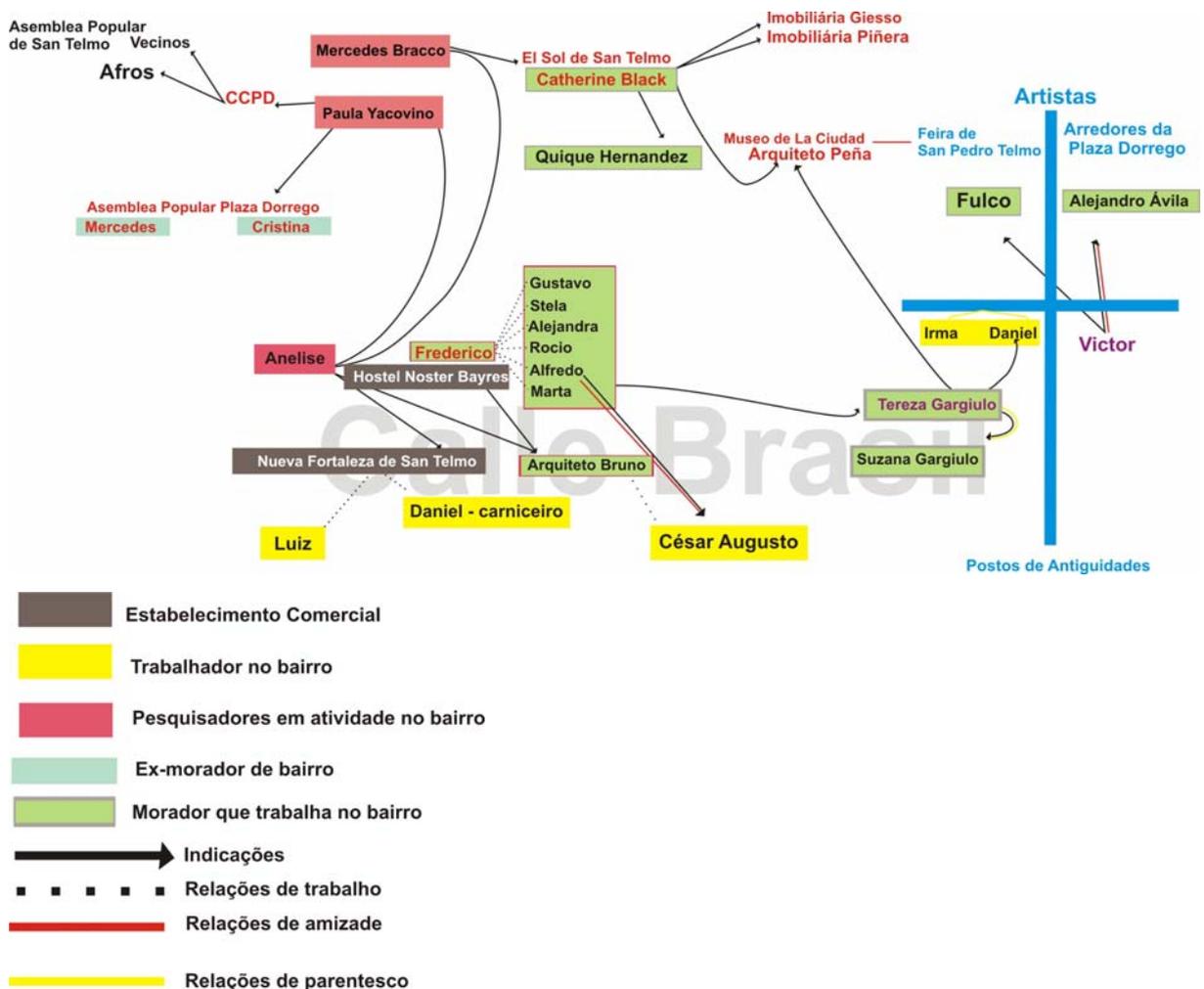
Diferente da tribo, a noção de rede de relações (Velho, 1994:20), no entanto, é o conceito que trabalharemos no próximo item para falar de relações sociais que - dentro da dialética da unidade e da fragmentação - reúnem interlocutores de diferentes origens étnicas e de diferentes grupos de status em torno da construção social de uma identidade particular.

6.2 Entre Calles e Sillas: o mapeamento de uma rede de relações no bairro de *San Telmo*

A rede de interlocutores do esquema abaixo deve ser lida em duas partes: parte de cima e parte de baixo. A parte de baixo é resultado de um mapeamento feito pela técnica da etnografia de rua e por onde foi descoberto o vínculo entre: uma rede de vizinhança que agregava moradores e comerciantes da quadra da Rua Brasil, e uma rede de trabalhadores reunidos em torno da Feira de *San Telmo*.

Na parte de cima, vemos uma rede de informantes chaves, que se formou em torno de pesquisadores e antropólogos que investigam o bairro de *San Telmo* nos

últimos anos. Essa rede é relevante, pois, ela evidencia um movimento de pesquisas no bairro que foi intensificado nos anos 90, em razão das transformações urbanas já relatadas nas páginas anteriores. Essa rede é formada por lideranças políticas ou pessoas ligadas às assembléias de bairro, que por sua vez se iniciaram no século XXI em razão da crise econômica no país. Os dois eixos se ligam através da Feira de *San Telmo*, e pela figura do Arquiteto Peña, criador e entusiasta da feira até a atualidade. A descrição da rede de baixo seguirá o trabalho clássico de William Foote Whyte (2005) que prima pela contextualização da história e as “condições de produção”¹⁰² da investigação. A rede de cima não será descrita densamente, portanto seus integrantes estão ou estarão em diálogo com o objeto dessa dissertação.



¹⁰² G. Velho “O observador Participante” In: Whyte, W. F., Sociedade de Esquina. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005. Pag. 10.

A rede de vizinhança percebida na Rua Brasil, aproximou a Feira de *San Telmo* à investigação, não pela dinâmica dos objetos velhos vendidos nela, mas pela categoria trabalho, que ligava Tereza e Suzana a ela. Victor outro interlocutor importante para o desenvolvimento da pesquisa, também era um trabalhador dos arredores da feira, assim como Alejandro, e como Fulco, artistas que tinham seu posto de trabalho em ruas em torno da Feira de *San Telmo*.

A instalação do *Hostel Noster Bayres* na zona da Rua Brasil estava ligada ao custo benefício dessa região do bairro em relação a outras e sua presença contribuía para o crescimento dela nos últimos sete anos. Um crescimento diretamente relacionado à desocupação ou desalojamento forçado de pessoas que ocupavam ilegalmente imóveis na região. Conforme foi observado, a zona limite entre *San Telmo* e *Constitución*, que pelas anotações de pesquisa começava na Rua Peru e ia até a Avenida *Bernardo de Yrigoyen*, era uma região com muita incidência de casas tomadas. Casas de porta e janela, edifícios, hotéis-pensão, havia uma quantidade grande de imóveis com ocupação irregular. Os arredores da Rua Brasil, até a altura da *Autopista 25 de Mayo*, também era uma região de casas tomadas, porém muitas delas já haviam sofrido processo de desocupação.

A irregularidade da moradia, da qual falamos aqui, é uma nominação que se forma em diálogo com os processos recentes de transformação no bairro. Nota-se que para Cristina, ex-moradora de uma casa tomada na Rua *Independencia* com a Rua Bolívar, sua moradia não era irregular, porém ela concorda que nada pode fazer judicialmente quando depois de 25 anos de moradia neste local a polícia a colocou na rua, sem nenhum direito ou benefício. Para alguns desalojamentos a municipalidade de Buenos Aires prove as famílias com o pagamento de um soldo e da diária para uma moradia, geralmente feita em hotéis ou pensões da região. Porém isso não aconteceu com Cristina, que hoje vivia em *Lanus*, município ao sul, na Província de Buenos Aires, distante 14 Km de sua antiga moradia, em *San Telmo*. Cristina trabalhava na *Asemblea Popular de San Telmo*, vendendo roupas usadas no espaço térreo da agremiação, o vínculo a ela garantia que pudesse manter seus filhos na escola pública do bairro, e a manutenção deles na escola garantia o direito a *Ciudadanía Porteña*, um subsídio mensal “que mejora el ingreso de los hogares en situación de pobreza o indigencia”¹⁰³.

¹⁰³ Disponível em:

[http://www.buenosaires.gov.ar/areas/des_social/ciudadania_portenia/fundamentacion.php?menu_id=21937]. Acessado em outubro de 2009.

Integrante do Casco histórico de *San Telmo*, o prédio onde morava Cristina, havia sido totalmente destruído.

Conforme narrou Gabriel, o policial responsável pela ronda ao redor do ex-PADELAI, para os ex-ocupantes do prédio o governo ainda pagava auxílio moradia. Isso, porque a maioria deles havia aceitado o subsídio, perante a justificativa de que o prédio estava com risco de desabamento. A municipalidade inclusive demoliu algumas partes internas do imóvel, porém em meio a disputas judiciais por parte de advogados da cooperativa de ex-moradores e o governo da cidade, em 2003, o município entrou com um projeto de lei que desapropriava o prédio e possibilitava o atual acordo com o governo espanhol.

Integrante da policia especial e deslocado para a região, Gabriel havia dito que em seguida a desocupação do ex-PADELAI a guarda do local era feita por ele e mais sete policiais, tamanho era o receio de que o prédio voltasse a ser ocupado. Nos últimos anos o número de policiais havia caído para quatro, porém as rondas eram constantes e o medo ainda existia, já que a proteção física do prédio era frágil. 90% para 10% era a relação feita por Gabriel para classificar a quantidade de famílias “de bem” em relação à “gente mala” que habitava o imóvel. As pessoas “de bem” segundo ele ainda viviam em hotéis aos arredores, e lamentavam a saída cada vez que passavam a frente do prédio. A segurança, no entanto, parecia ser feita para proteger o “patrimônio” da “gente mala”.

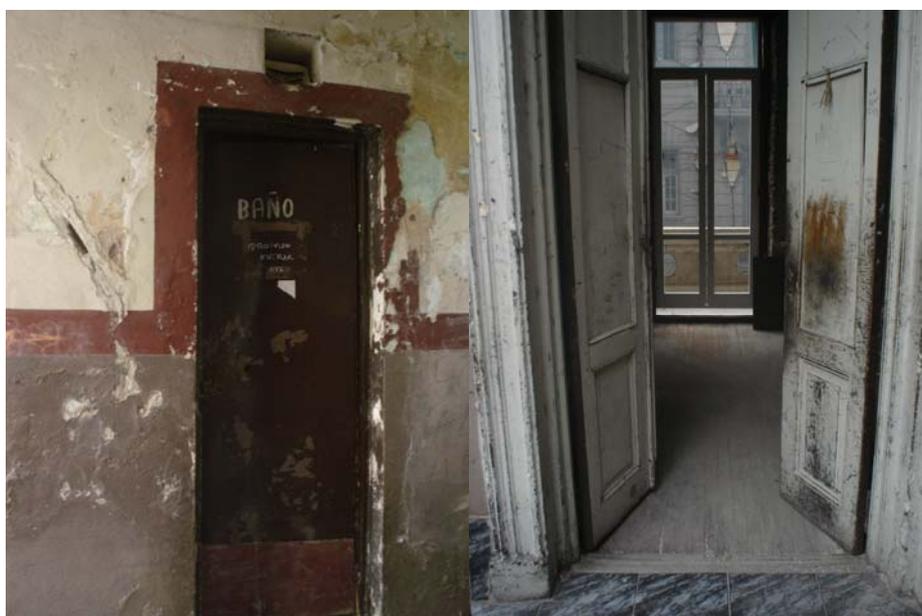
No contexto de uma investigação acerca da revalorização e exclusão no bairro de *San Telmo*, um representante da associação dos antiquários diz:

- [PADELAI] Sí, esse es outro ítem importante. O sea, fue um hito negativo cuando se copo y fue um hito positivo cuando se desalojó (...) Y el conflicto es que ahí pasaba de todo: droga, prostitución, ahí no se perdía nada. Un lugar que era prácticamente inaccesible, era como tener una villa de emergencia adentro del barrio. Y después se notó muchísimo en la población. Esa gente que entraba y salía generaba mucha sensación de inseguridad e inseguridad real. Al desaparecer ese conflicto el barrio mejoró mucho, ese es un hito importante (Cosacov & Menazzi, 2008: 318)

Irmã de Tereza, Suzi foi enfática ao falar de *San Telmo* “de antigamente” – se referindo à época que antecede a implantação da Feira de *San Telmo* no bairro, ou seja, em torno dos anos 70. Suzi dizia que tinha vergonha de dizer que se habitava em *San Telmo*, porque para os amigos o bairro era uma referencia de lugar perigoso, com ruas escuras, ligadas a prostituição e a ocupações “duvidosas”. Ouvindo essa descrição de Suzi era muito fácil confundir essa imagem de *San Telmo* com a imagem que hoje tem o Bairro de *Constitución* para uma classe média que frequenta ou mora em Buenos Aires.

Os arredores da Rua Brasil, no entanto, não eram os mais limpos e nem tinham as calçadas mais bem cuidadas da cidade - dignas de passeios de fruição estética, prometidos pelos guias turísticos àqueles que visitavam o bairro. Toda a região de *San Telmo*, com exceção da zona da *Plaza Dorrego* tinha as calçadas totalmente irregulares e com falta de lajotas, a escuridão da região Sul do bairro só era aplacada pelos postes de luz das avenidas, que ritmavam a caminhada daquele que cruza o bairro de norte a sul. Os buracos nas calçadas aliado a falta de luz faziam dessa zona de *San Telmo* uma região perigosa para tropeços. Tereza, que tinha 55 anos e um problema de circulação em uma das pernas, sempre reclamava do calçamento do bairro, e o fazia culpando o atual governante da cidade, Mauricio Macri, que freqüentemente era acusado de haver “abandonado” *San Telmo* em detrimento do bairro de Barracas onde diziam, tinha negócios imobiliários.

Na esquina oeste da casa de Tereza ficava um dos últimos prédios tomados da região do Parque Lezama. Segundo os funcionários do *Hostel Noster Bayres*, Martha e Alfredo, o processo de desalojamento de moradores tinha durado dois anos, até que por fim, as ruas foram fechadas e os ocupantes retirados, a fim de que o prédio fosse apropriado pelo novo dono, um empresário espanhol.





O público que freqüentava o armazém *Nueva Fortaleza de San Telmo*, na esquina oposta a esse prédio tomado, era composto pelos imigrantes que trabalhavam – nessa obra e em outras, no curso da Rua Bolívar. O armazém também era freqüentado por trabalhadores que em direção a estação de *Constitución* passavam pelo estabelecimento para comprar mercadorias para a janta. Composta de um açougue, onde se vendia: carne, fiambres e laticínios; o armazém também vendia bebidas, enlatados e suprimentos alimentícios como massa, arroz, erva mate, bolachas, salgadinhos; e material de limpeza. A mercadoria mais vendida, no entanto, a notar pela quantidade de engradados que ocupava o chão e o mezanino, era a cerveja, comprada em quantidade no final do dia, mediante a troca do casco vazio pelo cheio. O armazém era o estabelecimento que funcionava até mais tarde, fechando às 22h, horário que Daniel e Luiz cerravam as portas e seguiam em direção a estação a fim de pegar o último trem para casa. Havia ainda o *kiosko* de Monica, localizado na Rua *Defensa*, e que ficava aberto toda a noite, sob o cuidado do se pai, que atendia os consumidores através de uma janela de vidro protegida pelas grades. Monica atendia durante o dia, vendendo bebidas, guloseimas e artigos escolares. A parte desses estabelecimentos os bares El Hipopótamo e Bar Britânico fechavam às 3h, sendo que esse último, a partir das 2h tinha como clientela, além de alguns grupos de boêmios, os policiais que faziam a guarda nos arredores do *Parque Lezama*. O ruído dos ônibus que vinham: da Rua Bolívar em direção ao Bairro de La Boca, da Rua Defensa em direção ao centro, e da Rua Brasil em direção a *Av. Paseo Colon* - era o som mais escutado à medida que os estabelecimentos comerciais fechavam suas portas, diferente do ritmo ao redor da *Plaza Dorrego*, que tinha movimento de comércio e de transeuntes até a chegada da manhã.

Nos dias de semana, a ocupação da *Plaza*, no entanto, era muito distinta dos domingos de feira. Durante o dia, recebia mesas dos bares e cafés que possuíam seus

estabelecimentos ao redor dela, num movimento turístico que ia até aproximadamente umas 22h quando a ocupação ia aos poucos se transformando. A partir das 23h, já sem as mesas e seus guarda-sóis com propagandas de cartões de crédito, a praça era ocupada pelos amigos dos vendedores de artigos de couro, bijuterias ou artesanato que desde a tarde já vendiam sua mercadoria nas escadarias da praça. Tocando instrumentos musicais ou reunidos em pequenas rodas, esses grupos às vezes passavam a noite na praça, conversando e bebendo.

Fulco, um artista que vendia sua produção aos domingos - na feira de artistas, localizada na Rua Humberto Primo e ligada a Feira de *San Telmo* - ao contar sobre sua ligação com o Bairro de *San Telmo*, a faz narrando que a freqüentava desde aproximadamente 65 - quando era hippie e vinha até o local para vender os cintos de couro que produzia. Hoje com 55 anos, Fulco narrou a si quando jovem como um rapaz que usava roupas coloridas, de ar despreocupado e que passava o dia na praça, vendendo seus objetos, conversando com os amigos e fumando maconha. Nessa época a que se refere Fulco, na *Plaza Dorrego* ainda funcionava a feira livre, cujo um simulacro ainda podia ser visto dentro do Mercado de *San Telmo*, na quadra seguinte, na Rua Bolívar com a Rua Carlos Calvo. Ao lembrar esse tempo, Fulco descreveu um bairro repleto de moradores, que com suas sacolas vinham abastecer suas casas com frutas, legumes e peixe, o grande responsável pelo cheiro fétido da região, oriundo do gelo derretido que escorria pelas escadarias da praça em direção as três ruas que a rodeavam.

Funcionário do teatro municipal Fulco tinha aprendido diversas técnicas ligadas à produção de figurino, cenários e manutenção de mobiliário de cena que segundo ele muito o ajudaram no desenvolvimento do seu trabalho. Grande galanteador, Fulco tinha tido duas mulheres, a primeira, muito má e descendente de espanhóis e a segunda, um anjo e descendente de indígenas, na qual estava casado até então. Tinha duas filhas do primeiro casamento, e que pouco as via e pouco era procurado por elas. E uma filha e um filho do segundo casamento, sendo que a filha o ajudava na desmontagem do seu posto na feira. Se “dava” muito mal com sua mãe, que segundo ele era uma mulher muito má. Havia crescido e vivido com a avó em um *conventillo* na zona de *Abasto*, fato que, todavia, não é possível afirmar se é verdade por que Fulco gostava de criar histórias. Vendia os mitos que todo o turista visitante de *San Telmo* gostaria de ouvir: bairro de tango, bairro boêmio, bairro de *conventillos*. Todos em alguma escala integrantes da cultura urbana de Buenos Aires, porém que na arte de Fulco eram vinculados especificamente a *San Telmo*. Habitante da zona de *San Telmo*,

no limite com *Constitución*, ele mantinha um atelier nesse último bairro. Certa época havia alugado, na mesma galeria onde estava instalado Victor, uma peça onde vendia suas obras, porém acabou voltando para a rua por não conseguir manter o pagamento do aluguel. Deveras decepcionado com sua condição econômica, Fulco não havia se recuperado “da crise de 2001, da crise mundial de 2009 e nem da crise da Gripe A” que ainda afetava todos os comerciantes do país que de alguma forma dependiam do turismo. Grande pensador das “viradas da vida”, Fulco se considerava o único que ainda buscava a criação de um produto novo no meio de tantos artistas de uma obra só, como se referia aos seus vizinhos de feira. Sua obra era realizada em resina plástica, pintada a mão por sua mulher. No seu ateliê ele exibia algumas outras peças que ocupavam seu tempo nos últimos anos, o teatro de autômatas e os *pop ups* – o primeiro um teatro de bonecos movido a um pequeno motor construído por ele e o segundo cartões que quando abertos montavam um cenário urbano em três dimensões.

Outro narrador da juventude em *San Telmo* era Alejandro, cujo vínculo com o bairro era oriundo de uma “ligação familiar” com o mesmo. Escultor de objetos em bronze Alejandro vinculava - sua habilidade e seu gosto pela fundição - ao seu bisavô, um espanhol, dono de uma *Herraria* na região da Rua Montes de Oca, próximo a Rua Brasil, onde morava Tereza. Seu vínculo com *San Telmo* vinha através do mito do bairro histórico, espaço onde ele se sentia mais próximo de seus ancestrais. Cultivava laços de pertencimento a locais como a sua oficina, um antigo *ex-conventillo* convertido em galeria, cuja forma ele associava a primeira casa habitada pelo avô na Argentina, localizada no município de *Avellaneda*. Inserido no mercado de antiguidades, quando mais jovem, Alejandro aprendeu e desenvolveu a técnica de fundição ao longo dos anos. E se declarava como um dos poucos que dominava a técnica para o desenvolvimento de objetos artísticos manuais. Quando questionado sobre o estilo de suas peças, ele foi enfático em dizer que gostava da arte da década de 30 e que era nesse estilo que buscava inspiração. No entanto, não deixou de reforçar o apelo estético dessas peças para um público comprador de antiguidades, na qual suas peças, pela inspiração *retrô*, tinham grande saída na rede internacional de comércio de antiguidades. Habitante do bairro na infância, mais especificamente da Avenida *Belgrano* - que pelos limites oficiais já pertencia ao Bairro Montserrat - Alejandro se impressionava com o aumento da circulação de pessoas no *San Telmo* que outrora explorava com sua pequena bicicleta. Porém estava seguro que não se mudaria mais de lá.

As entrevistas e conversas realizadas com os integrantes das redes seguiram o fluxo das atividades desenvolvidas por eles. Dessa forma foi possível definir seus horários de trabalho, partilhar do cotidiano dessas pessoas no bairro e observar participando de sua rotina nele.



Daniel, carnicero e gerente na *Nueva Fortaleza de San Telmo*, abria o estabelecimento às oito horas da manhã e era acompanhado até as quatorze horas por uma das filhas do dono, que atendia no caixa, cumprindo a função de Luiz, que chegava às duas horas e saía às dez da noite, junto com Daniel. Um homem sorridente e baixo, Daniel estava sempre vestido com um guarda-pó bordô, às vezes meio sujo de sangue. Era um pouco careca e tinha a barba cerrada e branca, trabalhava com carne desde sua juventude, passando por diferentes estabelecimentos: fábricas, *carnicerias*, armazéns, indústria de congelados; e em diferentes turnos. “Todo de la vaca” era como se referia a qualidade do animal como matéria prima da produção do país.

Narrando jornadas de quase vinte quatro horas de trabalho, em diferentes empresas ligadas a vaca, Daniel estava há vinte e cinco anos trabalhando no mesmo estabelecimento, que, no entanto, tinha se mudado para aquele endereço fazia aproximadamente dez anos. Ocupado antes por um bar, o armazém se mudou da Rua Bolívar para esse local, na esquina da Brasil com a *Bolivar*, onde permanece localizado. Há cinco anos, no entanto, o estabelecimento sofreu um grande incêndio. Com perda total, Daniel foi responsável pela reconstrução do local, coordenando a reforma de todo o espaço.

Apontando com pesar, mas ao mesmo tempo com orgulho, ele mostrou as partes do armazém que tinham resistido ao incêndio, destacando os lugares onde se podia ver um padrão de azulejos azuis que se diferenciava do restante das paredes. A reconstrução do local deu a ele além da permanência no bairro, um novo nome, a antes *Fortaleza de San Telmo*, havia se transformado na *Nueva Fortaleza de San Telmo*.

Localizado numa casa, no meio da quadra, o *Hostel Noster Bayres* tinha seis funcionários fixos: Frederico, Martha, Estela, Alejandra, Alfredo, Gustavo e Laura. Frederico era filho do principal acionista do estabelecimento, e era responsável pelo gerenciamento e atendimento dos clientes. Tinha uns trinta anos aproximadamente, usava cabelo comprido e sempre vestia preto; fumava tanto que o cheiro dos cinzeiros do seu quarto eram sentidos nos corredores do quartos. Com exceção de domingo, ele trabalhava todos os dias, chegando às nove da manhã e saindo às nove da noite. Quando ele não estava Martha que resolvia os problemas e decidia sobre demandas administrativas do hotel. Ela era uma espécie de governanta, porém fazia as compras para abastecimento geral da cozinha e dos banheiros, enviava as roupas para lavar e também era responsável pela limpeza dos quartos. E com frequência era ela que servia o café aos hóspedes pela manhã. Estela tinha aproximadamente a mesma idade de Martha, sessenta anos, e trabalhava como faxineira no hotel das cinco até as nove horas da manhã, quando ia para casa. Sua jornada de trabalho começava, no entanto, às 3h, quando limpava escritórios para o pai de Frederico em outros bairros da cidade. Tinha uma mãe muito doente, que necessitava de cuidados hospitalares e por isso trabalhava durante a madrugada para bem de poder atendê-la durante o dia. Alejandra trabalhava somente aos fins de semana na limpeza do hotel e atendimento do café dos hóspedes. Tinha aproximadamente uns quarenta anos.

Alfredo havia começado a trabalhar no *Hostel* ainda na etapa de reforma do mesmo. Conforme o que aconteceu, e acontece no processo de aquisição dos imóveis na região sul da cidade, a casa onde estava localizado o *Hostel* havia sido comprada em 2001 e até ser completamente reformado o local ficou fechado. Durante esse período houve tentativas de arrombamento, ou seja, tentativas de tomada da casa. Segundo Tereza, em razão do pai de Frederico ser advogado, facilmente se retiraram as pessoas de dentro da casa, ficando Alfredo como responsável pela segurança da mesma. Paraguaio, Alfredo morava no hotel, em um pequeno quarto no segundo andar da casa, trabalhava de segunda a sexta, sendo que aos fins de semana ia para casa dos seus parentes na região do *conurbano* de Buenos Aires. Através dele que foi possível retornar outras vezes ao prédio da esquina, cuja reforma estava sob as ordens de Bruno – o arquiteto. Alfredo conhecia todos os trabalhadores desta obra e na companhia dele foi possível conhecer melhor suas rotinas. Paraguaios como ele, vindos de regiões em torno da capital *Asuncion* esses homens costumavam jogar baralho depois do trabalho, num dos quartos desse velho hotel. Após isso iam para casa, na maioria localizada na

região de *Avellaneda* e no bairro de *Constitución*. Extremamente calado e tímido, na companhia desses homens Alfredo era outra pessoa, risonho e extrovertido. Nessa ocasião, Cesar Augusto, que como Alfredo morava junto ao trabalho, chamou atenção para a quantidade de paraguaios que havia na região, destacando os populosos bailes localizados na zona de *Allevaneda* e de *Constitución*, onde só se tocava musica paraguaia.

Trabalhadores do *Hostel*, como Martha, Alfredo, Alejandra e Estela, porém integrantes de outro perfil profissional, Gustavo e Laura eram atendentes da recepção. Os dois falavam fluentemente inglês, espanhol e português e Laura também falava Francês. Tinham formação e experiência na área de turismo, Gustavo trabalhava aos fins de semana e Laura durante a semana. No trabalho da recepção ainda havia Rocio, titular de uma vaga que funcionava como um estágio de três meses, onde a cada novo trimestre o estudante era trocado por outro.

Como outros tantos *Hostels* espalhados¹⁰⁴ pelo Bairro de *San Telmo*, o *Noster Bayres* alugava quartos coletivos, com ou sem banheiro e possuía uma cozinha para preparo dos alimentos, no andar abaixo aos quartos. Durante o período de dois meses de estadia, todavia, foi observado um único uso por parte dos hóspedes, dessas instalações da cozinha. Com fluxo de turistas prejudicado por causa do surto de Gripe A, o turismo em Buenos Aires havia caído muito na época de agosto e setembro de 2009. Portanto o ritmo das ocupações era pontual, apesar de constante. Como hóspedes havia um rapaz de Córdoba que se hospedava no *Hostel* durante alguns dias, em função do trabalho; além dele, houve 2 grupos de jovens: chineses, ingleses; casais: brasileiros, espanhóis, italianos; grupos de mulheres: alemãs; famílias: alemãs e finlandesas.

Buscado mais por famílias e casais do que por jovens, o *Hostel* tinha na figura agregadora de Martha a garantia de uma boa relação com os vizinhos da rua. Foi ela que me levou até uma dessas casas vizinhas, localizada exatamente à frente. Era a casa de Tereza e Suzi, duas irmãs que nasceram e cresceram nessa mesma casa, e que hoje viviam sozinhas nesse patrimônio herdado dos pais. Em resposta a busca por interlocutores que vivessem no bairro desde antes da transformação da década de setenta, Fulco anteriormente já havia sugerido que eu conversasse com a moça que

¹⁰⁴ No site oficial de turismo de Buenos Aires, no entanto, há registro de 3 estabelecimentos de hospedagem para o bairro de San Telmo, em comparação com 13 listados para a região de Palermo e 31 na região da Recoleta e 81 na região do Bairro de San Nicolas que engloba o micro centro da cidade. A hospedagem em San Telmo, apesar de abundante, a notar pelas placas e letreiros disponibilizados nas portas dos prédios e das casas com porta para a rua, é uma hospedagem que esta ligada a uma rede de internacional de turismo, que não necessariamente esta ligada a rede oficial de turismo da cidade.

trabalhava no posto de informes da Feira de *San Telmo*, dizendo que ela era alguém que se encaixava nesse perfil. Essa moça era Suzi.

O exercício de deslocamento, que envolvia caminhadas por entre as ruas, foi acompanhado de longas conversas nas cadeiras dos estabelecimentos dos interlocutores ou em suas casas. Nessas ocasiões, além das entrevistas, era realizada a observação participante (Malinowski, 1976:25) junto ao armazém onde trabalhava Daniel e Luiz; junto a casa e ao posto de Tereza na feira; junto ao posto de Fulco na feira; junto à loja de Victor, no Pátio Ezeiza e junto ao atelier de Alejandro na Rua Balcarce. Entre esses dois movimentos foi possível construir uma descrição em torno dos ritmos desses habitantes do bairro a fim de descobrir uma habitação nele ligada ao comércio do passado, tanto como ao comércio de bairro. A formação dessa rede de relações pareceu estar no cerne da coesão da tribo que anteriormente mencionávamos. Uma rede que através dos códigos de vizinhança e de trabalho se formava, contrapunha e mantinha elementos ligados à tradição, por ora vinculados ao comércio local e de “bairro”; e os elementos ligados ao progresso, que por sua vez estava relacionado à instalação de novos estabelecimentos comerciais, como era o caso do empreendimento de hotelaria a qual pertencia o *Hostel Noster Bayres*.

Interseccionando tribos e redes de relações, a Feira de *San Telmo* mostrou-se não somente um lugar para a expressão do comércio cultural ligado aos movimentos de patrimonialização; ela era um importante lugar de trocas e de sociabilidade entre vizinhos de posto e colegas de trabalho. Uma feira é importante lembrar, que ainda se mantinha através do comércio de objetos velhos.

6.3 A Feira de *San Pedro Telmo*, Buenos Aires

Com diferentes fluxos de pessoas, porém de uma maneira uniforme o B. de *San Telmo*, aos domingos, e a partir das 10h30 e até as 22h é um bairro bem diferente aquele dos dias de semana. Na região do *Parque Lezama*, hordas de mães, empurrando carrinhos de bebe ou levando suas crianças pelas mãos, sobem as barrancas do parque em direção à sombra de algumas árvores. Casais de namorados circulam devagar entre os passeios do parque e alguns turistas circulam fotografando os prédios.

Cheias de turistas estrangeiros, as ruas também ficam repletas de visitantes de outros lugares da província de Buenos Aires e de outras províncias da Argentina que vem até *San Telmo* para aproveitar o fim de semana, para passear, tirar fotos, fruir as

feiras, os espetáculos de tango na rua, e as apresentações de Murga - que concentram no Parque Lezama e através da Rua *Balcarce* desfilam em direção a Rua Carlos Calvo. No intuito de ver e ser visto, esses visitantes se misturam com - os vendedores ambulantes, os vendedores das feiras, os atendentes dos cafés que entram e saem dos estabelecimentos equilibrando uma bandeja, os vendedores de comida, os artistas e os músicos – formando um fluxo de milhares de pessoas que sobem e descem o chamado eixo dinâmico – a Rua Defensa, desde a Rua *Cochabamba* até quase *Plaza de Mayo*.

Especialmente aos domingos, em toda a extensão da Rua Defensa - mais concentradamente da Av. *San Juan* até a Av. *Belgrano* - há muito comércio informal de artesãos, hippies, músicos, pequenos artistas, vendedores ambulantes de comida, suco, *maní*; vendedores de roupas, brinquedos, camisetas, porcelana. Os vendedores com araras de roupas e com produtos alimentícios: empanadas, pasta flora, pan *relleno*, café colombiano, suco de laranja - circulam pela rua, se misturando ao fluxo de pessoas que “desce” e “sobe” a Rua Defensa. Nesse trecho os artesões e o comércio “hippie” atiram panos coloridos no chão e o cobrem de mercadorias. Sentados junto ao meio fio das calçadas, eles a usam como banco para olhar o movimento enquanto vendem os produtos. Em ocasião desta prática, a rua inteira fica lotada tornando-se difícil, a exceção de onde há uma esquina, de ingressar em um comércio ou apartamento que tenha sua porta para a calçada. Esses vendedores andam geralmente em grupos: um casal com bebe, uma mulher com amigos, um homem e seus companheiros. Eles normalmente ficam sentados ao lado de suas grandes mochilas, com os amigos sentados ao lado, ou encostados na parede logo atrás ao meio fio, conversando e, algumas vezes, fazendo circular na roda uma garrafa de cerveja de litro. Essa disposição espacial quase não permite que se circule na calçada, pois são muitos panos no chão e muitos amigos em torno deles. A calçada faz-se, portanto, de uma espécie de fundos do posto de venda, um lugar privilegiado também para observar aqueles que desfilam no meio da rua, comprando coisas ou não. A grande questão dessa disposição espacial é que ela não permite um acesso livre aos comércios pagadores de impostos. O aumento no volume de pessoas que visitam *San Telmo*, nos últimos anos, fez com que os panos no chão e as araras nas calçadas aumentassem e com isso muitas lojas investiram em uma espécie de guardião para a porta da frente. Esse guardião geralmente é um homem, de quarenta e poucos anos, que cuida da entrada e saída da loja e controla a sociabilidade e a ocupação dos artesões da calçada. Tereza, que tem posto na Feira de *San Telmo* fazem mais de vinte anos, reclama muito dessa ocupação ambulante que se estabelece aos

arredores da feira impossibilitando a circulação e claro, atrapalhando as vendas. Fulco disse que essa ocupação é lamentável, pois tira do turista o dinheiro aos poucos: ele vai gastando, gastando aos pouquinhos, em quinquilharias, e quando vê foram cem pesos, quantia que ele podia ter investido em uma peça maior, mais artística, não “cosas chinas”.

Em torno da *Plaza Dorrego* o comércio é dividido entre antiquários e Cafés, basicamente. Em frente ao posto de Tereza, ainda há um hotel - na Defesa quase Humberto Primo - e um prédio comercial para alugar ao lado. Há também uma policlínica com entrada pela Humberto Primo, que fica fechada aos domingos. Na Rua *Defensa* com a *Humberto Primo* há os dois prédios mais altos do em torno, residenciais eles possuem lojas de antiquários na planta baixa. Na Rua *Betlem* há somente casas baixas, um dos espaços está por alugar e os restantes estão ocupados por antiquários.

Descendo em direção a *Calle Bolívar*, há hotéis, uma casa vazia na esquina, uma banca de revista e restaurantes/bares. Ainda na Humberto Primo, em direção a Peru, restaurantes de esquina, e principalmente prédios grandes residenciais, da década de 80 ou 70, ocupados embaixo por pequenos *talleres*, e comércios como *kioskos* e papelarias. É nessa direção que Alejandro disse que come, pois o custo era mais barato e os frequentadores eram mais “gente do bairro”. Do outro lado, na Humberto Primo em direção a *Avenida Paseo Colon* está a Igreja de *San Telmo* e em frente um colégio que funciona num prédio histórico, ao lado um prédio novo dos anos 70. Ao lado da Igreja há o Museu Penitenciário, e do outro lado uma pequena praça e uma quadra de futebol pequena que está sempre fechada¹⁰⁵. Do outro lado da rua está o patronato da infância, ex-PADELAI.

Na Rua Defesa em direção a Av. Independência há duas partes de ocupações comerciais. Nas duas quadras seguintes a praça, a maioria dos comércios são antiquários, e eles vão até a esquina da Av. Independência. Na esquina da Rua Carlos Calvo, há uma franquia das lojas de chocolates *Havanna* e um restaurante tipo bistrô, descendo em direção a Rua Estados Unidos, há lojas de design de roupas e objetos, uma garagem, uma entrada para o mercado de *San Telmo*, a galeria do cine Cecil e alguns

¹⁰⁵ Segundo Gabriel, o policial responsável pela guarda do Ex-patronato, essa quadra seria a única em muitos metros, onde os meninos poderiam jogar ou brincar. Falava isso porque enquanto conversávamos uns oito meninos em idade de dez anos aproximadamente, pularam o portão cadeado para dentro da cancha. Pelo juízo de Gabriel isso tão pouco era um delito ou algo não permitido, em face da falta de espaços para brincar. Isso me chamou a atenção, pela forma como os meninos o cumprimentavam e se punham a escalar o alto portão em direção ao lado de dentro, como vizinhos.

pequenos restaurantes velhos – onde se serve pizza com faina, e a decoração das paredes é feita de bandeiras de time de futebol.

Na Rua Defensa, atravessando a Av. Independência a ocupação urbana se modifica. Começam a aparecer mais galerias de arte, tabacarias, cafés, o sítio histórico *El Zanjón de Granado*¹⁰⁶. Repleta de casarios históricos, essa quadra, da Rua Chile com a Rua Defensa há uma tradicional pizzaria que tem cadeia por toda a cidade, a *El Continental* que assim como a *Havanna* funcionam como franquias e representam o presente de *San Telmo*, inserido na dinâmica da globalização das grandes cadeias e na lógica do consumo de massa.

Na pequena Travessa São Lorenzo há pubs, um escritório de engenharia, uma casa tomada, um baldio, uma espécie de centro cultural, a casa mínima e a casa do pátio, que é uma casa que tem ligação interna com outra casa na Rua Chile. Funcionando como galeria e espaço para oficinas em baixo, o local está completamente abandonado no primeiro piso. Segundo a única comerciante do local, a casa foi comprada por um espanhol, que a adquiriu, porém, não lhe promoveu reparos. Com pátio interno – e coberta por plantas e fungos nas paredes, a casa tem duas escadas diferentes que dão acesso ao piso de cima, que atualmente está com as portas das habitações todas abertas ou quebradas. Na rua paralela, Chile, ao contrário da Travessa San Lorenzo há uma profusão de cafés um ao lado do outro. Como acontece na Rua Estados Unidos, há na Travessa San Lorenzo uma feira de postos montados que se nominam como “artesanos da calle San Lorenzo”. Na Rua Estados Unidos, no entanto, a feira que existe é ligada ao movimento obreiro e revolucionário, declaradamente contra o atual governante da cidade, Macri. Somente a feira de San Lorenzo integra o circuito da Feira de *San Telmo*.

A partir da Rua Chile o bairro passaria a ter outro nome, Bairro Montserrat, porém a continuidade do fluxo do eixo dinâmico, na Rua Defensa faz com que todos ali respondam que estão em *San Telmo*. Nessa quadra há comércios pequenos de frutas, algumas *papelerias*, e cafés; há um estacionamento, prédios residenciais, o Centro Cultural Plaza Defensa, restaurantes, um museu do exército e a *Basilica de Nuestra Sra del Rosario y Convento de Santo Domingo*. Atravessando a Av. Belgrano há um trecho ocupado por grandes estruturas de ferro, relativas a reformas ligadas ao Casco Histórico. Todo esse trecho está em reformas: calçamento, pavimentação e imóveis. Nessa quadra

¹⁰⁶ Disponível em: [www.elzanjon.com.ar]. Acessado em setembro de 2009.

há Igreja dos Franciscanos e o *Museo De La Ciudad*, localizado numa antiga casa de família do bairro Montserrat.

Manejando a Feira desde 1970, o museu possui um departamento exclusivo para ela, acessado pelo ramal 208. A direção dele hoje está nas mãos de um homem, que segundo Tereza e Suzi, “foi criado por Peña” e cujo nome é Eduardo Vazquez. Totalmente regulada pelo museu, a Feira só abre novas vagas para ocupação de novos integrantes se algum dono de posto morre ou desiste dele. Hoje, como em 1970, o número de postos é o mesmo: 265.

Montados a partir de uma estrutura de ferro fornecida pelo museu - deixada na praça aproximadamente às seis horas da manhã de todos os domingos - os postos são responsabilidade do feirante, que arca com a mão de obra da montagem e desmontagem da estrutura, e com o deslocamento e armazenamento das mercadorias. No caso de chuva, a feira se monta igualmente, porém Tereza e sua colega do lado, Irma, nunca vão à feira quando faz chuva.

Segundo Peña, os antiquários foram os últimos a “chegar” na feira, que era exclusivamente de coisas velhas, e não necessariamente de antiguidades. Esse movimento de antiquários se deu na década de oitenta, período que Tereza considerou que foi o mais próspero da história de vendas da feira.

A feira funciona das 10h às 17h da tarde, porém Tereza sai de casa, na Rua Brasil, às 6h da manhã hora que começa a montar seu posto. Em torno das três e meia da tarde ela começa a desmontá-lo. Ela ainda tem um posto, que divide com uma colega, no mercado de *San Telmo*, onde vende os mesmos botões antigos que fazem sua fama na Feira, e algumas outras coisas velhas que ainda possui em casa.

O caráter familiar narrado por Susi, Tereza e Peña sobre o cotidiano da feira talvez tenha relação com o fato de que os feirantes são trocados com pouca frequência. Acompanhando Susi no posto de informes da feira observa-se a sociabilidade íntima que há entre alguns feirantes: que chegam, conversam, perguntando sobre questões familiares e cotidianas uns aos outros. Antes mesmo de conhecer Tereza e Suzi, Fulco, já havia se referido sobre essas irmãs ressaltando que tinham uma história um pouco triste, fazendo referencia a morte abrupta do esposo de Suzi. A rede proporcionada pelos trabalhadores ligados a Feira, promovia a circulação de histórias pessoais que unia e estabelecia as diversas redes de feirantes que ali se estabeleciam.

A rede mais próxima de Tereza, composta por Irma, sua vizinha de posto e por outros dois vizinhos de numeração, se mantinha fisicamente unida em razão da sua boa

pontuação no concurso de fantasias da festa de aniversário da Feira de *San Telmo*, que ocorria no segundo e terceiro fim de semana do mês de novembro. Promovida pelo Museu a festa era integrada por essa atividade, onde cada rede escolhia um tema e se fantasiava de acordo, promovendo uma espécie de teatro ao público circulante. O primeiro lugar do concurso tinha o direito de escolher o seu local na Feira, o restante se distribuía conforme um sorteio, que sem falta ocorria a cada novo ano. Segundo Peña isso era importante para a circulação e interação entre os donos de postos, porém, essa não era a visão da rede de Tereza. Diferente de outros donos de postos, Tereza, Suzi e Irma eram totalmente partidárias as iniciativas e atividades do museu. Suzi além do trabalho no posto de informes atuava na montagem das exposições – ligadas a artefatos do cotidiano *porteño* - no interior do museu. Como Fulco, ela e Tereza tinham uma trajetória profissional ligada ao teatro argentino. Suzi tinha feito parte de diversas companhias de teatro na década de setenta, e percorrido o país com seu grupo de teatro: “os 33” onde atuava e montava as peças. As atividades do museu, a exemplo da festa de aniversário da feira eram sempre grandes oportunidades para as irmãs representarem.

Para Tereza estar na feira já era estar representando, opinião que Fulco também partilhava. Vestida com um grande chapéu colorido bordado com botões, e usando uma jaqueta onde se lia nas costas o nome do seu posto “El divino botón”, Tereza não se intimidava com câmeras, olhares e perguntas, sempre com uma boa anedota para trocar com os clientes que não raro paravam para olhá-la. O espaço da feira como espaço da rua, conforme ressaltam Abraham Moles e Elisabeth Rohmer evidencia o caráter de passagem, re-encontro e descoberta relacionado à última, fazendo da primeira um micro-evento (Moles & Rohmer, 1982:147) que transforma e condiciona uma forma de interação jocosa, universalizada na pela categoria Feira.

Vestido quase sempre de vermelho e preto, para estar na Feira Fulco não abria mão do seu chapéu de feltro, do lenço estilo gaúcho e do bigode grande que se destacava no seu rosto. Também fazia uso de um sino, do qual puxava a corda ou para receber um bom espírito, ou para se livrar de um mau pensamento. Dono de um grande bigode, Victor também compunha um personagem para a venda dos seus objetos, na pequena loja chamada Argot, que ele mantinha no interior de uma casa antiga, na Rua *Defensa*. Porém sobre ele nos ocuparemos no próximo item.

O ritmo de vendas da Feira pareceu inicialmente ter relação com fluxo de pessoas que a freqüentavam conforme se pode ler no diário de campo de 16 de agosto de 2009:

“O horário de maior circulação é mesmo em torno das 17h, nessa hora a rua é tão cheia que mal dá para caminhar pelo ritmo próprio. Há que se cadenciar pelo trote dos turistas que sacam fotos dos prédios, das apresentações culturais, dos músicos, apontando suas lentes compridas para todos os lados. O som é de uma mistura de inglês, alemão, japonês, espanhol, aliado ao “psss sissss psissssis” dos ônibus que passam na rua do lado da Defesa: Rua Bolívar. O som dos diversos tipos de tango que se pode escutar ao longo da rua, vindo de palcos improvisados e amplificadores ligados pela ajuda do comércio vizinho também se misturam no ambiente. Os cafés nessa hora estão cheios, e se vê gente entrar e sair deles em cada esquina. A esquina é privilegiadamente o lugar dos cafés, e a “vuelta” privilegia a observação, já que as mesas internas junto às grandes janelas de vidro deixam ver o movimento da rua. Essa sensação de estar observando o movimento da rua através das grandes janelas dos cafés é uma experiência que tive hoje pela primeira vez, dia 16, quando por convite de Alejandro saímos de sua oficina para nos esquentarmos com a bebida. Foi então que conheci talvez o mais popular café da Praça Dorrego, e o mais antigo, chamado *Plaza Dorrego Bar*, que fica na esquina da Humberto 1 y Defensa, ao número 1098.”

Para aquele que trabalha diretamente na feira, que é o caso de Irma, Tereza, Fulco e Victor a hora relatada no diário, a das 17h da tarde, apesar da grande circulação de pessoas, é a pior hora possível para as vendas. Segundo os feirantes a essa hora os clientes em potencial já foram embora e a rua começa a ser tomada por jovens, *murgas*, transeuntes sem interesse de compra. O fluxo troca, não é mais um vai e vem até praça. Ele torna-se um só, em direção a Rua Chile.

Nessa hora apenas alguns donos de postos ainda estão desmontando a estrutura metálica, como é o caso de Fulco. Nas ruas tem que se tomar cuidado para não ser atropelado por um carro carregado de sifões de vidro coloridos ou outros lotados de caixas com grandes artefatos em ferro. O som desse desmonte é feito pela mistura: do atrito da estrutura de ferro com a pedra do chão; dos gritos dos carregadores solicitando espaço entre a multidão; do ranger dos carrinhos descendo e subindo as calçadas da feira e do som dos objetos sendo embrulhados em jornal e colocados em caixas de papelão. A maioria das portas das casas em torno do perímetro da praça, a essa hora encontram-se abertas para receber os carrinhos com a mercadoria não vendida. São casas que funcionam como depósito, guardando os objetos de cada posto até o domingo seguinte, dia de feira. Esses objetos são o patrimônio de venda de cada um dos donos dos postos, capital acumulado, dentro das caixas, enrolados em jornal ou em sacos plásticos eles já não possuem a magia que o cenário da loja ou da feira os confere. Sobre

essa magia dos objetos, ligado ao papel da troca e da mediação, dialogaremos com Victor, no próximo item.

6.4 Os objetos circulantes e o comércio da memória

Victor é dono de um comércio de antiguidades e *chirimbolos* chamado Argot. Um negócio que fica na *Calle Defensa*, 1179, numa antiga casa da família, de sobrenome *Ezeiza*. Ele é um homem de cinquenta anos, casado, pai de dois filhos. Filho de pais que tiveram um único emprego no decorrer de toda a sua vida profissional, ele não tinha recebido deles o capital simbólico que facilitava o acesso no mercado de antiguidades, porém circulava nele. Questionado sobre a origem da palavra *chirimbolo*, que consta no cartão de apresentação de sua loja, ele disse:

- La palabra Chirimbolo? De un lunfardo Argentino. Lunfardo Argentino, sintetizado em Buenos Aires y en la zona del Puerto, en lo siglo pasado, siglo desenuve, fin de siglo desenuve, principio de viente, llamavan esta zona, que era zona portuaria, san telmo, era zona de puerto, veniam muchos imigrantes, italianos, turcos, arabes, espanholes y juntavan todos por acá entoces como se cada uno trazia su idioma nativo y van haciendo una mezcla de palabras y generaran la sintesis de determinados objetos en conjunto, cosas de poco valor, así como degradatoria no? Chirimbolos, cosas poco útiles, Chirimbolos...

Descrevendo *San Telmo* a partir da imagem de uma “solidariedade orgânica” (Maffesoli, 2006:171), constituinte das sínteses promotora de partilhas, as coisas pouco úteis significadas na palavra *chirimbolo* diziam muito daquilo que Victor vendia em seu negócio e que em grande quantidade circulavam em *San Telmo*.

- Ahora me parece significativo que supieras que es que el Argot, el nombre de mi negocio, tiene cosas mágicas, porque en un libro que leí, sí me comentaba, me interava en algún momento que Argot, que el Argot es como que un lunfardo en el sur de Francia, sur de Paris, sur de Francia, que conglomeraba gente que venía de distintos lugares, formávam como que un Argot, sí? Un lunfardo... Y la palabra Argot, sí, para mi estaba limbada también de otras connotaciones, otros significados que tiene que ver con lo universo, sí, este, era un libro que estaba leyendo, de gente que venía del planeta argot, es fantástico no, yo estaba leyendo y me parece fantástica la historia, ah que linda, pensé en un momento que sí, cuando tenga un negocio, que yo estaba con un plan de tener un negocio, voy a llamar Argot. Por lo universo Argot, me dice no.

Como foi ficando claro durante as várias entrevistas que realizamos Victor, via nas palavras, assim como nos objetos, constelações de imagens que longe de comporem uma forma ingênua de enxergar o comércio deles, estavam ligadas a mesma dimensão

que Carla e Ainsley agregavam aos objetos quando se referiam a eles como catalisadores de vínculos e lembranças.

As coisas sem valor, degradadas, partilhadas em um gueto compunham a explicação de Victor sobre o sentido dos objetos no qual trabalhava. Não que os objetos que vendesse literalmente estivessem sob essa categoria, porém Victor os classificava assim para diferenciá-los das antiguidades e para dar-lhes uma lógica de coleção que os reunia em torno de sua loja. Oriundos de diferentes lugares, procedências, tensões, contextos e famílias os objetos que ele tinha na loja não podiam ser facilmente classificados por época, estilo, linhagem, escola ou forma de fabricação, categorias que facilmente definem a antiguidade de uma peça. Não raro enquanto conversávamos em sua loja apareciam vendedores, mulheres, crianças e idosos, oferecendo a venda toda sorte de objetos cotidianos. E essa era a dinâmica da compra nos postos das feiras, das galerias e das pequenas lojas como a de Victor. Uma circulação de objetos feita porta a porta, oriundos de sótãos, porões, cantos de antigas casas velhas; circulantes em face da reforma e transformação do espaço dessas casas ou prédios; e circulantes por razões econômicas, onde o êxito da valorização monetária da cultura cotidiana rendia o sustento de famílias que tendo esses objetos em casa, os vendia em troca do dinheiro complementar à renda familiar.

A linguagem do Argot, no entanto, partilhada entre alguns poucos que dominam seu universo fantástico e fechado parece muito própria para denotar as histórias que reúnem os portadores de determinados objetos. Como descobrimos na lógica da transmissão deles, no contexto das famílias de Ainsley e Carla.

Em diálogo a um projeto de ascensão social pelo trabalho com os objetos e antiguidades, Victor havia instalado seu estabelecimento comercial em uma casa muito antiga no bairro e estar nela, em relação à avaliação que faz de sua trajetória social, era estar “progressando”. A descrição dessa casa pode ser conferida no trecho do diário de campo realizado dia 9 de agosto de 2009. Nele vemos a observação da pesquisadora a uma dinâmica na lógica de uso dos espaços das casas e prédios do fim do século XIX. Conforme foi sustentado no decorrer dessa dissertação o uso dos espaços denota e representa o contexto no qual estão inseridos, no caso de San Telmo, notamos como esses prédios e casas - na atualidade, tombados pelo Casco Histórico do município - por seu tamanho e referencial estético, estão, no presente, destinados a usos comerciais relacionados ao consumo.

A construção onde sua loja está localizada, a exemplo do que também ocorreu no hotel onde vivo, passou por diferentes usos até os dias de hoje. No caso do meu hotel, começou sendo uma casa de família, passando depois a casa de famílias, depois, passou a hospital para crianças, fechado o hospital, a casa foi tomada por alguns anos, e então só depois, virou hotel, em 2002. O caso da casa dos *Ezeiza* não é muito diferente: casa de família, hospital, casa tomada e depois, no início do século 21, galeria para comércio. ‘El Patio de los Ezeiza’, como pode se ler na placa ao lado da porta que dá acesso a essa ex-vivenda de família, tem dois pisos. A planta baixa é dividida em três pátios internos que são percorridos à medida que nos direcionamos ao fundo da construção. O corredor de passagem fica a direita, e à esquerda ficam os estabelecimentos comerciais. Essas lojas ocupam as antigas áreas internas da casa, e em média o espaço de cada loja é referente a um quarto. As portas das antigas “habitaciones” são altas e pesadas, divididas em duas folhas e abrem metade para cada lado. No primeiro piso, há uma sacada com vista para a planta baixa que acompanha toda a construção. Há duas ‘terrazas’ nesse piso em forma de quadrado, o piso delas faz a cobertura que divide os pátios da planta baixa. É uma casa que não está totalmente restaurada, porém esta minimamente conservada. Ao ir ver Victor à tarde, era comum encontrar funcionários trabalhando em melhorias: troca de cabo de luz, concerto de eletricidade, reparação de rachaduras, reparo de tubulações. Era uma equipe que sempre estava lá, colocando suas gigantes escadas por cima das portas, se ocupando do cuidado da casa. As lojas pelo que observei estavam totalmente ocupadas: por artesãos, artistas, antiquários, briques, havia um único bar/restaurante no piso de cima, e outros comércios de regalos na parte de baixo.

O pátio, também batizado de *Pasaje de la Defensa*, era uma das casas integrantes do Casco Histórico em *San Telmo*. Localizada numa quadra onde tanto de um lado como de outro havia lojas de antiguidades, é em uma revista brasileira especializada em objetos e antiguidades¹⁰⁷ que podemos encontrar uma pitoresca descrição desse espaço:

PÁTIO DE LOS EZEIZA
BUENOS AIRES (Argentina)

Ir a Buenos Aires e não visitar a Feira de San Telmo, no domingo, é como ir a Roma e não ver o Papa.

São mais de 500 antiquários comercializando toda sorte de antiguidades, objetos de arte, decoração e colecionismo, que estendem suas barracas para muito além da *Plaza Dorrego*, a mais antiga da cidade depois da *Plaza de Mayo*.

O bairro de San Telmo é, na verdade, o local de fundação da capital argentina e onde as famílias aristocráticas viviam até a metade do século XIX, em mansões que ainda resistem na redondeza, como o Patio de los Ezeiza, por exemplo, conhecida também como *Pasaje de la Defensa*.

Depois de restaurada, a residência em estilo colonial dessa tradicional família portenha foi transformada numa galeria de antiquários, em 1981, na mais concorrida rua desse bairro: *Defensa*, 1179.

¹⁰⁷ Disponível em [\[http://www.revistaretro.com.br/anter_02_full.htm#OLHO%20M%C3%81GICO\]](http://www.revistaretro.com.br/anter_02_full.htm#OLHO%20M%C3%81GICO)
Acessada em agosto de 2009.

Cheio de pequenos lugares comuns o texto é uma importante descrição do mito¹⁰⁸ de fundação do bairro, centrado no exílio forçado - de *San Telmo* em direção ao Bairro Norte – feito por famílias aristocráticas da cidade de Buenos Aires, diante um surto de febre amarela, que assolou a zona no século XIX. Frases como: “local de fundação da capital argentina” e “Ir a Buenos Aires e não visitar a Feira de *San Telmo*, no domingo, é como ir a Roma e não ver o Papa”; chamam atenção para a grande difusão do caráter histórico do bairro, ligado a suas construções residenciais, mansões e prédios públicos e sua suposta evocação de tempos de outrora, sempre vinculados a riqueza, a beleza, a história e a raridade.

O mercado de antiguidades em *San Telmo*, na qual Victor e Alejandro estavam inseridos diretamente e o restante dos interlocutores indiretamente, através da Feira de *San Telmo* toma outra dimensão se pensado através da teoria da troca social de Marcel Mauss. Fechado e auto-regulado esse mercado resulta numa escala ética importante para pensar as transformações no bairro, e a relação - entre objetos antigos e antiguidades – ambas, dimensões que estão presentes em seu contexto de transformação. Para Mauss “o mercado é um fenômeno humano que não é alheio a nenhuma sociedade conhecida” (2003: 188), de caráter universalista, ele estrutura as sociedades, onde os valores trocados nele especificam a forma como ele se apresenta.

Geralmente instalados no interior de lojas com grandes vitrines, o mercado de antiguidades não funciona na rua como a feira, é feito ao telefone, através de e-mail, por contatos entre uma rede de colecionadores e vendedores especialistas. Toda a sorte de objetos vendidos na feira compunha um panorama cotidiano da cidade, que não necessariamente tinha valor econômico de antiguidade. Falando sobre seu trabalho em *San Telmo*, Victor nos ressalta algumas diferenças sobre os valores relativos a esses objetos:

- Yo hasta dez años aproximadamente era un pasaro libre. Com mi cuerpo ia donde queria, y cuando decidi instalarme tenia que lograr que esto fuera unido donde iba permanecer mucho tiempo, para mi forma de estar em mundo que es activa... ay houve un proceso de adaptación que afortunadamente lo tengo todavia, por que me vengo com gusto, estoy con gusto y me voy com gusto, porque eso también es un lugar de trabajo, no es otra cosa yo no puedo hacer la ilusión que estoy en mi cueva, porque és un lugar de trabajo. Acaba que me vengo a trabajar, que me vengo a producir, en particular me vengo a transformar las cosas en diñeiro, sí, por esto estoy vivo. Entoces, estes cuando no se dá, uno tiene que ir vendo que cosas, donde estan la necesidades de los cambios para que producidos estos

¹⁰⁸ Cf. M. Lacarrieu; R. Bayardo; M. Carman, Espacio, tiempo e imaginarios en el centro historico de Buenos Aires,1996.

generen interese que la gente venga y compre, por esto estoy modificando, transformando, lo que antes era un lugar de antigüedades y chirimboles y algunas antigüedades transformarlos en las cosas que fueran otra ora viejas o viejidades se transformem en cosas como que mas modernas, más, más común a lo gusto de los jóvenes, porque los jóvenes me son de repente os que me van a comprar.[...] los jóvenes con dinero sí, y también, lo interesante que los jóvenes que no tienen dinero sí, puedan arreglar conmigo y lo voy pagando, y cuando termino de pagarlo me lo llevo, cosa que llevo a me pasarme y me parece bien no, como que las cosas tienen, lo aceso a las compras, cualquier cosa, para todos, que seya para todos, que no seya ah un lujo venir y comprar en san telmo. San Telmo como que tiene [...] tiene una cosa fantasmagorica de ser un lugar caro, sí. Hay de todo, hay lugares que son muy caros y hay lugares que son más accesibles... esta es una galeria, yo no pago muchos alquileres, soy mi único patrón - hace comillas en la aire-. Los precios son relativos estan relacionados muchas veces a los precios que compran las mercaderias. Esas cosas que alguno no valoran como discos de la década de sesenta, discos que acá los escuchamos, como de pasta y de este material que no me acuerdo como se llama...

- Vinil? - pergunto

- Hay gente compradora de estos objetos, y como que compro barato y lo vendo barato no, hacemos esas cosas.

- Hablamos ayer sobre ese valor relativo de los objetos, que es relativo como que lo precio de compra...

- Seguro

- Porque como es relativo decidir o que es viejo ...

- Lo conocer, lo saber sí, uno a medida que va trabajar en distintos metieres, en distintos trabajos específicos, uno se esta despierto, va atentando que cosas tienen cualidad, que cosas no tienen cualidad, va ubicando las épocas en que fue criada en que contextos social también por que hay distintos productos para distintas clases sociales, porque siempre hugo juegos, juegos entre comillas, hablamos de lo lúdico para gente que tiene mucho dinero y para gente que tiene poco y gente que tiene la media, este degrade de valores también necesitan ser contados de alguna manera, sí, entonces esta bien que haga gente, negocios especializados en la materia y otros como yo que tienen un kiosko y que pueden tener eses objetos que son simples pero que tienen un sentido, estéticamente lindos no, como por ejemplo ese payacito – pega lo payacito de porcelana y lo manipula - que es una industria argentina de la década de sesenta, una buena porcelana, una linda porcelana sí – suelta lo payacito en la mesa otra vez – me mira y toma otra vez lo payacito en la mano y dice: ‘no lo quieres comprar? esta barata’ – risos.

Como já havia observado em Porto Alegre (Gutterres, 2008), Victor resalta como o tempo conta na formação de um especialista em antigüidade, tanto para aquele que vai comprá-la quanto para aquele que vai vendê-la. A garantia de que aquele objeto é genuíno, que o estado está perfeito, se foi restaurado ou não, qual o material usado, a que época histórica - escola ou estilo - ele pertence; são informações que são passadas pelo vendedor. A confiança nele é a confiança na loja, é a confiança no valor do objeto que será comprado.

A transformação do gosto, - e a relação da passagem do tempo, na definição daquilo que era cotidiano antigamente - se torna um fato importante no arranjo estético dos objetos, nos postos, feira e lojas como a de Victor. Da mesma forma que numa casa algumas fotografias têm mais destaque que outras no aparador e alguns objetos são ressaltados nas paredes ou móveis, o destacamento também é produzido na arrumação de uma loja. Seguindo outro campo de valores, porém dentro de uma mesma lógica de seleção, o objetivo de Victor é que os objetos vendam, circulem, porque aí seu negócio estará funcionando.

Diferente, todavia, da dimensão que os objetos antigos tinham para Carla e Ainsley, o vendedor de objetos está preocupado com o valor econômico dele e que por sua vez está relacionado, como aponta Victor, a diferentes contextos sociais, de gosto e de mercado.

Nas palavras de Victor, no entanto, a magia dos objetos, também está ligada a sua trajetória social como comerciante de objetos e a sua instalação na região de *San Telmo*, um lugar onde a tradição está na base dos processos de valorização cultural e econômica do bairro. A capacidade de assombro como a capacidade de deslocar-se no tempo é trazida por ele para justificar aquilo que move e reúne algumas pessoas em torno do bairro, porém que também as diferencia de outras. Definir-se como mediador ou invés de comerciante, é uma adesão de Victor que também fala sobre um estilo de vida da qual ele se vincula e dos valores que agrega ou procura agregar para diferenciarse no seu trabalho.

- Es mucho interesante para mi saber que mi vida tiene un sentido, sí, a margen de felicidad que uno tiene por cuestiones de la amistad, de pareja, de hijos, de distintas cuestiones y también que uno tiene sentido en lo laboral de acuerdo a que uno cree que es lo siente internamente, que es lo sentido de su vida, me siento comodo, entonces en el rol de comerciante es muy frío sí – hace unos gestos con las manos donde evoca lo gestual de la compra y de la venta – compro... entonces el cambio, el rol de mediador me da un sentido más verdadero a lo que quiero sentir a pesar de que soy, vivo de lo comercio pero en realidad también puedo ser feliz se te regalo esto y mas feliz se me dan veinte pesos por esto. Es un poco así, como un sentido, como o que verdaderamente me hace bien.

- Y como iniciastes em ese...

- Por accidente. Por accidente, muchas cosas buenas suceden por accidentes, entendiendo accidentes algo que uno no busca, de repente se presentan, que en la realidad no se esta buscando, o cuando se presentan uno no ve.[...] Ayer en la década de ochenta tuvo en una métier de compra y venta de objetos y en aquella entonces compraba y vendía televisores usados en blanco y negro y los ofrecía eso como segundos televisores para la gente que necesitaba entre comillas... tenia que buscar, tenia que atar dos puentas, alguien que tenia y alguien que necesitaba, hacías esas cosas no,

entonces, en un lugar determinado a comprar los televisores, un sótano de un edificio y en ese edificio había un cuadro, muy grande, como de noventa centímetros, largo cuasi un metro diría – mede con las manos, expandiendo los brazos en el aire – por dos metros de altura, eran tres mujeres cortando flores en un jardín, era hermoso el cuadro y lo vi como tirado, lo vi como propenso a ser lastimado sí, era gente que no, se lo habían regalado pero ocupaba mucho espacio y lo habían tirado ahí. Entonces le ofrezco un dinero por el cuadro, me lo dan, o seya, yo lo compro, era mucho dinero para mí en aquel momento entonces lo necesito venderlo rápido, vengo a San Telmo, lo convierto en un dinero mayor - toca el teléfono, Victor levanta y se va en dirección a lo teléfono [...] desde que me instalé en San Telmo, no acá, porque acá, esta es una segunda instancia, en una primera instancia estuve instalado con este amigo conforme comentaba a recen, instalamos donde hasta lo año sesenta funcionaba un cine, sí desde el principio del siglo hasta 63, al siete..., no me recuerdo el número preciso, funcionaba un cine. De acá hasta cinco cuadras, llamaba Cecil. Transformado en los años ochenta en galería dividida muy simplemente, estebe ay, nos iniciamos con Alejandro en esto que araña, Alejandro Ávila un amigo, este que es muy interesante en eso que hazeres hoy, y nació lo que hace hoy también hace más o menos diez años. Porque probamos comercialmente y lo dejo, lo de él es la creación y comenzó a crear objetos y lo que aquí se denomina la fundición. Objetos muy lindos y él tiene, es muy habilidoso con sus manos entonces talla cosas también, lo da terminaciones a los objetos. [...] se me preguntan, o me preguntan como me veyo aquí diez años (suspira) este lugar voy seguir teniendo y un espacio de garden en otro lugar quizá vendiendo carros, o objetos de labranza, porque con la nueva tecnología todos esos objetos son como que de museo para que entonces yo imagino que va estar bien que la gente viene y visite “como trabajaba la gente (risos) hasta lo siglo pasado” como su tecnología, sus enormes tractores, sus enormes moles, hacen un trabajo que antes hacían esas personas que óooo (imita alguien con mucho cansancio) trabajaba como, a ver, a tracción a sangre, o a caballos, a burros... quizá yo me veyo así. [...] hay dos miradas por lo que me ocurre, una la de quien se sorprende y dices: oiya, eso y dice como llegó hasta ahí, a esta situación, como una casa tan vieja se mantuvo a ciento y pico de años, mira, que construcción solida, y otros que pasan sin ver no, nada (gira la cabeza como se mirase a los lados), hay de todo. Hay de todo, a mí me sorprende que la gente que entra por la primera vez en un lugar como ese, vaya hablando de un tema, ajeno a este momento de estar paseando por acá. Esas cosas yo las puedo distinguir, porque me actitudes es pasivas, yo lo puedo ver o que pasa por acá. Y también están los otros que ah sus caras de asombro, sí es muy interesante eso.

A categoria assombro, da qual usa Victor, esta relacionada à capacidade de enxergar, mais do que a capacidade de ver. Mais do que um lugar de antiguidades, ele parecia se referir a *San Telmo*, como um lugar onde a possibilidade de enxergar estava facilitada pela presença constante desses “quadros sociais da memória” (Halbwachs, 2005:96) da qual os objetos eram ilustres representantes. Enquadramentos da vida social, que são resgatados por intermédio de um objeto, uma cena, um fragmento do passado capaz de reunir na sua existência todo um conjunto de práticas da qual um sujeito se reconhece, mesmo que não necessariamente a tenha vivido. Essa dimensão do

objeto feita por Halbwachs, no entanto não evidencia a tensão que como já vimos há por de trás da construção de um possível quadro da memória. No caso do bairro de *San Telmo*, esses quadros são reforçados por práticas de circulação urbana que buscam na exaltação de um momento cultural da cidade, a instituição de uma memória coletiva através dele. Porém, conforme vínhamos vendo, para essa instituição alguns espaços se transformam e nessa transformação escolhas estão sendo feitas e esquecimentos são gerados por lembranças; e por sua vez também evidenciam intenções econômicas e políticas específicas.

A lógica do instante, no entanto, conforme irá ressaltar Victor, fundará tanto a narrativa construtora do seu projeto individual ligado ao trabalho em *San Telmo*, como instituirá a conexão que a circulação dos objetos pode proporcionar aquele que circula. Essa dimensão do presente como núcleo que polariza as diferentes histórias pessoais em tornos de instantes carregados de sentido, é o que fazem os momentos mágicos, que nada mais são segundo Victor, sobreposições temporais.

- Yo fue quizá afinando el gusto también, porque me familia no era de dinero no, de fuente trabajadora, pero había familias que habían venido de Europa, este mas acaudaladas, tenían otra estructura, otra, otro modário, entonces eso es una solidez, otra manera, entonces me fue afinando el gusto [...] todo depende del sentido, del momento, la oportunidad, solo lo quiero decir que hoy yo encuentro un tronco de madero en la mitad de la calle defensa y san juan no vale nada, quizá yo lo corro, pero eso mismo tronco en la mitad de un río cuando naufrago el barco que iba, ah es muy importante, na verdad me parece que esta sujeto a ese tipo de mirada no, porque, hay gente que todas esas cosas le parecen viejas, cuasí un nada y hay otras que sí, que valoran no ¿ y esta bueno, esta bueno también despertale una memoria dormida ahí, como me paso en una oportunidad, tuvera un carriño de bebe decorado con una estampa de los años setenta, sí? Y una mama, una mujer que pasa y dice, este es lo carrito en que me llevaban a mí y en que yo luego le regale a mi hija y este es lo tapizado que le puso mi hija, y la mujer se puso a llorar, terminamos siendo amigos, sí, terminamos siendo amigos, pero en realidad ay aí una anedota, algo así muy fuerte que na realidad en la contada esa no tiene la forza emotiva que tuve en aquel momento, creo que fue mas mágico, mágico.

- Sí, Argot, no ¿

- Argot (rimos), claro, Argot, sí es una emoción bastante, como que demodé quizás, la actitude de estar agradecido, yo estoy internamente muy agradecido a mis padres, a mis hijos, a mi medio, a pesar de tantas pálidas, a pesar, pasan cosas buenos, y que no son importantes, entre comillas no son importantes para el medio, por eso no vejo en la tv, a tomar ese momento por ejemplo, los medios no

vienen a capturar esa cosa linda que dos personas totalmente ajenas una da otra y eso parece que no va a existir para otro, pero eso si me queda en mi memoria emotiva, queda como una cosa muy interesante, y así como esto muchas otras situaciones que se fueran viviendo, anedotas que valen para la emoción del momento. Después de la contada perden peso, mas que existir, existirán.[...] a mi me parece que son dos encuentros, son dos intenciones, o sea, la intención que media, entre los encuentros - (saluda un colega con la mano) – saludo a un amigo, hablaba de esas dos intenciones, de esas dos energias de repente, son canales de expresión fácil y, y tiene un sentido se hagan fácil, y en otras oportunidades no se dá, y se no se dá no tiene en cuenta, cuando se dá es que uno tiene en cuenta, cuando no se da, no se da, no pasa nada. Sí se da, oh que lindo, insisto, eso es como que se busca sin buscar, se encuentra, internamente uno esta buscando, con una antenita no ¿ afortunadamente existe esas cosas de la pasión, de lo espirito, de las personas, tenemos vida, y esa vida tiene energía y esa energía despierta el futuro, hace valorar el presente en la verdad tiene un monton de energía acumulada en esa expresión de vida y toma la dirección que quiere, que se yo, de repente uno puede elegir estar sentado charlando de este momento, de esas cosas que algo, tiene que hacer previamente para que se pueda concretar, esa intención que yo creo que no es mágica, hay una intención, lo otro si fue mágico, en lo sentido de la oportunidad, es mágico, porque hay cosas que se pueden y tiene que coincidir en el momento y el tiempo, o sea, el tiempo, la predisposición, la actitude, y el tiempo tiene que a ver dos coincidencias, y afortunadamente existirán esas dos cosas. Se funcionó la predisposición y el tiempo, una sucesión de presentes, una sucesión de actitudes que hacen un presente muy lindo. Me gusta eso, como voy llevar o que voy hacer en el presente y también lo que hice en este presente, sí, como atitude, como forma de estar, para que, para que cuando tenga que procurar en la memoria, pueda resgatarla fácilmente, cuando uno puede imaginar una proyección, también puede capatarla fácilmente. Yo en ese metier tengo que estar muy esperto para diferenciar lo que es un lindo payasio murano y lo que es un lindo payasio hecho en china, con una cualidad distinta y todo eso, esas cosas uno tiene que estar despierto para no equivocarse. Y es un poco así la metier de ese espirito de explorador.

A intenção mágica do encontro, proporcionada pela troca dos objetos possibilita segundo Victor, o encontro, aquilo que se está buscando sem buscar. O passado não vivido, representado pelo objeto antigo, a partir da noção da magia - une os admiradores torno dele. No relato de Victor, a magia ganha uma nuance que nos leva a pensar na ligação do objeto com um mundo fantástico – catalisador da conexão a um passado, o objeto se torna a própria condensação de um aspecto dele. Onde a simples existência dele é garantia do desejo da sua conservação e da sua continuidade, mesmo que reunida a novos contextos e particularidades. A circulação dos objetos,

proporcionada, como coloca Gilberto Velho pela lógica globalizada dos contextos das sociedades complexas, através do consumo encontra a possibilidade de permanecer, na lógica descontínua que permite a duração de certo sentido, uma vibração que está para além do contexto onde foi originado ou produzido.

As coisas velhas, ou os *chirimbolos*, como reconhece Victor, não fazem parte do mercado de antiguidades e dessa forma se relacionam de outra forma com o seu contexto de origem. Diferente da antiguidade, o contexto dos *chirimbolos* não segue parâmetros para ser mensurado senão o do valor agregado de alguma lembrança, ou de algum esquecimento. Elos fundamentais dessa dinâmica entre o lembrar e o esquecer os objetos *chirimbolos* fazem parte desse universo que agencia visão de mundo, cotidiano, geração e transmissão, conforme vimos nos capítulos anteriores.

6.5 O objeto e seu caráter anacrônico

Falando das sociedades que nos precederam, no início do seu Ensaio Sobre a Dádiva, Marcel Mauss (2002:189) irá dizer que “antes da instituição dos mercadores, e antes de sua principal invenção, a moeda propriamente dita”, antes das formas modernas do contrato e da venda, que envolve a moeda oficial, poderíamos ver como a moral e a economia regia essas transações.

Geralmente por gostar de antiguidade ou ter disposição para adquirir o conhecimento sobre os objetos e as pessoas que circulam na loja e no mercado, o vendedor acaba adquirindo status de colecionador. Um sujeito que trabalha na maioria das vezes sozinho, rodeado de dezenas de lustres; porcelanas antigas; cristais; aparadores; quadros; bustos; santos; brinquedos de épocas e procedências distintas; no momento que é abordado por um comprador é como se ele assumisse a posse dessas peças, e falasse a partir delas. O vendedor adquire nessa hora o status de conhecedor, o status de colecionador daquela quantidade de objetos.

Conforme o antropólogo Gilbert Durand, em sua obra *As Estruturas Antropológicas do Imaginário* (2002), o imaginário exige que os contraditórios sejam pensados numa síntese. Portanto, quando irá falar de história, falará de uma síntese histórica, ou seja, uma história que contempla os estilos e as formas de pensamento de todos os povos no tempo. Aderindo a essa linha de interpretação - como forma de pensar como os povos organizam suas ações e transformações no tempo - podemos pensar a construção da antiguidade para as peças vendidas em estabelecimentos como o de Victor: com objetos oriundos, de mais uma das construções históricas possíveis e

imaginadas pelo homem. Pensando dessa forma podemos compreender melhor o que é agenciado por quem adquire uma antiguidade dentro das representações da história ocidental, da história da nobreza, da história da riqueza. Representações que esses sujeitos – que compram e que vendem - percorrem na construção de uma explicação para o valor de antiguidade desses objetos.

Para dar conta da composição do que ele chamou temporariamente de “diversos”, Marcel Mauss no seu ensaio *As Técnicas do Corpo* fará um esforço em esclarecer aquilo que ele supunha: poderia unir e diferenciar, numa observação da expressão corporal, diferentes grupos, épocas, origens e composições de sociedades diferentes. Falando de uma “maneira adquirida e não uma maneira natural de andar”, Mauss estará falando da cultura como formadora das expressões e formas de movimentação do corpo. Ele descreve o *Habitus* (2003:404) como a palavra que melhor exprime hábito, no sentido do adquirido, no sentido da “faculdade de”. *Habitus* para Mauss “não designa os hábitos metafísicos, a “memória’ misteriosa”, sua implicação era descobrir que a estrutura social contemplava a educação dos corpos, construindo formas de expressão e ação no mundo. Um corpo, pela sua expressão, revelava o contexto social em que estava uma pessoa ou o contexto social que queria se inserir, já que Mauss também observava o caráter de maleabilidade do corpo, no sentido de ser ele um instrumento da cultura.

“Esses ‘hábitos’ variam não simplesmente com os indivíduos e suas imitações, variam, sobretudo com as sociedades, as educações, as conveniências e as modas, os prestígios. É preciso ver técnicas e a obra da razão prática coletiva e individual, lá onde geralmente se vê apenas a alma e suas faculdades de repetição. (Mauss 2003:404)

Chamando a atenção para as construções sociais, Mauss nos remete a capacidade humana que Hobsbawn (1984:271) irá enxergar como a faculdade de inventar tradições. Falando do período de 1870 a 1940 esse autor estará preocupado em observar “as invenções oficiais” que foram realizadas no decorrer desse período como forma de instituir nações. Hobsbwan ressalta a formação de grupos de pertencimento em torno de um mesmo sentimento compartilhado e evocado por um símbolo que por sua vez remete a um todo maior. Pensados pelo autor: a bandeira, o hino, a construção de rituais patrióticos foram eficazes para delimitação de um tipo de cidadão e para a criação de um passado glorioso para os países ainda em formação. “Grupos sociais, ambientes e contextos sociais inteiramente novos, ou velhos, mas incrivelmente transformados, exigiam novos instrumentos que assegurassem ou expressassem

identidade e coesão social e que estruturassem relações sociais” (1984:271). Com base nessas argumentações podemos pensar que essas antiguidades também estão envoltas na construção de uma tradição. Uma fabricação que passa pela definição das qualidades evocadas a partir da idéia de uma “magia”. A “magia” como tradição compõem um mosaico que integra sentimentos de distinção, de gosto pela arte, de uma busca pelo sagrado. Que a partir do reconhecimento comum, forma grupo de colecionadores, de admiradores e amantes de antiguidades ou “vejidades”, os reunindo em torno dessa concepção de magia como aquela que funda o desejo deles por determinada peça antiga.

Na classificação de um Sistema dos Objetos, Baudrillard (2004) vincula o objeto antigo ao objeto marginal, os caracterizando como contraditórios às “exigências de um cálculo funcional” (2004:81-84) já que respondem a ordem do testemunho, da lembrança, da nostalgia e da evasão. A tentativa de vê-los como uma sobrevivência da ordem tradicional e simbólica, mesmo que, integrantes de parte da modernidade é o que o autor destaca como o duplo sentido desses objetos.

A evidência do duplo sentido, da qual narra o autor no trecho que destacamos, está relacionada à reflexão dele em torno da função dos objetos, intento que permeia toda sua obra. O duplo nada mais é do que a manifestação nos objetos antigos de elementos não facilmente mensuráveis para o quesito função. Ligado a semiologia, o simbólico de que fala Baudrillard está relacionado à característica quase palpável contida nesses objetos antigos. Entendendo o símbolo conforme a teoria de Durand (2002), uma imagem é um símbolo por si, não contém ou é integrado por nenhum outro atributo. Autônoma ela pode reunir em torno de si, outras tantas imagens que em conjunto constelem uma relação de sentido, porém ainda assim, permanecem como símbolos puros. Os objetos - conforme vimos ao longo desse trabalho - são imagens poderosas, pois emanam em torno deles uma constelação de sentidos, agregados por histórias, anedotas, matéria vivida.

Um objeto pode estar ligado ao seu contexto de fabricação, a forma peculiar como foi manufaturado, como coloca Carlo Ginzburg, na introdução de *Os Queijos e os Vermes* (2006), ao discutir que o valor de fabricação de determinado objeto é muitas vezes o valor do objeto. Um valor invisível, mas presente na impressão de um valor econômico gradativo, que é passado adiante no tempo da cultura.

Um objeto pode estar ligado ao compartilhamento de um mesmo imaginário cronológico de uso: a quem pertenceu, por onde passou, a sua origem, a qual contexto era usado. E isso é bem explorado por Baudrillard, nos diversos níveis de valores no

qual se busca enquadrar os objetos antigos: historicidade, mito de origem, autenticidade, restauração, valores que no mercado do antigo são amplamente produzidos e consumidos.

No entanto, a dimensão que buscamos explorar aqui é a do objeto e o seu caráter anacrônico. Enquanto as antiguidades existem por seu caráter diacrônico: uma peça que representa a história de determinada cultura ou gosto no tempo, narrando assim um desdobramento dessa cultura até o presente; e do seu caráter sincrônico: essas peças só existem por seu deslocamento e isolamento em relação a um contexto histórico específico, detalhe isolado pelo presente. O objeto anacrônico é um objeto na condição de *álibi*, ele está em outro lugar, está fora do tempo, porque é, ele próprio, narrativa do tempo. Fragmento de um sentido, evocação de histórias, ele é uma estrutura onde a memória repousa, na descontinuidade, nas pequenas micro-rupturas, força motriz da sua circulação.

Assumindo formas diferentes o tempo em cada espécie de objetos é evocado pela troca e pela transmissão. Dentro das moralidades fundadoras da troca da qual ressalta Mauss, o papel de mediador no qual assume Victor concentra o *hau* em seu caráter latente. Estrutural, o objeto é então morada do tempo. Está aberto a não só uma, mas a diversas formas narrativas.

Dessa forma, a tragédia volta a figurar aqui como risco do esvaziamento de si, de uma visão de mundo, de representações de mundo. Onde o risco do esquecimento, agregado ao ato de dar-lo ou vendê-lo é também a possibilidade da lembrança daquele que esqueceu, a partir do reencontro dessa sensação de perda, promovida pela circulação dos objetos no mundo. Uma circulação que também evidencia a dialética da lembrança e do esquecimento, da posse e da doação, da compra e da venda. É claro que na dinâmica da produção de objetos em série a lógica da compra e venda não parece estar relacionada com a dinâmica do apego e do desapego, no sentido de que os objetos produzidos em série, não parecem ter nenhuma peculiaridade anacrônica. No entanto, ao levar algo para casa, seja o objeto um refrigerador novo, a circulação é realizada e o sentido de pertencimento gerado, diferente, para cada um dos seus possuidores. Em suma, em suas diferentes adesões, escolhas, lembranças e esquecimentos, destacamos os objetos no seu caráter circulante como um aporte importante para pensarmos a capacidade humana de produção da cultura.

CAPÍTULO 7

DO PÓ AO CONCRETO, DO CONCRETO AO PÓ ADESÕES E RUPTURAS DE UMA ETNOGRAFIA DA DURAÇÃO

“Compreender está preso ao código de transformações que assegura uma correspondência e homologia a níveis distintos da realidade social” (Paul Ricoeur, 1978:36)

Estudante de Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul eu integrava como *free-lance* diferentes equipes de profissionais que produziam documentários e programas para televisão comercial aberta de Porto Alegre no Estado do Rio Grande do Sul. Trabalhava principalmente na produção desses programas e na assistência aos diretores dos episódios. Meu trabalho consistia em telefonar previamente para diferentes instâncias das localidades que iríamos visitar: associações de bairro, prefeitura, casas de folclore, casas paroquiais, museus e também para casas familiares, a fim de encontrar personagens que pudessem compor os programas que estávamos produzindo. Os temas dos programas em geral cercavam algum aspecto “inusitado” da região: uma história conhecida na comunidade, um caso famoso, um personagem controverso; ou estavam sendo produzidas em torno de alguma data comemorativa das imigrações - italianas e alemãs - no estado. Essa experiência de produção fez-me percorrer e mergulhar - mesmo antes de ir ao local a ser gravado - em contextos de vida e aspectos temporais muito distintos, trazidos – ora pelos livros pesquisados, ora pelas descrições feitas pelos personagens através do telefone.

Uma experiência que distinta da antropologia também tinha seus choques entre representações, ou seja, entre aquilo que eu imaginava das pessoas que iria encontrar: a partir de sua voz ao telefone, do ritmo do seu sotaque, da sua descrição sobre si mesma e sua família; daquilo que eu imaginava do lugar onde elas viviam: a partir das indicações espaciais que elas narravam para que pudéssemos encontrar sua casa, da sua descrição do local de moradia e o contraste dessas imaginações com aquilo que víamos ao chegarmos a casa delas ou no lugar sugerido para a gravação.

Essa capacidade de projeção e imaginação daquilo que irá ou poderá acontecer, foi uma habilidade que encontrou novos parâmetros e novos disciplinamentos dentro da antropologia e da produção da etnografia. Pois é uma faculdade composta de dilemas éticos, epistemológicos, teóricos e metodológicos que apreendemos no decorrer do

mestrado em antropologia social. E todos eles convergem na delimitação do como e o que fazer com o que foi visto e escutado?

No caso da produção dos documentários, o que era visto e escutado, era trabalhado e editado conforme as diretrizes dadas pela empresa de televisão e pelo roteiro montado a partir do que “tinha rendido” das entrevistas e produção de imagens dos locais. Quando parto dessa experiência profissional para a “aventura antropológica” de produzir o conhecimento sobre os processos de descobrimento do “Outro”, estou me convertendo também ao dogma de diretrizes. As diretrizes da disciplina antropológica.

Sobre a pesquisa em ciências sociais o antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira afirma que as ciências sociais estaria “disciplinada” pelos paradigmas e teorias, através do “caráter constitutivo do olhar, do ouvir e do escrever, na elaboração do conhecimento próprio das disciplinas sociais” (Oliveira, 2000:18). Ao preocupar-se com o ouvir, Roberto Cardoso de Oliveira “aponta para o caráter dialógico da relação entre pesquisador e informante no momento em que este último é transformado em interlocutor, ou seja, enfatiza a habilidade de ouvir o nativo e por ele ser igualmente ouvido” (Rocha & Vedana, 2009:38).

Com experiência em produção de imagens e em assistência de direção de programas para televisão me aproximei da disciplina da Antropologia Visual e do trabalho desenvolvido no Projeto Banco de Imagens e Efeitos Visuais - BIEV, através da professora Cornelia Eckert. Em ocasião da gravação de uma entrevista para um programa de televisão sobre a memória da imigração alemã no estado, onde o personagem era o seu pai, Kurt Eckert, Cornelia comentou-me sobre o trabalho antropológico que tinha por tema o estudo da memória coletiva desenvolvido no BIEV. Nesse mesmo ano fiz uma tentativa de cursar algumas disciplinas das ciências sociais indicadas pela professora Cornelia, aproveitando meu vínculo com o curso de Artes Visuais, a qual freqüentava fazia alguns anos. O ingresso no BIEV, no entanto, se daria quase um ano depois, através de uma seleção para uma bolsa de iniciação científica vinculada ao trabalho no grupo do vídeo.

Como estudante de Artes Visuais e uma graduação em ciências da comunicação, obtive por três anos iniciação científica em antropologia, junto ao projeto "Coleções etnográficas, itinerários urbanos e patrimônio etnológico: hipertextos e intertextualidades na produção de novas escritas etnográficas" ¹⁰⁹ e junto ao projeto

¹⁰⁹ Formação científica contemplada com Bolsa de Iniciação Científica CNPq do período de abril de 2005 a 2007.

“Coleções etnográficas, Itinerários urbanos, Memória Coletiva no Mundo Contemporâneo na Era das Textualidades Eletrônicas”¹¹⁰ dentro do Banco de Imagens e Efeitos Visuais com orientação da antropóloga Ana Luiza Carvalho da Rocha. Esses dois projetos do qual integrei foram desdobramentos do projeto de pesquisa inicial que deu origem a criação do BIEV. Como integrante desses dois projetos integrei voluntariamente a equipe de pesquisadores da “Série Documental Narradores Urbanos – olhares em Antropologia Urbana”¹¹¹ na qual participei da construção do roteiro e da edição dos documentários. Ainda na linha da memória da antropologia editei junto com a orientadora dessa dissertação, Cornelia Eckert, um vídeo¹¹² sobre a trajetória de pesquisa de Roberto Cardoso de Oliveira. Na linha dos estudos de memória e envelhecimento editamos outro vídeo¹¹³ sobre a sociabilidade entre velhos moradores de uma cidade no interior do estado do Rio Grande do Sul.

Iniciado em 1998, o projeto “Banco de Imagens e Efeitos Visuais: coleções etnográficas, itinerários urbanos e patrimônio etnológico” foi criado em 1998 por Ana Luiza Carvalho da Rocha e finalizado em 2007. Vinculado¹¹⁴ institucionalmente ao Laboratório de Antropologia Social – LAS, ao Núcleo de Pesquisa sobre Culturas Contemporâneas – NUPECS e a linha de pesquisa em Antropologia Visual e da Imagem coordenado por Cornelia Eckert no PPGAS/ UFRGS a partir de 1993, os projetos subsequentes ao BIEV acabaram sendo vinculados a ele. Não somente pela sigla, mas por um mesmo núcleo de preocupações teórico-conceituais e metodológicas ligadas à pesquisa da: memória coletiva, meio ambiente, cotidiano, formas de sociabilidades, itinerários, trajetórias sociais, narrativas biográficas e estética urbana, em sociedades complexas; através do uso de novas tecnologias, com vistas no: tratamento, resgate e recuperação do o patrimônio etnológico do mundo urbano contemporâneo¹¹⁵.

¹¹⁰ Formação científica contemplada com Bolsa de Iniciação Científica CNPq do período de 2007 a janeiro de 2009.

¹¹¹ No âmbito desse projeto foram construídos os documentários sobre a obra intelectual e a trajetória de pesquisa de Guilherme Magnani, Gilberto Velho, Ruth Cardoso, Eunice Durham e Ruben Oliven.

¹¹² *Iluminando a face escura da lua – entrevista com Roberto Cardoso de Oliveira*, NTSC / 60 min / MiniDV / 2007.

¹¹³ *O clube do pauzinho*, NTSC / 25 min / MiniDV / 2007.

¹¹⁴ O grupo de pesquisa ligado ao BIEV, possui uma sala de trabalho onde são desenvolvidas as investigações e experimentos acerca da produção de imagens e onde funciona também a sede do acervo de imagens que integram o Museu Virtual: fitas Mini DV, Fitas BetaCam, fotografias, revistas, CDs, DVDs, documentos e recortes de jornais. E também onde está localizado o servidor onde são guardadas digitalmente as coleções e as imagens resgatadas dessas fontes de origem, pelo tratamento documental desenvolvido pelos Grupos de Trabalho em Som, Vídeo, Fotografia e Texto que integram a pesquisa no BIEV.

¹¹⁵ Para mais informações sobre os projetos reunidos em torno dessas preocupações acesse [www.biev.ufrgs.br]. Disponível em janeiro de 2010.

Herdeira dessa tradição de autores e preocupações etnográficas com a produção e o acervo do patrimônio etnológico, ao ingressar no BIEV - e com a intenção de uma formação na área da pesquisa científica – eu cursei algumas disciplinas do Bacharelado de Ciências Sociais, na UFRGS: leituras etnográficas, antropologia simbólica e métodos quantitativos; e participei sistematicamente dos eventos, palestras, seminários, mostras de vídeo, exposições fotográficas e cursos promovidos pelo BIEV no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Foram três Feiras de Iniciação Científica, duas Reuniões de Antropologia do MERCOSUL e uma Reunião Brasileira de Antropologia, oportunidades em que apresentei o progresso da pesquisa etnográfica desenvolvida no nível dessa iniciação científica, desenvolvida junto a este projeto de pesquisa.

Os desafios propostos pelo trabalho com imagem a partir da metodologia das coleções etnográficas foram ao longo desse período sendo discutidas nas reuniões semanais do grupo, pautadas por leituras vinculadas a orientação teórica e conceitual do Projeto BIEV. Um arcabouço de autores ligados a linha de uma antropologia interpretativista e simbólica, a um paradigma intelectualista, com universo de pesquisa associado a uma noção das sociedades complexas moderno-contemporâneas, inserido nas discussões sobre a formação das cidades modernas e dos postulados do individualismo moderno. O novo “paradigma para os estudos acerca da memória” (Eckert & Rocha, 2005:148) proposto pelo conjunto de projetos de pesquisa encadeados do projeto do Banco de Imagens e Efeitos Visuais – BIEV- foi se delineando como tal à medida que eu produzia conhecimento em torno de uma abordagem conceitual acerca da memória, apreendida a cada reflexão sobre uma nova saída de campo. Um paradigma orientado por uma adesão fenomenológica e formista das relações sociais, por uma adesão hermenêutica e imagética ao conceito de narrativa, e uma reflexão sobre o tempo preocupada com as discontinuidades nas representações do mesmo.

Formada nas circunstâncias e vinculada às orientações teórico-conceituais acima descritas essa dissertação se construiu por uma adesão a esse trabalho com a memória construído no âmbito dos cinco grupos de pesquisa integrantes do projeto BIEV. Nesses cinco grupos, ligados a diferentes suportes da imagem etnográfica - texto¹¹⁶, som¹¹⁷, vídeo¹¹⁸, tecnologias da informática¹¹⁹ e fotografia¹²⁰ - pesquisamos as

¹¹⁶ Coordenado pela antropóloga Ana Luiza Carvalho da Rocha o GRUEE – GT Escrita e Etnografia – é formado pelos pesquisadores e estudantes: Stéphanie Bexiga, Rafael Martins Lopo, Priscila Farfan

imagens do tempo que agenciadas pelos jogos da memória emergem dos sujeitos a qual dialogamos em nossas investigações. Em torno do método das coleções etnográficas as representações produzidas nos diferentes suportes não sofrem hierarquia uma sobre a outra e sim, estão sobredeterminadas por uma mesma imagem. Ou seja, a entendemos como oriundas de contextos heterogêneos, porém compostas por uma mesma formação inconsciente.

Participando efetivamente e inicialmente dos grupos de pesquisa em vídeo e texto do Banco de Imagens e Efeitos Visuais e posteriormente do grupo de tecnologias da informática, foram neles que encontrei espaço de discussão para as percepções, emoções e sensações oriundas das experiências etnográficas iniciais na cidade, conforme vimos no capítulo um. E foi através dos instrumentos metodológicos de cada um deles - no âmbito do grupo do texto, exercícios e análise das diferentes escritas antropológicas e no âmbito do grupo do vídeo¹²¹, descrição, transcrição e seleção de planos gravados - que pude apreender em cada uma dessas ações o deslocamento epistemológico que possibilitava a descoberta das imagens que constituíam tais registros como dados antropológicos. As discussões e reflexões nos grupos de pesquisa do BIEV permitiram, posteriormente, no decorrer do curso de mestrado em Antropologia Social refletir sobre o fenômeno pesquisado à medida que ele também sofria transformações, inclusive transformações ligadas ao meu amadurecimento como pesquisadora.

Vinculada desde a iniciação científica a linha de pesquisa da antropologia da imagem e antropologia urbana, meu objeto de estudo se desenvolveu em diálogo com os estudos antropológicos, de tempo e espaço a partir da memória e das narrativas.

Barroso, Luciana Caldas Tubello, Marize Schons, Renata Ribeiro, Ana Paula E. Parodi, Pedro Paim e Maria Cristina França.

¹¹⁷ Coordenado pela antropóloga Viviane Vedana, o GRUES - GT Etnografia Sonora - é formado pelos pesquisadores e estudantes: Priscila Farfan Barroso, Stéphanie Bexiga e Ana Luiza Carvalho da Rocha.

¹¹⁸ Coordenado pelo antropólogo Rafael Victorino Devos, o GRUVI - GT Narrativas Etnográficas em Vídeo - é formado pelos pesquisadores e estudantes: Luciana Caldas Tubello, Marize Schons, Ana Paula E. Parodi, Pedro Paim, Stéphanie Bexiga, Rafael Martins Lopo e Renata Ribeiro.

¹¹⁹ Coordenado pela antropóloga Ana Luiza Carvalho da Rocha o GRUWEB - GT Tecnologias da Informática e Acervos Digitais - é formado pelos pesquisadores e estudantes: Luciana Caldas Tubello, Marize Schons, Ana Paula E. Parodi, Pedro Paim, Stéphanie Bexiga, Priscila Farfan Barroso, Rafael Martins Lopo e Guilherme Deporte.

¹²⁰ Coordenado pela antropóloga Cornelia Eckert, o GRUFOCO - GT Fotografia e Coleções Etnográficas - é formado pelos pesquisadores e estudantes: Luciana Caldas Tubello, Ana Paula E. Parodi, Priscila Farfan Barroso, Stéphanie Bexiga, Rafael Martins Lopo.

¹²¹ Sobre a metodologia desenvolvida no GT Narrativas Etnográficas em Vídeo, ver: DEVOS, R. V.. Filmes de memória como hipertextos. Revista Chilena de Antropología Visual, v. 10, p. 137-162, 2007. Disponível em: [http://www.antropologiavisual.cl/rafael_devos.htm].

Investigando o simbolismo da morada e nas narrativas biográficas como forma de entender a duração trans-geracional de um conjunto de bens e valores representativos do patrimônio familiar, investiguei as transformações no estilo de vida e visão de mundo de camadas médias urbanas, em Porto Alegre, relacionadas à problemática do patrimônio cultural nas grandes metrópoles contemporâneas. Trilhando os caminhos e obstáculos epistemológicos que transformaram uma intenção de pesquisa em antropologia em um objeto de estudo orientado pelos conceitos do campo da Antropologia das Sociedades Complexas.

A partir da adesão teórica ao projeto BIEV, a cidade de Porto Alegre e depois posteriormente a cidade de Buenos Aires, passaram a ser compreendidas como objetos-temporais (Eckert & Rocha, 2002:10). Metrópoles de diferentes escalas geográficas e temporais que a partir da perspectiva da memória e dos estudos sobre o tempo, são contadas e re-contadas, construídas e destruídas através da narrativa dos grupos que nela habitam. Orientadora de laços e pertencimentos, de espaços e tempos na cidade, a memória coletiva (Halbwachs, 2005), como vimos no decorrer nesses dois contextos de cidade, foi entendida como a mantenedora de alguns itinerários, lugares, moradias mesmo com dissolução concreta deles. No sentido dessa dissolução, em face ao ritmo das modificações dos espaços urbanos, através de políticas de planejamento urbano sempre em mutação, o cotidiano das metrópoles através dos estudos de memória na linha dos trabalhos de Cornelia Eckert e Ana Luiza C. da Rocha tiveram uma possibilidade dinâmica de entendimento.

Reunindo autores vinculados à psicanálise, a lingüística, a filosofia, a epistemologia em torno de uma reflexão antropológica, Cornelia Eckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha desenvolveram um conjunto de técnicas, procedimentos reunidos em torno de uma metodologia para pesquisa com imagens, cunhada por Ana Luiza Carvalho da Rocha como método de coleções etnográficas¹²² e da qual já manifestamos adesão no capítulo dois. Um método discutido e aprimorado dentro dos grupos de trabalho do BIEV, e em torno dos problemas etnográficos de cada pesquisador integrante desses grupos.

Campo de força dessas coleções, a duração bachelardiana, conceito chave para o desenvolvimento de uma etnografia da duração “põe em evidência os conflitos dos

¹²² Sobre esse método ver: ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Coleções etnográficas, método de convergência e etnografia da duração: um espaço de problemas. Revista Iluminuras. [Vol. 9, N 21 \(2008\): Método e Interpretação na Construção de Narrativas Etnográficas.](#)

instantes, dos ritmos sincrônicos que configuram o tecido temporal” (Eckert & Rocha, 2005:151) e essa idéia da continuidade e da sucessão temporal no seio da descontinuidade é o princípio de construção do acervo de imagens que reúne imagens de diferentes investigações ao longo dos anos de existência do projeto BIEV. A reunião das imagens dessas pesquisas e - da qual as imagens da coleção oriunda do processo de construção dessa dissertação também provém e farão parte - documentadas em um “museu virtual” (2005:180), proporcionam formas de recuperar o patrimônio etnográfico do mundo contemporâneo.

A ruptura epistemológica implícita a essa minha conversão - de produtora de imagens a produtora de imagens etnográficas - e a adesão teórica e metodológica que repudia a separação da “consciência imaginante das imagens concretas que semanticamente as constituem” (Durand, 2002:377) construíram o caminho que trilhei no curso dessa dissertação. Pensando na história da antropologia desde os primeiros cronistas de viagens e exploradores coloniais até as exigências metodológicas e teóricas atuais, a intenção desse percurso foi a de construir junto com os autores da linha de pesquisa onde atuo – antropologia da imagem e antropologia das sociedades-complexas - uma reflexão antropológica sobre o fenômeno pesquisado e a partir dela interagir com o campo de conhecimento da antropologia.

A orientação do colega Rafael Devos, coordenador do grupo do vídeo desde o meu ingresso no BIEV, foi fundamental na construção do vídeo em DVD¹²³ onde construí uma primeira narrativa videográfica da experiência de desocupação da casa de Ainsley e Carla e da qual uma cópia dei a elas após sua finalização. A produção desse documentário foi uma primeira tentativa de reunir imagens de diferentes feições da categoria analítica “Ritmos Temporais” e da categoria analítica “Representações Sociais” - integrante da rede conceitual do BIEV, e integrantes da constelação das imagens das minhas coleções - em torno de uma narrativa em vídeo.

A formação em comunicação, a experiência em produção de vídeos, e a passagem por uma faculdade de artes plásticas, compuseram uma trajetória de investigação onde a imagem configurou-se numa constante ou, onde ao menos a intimidade com ela, o era. No entanto, foi aderindo ao arcabouço teórico-conceitual e metodológico do BIEV que tive condições de refletir sobre a composição simbólica das imagens e através da noção de duração a uma compreensão delas como integrantes da

¹²³ *Do Concreto ao pó*, NTSC / 31 min/, 2007.

experiência, ao mesmo tempo individual e coletiva, e por isso integrante de todas as culturas.

Pela adesão ao semantismo das imagens e perseguindo essa obra de recordar, partida da intenção presente e onde “nenhuma imagem surge sem razão, sem associação de idéias” (Bachelard, 1988:51 apud Eckert & Rocha, 2005:154) que podemos reunir, no espaço dessa dissertação, contextos tão diferentes como os de Buenos Aires, de Porto Alegre e de outras cidades e bairros que integram a constelação de imagens evocadas nessa investigação. Através da etnografia da duração, o tratamento da memória “como conhecimento de si e do mundo” por parte dos interlocutores que dialogaram conosco nessa pesquisa permite que reunamos narrativas de diferentes contextos à medida que elas remetem a uma mesma forma de narrar o tempo. Em propósito com a afirmação de Bachelard, de que compomos nosso passado, e onde humanidade não é simples repetição, ela é uma narração.

O contexto de formação vinculado a um projeto de construção de um Museu Virtual preocupado com o acervo de um patrimônio etnológico de imagens abriu a possibilidade de trabalho com imagens etnográficas de diferentes contextos sem que para isso fosse realizada uma abordagem comparativa entre seus contextos de “origem”. A idéia do patrimônio etnológico busca promover justamente a singularidade do fenômeno a partir da diversidade das imagens consteladas pela coleção. Imagens que em sua potência narrativa, seja em vídeo, som, texto ou fotografia possuam a faculdade de relacionadas a outras promoverem uma narração de aspecto, estado ou representação do vivido. Uma potência, no entanto, que nada mais é do que a capacidade de duração de certas formas sociais em sua dinâmica de construção produtiva, ou seja, na sua dinâmica de hesitação, dinâmica lacunar, e descontínua.

Na adesão a descontinuidade como promotora da duração o paradigma da memória promove a construção do pensamento antropológico através de sua “situação epistemológica peculiar” (Eckert & Rocha, 2005:148) investindo na faculdade de que a disciplina reflita sobre si mesma. Apostando na duração da “história pessoal” do indivíduo interlocutor ou do indivíduo pesquisador, como nada mais do que “a narrativa de nossas ações descosidas” (Bachelard, 1989:39), pensar sobre a interlocução promotora da interação e dos processos da produção do conhecimento originado dela, dentro da abordagem do BIEV é contá-la, por meio de razões não por meio de durações.

Pensar na trajetória de investigação como espaço para conclusão das adesões e vínculos feitos durante a investigação, é pensar na experiência da nossa própria duração

passada, que por sua vez, se baseia para Bachelard, em verdadeiros eixos racionais, sem os quais o arcabouço da nossa duração se desmancharia. Na linha dos estudos de Alfred Schutz sobre as motivações que movem a experiência, e retomando a comunhão de sentido do qual nos fala Gilberto Velho finalizamos nos perguntando sobre “um grupo de decisões experimentadas” (1989:39), onde repousa a pessoa do pesquisador e a pessoa dos interlocutores a fim de encontrar a interdependência da presença do Outro na construção dessas narrativas orais, visuais e textuais.

A etnografia da duração por fim, no processo de construção do pensamento que sintetiza essa investigação está ligada a constelação de imagens em torno de categorias vinculadas a conceitos antropológicos específicos, do qual já viemos nos ocupando no decorrer destes seis capítulos. Integrante desse último capítulo, o DVD disponível na página 212 é resultado desse método de coleção de imagens. Nele podemos notar as diferentes vibrações do tempo, como agregadoras de distintas imagens; que por sua vez estão reunidas em torno de eixos narrativos dialógicos aos conceitos discutidos aqui no percurso dessa investigação. Foi deste processo de coleção que surgiram as sínteses que promoveram as discussões percorridas na estrutura dessa dissertação. Foi a partir desse processo metodológico que tive condições de produzir as imagens de rede, as imagens das estruturas de parentesco, os mapas e os esquemas aqui apresentados. As fotografias, os textos e as imagens integrantes das reflexões que foram aqui desenvolvidas também só puderam ser reunidas em torno do espaço de problemas de cada um dos eixos narrativos da qual elas faziam parte. Imagens que consteladas promoveram: na adesão a uma etnografia da duração; a noção de um patrimônio etnológico construído através do “dinamismo das imagens” (Durand, 2002:190); e a uma opção fenomenológica da imagem “contra o psicologismo ontológico de tipo reflexivo”; pensar na “universalidade dos arquétipos” (Durand, 2002:377) que constituem as imagens. Através dessas adesões que foi possível chegar até abordagens etnográficas mais abrangentes para o fenômeno dos ritmos temporais. Reunindo imagens do contexto etnográfico urbano de Porto Alegre e de Buenos Aires.

7.1. Coleções etnográficas – A morada como objeto temporal

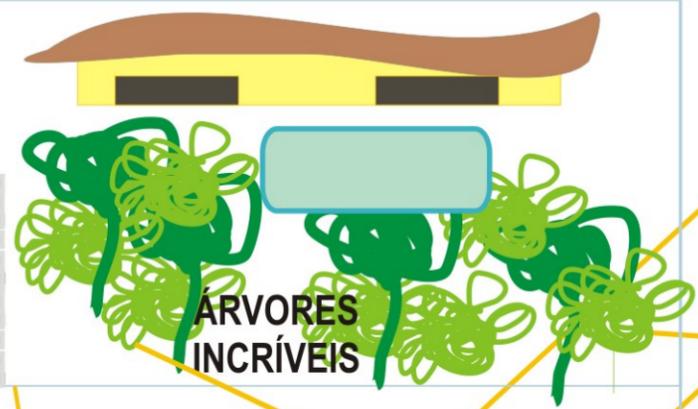
MORADA DOS VOLKMER - CASTILHO

Rua Quintino Bocaiúva, 1562
 Bairro Rio Branco
 Porto Alegre - Rio Grande do Sul

Ano da construção: 1946
 Ano da destruição: 2007

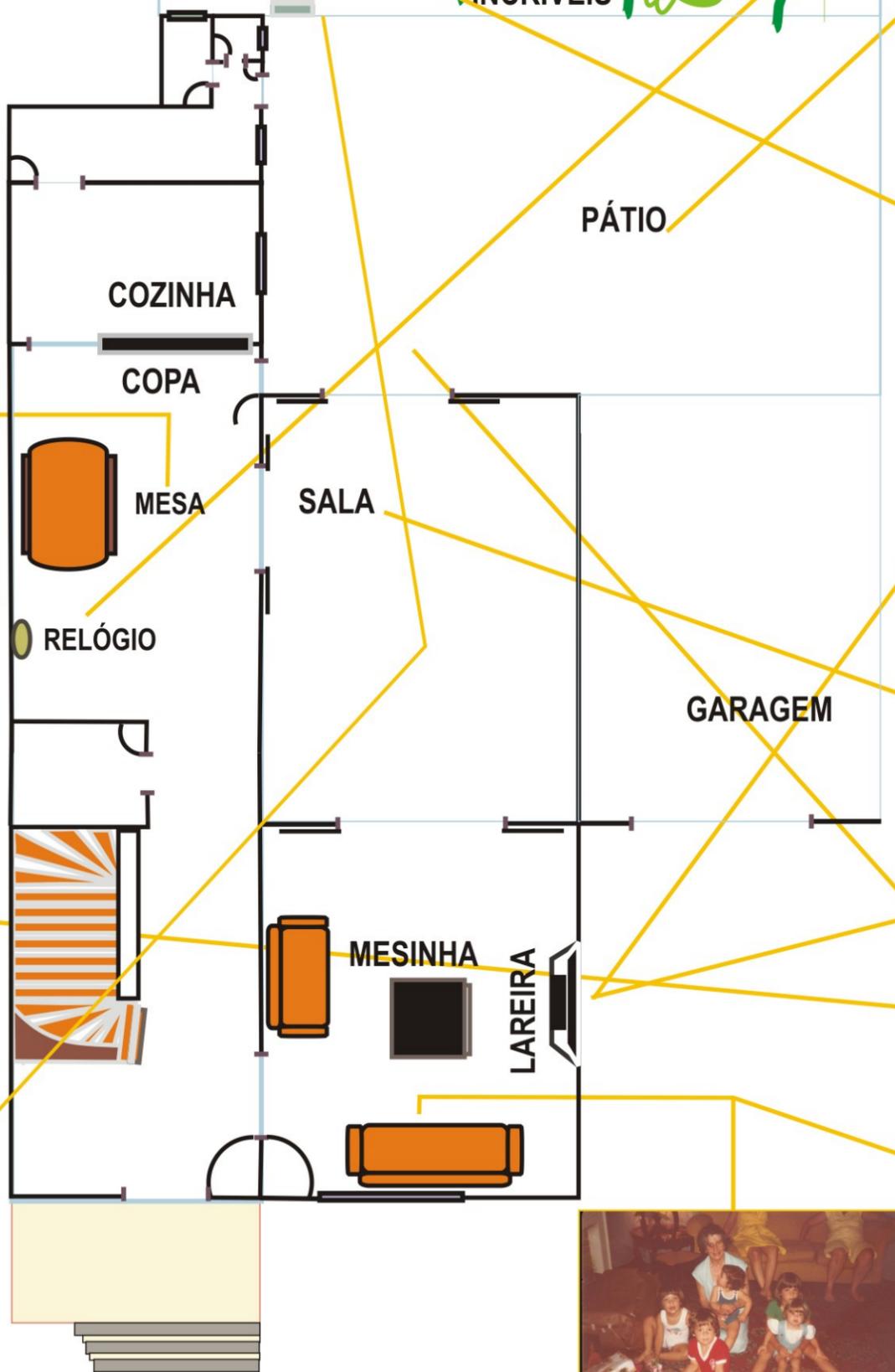
Metragem: 440m²
 Situação: terreno com prédio em construção

Linhagem familiar habitante: Família Volkmer-Castilho
 e Família Joesting-Castilho



ÁRVORES
 INCRÍVEIS

“Esse relógio que ta tocando, ele ta atrasado, esse relógio o avô do meu marido ganhou, deu de casamento para a mulher lá em, eles casaram em 1904 eu acho, e ele funciona até hoje, perfeitamente, acabou ficando para mim. Esse, eu não sou apegada, mas esse é uma das coisas que eu não dou porque o meu sogro tinha uma irmã que cuidou da mãe até morrer, então ela ficou com o relógio, ela era madrinha do meu marido, e então ela deu para ele. Então como ficou para ele, esse realmente eu não dou, ta.”



“E mais essa, eu não sou apegada, mas certas coisas né, esta mesa aqui eu disse eu só vou me mudar para um lugar onde a minha mesa vai, têm uns riscos aqui isso não vai sair no teu filme eu estou te contando por coisa, porque o Marcos meu filho que hoje tem trinta anos subiu numa cadeira pegou uma esferográfica e riscou essa mesa eu acho que ele tinha um ano e meio, os riscos estão aqui até hoje aquele dia o meu marido ficou furioso com ele, furioso, e os riscos ta ai e eu disse: não vou lixar a mesa porque parece mentira... não aparece ó já ta muito gasto, mas ele riscou isso quando ele tinha um ano e hoje ele tem 30 anos”



“Acho que mais do que a casa eu sinto pelas árvores, meu limoeiro! Ai que dor.”



“Quando voltamos para Porto Alegre em 45 a casa estava sendo construída, mas a planta e tudo isso foi organizado pelo meu cunhado Dreyer, Ernesto Dreyer. Nós fomos para lá com a casa pronta né, naturalmente a casa, como é que eu vou dizer, não tinha garagem, era diferente né. Com o tempo foi se aumentando né, meu cunhado uma hora colocou uma garagem, nós também aumentamos. Nós, ambas as irmãs fomos para lá com dois filhos cada. Depois tivemos mais filhos então foi preciso aumentar a casa, sempre se aumentou”



ESCADINHA

FICHA

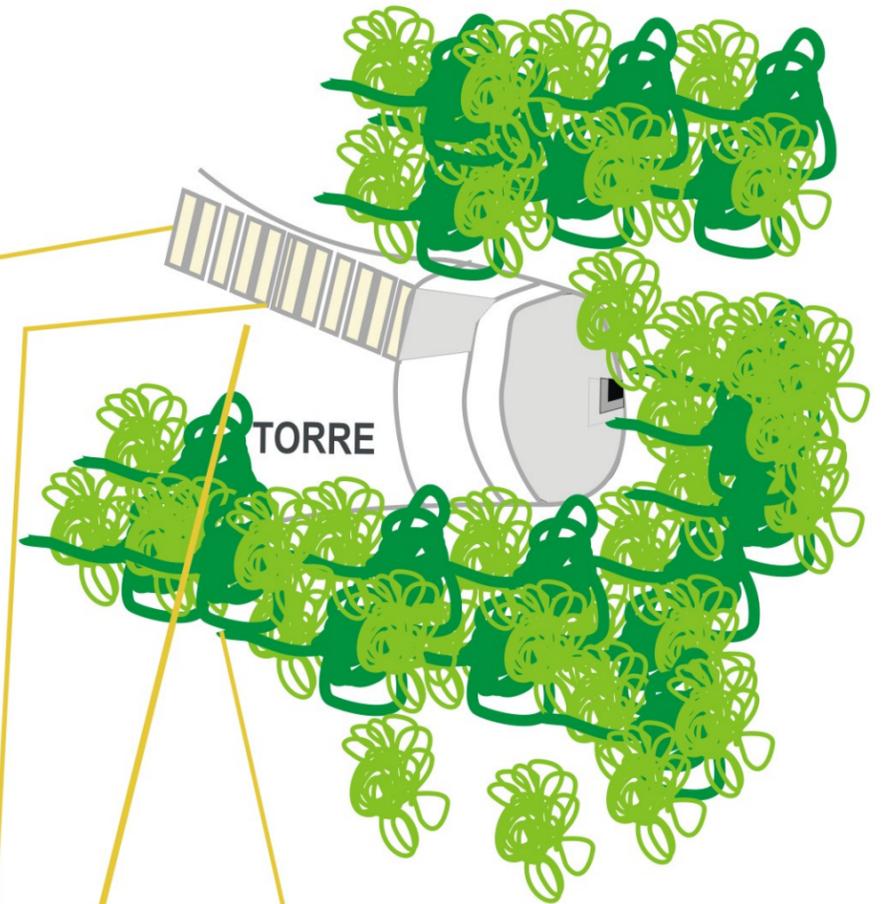
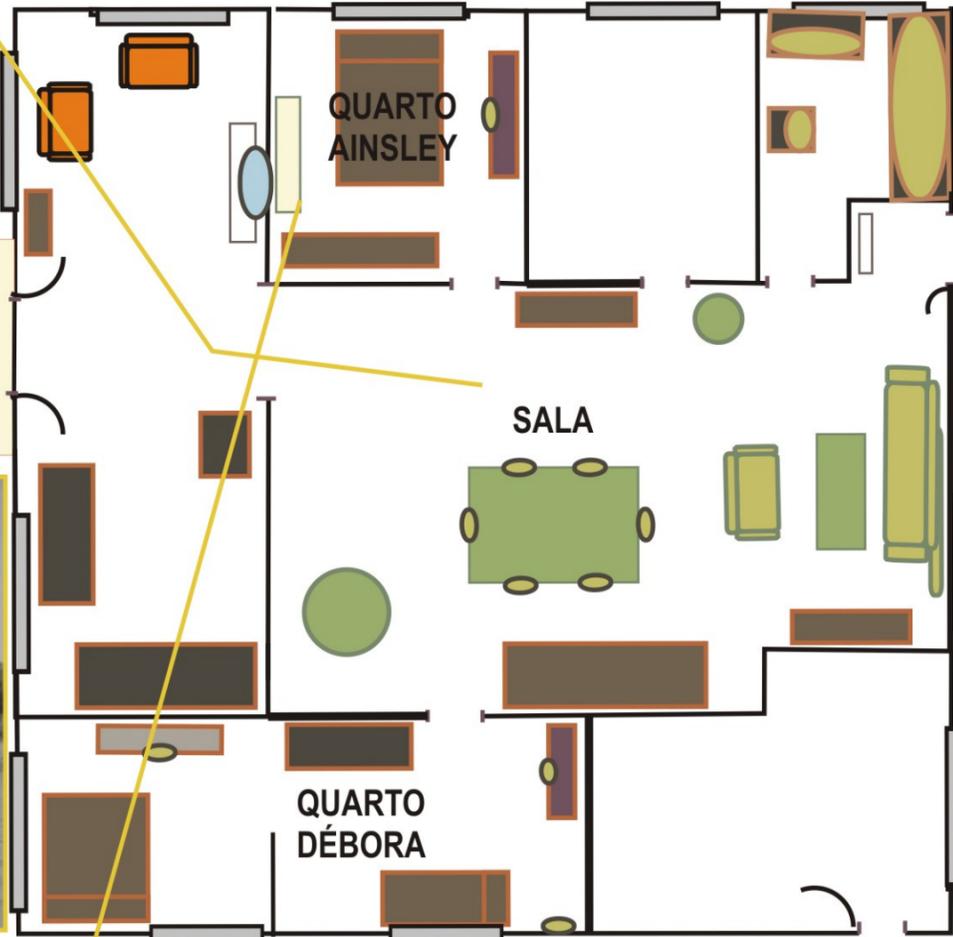
MORADA DOS MENTZ - ALBRECHT

Rua Carlos Julio Becker, 201
Bairro Tristeza
Porto Alegre - Rio Grande do Sul

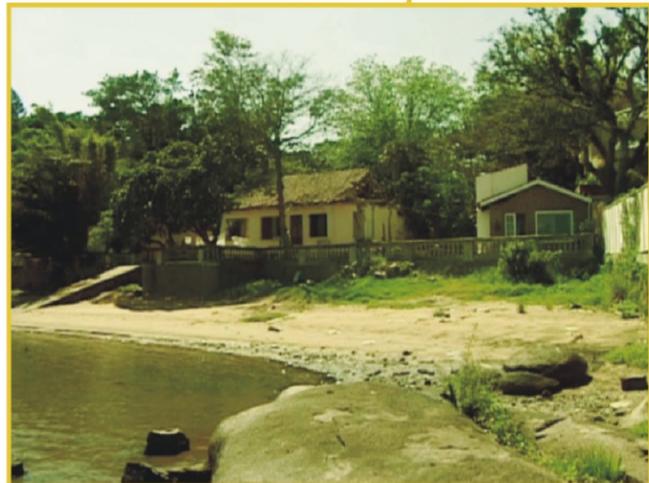
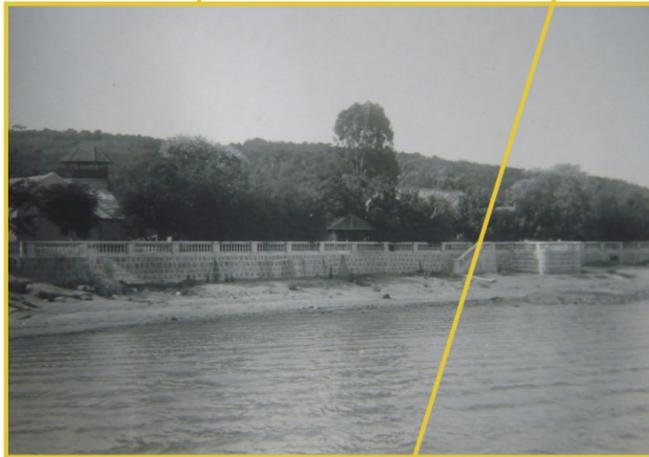
Ano da construção: 1912
Ano da destruição: 2006

Metragem do terreno (aproximada): 2500 m²
Situação: em ruína

Linhagem familiar habitante: Família Mentz-Albrecht e
Família Albrecht-Guedes



“Parece mentira que ainda tem dentro de Porto Alegre, né? Um espaço assim... aqui que eles trocaram o primeiro beijo, é a história que eu sei, aqui no caso foi meu bisavô né, não meu avô, mais ou menos por aqui. Dai ele fez essa torre, tem 94 degraus, tem um primeiro lance depois tu sobe por dentro. Ela tinha 13 anos. Contou para minha mãe. E ai, ele achava ela muito bonita né. Minha vó tinha os olhos violeta né, que nem da Elizabeth Taylor. Ele com olhar brejeiro né, disse quando tu cresceres eu vou casar contigo. E quando ele pediu ela em casamento, para o meu bisa no caso né. Ele chamou a minha vó para comunicar né, o que, que ela achava daquele pedido ela disse que já sabia. Claro ela guardou aquilo né. [...] Ela é de 1900. De 1900 ela é. Ele morreu com 36 anos. De acidente de avião. [...] Vamos? me convida a subir até o alto da pedra - Aqui é uma pedra inteiriça, aquela árvore tomou, quer dizer a natureza também sofre, né. Aqui eu me lembro quando criança que eram servidos uns chás de muita pompa, sabe? Guardanapos de linho sabe? Final de tarde...”



7.1.1 Coleções etnográficas - em DVD

CONCLUSÃO

“Permaneci solitário durante um ou dois dias, até que, uma manhã, um homem que chegara mais recentemente do que eu me abordou na estrada.

- Pode informar-me como se vai para a aldeia de West Egg? – perguntou-me, desanimado.

Dei-lhe a informação. E, ao prosseguir o meu caminho já não me sentia mais solitário. Eu era um guia, um desbravador de caminhos, um colonizador autêntico. Ele, casualmente, conferiu-me a liberdade de quem não se sente só.

E, assim com o sol a brilhar e grandes rebentos de folhas a crescer nas árvores, exatamente como crescem as coisas nas rápidas películas cinematográficas, experimentei a familiar convicção de que a vida recomeçava com o verão.

(Scott Fitzgerald, O Grande Gatsby, 1925:7)

Iniciamos este estudo nos perguntando sobre “um grupo de decisões experimentadas” (Velho, 1989:39), enquanto percorríamos as calçadas do Bairro Floresta em Porto Alegre escutando as lembranças evocadas por Olinda a partir da matéria da cidade transformada. Terminamos o estudo em outro lugar – em outras ruas, e em outros territórios mito - imerso na matéria dessa transformação, desbravando um ofício cuja existência é dependente da descontinuidade do tempo: o comércio de objetos velhos. A matéria transformada foi, portanto, questão motriz para atravessarmos de uma ponta a outra esse percurso etnográfico, observando contextos domésticos, reconhecendo redes, relações familiares, relações de trabalho, apreendendo cotidianos e itinerários urbanos. A própria investigadora, como aquela que profere a pergunta, foi matéria transformada pelo percurso. Eu também precisei fazer a escolha do que iria seguir e do que teria que descartar a fins de promover possíveis respostas, provocadoras de novas questões e desafios. Construir o fim, ou a morte como metáfora mais dramática da descontinuidade, é talvez a mais desesperadora das obras, pois sua existência é parte do início sempre eminente. E foi exatamente nesse ínterim, caro leitor, que instalamos nossa cabana.

No exercício da topoanálise, observamos a cidade de Porto Alegre e a de Buenos Aires buscando transpor a antipatia protetora dos perigos típicos da metrópole. Para investigar o estilo de vida metropolitano foi preciso promover ao mesmo tempo uma busca do estilo metropolitano da investigadora, a fim de desviar o caminho rumo a interação e não escorregar para a atitude do indivíduo *blasé*, que nos levaria à promoção de uma investigação sobre o si-mesmo do investigador e não o do “Outro”. Mesmo que, no contexto de Buenos Aires, muitas vezes me perguntasse quem afinal era o “Outro” no jogo de interação, busquei todos os dias regar o vaso da conduta epistemológica

necessária ao ofício que buscava empreender. Observando o meu próprio olhar diante a multiplicidade das formas de vida em uma metrópole, buscando constantemente não ser desatenta às características do meu indivíduo como produto da metrópole simmeliana. Estou segura de que não teria esses desafios caso investigasse a vida rural, ou cidades sem características metropolitanas e Simmel resolveu para nós esta questão: na metrópole prepondera o espírito objetivo sobre o subjetivo.

No âmago dessa tensão que re-encontramos a sensação de liberdade e de independência do metropolitano nas palavras de Fitzgerald (no trecho acima transcrito), e também a de solidão. Uma solidão que por si particulariza interações muito mais efêmeras, mas que não caracterizam superficialidades; caracterizam encontro, troca e bem-estar instantâneo. E a cidade é o espaço dessas trocas.

A cidade, no entanto, como bem vimos nessa dissertação, nem sempre foi a mesma, nem sempre foi como o presente a apresenta. Parto assim a uma reflexão sobre o legado do conhecimento adquirido e repassado nessas páginas que vocês acompanharam até agora. Se as cidades nem sempre foram as mesmas, que colaboração tem a dar uma antropologia realizada em cima dessa premissa? Parece um fato obscuro e duvidoso, sim, o tempo passa, as idéias cambiam, os espaços se transformam, porém, quem está preocupado em escutar sobre a forma como ele passa, que reflexos ele tem nas relações e no cotidiano de quem está subjetivando essas pulsões objetivas? Talvez o papel desta dissertação seja mostrar as transformações sob a perspectiva de um conjunto de indivíduos, todos, dentro de uma dinâmica da metrópole, preocupados com as questões que lhes eram propostas, dispostos a narrar como se viam e o que viam na transformação de si, do seu espaço de vida, e, portanto, do tempo. Coube a mim, como pesquisadora, fazer o diálogo entre outros agentes externos para promover uma reflexão que integrasse um conjunto de táticas e práticas disciplinadoras do espaço no qual todos nós, como moradores das metrópoles, estamos inseridos. Houve a pergunta, porém a resposta foi fruto da mais profunda interação e investigação acerca das dinâmicas citadinas desses indivíduos, não foram respostas planejadas, tampouco esperadas. Foram uma profunda descoberta. Meu objetivo, como autora deste estudo é provocar a recordação do universo de relações e estratégias que estão em jogo quando ocorre alguma mudança, cada vez que o leitor vier a se perguntar sobre os motivos dessa mudança. Se me perguntarem se tenho alguma certeza na conclusão desse trabalho, a única frase que me parece cabível de ser dada como resposta é a de que a transformação não é ingênua e tampouco gratuita, e que ela tem uma lógica própria, a lógica de quem

está disposto a narrá-la. E se a narrativa é a acomodação do tempo de cada indivíduo, o resultado foi confirmar o postulado de que a duração é puro movimento.

Já não mais na condição de aprendiz de antropologia, e sim como investigadora das representações sociais agenciadas na narração do tempo, ainda me pergunto que outro caminho teórico conceitual poderia ter trilhado para dar conta do fenômeno das metrópoles. E essa questão me leva a refletir sobre as adesões que fiz, sobre a formação que tive dentro da disciplina antropológica e os meus próprios ancestrais da constituição de um campo teórico e metodológico ligado a uma antropologia urbana na interface com um profícuo debate de antropologia visual e da imagem no âmbito de um projeto sobre memória coletiva em contextos urbanos (BIEV).

O papel de produtora de imagens, talvez mais do que o papel de investigadora, tenha me proporcionado uma maior possibilidade de interação e de encontro com outros produtores de imagens, e que interagiram no corpo desse estudo. Foram as dúvidas e as inseguranças, muito mais do que as certezas, que proporcionaram os encontros e estamparam a condição de escuta e de interesse com o que o “Outro” tinha a dizer. Não foi uma tarefa fácil, dentro da característica afirmativa que também compõe as ciências sociais. Porém devo essa postura às minhas mestras e aos meus ancestrais que dentro da disciplina antropológica insistiram em limpar-me o ouvido com conceitos que proporcionavam essa condição.

Finalizo esta conclusão refletindo acerca do que daqui para adiante, poderia ser aprofundado no que consiste a condição da morada como repouso dessa dinâmica da descontinuidade. Não só a casa, mas também a cidade como espaço íntimo talvez seja um caminho importante a ser aprofundado, em face de noção da cidade como objeto temporal. Um questionamento a respeito dos planos diretores constituintes de uma dinâmica citadina e os regimes políticos de regulação da cidade, ligados aos interesses privados e públicos é algo que foi apontado nesta dissertação, no entanto acredito merecer um estudo em particular.

Diante da noção do instante, detenho-me à imaginação do futuro, como oportunidade de vivê-lo e de construí-lo, e em diálogo a essa lógica, ainda temos muito o que pensar e refletir acerca das práticas urbanas que no presente, construirão a lógica de uma cidade futura. Trabalhando com a noção de camadas médias, detive-me nas categorias agenciadas por elas, em relação a espaço público e à propriedade. No entanto, quais outros grupos, camadas, redes não estarão sendo articuladas, formadas e vividas no âmbito da metrópole como depósito de sentidos? Estas questões, contudo, não serão

respondidas neste trabalho, ficam em aberto para outra oportunidade de investigação. O que dura, na leitura deste estudo, avalio, é a dimensão simbólica do espaço – seja da casa, do bairro ou da cidade - como construtor de vínculos, relações, adesões e com isso, construtor de narrativas e em como elas são importantes para entender a metrópole não como uma massa homogênea e mutante, mas como uma imensa e ramificada constelação de imagens.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- BACHELARD, Gaston. *A dialética da duração*. São Paulo: Ática, 1988.
- BACHELARD, Gaston. *A Formação do Espírito Científico*. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2002.
- BACHELARD, Gaston. *O Ar e os Sonhos*. Rio de Janeiro: Ed. Martins Fontes, 1998.
- BACHELARD, Gaston. *A Terra e os devaneios da vontade: ensaio sobre a imaginação das forças*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- BAÑUELOS, IMORI, SILVA & OSTUNI; C., M., R. G. & C.. “Renovación urbana y sector inmobiliario: algunas reflexiones a partir de La Boca, Barracas y San Telmo” In: HERZER, Hilda (org.). *Con el Corazón mirando al sur*. Buenos Aires: Espacio Editorial, 2008. Pág.199 a 268.
- BAÑUELOS, MERA, RODRÍGUEZ; C., G., C.. “Intervención – no intervención: ciudad y políticas públicas en el proceso de renovación del Área Sur de la Ciudad de Buenos Aires” In: HERZER, Hilda (org.). *Con el Corazón mirando al sur*. Buenos Aires: Espacio Editorial, 2008. Pág. 45 a 96
- BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2004.
- BERGSON, Henri. *Matéria e memória. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BENJAMIN, Walter. "O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov". In: *Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre Literatura e História da Cultura [1936] - Obras Escolhidas, Volume 1 - Walter Benjamin [1892-1940]*. São Paulo: Brasiliense, 7ª Ed., 1994. Pág. 197 a 221.
- BENJAMIN, Walter. “Sobre alguns temas em Baudelaire”. In: *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo. Obras escolhidas volume III*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989. Pág. 133 a 149.
- BENJAMIN, Walter. “O Flâneur”. In: *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo. Obras escolhidas volume III*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989. Pág. 185 a 236.
- BOURDIEU, CHAMBOREDON & PASSERON; Pierre, Jean-Claude & Jean-Claude. *A Profissão de Sociólogo: Preliminares Epistemológicas*. Petrópolis: Vozes, 3ª Ed., 1999.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: Edusp, 1998.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção – Crítica Social do Julgamento*. Porto Alegre: Editora Zouk, 2007.

BOURDIEU, Pierre. *Economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

BOURDIEU, Pierre. *O poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 7ª ed., 2004.

BOTH, Elizabeth. *Família e rede social*. Rio de Janeiro: Livraria Francisca Alves Editora, 1976.

BLAKE, William. *Escritos de William Blake*. Tradução de Alberto Marsicano e Regina de Barros Carvalho (Gô). Porto Alegre: L&PM, 1984.

BRUNER, Edward. “Experience and it’s expressions” In: BRUNER, Edward e TURNER, Victor (orgs.). *The Anthropology of experience*. Illinois: University of Illinois Press, 1986. Pág. 3 a 32.

BRUNER, Edward. “Ethnography as narrative” In: BRUNER, Edward e TURNER, Victor (orgs.). *The Anthropology of experience*. Illinois: University of Illinois Press, 1986. Pág. 139 a 158.

CALDEIRA, Tereza. *Cidade de muros*. São Paulo: Editora 34/ Edusp, 2003.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever*. São Paulo: Unesp, 2000.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *Ensaio Antropológicos sobre Moral e Ética*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1996.

CARMAN, María. *Las Trampas de la cultura: Los “intruso” y los nuevos usos del barrio de Gardel*. Buenos Aires: Paidós, 2006.

CÓDIGO CIVIL BRASILEIRO, Casa Civil/Brasília, 2002. Disponível em: [<http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/LEIS/2002/L10406.htm>].

CORBIN, Alan. “L’invention de la plage” In : *Le Territoire du Vide: L’Occident et Le désir du rivage 1750-1840*. Paris: Flammarion, 1988. Pág. 283 a 318.

CORRÊA, Mariza e SOUZA, Érica Renata de (org). “Vida em Família: uma perspectiva comparativa sobre “crimes de honra””. Campinas: Editora Unicamp, 2006.

COSACOV & MENAZZI, Natalia & Luján. “Revalorización y exclusión em el barrio de San Telmo: algunas reflexiones acerca del consenso” In: HERZER, Hilda (org.). *Con el Corazón mirando al sur*. Buenos Aires: Espacio Editorial, 2008, Pág. 301 a 324.

COULON, Alain. *A escola de Chicago*. Campinas: Papirus, 1995.

DA MATTA, R. *A Casa & Rua. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

- DEBERT, Guita G.. *Masculinidade, feminilidade e a reprodução das desigualdades*. Cadernos Pagu (UNICAMP), v. 1, 2008. Pág. 409-414.
- DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis, RJ:Vozes 10ª Ed., 1994.
- DEVOS, Rafael Victorino. *Uma "ilha assombrada" na cidade : estudo etnográfico sobre cotidiano e memória coletiva a partir das narrativas de antigos moradores da Ilha Grande dos Marinheiros, Porto Alegre*. Dissertação de mestrado (Antropologia Social) – PPGAS, UFRGS, Porto Alegre, 2002.
- DEVOS, R. V.. “Filmes de memória como hipertextos” In: Revista Chilena de Antropología Visual, N. 10, 2007 (2). Pag. 137-162. Disponível em: [http://www.antropologiavisual.cl/rafael_devos.htm].
- DIAZ, Raul. “Personaje e identidad narrativa: una aproximación metodologica” In: *Revista Horizontes Antropológicos - Cultura Oral e Narrativas, número 12*. Porto Alegre: PPGAS, 1999. Pág. 65 a 85.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias. *Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/Cnpq, 1986.
- DUARTE & GOMES, Luiz Fernando Dias & Edlaine de Campos. *Três famílias – Identidades e Trajetórias Transgeracionais nas classes populares*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.
- DUMONT, Louis. *O individualismo – uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1983.
- DURAND, Gilbert. *A imaginação simbólica*. São Paulo: Cultrix, 1988.
- DURAND, Gilbert. *O imaginário. Ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1998.
- DURAND, Gilbert. *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- DURHAM, Eunice. *A Caminho da Cidade - a Vida Rural e a Migração para São Paulo*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1973.
- ECKERT, Cornelia. *Memória e Identidade: ritmos e ressonâncias da duração de uma comunidade de trabalho: mineiros do carvão (La Grand-Combe, França)*. Porto Alegre: PPGAS/UFRGS, 1993.
- ECKERT, Cornelia. “Questões em torno do uso de relatos e narrativas biográficas na experiência etnográfica.”. In: HUMANAS, Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Porto Alegre V. 19 n ½ 1996-1997. Pág. 21 a 44.

ECKERT, Cornelia. *A cultura do medo e as tensões do viver a cidade: narrativa e trajetória de velhos moradores de Porto Alegre*. Iluminuras Número 6, 2000. Disponível em [http://www.iluminuras.ufrgs.br/apresenta-revista.php?cod_rev=32].

ECKERT, Cornelia. “As variações ‘paisageiras’ na cidade e os jogos da memória” In: SILVEIRA & CANCELA, Flávio Leonel Abreu da & Cristina Donza (Org.). *Paisagem e Cultura – Dinâmicas do patrimônio e da memória na atualidade*, Belém: EDUFPA, 2009.

ECKERT & ROCHA, Cornelia & Ana Luiza Carvalho da. “Premissas para o estudo da memória coletiva no mundo urbano contemporâneo sob a ótica dos itinerários de grupos urbanos e suas formas de sociabilidade” In: *Revista Margem*. São Paulo: Puc, 1999. Pág. 243 a 259.

ECKERT & ROCHA, Cornelia & Ana Luiza Carvalho da. *O tempo e a cidade*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

ECKERT & ROCHA, Cornelia & Ana Luiza Carvalho da. *Etnografia na rua e câmera na mão*. Revista Studium, Instituto de Artes Campinas SP, v. 8, p. 1-10, 2002. Disponível em [<http://www.studium.iar.unicamp.br/oito/2.htm>]

ECKERT & ROCHA, Cornelia & Ana Luiza Carvalho da. “A cidade como sede de sentidos” In: *Antropologia e Patrimônio, diálogos e desafios contemporâneos*. BELTRÃO, ECKERT & LIMA FILHO; Jane, Cornelia & Manuel (org.). Blumenau/SC, Nova Letra, 2007. Pág. 343 a 361.

ECKERT & ROCHA, Cornelia & Ana Luiza Carvalho da. “A memória como espaço fantástico”. GUIGOU, Nicolas (org.) In: *Trayetos antropológicos*. Montevideo: Editorial Nordan-Comunidad, 1ª Ed, 2007. Pag. 33-42.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador. Vol. 2 - Formação do estado e civilização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

ELIAS, Norbert. *Envolvimento e Alienação*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

EVANS -PRITCHARD, E.E. *Os Nuer*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

FERREIRA, Maria Leticia Mazzucchi. *Folheando o passado: estudo antropológico sobre memória e identidade social na velhice*. Porto Alegre: PPGAS/UFRGS, dissertação de mestrado em Antropologia Social, 1995.

FIRTH, Raymond. *Nós, os Tikopia*. São Paulo: Edusp, 1998 [1936]. Pag. 181-233.

FITZGERALD, Scott. *O Grande Gatsby*. Rio de Janeiro: Ed. Record/Altaya, [1925].

FONSECA, Claudia. “Ser mulher, Mãe e pobre: Trajetórias femininas do início do século XX” In: *História das Mulheres no Brasil* (Mary DelPriore, org.). São Paulo: Editora Contexto, 1997.

FORTIN, Andrée. *Histoires de familles et de réseaux – La sociabilité au Québec d’hier à demain*. Quebec: Editions Saint-Martin, 1987.

- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- FOX, Robin. *Parentesco e Casamento – Uma perspectiva antropológica*. Lisboa: Veja Universidade, 1986.
- FRANCE, Claudine de. *Cinema e Antropologia*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1998.
- FRANCO, A. *Porto Alegre: Biografia duma cidade. Monumento do Passado, documento do presente, guia do Futuro, Porto Alegre*: Tipografia do Centro, s.d. [1941].
- FRANCO, S. da C.. *Porto Alegre: Guia Histórico*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 4 Ed. 2006.
- FRANÇA, Maria Cristina Caminha de Castilhos. *Memórias Familiares em Festa: Estudo Antropológico dos Processos de Reconstrução das Redes de Parentesco e Trajetórias Familiares*. Tese de Doutorado, Porto Alegre, UFRGS, 2009.
- GANS, Magda. *Presença Teuta em Porto Alegre no século XIX (1850-1889)*, Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2004.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Historia e narração em Walter Benjamin*. Ed. Perspectiva, 1994.
- GCBA. (2003) “Código de Planeamiento Urbano”, Gobierno de la Ciudad de Buenos Aires, Buenos Aires. Disponível em [http://www.buenosaires.gov.ar/areas/leg_tecnica/boletines/separatas/CPU.htm]. Acessado em dezembro de 2009.
- GEERTZ, Clifford. “Estar lá: A antropologia e o cenário da escrita” e “Estar aqui: de quem é a vida afinal” In: *Obras e vidas: o antropólogo como autor*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2002. Pag. 11-39; 169-193.
- GEERTZ, Clifford. *O Saber Local*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- GEERTZ, Clifford. “Pessoa, Tempo e Conduta em Bali” In: Geertz, C. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1989. Pág. 225 a 275.
- GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os Vermes*. São Paulo: Ed. Companhia de Bolso, 2006.
- GÓMEZ & SINGH; M. & D. Z. “La (re) valorización de la zona sur y su patrimonio histórico-cultural como recurso turístico” In: HERZER, Hilda (org.). *Con el Corazón mirando al sur*. Buenos Aires: Espacio Editorial, 2008, Pág. 325 a 367.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *Comentário IX: historicizando as representações do passado*. *An. mus. paul.*, Dez 2007, vol.15, no. 2, p.99-101.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios*. *Horizontes Antropológicos*, Jun 2005, vol.11, n. 23, p.15-36.

GRAEFF, Lucas. *O mundo da velhice e a cultura asilar – estudo antropológico sobre memória social e cotidiano de velhos no asilo padre cacique em Porto Alegre*. Dissertação de mestrado (Antropologia Social) – PPGAS, UFRGS, Porto Alegre, 2005.

GRAVANO, Ariel. *Antropologia de lo Barrial*. Buenos Aires: Editora Espacio Editorial, 2003.

GRAVANO, Ariel. *El Barrio em la Teoría Social*. Buenos Aires: Editora Espacio Editorial, 2005.

GUTTERRES, Anelise dos Santos. “Em busca da duração - Um estudo do uso do vídeo na pesquisa sobre a construção da memória no processo de desocupação de casas de família na cidade de Porto Alegre/RS” In: Eckert & ROCHA, Cornelia & Ana Luiza Carvalho da (org.) *Individualismo, Sociabilidade e Memória – Anais do Colóquio*. 2008. Pág. 29 a 38.

GUTTERRES, Anelise dos Santos. “O velho, o antigo e o novo: um ensaio sobre a construção da antiguidade em objetos comercializados em antiquários em Porto Alegre, RS” In: *Revista Iluminuras – Espaço, Territorialidade e Memória*, Vol. 9, n. 20, Ano 2008. Disponível em: [http://www.iluminuras.ufrgs.br/apresenta-revista.php?cod_rev=44]

GUTTERRES, Anelise dos Santos. “Ir embora ou ficar: Um estudo sobre parentesco, patrimônio e gênero a partir de experiência etnográfica em famílias de camadas médias em Porto Alegre, RS” In: *Revista Iluminuras – Espaço, Territorialidade e Memória*, Vol. 9, n. 22, Ano 2008. Disponível em: [http://www.iluminuras.ufrgs.br/apresenta-revista.php?cod_rev=46]

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Edward. *A dimensão Oculta*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

HAUMONT, Nicole e SEGAUD, Marion (org). *Familles modes de vie e habitat*. Paris: L’Harmattan, 1987.

IBGE, Instituto Brasileiro de Economia e Estatística, Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, Brasília, 2006; 2009.

INDEC. Estimaciones de población total por departamento y año calendario periodo 2001-2010. - 1ª ed. - Buenos Aires : Instituto Nacional de Estadística y Censos - INDEC, 2008. [<http://www.legislatura.gov.ar/>]

LACARRIEU, BAYARDO & CARMAN, Monica, R. & María. *Espacio, tiempo e imaginarios en el centro histórico de Buenos Aires*. Buenos Aires: Fundación Antorchas 1996.

LACARRIEU, Mónica y Grillo Oscar. 1998. “Sa Telmo: “Ilusión Urbana” que se vende.” en: *Cuicuilco, Revista de la Escuela Nacional de Antropología e Historia, Nueva Museología Mexicana* (segunda parte), Nueva Época, Vol. 3, Nro 8, México.

LARAIA, R. (org). *Organização Social*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed. 1969.

LEACH, E. R.. *Sistemas Políticos da Alta Birmânia*. São Paulo: Edusp, 1997.

LEITE, M. L. M.. *Retratos de Família* (Leitura da Fotografia Histórica). São Paulo: EDUSP-FAPESP, 3ª Ed., 1993.

LÈVI-STRAUSS, Claude. *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis: Vozes, 2003.

LÈVI-STRAUSS, Introdução à Obra de Marcel Mauss In Marcel Mauss. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003. Pág. 39-40

LINS DE BARROS, Myriam. *Autoridade Afeto*. RJ, Jorge Zahar, 1987.

LINS DE BARROS, Myriam. “*Memória e Família*”. In: *Estudos Históricos* 3, Memória. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.

LINS DE BARROS, Myriam. *Família e Gerações*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

MAFFESOLI, M. *O conhecimento comum*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

MAFFESOLI, M. *No fundo das aparências*. Petrópolis: Vozes, 1996.

MAFFESOLI, M. *O tempo das tribos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MALINOWSKI, B. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Ed. Abril Cultural, Coleção Pensadores, 1976.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MEYER, Augusto. *Segredos da Infância e No Tempo da Flor – Coleção Trilhas e Memória*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1996.

MOLES, A. & ROHMER, E. *Labyrinthes du vécu. L'espace, matière d'actions*. Paris: Méridiens, 1982.

MONTEIRO, Charles. *Porto Alegre e suas escritas – histórias e memórias (1940 e 1972)*. Tese de doutorado, PUC-SP, 2001.

MORAES FILHO, E. de. (Org.). *Simmel*. São Paulo, Editora Ática, 1983.

NEEDHAM, Rodney. *La parente em question – Onze contributions à la théorie anthropologique*. Paris : Éditions du Seuil, 1971.

PAIVA, Edvaldo Pereira. *Expediente Urbano de Porto Alegre*. Porto Alegre: Prefeitura

Municipal, 1942.

PARK, Robert Ezra. “A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano”. In: Velho, Otávio (org.): *O fenômeno urbano, Rio de Janeiro*, Zahar, 1967, p. 29-72

PDDUA, Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Ambiental, Porto Alegre, PMPA/SPM, 1999.

PEÑA, José Maria. *Museo de la Ciudad – colección cuadernos educativos*. Comisión para la preservación del patrimonio histórico cultural de la ciudad de Buenos Aires. 2003.

PESAVENTO, Sandra. *Empresariado Industrial, trabalho e estado – contribuição a uma análise da burguesia industrial gaúcha (1889-1930)*. São Paulo, USP (tese de doutorado), 1986.

PERSISTIANY, John. “Prólogo”. In: *Dote y matrimonio en los países mediterráneos*. Madrid: Siglo XXI, 1987.

PITT-RIVERS, Julian. “Honra e Posição Social” In: Perisitiany. *Honra e Vergonha: Valores das sociedades mediterrâneas*. Lisboa: Calouste Gulbenkian. 1965. Pág. 13 a 59.

PITT-RIVERS, Julian. “A doença da honra” In: *A honra: uma imagem de si ou o dom de si – um ideal equívoco*. Porto Alegre: Editora L&PM, 1992.

PLAN DE MANEJO DEL CASCO HISTORICO DE LA CIUDAD DE BUENOS AIRES, Secretaria da Cultura, Subsecretaria de Patrimonio Cultural, Subsecretaria de Gestion e Industrias Culturales, Dirección General Casco Historico, 2003.

POLLAK, Michel. *L'Expérience Concentrationnaire*. Essai sur le maintien de l'identité sociale. Paris: Éditions Métailié, 1990.

PROUST, Marcel. *No Caminho de Swamm; À sombra das moças em flor*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

RABINOW, Paul. *Antropologia da Razão*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

RABINOW, Paul. “Midst Anthropology`s Problems” In: COULLIER & ONG; Stephen & Aihwa. *Global Assemblages*. Technology Politics and ethics as Anthropological Problems. Malden: Blackwell Puyblishing, 2005.

RIBEIRO, Gustavo Lins. “A condição de transnacionalidade”. In: Série Antropologia 223, UNB, 1997. Consultado em: <http://www.unb.br/ics/dan/Serie223empdf.pdf>

RICOEUR, Paul. “O si e a identidade narrativa” In: *O si-mesmo como um outro*. Campinas: Papirus, 1991.

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa - Tomo I*. Campinas: Papirus, 1994.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. “Antropologia das formas sensíveis: entre o visível e o invisível, a floração de símbolos”. In: ECKERT & GODOLPHIM; Cornelia & Nuno (org.). *Horizontes Antropológicos - Antropologia Visual*. Porto Alegre: PPGAS/UFRGS e Ed. da Universidade, 1996. Pág. 107-117.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. *A dialética do Estranhamento – a reconstrução da identidade social de mulheres separadas em Porto Alegre*. Dissertação de mestrado, UFRGS, 1985.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. *Le sanctuaire du désordre, ou l’art de savoir-vivre des tendres barbares sous les Tristes Tropiques - l’esthétique urbaine e la m’moire collective au sud du Brésil*. Tese de doutorado, Université de Paris V (Rene Descartes), U.P. V, França, 1994.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. “Coleções etnográficas, método de convergência e etnografia da duração: um espaço de problemas” In: Revista *Illuminuras Método e Interpretação na Construção de Narrativas Etnográficas*, Vol. 9, N 21, 2008.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. “A poeira do tempo e as cidades tropicais, um ensaio interpretativo do patrimônio e as dinâmicas da cultura em sociedades complexas”. In: SILVEIRA & CANCELA, Flávio Leonel Abreu da & Cristina Donza (Org.). *Paisagem e Cultura – Dinâmicas do patrimônio e da memória na atualidade*. Belém: EDUFPA, 2009.

SAHLINS, Marshall. “Introdução” e “Estrutura e história”. In: _____. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987. Pag. 7-21 e 172-194.

SAHLINS, Marshall. “O retorno do evento, outra vez”. In: _____. *Cultura na prática*, Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2004. Pag. 317-377.

SALEM, Tania. *O velho e o Novo - Um estudo de papéis e conflitos familiares*. Petrópolis: Vozes, 1980.

SALEM, Tania. *O casal grávido – Disposições e dilemas da parceria igualitária*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

SALVATORI, Elena. *Nem tudo que reluz é ouro-Estilo de vida e sociabilidade na construção de um espaço urbano de prestígio em Porto Alegre/RS*. Dissertação de Mestrado, UFRGS, 1996.

SEGALEN, Martine. *Qual é a Antropologia do parentesco e da família no século XXI? Um diálogo franco e brasileiro com Martine Segalen*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, Ano 4, número 8, junho de 1998. Pag. 182 – 198.

SEGALEN, M. *Ritos e Rituais Contemporâneos*. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

SIMMEL, Georg: “A metrópole e a vida mental”. In: Velho, Otávio (org.): *O fenômeno urbano*, Rio de Janeiro, Zahar, 1967. Pág. 13-28

- SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da sociologia*. . RJ, Jorge Zahar, 2006.
- SIMMEL, Georg. *Cultura femenina y outros ensayos*. Madrid: Revista do Occidente, 1935.
- SINDUSCON-RS. “Balço setorial 2005 & perspectivas” In: *CBIC - Câmara Brasileira da Indústria da Construção*, 2005. Disponível em: [http://www.cbicdados.com.br/files/textos/004div.pdf] Acessado em: 26 julho de 2009.
- SILVA, Roberto Antônio Capiotti da. *Sobre lotes e sonhos – Estudo antropológico sobre cotidiano, trajetória social e ação política de moradores da Vila Batista Flores em Porto Alegre – RS*. Dissertação de Mestrado, em Antropologia Social, PPGAS - UFRGS, 2007.
- TEVIK, Jon. *Porteñologics: El significado del gusto y la moralidad em la case media profesional porteña*. Buenos Aires, Antropofagia, 2006.
- THIOLLENT, Michel. *Crítica metodológica. Investigación social e enquête operária*. São Paulo: Polis, 1980.
- TURNER, Victor. *O processo ritual – Estrutura e Antiestrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974.
- TURNER, Victor. “Dewey, Dilthey, and Drama: An Essay in the Anthopology” In: BRUNER, Edward e TURNER, Victor (orgs.). *The Anthropology of experience*. Illinois: University of Illinois Press, 1986. Pág. 33 a 44.
- TURNER, Victor. *Floresta de Símbolos: Aspectos do Ritual Ndembu*. Niterói: EDUFF, 2005.
- VALLADARES, Licia do Prado (org.). *Habitação em questão*. Rio de Janeiro: Zahar editor, 1979.
- VAN GENNEP, Arnold. *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- VEDANA, Viviane. *No mercado tem tudo que a boca come : estudo antropológico da duração das práticas cotidianas de mercado de rua no mundo urbano contemporâneo*. Tese de Doutorado em Antropologia Social, Porto Alegre: PPGAS-UFRGS, 2008.
- VELHO, Gilberto. "O antropólogo pesquisando em sua cidade: sobre conhecimento e heresia” In: VELHO, Gilberto (Coord.). *O Desafio da cidade*. Rio de Janeiro: Campus, 1980.
- VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose. Antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
- VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 4ª Ed.,1997.
- VELHO, Gilberto. *Subjetividade e Sociedade – uma experiencia de geração*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 4ª Ed., 2006.

VISACOWSKY, Sergio. "Imágenes de la 'clase media' en la prensa escrita argentina durante la llamada 'crisis del 2001-2002'" In: VISACOWSKY, S. & GARGUIN, E. (org.) *Moralidade, economias e identidades de classe media – estudos históricos y etnográficos*. Buenos Aires: Antropofogia, 2009. Pag. 247-249.

WAGNER, Helmut R. (Org. e Introdução). *Fenomenologia e relações sociais. Textos escolhidos de Alfred Schutz*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

WAIZBORT, Leopoldo. *As aventuras de Georg Simmel*. São Paulo, Editora 34, 2000.

WIRTH, Louis. "O urbanismo como modo de vida" In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 4^a Ed., 1979.

WHYTE, William Foote. *Sociedade de esquina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

PERIÓDICOS

REVISTA DO GLOBO. 10 de julho a 23 de julho de 1954, n. 616, Pág. 48,49 e 50.

REVISTA DO GLOBO. 6 de dezembro de 1947, Pág. 59.

JORNAL MAIS PETRÓPOLIS. Março de 2009, n. 65 Ano 7, pág. 5

FOLHA DA TARDE. 09 de agosto de 1980, pág. 06